

Alterosa



QUANTAS VEZES
A SENHORA TERÁ
PENSADO NO
FUTURO DE
SEUS FILHOS ?



É CERTO que uma das mais constantes preocupações das mães reside no futuro de seus filhos. E os recursos para a sua perfeita alimentação, a constante assistência médica, seu vestuário, e, principalmente, as diferentes fases de sua educação, constituem a interrogação mais aflitiva que assalta o espírito das senhoras ao pensar no futuro das suas crianças queridas. Mas todas essas aflições podem desaparecer,

desde que se recorra ao método de ensinar à criança o hábito de economizar. Praticando a economia, seus filhos estarão provendo o seu próprio futuro, acautelando-se, desde crianças, contra as surpresas do destino. Abra, hoje mesmo, uma caderneta da Caixa Econômica Estadual para os seus filhos, e vá acostumando-os a fazer seus pequenos depósitos regularmente.

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO GOVÊRNO DO ESTADO

Av. Afonso Pena, 1.170 — Telefone 2-0151 — Belo Horizonte
Agências em todas as cidades do Estado de Minas Gerais



CAPA

A fascinante Verônica Lake, da Paramount, numa tricromia executada pelo gravador Gervásio Pinto de Araujo.

CONTOS

A Pecadora	
Miguel Mucientes	2
A Derrota do Orgulho	
Martins Capistrano	4
Um Caso Curioso	
Yara Nathan	6
Flor Sêca	
Medeiros e Albuquerque	10
O Menino e o Cão	
Neyde Joppert	14
O Passado	
Artur de Castro Borges	18
A Conquista de Paris	
Marcelle Adam	22
Um Homem Perigoso	
Ursula Bloom	26
Compaixão	
Phyllis Hastings	32
Marina	
Eduardo Zamacois	38

LITERATURA

O Exemplo de Judas	
Alberto Olavo	39
Vitrine Literária	
Cristiano Linhares	40
Quaresma de Irmão Francisco	
Oscar Mendes	52
Maria Chela de Graça	
Djalma Andrade	106

DIVULGAÇÃO

O Casamento de Pestalozzi	
Olga Obry	42
Jesus e os Fariseus	
Dionísio Garcia	46
Cartas dos Estados Unidos	
Huberto Rohden	50
Recordar é Viver...	
Abílio Barreto	146

REPORTAGEM

Um paraíso para as jovens	
Helio Sarmiento	100

HUMORISMO

De Mês a Mês	
Guilherme Tell	44
Paisagens Locais	
Fábio Borges	61
Zingos de História	
Joaquim Laranjeira	68

RÁDIO

A partir da página	120
-------------------------------------	-----

MODA E BELEZA

Moda Feminina	
A partir da página	72
Como lavar em casa o cabelo	
86	
Sugestões para sua Beleza	
Ivete Marion	98

DIVERSOS

Sedas e Plumas	48
Esparsos	59
Página das Mães	62
Hinterlândia	64
Caixa de Segredos	66
O Mês em Revista	108
Arte Culinária	126
Grafologia	140
No Mundo dos Enigmas	144



JESUS

Senhor, ao teu desejo elevo a taça
transbordante de fel do meu tormento!
Tua vontade sôbre mim se faça
e seja o teu amor meu pensamento!

Que a minha fé, Jesus, não se desfaça,
das perversões ante o deslumbramento!
Por mim passe a maldade como passa
o grão de poeira no fragor do vento!

Martir da Cruz, ó símbolo da Mágoa!
Dá-me a cumprir sereno a minha pena
— chagado o corpo e os olhos rasos d'água.

E faze que esta boca humilde e boa
nunca maldiga ao que disser — Condena!
mas beije os pés ao que disser — Perdôa!

Junquillo Lourival



ALTEROSA é uma publicação da Sociedade Editora Alterosa Ltda., com sede à Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5, Caixa Postal 279, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. Diretor-redator-chefe: Mário Matos. Diretor-gerente: Miranda e Castro. Secretário da redação: Jorge Azevedo. Assinaturas (sob registro postal) Cr\$40,00 para 1 ano e Cr\$70,00 para 2 anos. Toda correspondência deve ser enviada à Sociedade Editora Alterosa Limitada, assim como cheques, vales postais e outros valores.

A Pecadora

Conto de Miguel Mucientes

Tradução de Helio Sarmento

Ilustração de Rodolfo

RODEADO de altos muros atapetados de heliotropos e passifloras, e circundado de um bosque sempre verde de sícomoros e castanheiras, cedros e palmeiras, de onde vem a tódo instante o doce arrulhar de pombos, ergue-se, dominador e sereno, na mais alta das elevações que bordejam o mar de Tiberíades, o castelo de Madalena, onde mora Maria, a formosa cortesã.

Amplios salões que traem o luxo oriental têm as suas janelas voltadas para o mar. Por tóda parte, sobrepostos aos móveis, dando ao ambiente uma coloração garrida, notam-se magníficas alfombras, almofadões e coxins de riquíssimas sedas. Nas míslulas estão logo à vista vidros de perfumes dos mais caros de Alexandria, e pequenos cofres cheios de jóias e pedras preciosas. Dos perfumadores de bronze erguem-se tênues espirais de incenso que perfumam o ambiente.

A tarde declina lentamente e o ocaso se vai extinguindo em melancólica agonia. As águas tranquilas do Tiberíades ganham uma cor de púrpura, refletindo a luz do sol, que descamba, e algumas nuvens cor de ouro, rosa ou carmim, avançam para o Mediterrâneo, impulsionadas pela brisa da tarde.

Absorta na contemplação daquele magnífico entardecer, Maria se apoia na soleira de uma janela. Traz uma elegante túnica de seda azul-celeste; cingindo-lhe a cintura, uma larga faixa carmesim. Seus cabelos compridos se distribuem pelos ombros, ressaltando aquêlencanto hebreu que se tornara tão proverbial na Palestina.

Maria está triste.

Não obstante a calma do seu olhar, que mira um ponto invisível na distância do horizonte, domina-a uma estranha preocupação.

No seu bellissimo semblante pode-se ver um ricto de dor. E' o cansaço moral que há algum tempo lhe perturba o espírito.

Quando Berenice, escrava favorita e confidente, penetrou no quarto, a encontrou sobre o leito, banhada em lágrimas.

— Que se passa com minha ama? — atreveu-se a inquirir.

Hoje não recebo ninguém, entendeu? Ninguém! Desejo permanecer sózinha.

— Mas... o que se passa? — insistiu a escrava — Faz dias que a vejo assim. Não deseja nada, não sai do quarto, não recebe visitas. Nem se preocupa mais em enfeitar-se. Sempre no quarto, só e triste, deixa-se dominar por uma tristeza sem razão de ser... E quando a venho ver, encontro-a chorando. As lágrimas estão empalidecendo êsse rosto e êsses olhos que são o encanto dos homens. Seus admiradores se mostram apreensivos com sua mudança inexplicável. Seu prolongado retiro os intriga, minha encantadora ama. Que tem? Sente-se doente?

— Sim, Berenice, estou doente, enfêrma de amor. Amo o Nazareno. Vi-o e enamorei-me dêle. Amo-o como nunca amei em minha vida... Oh! se êle me amasse... Não poderia viver enquanto não merecer o seu amor.

O assombro que se estampou na face de Berenice foi tal que Maria, acostumada a impôr suas idéias e seus caprichos, sem tolerar a mínima oposição, a custo se conteve para não desencadear sôbre a escrava uma de suas habituais explosões de cólera. Contendo-se com uma energia que não sabia de onde lhe vinha, repetiu:

— Sim, Berenice, estou enamorada do Nazareno. Ou êle ou ninguém! Meu coração está exausto de amar o abjeto. Necessito de um amor puro, um grande amor, um amor infinito. E êsse amor, não me cabe a menor dúvida, é o que me inspira a figura do Nazareno.

— Mas minha ama delira! — atreveu-se a escrava a exclamar — E' possível que a rainha de Madalena, a senhora de todos os corações, que nada em opulência, que impõe seus caprichos, cujo nome é decantado em todos os rincões da Palestina, por sua formosura e por suas riquezas, vá se apaixonar por êsse pobre hebreu, filho, segundo dizem, de um carpinteiro de Nazareth? De um homem que não tem onde cair morto e que, ao invés de trabalhar como os demais jovens da sua idade, anda por aí como um vagabundo, pregando doutrinas absurdas e ganhando o des-

prêzo e o ódio dos Sumos Pontífices e dos Doutores da Lei?

— Olhe, Berenice, se eu não a quisesse, neste momento você sairia para sempre da minha presença. Insensata! Que pensa que é o Nazareno?! Não o viu ainda? Não lhe ouviu a voz? Não lhe escutou aquelas palavras a que todos chamam o “Sermão da Montanha”, Aonde tens os olhos, a inteligência, o coração? Aquela majestade em suas atitudes, aquele olhar cheio de serenidade e doçura, aquela voz persuasiva, aquela doutrina tão acalentadora, clara com a luz do sol, arrebatam a inteligência e o coração dos que amam a verdade e a justiça. Você mesma devia amá-lo, Berenice. Ele é amigo dos pobres, dos que sofrem, dos que choram, dos que têm fome e sede de justiça... Qual dos nossos Santos Profetas falou como ele? Quem já nos disse, como o Nazareno: “Vinde a mim todos os que estais atribulados e cansados que eu vos aliviarei”? E’ possível que não a comoveram as suas palavras?...

Fêz uma curta pausa e prosseguiu, como se estivesse falando a si própria:

— Desde que o ví, ninguém mais ocupou meu pensamento. Sua esbelta figura, que irradia santidade mais que beleza, trago-a em minha memória. Suas palavras ressoam em meus ouvidos como se fôsem uma canção que eu há muito desejasse ouvir. E seus olhos... viu como se fixaram em mim? Não posso viver sem ele. Amo-o, Berenice, amo-o, e este amor não é o dos meus sentidos ou de minhas paixões. Seu olhar me purificou. Seu olhar, que é todo doçura e mansuetude, luz e fogo. Sou outra. Sinto-me leve, purificada, espiritual. Parece que em mim se extinguíram os desejos materiais. Todo o meu passado me causa fastio, vergonha e repugnância. O Nazareno me transformou com a luz do seu olhar. Amo-o! E por ele eu desprezarei tudo o que me cerca. Saberá ele que amo?

(Conclui na pag. 17)



A Derrota do Orgulho

Conto de Martins Capistrano

Ilustração de Rodolfo

QUANDO Paulo entrou no salão deslumbrante de luzes, que a noite fria de maio tornava delicioso, os olhos negros de Iolanda o envolveram, avidamente, na ternura infinita de seu encantamento. Ela já o esperava, ali, para festejá-lo com a sua simpatia num ambiente diverso daquele em que, habitualmente, o via.

Paulo chegou sozinho e foi, galantemente, cumprimentar a jovem esposa de seu colega de hospital, dr. Roberto Leite, que tanto interesse lhe despertara desde uma tarde macia em que pudera sentir melhor a sua fascinação.

O salão do Cassino da Urca refulgia, magnificente, nas galas da grande hora mundana. Movimentava-se o mundo social de seus frequentadores ao contacto da validade e do perfume que se diluam, voluptuosamente, em torno das mesas onde se conversava e se bebia enquanto se aguardava o sensacional aparecimento dos patinadores do gelo.

Iolanda foi, pelo braço do marido, até a mesa reservada para sete pessoas que, no fundo do *grill-room*, longe da pista multicolorida das danças, sorria, esplendidamente, com a nota festiva de seus cravos vermelhos. Só depois de meia hora chegaram os outros convidados, dois casais amigos de Paulo e do dr. Roberto Leite.

Começou o jantar e a orquestra encheu de ritmos o salão esplendente. Um "fox" trepidante... Uma valsa antiga... Um tango melancólico...

*

— Agora, Iolanda, eu posso dizer que você está nos meus braços... Tanto tempo desejei este momento...

— E eu também...

— Então, porque ainda insiste em surpreender-me com suas atitudes desconcertantes? Se você me ama, como parece, e às vezes o demonstra tão comovidamente, por que, outras vezes, se mostra esquiva, indiferente, distante?...

— E' o conflito interior da minha esperança...

A música da valsa, que eles dançavam, sugeria êxtases sentimentais que dulcificavam o cora-

ção dos dois, evocando saudades de enlevos recentes, cuja emoção estava, ainda, na sensibilidade de Iolanda.

— Não a compreendo, querida, quando você é a mulher descrente, enigmática, indefinida e quase agressiva de ontem à tarde, por exemplo, na estrada da Tijuca... — sussurrou, magoado, Paulo.

— Nesses momentos, nem eu própria me compreendo... Não sei o que sinto... Não sei o que desejo... Não sei o que espero... Tenho vontade de fugir de você e, ao mesmo tempo, de ficar, eternamente, a seu lado. Vendo-o apaixonado, eu me revolto... Vendo-o indiferente, entristeço... Não sei que complexo atua na minha sensibilidade... Amo-o, porque tenho saudade da sua figura, da sua voz, do seu sorriso... Amo-o, porque penso em você na quietude do meu lar, perto de meu filhinho, que não consegue fazer-me esquecê-lo, Paulo...

— Por que, então, me amargura com aquêle desinteresse, que é quase desdém, das suas horas de indecisão e de dúvida?

— Para desiludi-lo e libertar-me d'este amor que não devia existir...

— Dêste amor que nós amamos, apesar de tudo, e que nasceu da nossa infelicidade, do nosso próprio destino sentimental...

— Sim. Mas eu tenho medo das situações ilegais, que a sociedade condena. Tenho medo de prender-me, irremediavelmente, a você...

— A sociedade não pode reparar os erros da fatalidade e, entretanto, lamenta a desventura, sem dar-lhe um remédio. Tudo é convencional... Como o seu amor, pelo que vejo...

— Não me faça essa injustiça, Paulo. Meu amor é verdadeiro. Mas ainda não se libertou das angústias da minha inquietação interior. Escute: ontem, na estrada, eu não era sincera. Representava, dolorosamente, uma comédia, que me torturava. Meu desejo era confessar-lhe a verdade e dizer-lhe que estava mentindo. Porque, Paulo, vaidosa como sou, até das suas atitudes românticas eu gosto: sinto-me li-sonjeada, festejada, engrandeci-

da... Confio no seu amor e crio êsses instantes de indiferença... Não faço isso para desiludi-lo, quero confessar, agora. Sofreria muito, se você me faltasse... Se você não me quisesse mais...

— Eptão mentiu, há pouco! Você é uma criatura estranha, difícil, paradoxal...

— Mentí, apenas, para satisfazer à minha validade feminina. Mas receio que você deixe de li-sonjear-me com suas palavras de namorado. Receio que se arrependa de ter perdido o tempo comigo. Receio, sobretudo, meu doce amor, que você, depois de conquistar-me totalmente, me abandone, por desencanto ou por cansaço... E eu sofreria imensamente, se isso ocorresse. Teria a desilusão definitiva da minha vida. Maior do que a minha primeira desilusão. Aquela que me levou, tristemente, para os braços do homem a quem dei o meu corpo e minha vida, sem amá-lo: o pai de meu filho. Meu coração de mulher não pertence a ninguém, ou antes, pertence um pouco a você, Paulo. Minha alma, porém, com suas insatisfações, suas dúvidas, seus anseios incompreendidos, suas aflições, suas amarguras, está, sempre, onde você se encontra, porque o acompanha angustiosamente, desditosamente, nas suas vitórias e nas suas tristezas, nos seus pensamentos e nos seus atos. Creio ter dito tudo, agora, Paulo...

— E se eu desistisse antes de conquistar-lhe, integralmente, o coração, como desejo?... Antes de possuir a mulher?... Você bem sabe que a alma, espiritual e imponderável, não chega para a ambição sentimental do homem... Sem o corpo, a alma é quase inútil à nossa sensibilidade amorosa...

— Se você desistisse, eu sofreria, mas ficaria curada da minha aspiração absurda, do meu absurdo desejo de ser feliz... Sofreria pela derrota do meu orgulho. Simplesmente. Vê que não sou a mulher em quem se deva confiar... Não sei o que quero. Não sei o que me satisfaz...

A valsa lânguida terminou, bisada pela orquestra, que, no fun-



do do palco, agitava seus instrumentos reluzentes.

Paulo e Iolanda voltaram para a mesa, no centro da qual sorria, violentamente, a púrpura dos cravos silenciosos... Cearam. Beberam "champagne". Tomaram um "ice-cream" rutilante. E assistiram, com os mesmos pensamentos e as mesmas emoções, aos movimentos semi-alados dos patinadores da pista gelada, que haviam atraído ao grill da Urca, na grande noite do ice-show, toda aquela gente cujos olhos só não viam a alma e o coração dos dois amorosos...

Paulo dançou, depois, com as duas senhoras da mesa e outras damas de suas relações, que encontrou no cassino. Iolanda seguia-o, com os olhos intranquilos, da mesa florida. Tinha inveja e ciume daquelas mulheres que o enlaçavam. Não compreendia a existência desses sentimentos, quando procurava afastar o domínio de Paulo sobre o seu coração inquieto. Veementemente, desejava, naquele momento, que ele voltasse para junto dela e a convidasse para dançar. Estava nervosa de paixão. Mordia os lábios. Fechava os olhos. E sonhava com os lábios de Paulo ardentemente unidos aos seus lábios, na sensação e na volúpia do amor...

As outras mulheres, que o disputavam, orgulhosas de seu par elegante, vistoso, prestigiado, causavam-lhe um mal-estar indomável, que a irritava profundamente. Seu ódio crescia. Aumentava o seu ciume. E Iolanda tinha impetos de levantar-se, precipitadamente, e ir buscar Paulo na pista, arrebatando-o dos braços da dama que o possuía... Estava, positivamente atordoada, aflita, delirante... Desconhecia em si mesma aqueles impulsos desatinados. Sempre fora calma, tranquila, moderada nos seus sentimentos. E ali se sentia exaltada. Com vontade de chorar. De gritar a sua paixão. De correr, alucinada, para os braços de Paulo.

Cessou um "fox" impetuoso, e começou um tango nostálgico, emoliente, angustiado... Paulo

veio tirar Iolanda, que sorriu, e o acompanhou...

E enquanto os dois dançavam harmoniosamente, no salão suntooso e alegre, a moça, vencida, afinal, pelo amor, confessou:

— Fiz uma experiência, Paulo. Amo-o. Perdidamente. Irremediavelmente. E não posso mais viver sem você. Mas queria que fôsse meu somente...

Morria o tango nos instrumentos da orquestra. A voz de Iolanda, emocionada, melancólica, sentimental, segredou:

— Queria que fôsse meu de alma, de coração e de espírito. Sem pensar nas outras mulheres. Sem festejá-las perto de mim. Sem desejá-las. Só assim eu poderia ser sua. E só assim poderia ser feliz...

Conto de Yara Nathan ★

UM CASO



CURIOSO



Ilustração de Rodolfo

— Você acredita em assombrações, Marcelino?

— Eu, não!

— E em amor?

— Ainda menos...

— Pois, menino, — acrescentou o velho Matos, endireitando-se na sua rede — se eu lhe contar um fato em que entram precisamente estes dois elementos vistos e observados por este que está aqui...

— Eu acabarei acreditando para lhe fazer a vontade, vovô, concluiu o jovem estudante, gracejando.

— Mas, não é brincadeira, não, meu filho! Você sabe que eu sou positivista, e que nunca fui sugestível. O que lhe vou contar é fato visto e observado. Passou-se quando eu já era bem mais velho que você. Andava pelos trinta e nove anos, e morava lá no Rio, onde você estuda. Esta fazenda, eu tinha comprado de pouco, para passar aqui o tempo do verão.

Numa dessas estações, vim aqui e, quando voltei para o Rio levei uma linda menina de quatorze anos, cujo pai, seu

único parente, acabava de morrer, picado de cobra. Levei-a, e lá, minha mulher e eu nos afeioamos tanto a ela, que parecia ser sangue do nosso sangue. Entretanto, nunca lhe demos luxo, nem a tornamos vaidosa. Davamos-lhe afeição sincera, assistência moral e instrução, que era o de que ela mais carecia na condição de sózinha no mundo. Essa menina não sabia o que fazer para nos mostrar a sua gratidão. Era de elevado temperamento artístico, mas, não se furtava a auxiliar minha mulher e as criadas nos trabalhos domésticos; muito pelo contrário, às vezes, era preciso zanga, para que não roubasse a si mesma, com serviços grosseiros, o tempo que lhe determinávamos para estudar as suas lições de música.

Em três anos que esteve conosco fez-se uma pianista notável. Então, já se deixava dominar pela inspiração da música, e fazia composições admiráveis. A primeira que fez era dedicada a mim, e se chamava "A história de minha vida". Todas as noites ela me contava, naquela melodia cheia de beleza e ternura, aquela história singela, que eu já conhecia tanto!...

Pois bem, por esse tempo, quando ela entrava nos seus dezoito anos, conheci um rapaz como você, de vinte e dois anos de idade, chegado de Recife, e que me fôra apresentado pelo próprio pai, o co-

ronel Valente, velho amigo meu. Convidei o rapaz para jantar conosco, por ocasião do Natal, que estava próximo. Ele foi, viu minha filha adotiva e, naquela mesma noite... pediu-a em casamento...

— Que absurdo, vovô! interrompeu Marcínio. Que diacho de precipitação é essa? E' a tal coisa do "amor à primeira vista"?...

— E' isso mesmo! E o mais interessante é que ela também gostou dele logo, e, antes de se despedirem, tocou um improviso em surdina, para ele, música a que deu o nome de "Como nasce o amor". Ora, menino, para encurtar a conversa, dez meses depois disso, eles se casaram. Coloquei minha fazenda à disposição deles, e foi aqui que eles vieram passar a lua de mel. Contam-me os colonos que nunca viram um casal tão unido como aquele. Que parecia um casal de noivos. Parecia irre realidade de romance, imaginação. Eu mesmo, vindo mais tarde visitá-los, tive ocasião de ver como se amavam!

— Estavam na lua de mel, vovô!

— Pois escute o resto. Seis meses depois do casamento, eles voltaram para o Rio; porém, logo que chegou, minha filha caiu doente. Os médicos mandaram que a levassem de lá imediatamente, e ela pediu a volta para a fazenda. Vim com eles. Aqui, minha filha foi melhorando e nos enchendo de esperanças. Mandou buscar o piano, no Rio, e tocava para nós uma porção de improvisos lindos e tristes. Eram músicas esquisitas, a que ela dava nomes ainda mais esquisitos, e que deixavam o marido impressionado e melancólico. Mas, a sua música predileta, era a que ela tocara em surdina, naquela noite de Natal: "Como nasce o amor".

Todas as manhãs, muito cedo, ela se levantava e saía por aqui agora, amparada por ele, e ia sentar-se lá naquele caramanchão de roseiras. Era romântica. Dizia que os seus remédios mais acertados eram a música e o perfume das flores. Mas, numa dessas manhãs, depois de haver tocado a sua composição favorita, eles saíram para o passeio do costume, e ela, já muito fraca, a despeito da melhora aparente, desfalceu... e morreu sob o caramanchão de rosas. Fui encontrar meu genro mais pálido que minha filha morta, que ele trazia nos braços, como se fôra o corpo de uma santa. Ninguém tentou consolá-lo, porque, diante de uma dor soberba como aquela, qualquer consolo se amesquinha, impotente, nulo. Mais tarde sugerimos a sua volta para o Rio. Ele se opôs. Não querendo deixá-lo, então, só com a sua dor recente, fiquei aqui ainda algum tempo.

Quando chegou o Natal, que marcava dois anos de sua primeira visita à nossa casa, verificou-se, então, aqui, o fato mais curioso que já presencié em minha vida. Durante a noite do dia vinte e quatro, nós conversávamos sobre coisas absolutamente alheias àquela data. Falamos sobre caçadas, viagens, e uma porção de coisas que nos distraíssem ao menos aparentemente... Estávamos sós na fazenda, porque os colonos festejavam a noite em outras fazendas vizinhas, para onde foram convidados. E nós, aqui mesmo, como estamos agora, ele sentado nesse banco onde você está, e eu deitado na rede,

Pilherias



- Por que estás preocupado?
- Uma cartomante disse que minha mulher morrerá breve.
- Mas as cartomantes quase sempre se enganam...
- Pois é isso que me preocupa...

*

- Como?! Tua mulher é quem lava os cães? Não o pode fazer a criada?
- Não temos confiança nela. Só lhe permitimos lavar as crianças...

*

- Quando nos casamos prometeste obedecer-me sempre!
- Sim, porque eu não quis brigar na frente do padre!

*

- Você, tão elegantemente vestido, usando um chapéu surrado?!
- E' que minha esposa prometeu não mais sair comigo enquanto eu não comprar outro...

*

- Você faz muito mal em beber assim, meu amigo. Caminha cambaleando, dando a impressão de que vai cair.
- Eu faço mal é em andar depois de ter bebido...

*

- Estávamos discutindo quando ele me deu formidável soco que me fez ver estrelas...
- Não me estranha: sempre considerei que da discussão sai a luz...

*

- Já sabes, querida: se necessitares de dinheiro, durante minha ausência, basta ir ao banco.
- E a que horas fecha, hoje, o banco?

*

- Por que não queres que me dedique ao cinema? Não gostaria que tua esposa fosse uma "estrela"?
- Muito. Principalmente quando penso que a mais próxima está a milhões de quilômetros de distância...

*

- Escrever-te-ei, querido, dentro de três ou quatro dias...
- Para que, mulher? Se te deixo dinheiro para mais de um mês!

palestravamos, como já disse. Isso, até alta noite...

Quando foi ali pela madrugada, ouvi um prelúdio de piano... Mas, com grande força de vontade, fingi não ter ouvido nada. Meu genro, porém, suspendeu a conversa imediatamente, e levantou-se. Perguntei-lhe, disfarçando, se já ia dormir. Ele respondeu baixinho, nervoso:

— Não... Escute!... E' ela!... Escute, pai, escute!...

Diante daquela estranha convicção, não tentei contradizê-lo. Fiquei quieto, ouvindo. E o piano, lá dentro, na sala, pôs-se a tocar "Como nasce o amor"! Meu genro começou a caminhar como um autômato, um sonâmbulo. E eu fui atrás dêle. Tomou o lado direito da varanda e entrou na sala onde estava o piano. Era curioso! Via-se as telas bulir, feridas não sei por que mãos invisíveis! A melodia em surdina, parecia mais linda, mais triste e mais misteriosa...

Estivemos em silêncio, os dois, olhando o piano. Depois, êle se aproximou do instrumento, fez um gesto amoroso, como se abraçasse uma pessoa querida, e saiu com "ela", assim, abraçado... Passou por mim, como se não me visse mais, desceu aqueles degraus ali, e foi andando para o lado do caramanchão de rosas... O piano calara-se. Quando "êles" já iam a alguns metros de mim, andando de vagar, abraçados amorosamente, eu pude ver, bem distinta, a silhueta magra de minha filha, cingida pelo braço forte de meu genro. Vi-os afastar-se... afastar-se sempre... e sumir na sombra do caramanchão... Na manhã seguinte, os colonos vieram trazer o corpo frio de meu genro, encontrado estendido sob as rosas... E me acharam aqui mesmo, na varanda, assombrado e sem fala...

O velho Matos suspirou profundamente. O jovem estudante parecia relutar ainda, ante a veracidade estranha daquela história fantástica. Foi por isso, talvez, que o velho concluiu, agastado:

Meu filho, minha cabeça hoje está branca feito neve, mas, êste fato se passou comigo, aqui nesta fazenda, quando eu estava em plena maturidade. Ainda não caducava, não...

MOSAICO

Um ser humano necessita respirar por dia mais de sete mil e quinhentos litros de ar.

*

Os descendentes de uma mosca podem chegar, em um só verão, a três milhões, oitenta mil trezentos e vinte.

*

Na China o marido pode fundamentar o seu pedido de divórcio em que uma mulher é demasiado faladora.

*

Vinte por cento dos loucos que há no mundo, enlouqueceram por causa da bebida.

*

No Ceilão examinam as ostras com raios X para ver se têm pérolas, evitando-se, assim, o trabalho de as abrir.

*

Há insetos que têm oito olhos, havendo alguns com seis apenas...

*

O ouro das moedas inglesas contém vinte e duas partes do precioso metal e duas partes de cobre.

*

Por suas qualidades nutritivas um bom copo de leite equivale a um pedaço de carne do tamanho de um bife.

*

A mina que produz os rubis mais puros e esplêndidos do mundo está em Berma.



Os fabricantes das meias Lobo poderiam aumentar consideravelmente a produção, se não colocassem, antes de tudo, o empenho em manter sua tradicional qualidade. Em vez de colhêr os lucros do momento, os fabricantes das meias Lobo, ainda que à custa de sacrifícios, preferem assegurar a mais alta qualidade possível na situação atual e conservar para o futuro o seu bom nome. Com êsse intuito, a produção das meias Lobo, apesar

de sua enorme procura, não foi aumentada, pois o aumento repentino de sua produção sacrificaria os inúmeros requisitos técnicos exigidos para a sua fabricação. Por isso, quando adquirir meias, insista na tradicional qualidade LOBO e limite-se a comprar o estritamente necessário, para que o maior número possível de consumidores possa ser servido. A marca LOBO representa qualidade para o consumidor—e Qualidade pesa na balança!

Meias

Lobo

UM PRODUTO
DA FÁBRICA
LUPO

Standard Propaganda

FLOR SÊCA

Medeiros e Albuquerque

Ilustração de Rocha

NA quietação monótona daquela vida de aldeia, ela passara toda a existência. Fôra moça, fôra bonita, mas deixara toda a mocidade, toda a beleza escoarem-se esterilmente. Vegetara ao lado do tio, na sombra carinhosa, mas egoísta. Tinha tido algum amor? Ninguém o podia dizer. Sabia que fôra pedida em casamento, mas recusara. Era simples e boa. Agora passava pela casa como uma figura silenciosa, deslizando de leve, parecendo mais velhinha do que deviam acusar seus 49 anos. Mas lá, miudinha, tão frágil, tão delicada, gastava-se na atividade de trazer aquela casa sempre em ordem. Tinha a mania do asseio. O soalho, os calxinhos, as portas, os vidros, os fechados de metal — tudo se mostrava de um alinho, de um esmero inexcusável: brilhava, refulgia, parecia novo. Mesmo o que já não podia esconder a idade estava talvez mais envelhecido pela exagerada e constante limpeza do que pelo tempo. Mas por toda a casa não havia um grão de poeira, não se encontrava um pano, uma toalha qualquer que não fosse alvissima, de uma brancura imaculada. Quando ela entrava em qualquer sala, seu olhar inquiridor corria-a toda para ver se nela se lhe deparava a mínima infração aos rígidos preceitos do seu ideal de asseio absoluto. Só havia uma peça que causava, não o seu desespero, porque ela era incapaz de qualquer sensação violenta, mas a sua tristeza: era a biblioteca do tio.

O velho Antero tinha sido professor. Tivera mesmo, em uma cidade vizinha, um colégio que fôra então bastante frequentado. Aí ensinava o português, a geometria, a história e o latim — sobretudo o latim. Havia apenas mais outro lente para o resto do curso. Assim, o trabalho não podia ser muito dividido. Lecionava as outras disciplinas por necessidade econômica. Mas o latim era por paixão. O pai também tinha sido professor e aí começara a sua educação.

O colégio não chegou propriamente a enriquecê-lo; mas deu-lhe o bastante para viver pacificamente, sem trabalhar, entregue ao ócio delicioso das suas leituras. Essas leituras eram sempre as mesmas: Horácio, Virgílio, Ovídio... os autores usados em classes, e além desses, poucos mais: Ca-

tulo e Juvenal. Nem sequer procurava outros escritores. Aquêles que tantos anos ensinara ainda o seduziam. Passava todos os dias horas inteiras, na sua biblioteca, lendo-os e relendo-os, ora em voz alta, declarando-os, enfaticamente, ora numa cadência convencional, lembrando os tempos de aula, partindo os troqueus, os dactilos e os espondeus dos versos afim de ensinar os alunos, marcando-os com uma régua, que fazia bater na mesa, para indicar a separação de cada pé métrico. No fim de todo verso, enumerava os pés que o compunham:

Moece
nas atavis
edite re
gibus

Espondeu, coriambo e jambo. E ia assim, horas a fio, lendo páginas e páginas. Funcionava então como um realejo. Era evidente que não prestava atenção nessas ocasiões à mínima beleza do que estava percorrendo, porque lia a seguir, com a mesma

inflexão de voz, só atendendo à repartição das sílabas e acentuação dos pés, cantos inteiros Virgílio e Ovídio, dezenas de odes e composições de outro gênero do velho Horácio.

Pensava, no entanto, em escrever uma grande obra: *As belezas dos autores latinos*. Para isso, vivia a tomar notas. O livro devia abrir por um prefácio que, ele já escrevera mais de seis vezes e rasgara outras tantas para refazê-lo, prefácio em que lamentava a decadência dos estudos clássicos e buscava provar que quem não sabe latim, não sabe nada; mesmo na sua opinião os labores braçais da agricultura ganhavam em ser feitos por quem conhecesse a fundo as *bucólicas* de Virgílio! A essa introdução devia seguir-se a análise de cada uma das belezas dos grandes autores. Mas a verdade é que, aos poucos, ele ia aumentando indefinidamente essa lista de belezas. Cada dia tomava novas notas. Não havia expressão que não viesse a merecer-lhe uma apologia especial em longas explicações eruditas.

Afinal esses comentários intermináveis acabavam por lhe encher as gavetas e atopetar a mesa. Alguns estavam mesmo no chão junto ao sofá em que ele se estendia para saborear os seus eternos autores. Certa ocasião, a sobrinha, na sua ausência, pensou em arrumar deveras tudo aquilo.

O velho Antero, quando viu o que sucedera, quase ficou louco. Proibiu, em altos gritos — ele, que era a mansidão em pessoa — que a sobrinha tornasse a tocar em qualquer coisa, na sua biblioteca. Arrumasse o que quisesse, menos os seus livros e os seus papéis! Só ele é que entendia daquilo. — Basta que eu saiba dizia, onde estão as coisas: é só para isso que se procede a uma arrumação qualquer. E a verdade é que no meio daquela aparente confusão o professor descobria tudo o que precisava.

Ficou assentado. Leonor jurou aos seus deuses que nunca mais tornaria lá. Não é que se abstivesse apenas de exercer ali a sua fúria limpatória; é que nem queria ver aquela parte da casa, fazia-lhe mal pensar na desorganização, na "poelrada" que ali havia. Aquilo, dizia ela, "era um horror". Se alguma visita vinha à casa, tanto o tio se esforçava para



José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque foi, sem dúvida, um dos maiores polígrafos que o Brasil tem tido: jornalista, poeta, prosador, em todos os gêneros deixou, indelével, a marca de sua personalidade inconfundível. Como contista, foi mestre, focalizando as criaturas dentro da vida com a naturalidade que constitui, aliás, a característica principal de sua arte. "Flor Sêca", o conto que publicamos, expressa, através da sua amarga beleza, a estatura literária do notável escritor brasileiro.

Medeiros e Albuquerque nasceu em Recife, Pernambuco, a 4 de setembro de 1867 e faleceu no Rio de Janeiro a 19 de junho de 1934.

levá-la à biblioteca como a sobrinha para arredá-la. Ela ficava envergonhada de que alguém olhasse para tal desordem.

A famosa biblioteca era quase uma alcova; não passava de uma salinha estreita, onde havia quatro estantezinhas de ferro, uma mesa, um sofá e duas cadeiras. Das estantes, uma estava cheia de velhos livros de classe, muito estragados, que tinham servido a diversas gerações de alunos. De vez em quando, o velho An-

cado, era tímido; parecia antes uma menina. Na aldeia chamavam a casa da viúva a casa do "fala baixo" porque diziam que a todos os momentos ouviam-na recomendar:

— "Fala baixo, meu filho!"

E era realmente como ele falava.



tero, se precisava de alguma distração, decidia-se a tomar um pequeno qualquer para ensinar-lhe latim, ensinar gratuitamente, só por prazer.

Do último discípulo tinha saudades. Era de fato um excelente rapaz. Filho de um médico do lugar, ficara orfão muito cedo. A mãe o educava carinhosamente, mas num apêgo tão grande aos seus cuidados que o rapaz se tornara afeminado. Era deli-

O médico deixara o bastante para que os seus pudessem viver numa honesta mediania. E eram duas situações, por assim dizer, paralelas — a do professor com a sobrinha e a da viúva com o filho, dois casais ociosos e bons, na calma daquela aldeia — aldeia que ficava longe das estradas de ferro, esquecida no bulício da civilização. Quando o rapaz, o Mário, completou 12 anos, o professor começou a ensinar-lhe as primeiras letras e o latim — o latim, é claro, constituía para o velho as "primeiríssimas letras": sem isso não havia para ele educação possível.

O ensino se fez regularmente durante três anos, com aproveitamento notável. Mas não foi só o ensino... Sucedeu o que devia suceder: o filho da viúva e a sobrinha do velho Antero, ambos criados numa exclusão

quase completa de outras relações, acabaram por afeiçoar-se mutuamente. Era amizade ou era amor? Na geografia dos sentimentos essas duas regiões não têm limites precisos, mormente na idade dos dois. Viam-se, gostavam-se, mas nunca tinham trocado palavras que outros não pudessem ouvir. O que traía a afeição era o enleio mútuo em que ficavam, se se achavam sós, frente a frente. Ela estava então nos seus treze anos, quando o menino fez quinze.

A mãe d'ele começou a pensar em levá-lo para a cidade, indo também em sua companhia, para que se formasse em direito. Queria-o feito "doutor em leis".

— Para que, Dona Angélica? Há doutores de mais e lavradores de menos — dizia o velho Antero. Ele não precisa ganhar a vida, deixe-o gozá-la.

Mas dona Angélica não era dessa opinião. Achava que o filho devia ter uma profissão qualquer:

— Só, dizia ela, se de todo ele não quisesse ir, porque eu não o forcerei a nada; mas isso me daria um grande desgosto...

Em pleno torvelinho de após-guerra, entramos em abril. E abril nos acolhe com sua velha ternura. Os problemas persistem, particulares como universais. O homem que vai silencioso pela rua deserta, meditando, carrega consigo mais do que a própria amargura; vai com ele o próprio mundo. Como escreveu o poeta: "E num recanto pós o mundo inteiro".

Em verdade, a vida está pela hora da morte. Quem diz isso, com uma convicção até comovente, não é a dona de casa. O homem comum, perdido no tumulto, o burguês imperturbável, todos sabem que a vida está pela hora da morte. Abro um jornal qualquer, e vejo algumas "charges" com estas legendas: "Açúcar? Não tem!" "Pão? Não tem" "Polícia? Não tem!" "Transportes? Não tem!" "Escrúpulo? Não tem!" "Discursos? Isso tem."

Consolai-vos, homens sofredores destes dias: há discursos, e em penca. Quando os problemas são tantos que a gente não pode mesmo resolver, há o grande recurso, nem que atue apenas como paliativo: o de pronunciar discursos, a torto e a direito, com ou sem propósito. Discursos na Câmara Federal, discursos em solenidades públicas, discursos domésticos perante a família alarmada. E' alto o preço das utilidades? Não há casa para morar? Façamos discursos, discursos, discursos. Para rematar, suspiremos. Há uma grave filosofia no suspiro.

Não é apenas mania brasileira, mas universal. A retórica, com todas as suas deliciosas exigências, não permite a ninguém resolver esta vida. Os oradores insistem e nós, ao menos por espírito cristão devemos ouvir-lhes resignadamente. Se possível, até com agrado. Ai estão, sempre dispostos a enfiar o mundo com ouropéis e galas. Seus ornatos são mais precários que fogos de artifício. Mas esses heróis suprem suas deficiências com gestos longos, pausados, solenes. Ou então dinâmicos, nervosos. E sempre saem incólumes. Ilesos. Apesar dos pesares.

Pois em meio das discussões, chega-nos abril. Mário de Andrade escreveu um dia que abril é um mês roubado. E esclareceu: descobriu-se o Brasil em abril, e maio foi que ganhou a palma; abril é um mês de flores, primavera plena, e maio é quem ganha a palma...

Assim também não pode ser. Restauremos o prestígio de abril! Precisamos festejar-lhe a doce, misteriosa poesia.

GUI d'ALVIM FILHO

Mário estava hesitando entre essa idéia de dar um desgosto a sua mãe e o desejo imenso de ficar, ficar por causa de Leonor. Foi só então, na iminência dessa desgraça, que os dois sentiram bem como eram indispensáveis um ao outro. Sentiram, mas não disseram. A timidez daquelas duas pobres crianças estioladas à sombra de um carinho excessivo era extrema. Como vencê-la? Não sabiam; não achavam as palavras precisas; não descobriam uma ocasião propícia... Tinham apenas silêncios mais longos. A amargura próxima já lhes impedia qualquer brinquedo, qualquer sorriso. As vezes, ficavam com os olhos vermelhos, as lágrimas quase a saltarem, mas faltava-lhes a coragem das confissões supremas...

— Então a senhora insiste? Não se arrependa depois... — disse o velho Antero.

— Deus não há de permitir. Era o desejo do pai, é o meu desejo. Mário não re recusa. Por que me hei de arrepender?

Quando ela disse "Mário não se recusa" Leonor levantou para ele os olhos doridos e queixosos.

Os lábios mentem

Os olhos, não!

Aqueles olhos diziam claramente: *Então é bem verdade que tu queres partir?* E como eles se iam encher de pranto, ela se levantou e saiu. Mário compreendeu a queixa. Mas como se opor à vontade da mãe? O professor estava então dizendo:

— Afinal talvez seja a senhora que tenha razão. Os corações maternos são os mais previdentes. A vontade de uma mãe em benefício de um filho ninguém deve criar embaraços.

Mário levantou-se também da sala, dirigindo-se para a biblioteca. Ainda teria no dia seguinte, que seria a véspera da partida, uma última lição: repetição geral de tudo o que sabia. "Quero que faça um exame brilhante!" tinha dito o velho Antero. Não era, porém, em exames, nem em latim algum, que pensava o rapaz naquele momento...

Entrou e encontrou Leonor, que estava debruçada sobre a mesa, chorando. Foi um instante. Ela, assim que o viu, levantou-se, confusa, perturbada. Sentiu que era preciso dizer qualquer coisa. Deu uma desculpa desajeitada.

— Estava aqui arrumando os livros, mas não posso mais de dor de cabeça... Creio que este livro é seu. — E estendeu-lhe um livro.

Era uma edição de Horácio. Na capa, em grandes letras havia escrito: *Quinti Horatii Flacci opera*. Mas nem um nem outro pensavam nisso. O livro, mal dado, mal recebido, caiu, aberto. Mário teve então um momento de coragem:

— Olhe, Leonor, se você quiser eu fíco...

Ela empalideceu. Quedou-se sem movimento, sem palavra, gelada de emoção. Vencido o primeiro obstáculo, ele se sentiu capaz de ir além. Abaixou-se para apanhar o livro, sobre o qual ainda no dia seguinte teria de ser arguido. De dentro do volume tinham saído diversas tiras de papel com significados latinos e uma flor seca, um *amor-perfeito* esbranquiçado, com que ele, às vezes, marcava a folha da lição. Leonor continuava imóvel.

— Olhe, Leonor, se você quer, agora tudo depende de você.

Nisto ouviram que o professor e dona Angélica se levantaram. Talvez viessem para a biblioteca. Mário supôs que Leonor estivesse hesitando. Tomou uma resolução pueril, processo de criança, mas que afinal serviria tão bem como qualquer outro. Disse-lhe depressa, antes que a mãe e o velho chegassem:

— Amanhã eu venho dar a última lição. Você pense esta noite e se quiser dizer "sim" para que eu fique, escreva um "S" neste *amor-perfeito* seco, e ponha-o no meu livro.

Não pôde explicar mais nada, porque o velho Antero e dona Angélica vinham entrando. Teriam percebido o enleio dos dois? Não é provável. A viúva ainda estava repetindo:

— Farei a vontade dele; mas acho que deve ir, sempre foi o desejo do pai...

Decididamente a conversa não saía disso!

E o Mário foi...

Não achou no outro dia a flor no lugar convençãoado. Por quê? Porque Leonor, embora o estimasse, tinha talvez pensado que não devia contrariar a resolução de dona Angélica.

Foi; mas triste, cheio de amargura, acusando a moça de ingratidão.

Foi; mas não adiantou nada. E' verdade que estudou. E' verdade que fez o seu curso de direito. Mas durante todo esse tempo viveu sempre junto da mãe, que levava o seu desvêio a ponto de acompanhá-lo até a Faculdade, todos os dias, como se fôsse um menino de colégio. Era cada vez mais concentrado e tímido. Aquêlê carinho exagerado tornara-se para ele como a sombra de uma árvore excessivamente frondosa, cobrindo perpetuamente um arbusto para protegê-lo. Protegia-o, impedindo de crescer, roubando-lhe o ar, a luz, a liberdade! Quando lhe faltavam alguns meses para se bacharelar, a mãe morreu. Ele formou-se e voltou imediatamente para a aldeia natal. Vivia aí retirado, entregue aos seus livros. Mesmo ao velho Antero visitava raramente, duas ou três vezes por ano. Mais frequentemente era que o professor o procurasse. Nunca ele per-

(Conclui na pag. 31)

...preparando-se para uma vida melhor

Nesta sala de aulas estão os cidadãos, as mães e os pais de amanhã. Aqui estão também os futuros médicos e cientistas. Em que mundo viverão e trabalharão? Será um mundo melhor, mais sadio?

Antes de responder, considere as gigantescas realizações da ciência médica nestes últimos anos, contra a enfermidade e o sofrimento humanos. Foi um privilégio para a Casa Squibb ter desempenhado o papel que desempenhou, com suas importantes contribuições a esse rápido progresso da medicina.

Os laboratórios Squibb por exemplo, aperfeiçoaram um método para produzir a preciosa penicilina em enormes quantidades, para distribuição mundial... fizeram novos descobrimentos no setor vital da nutrição... aperfeiçoaram novas drogas de combate aos vírus infectuosos... lançaram anestésicos revolucioná-

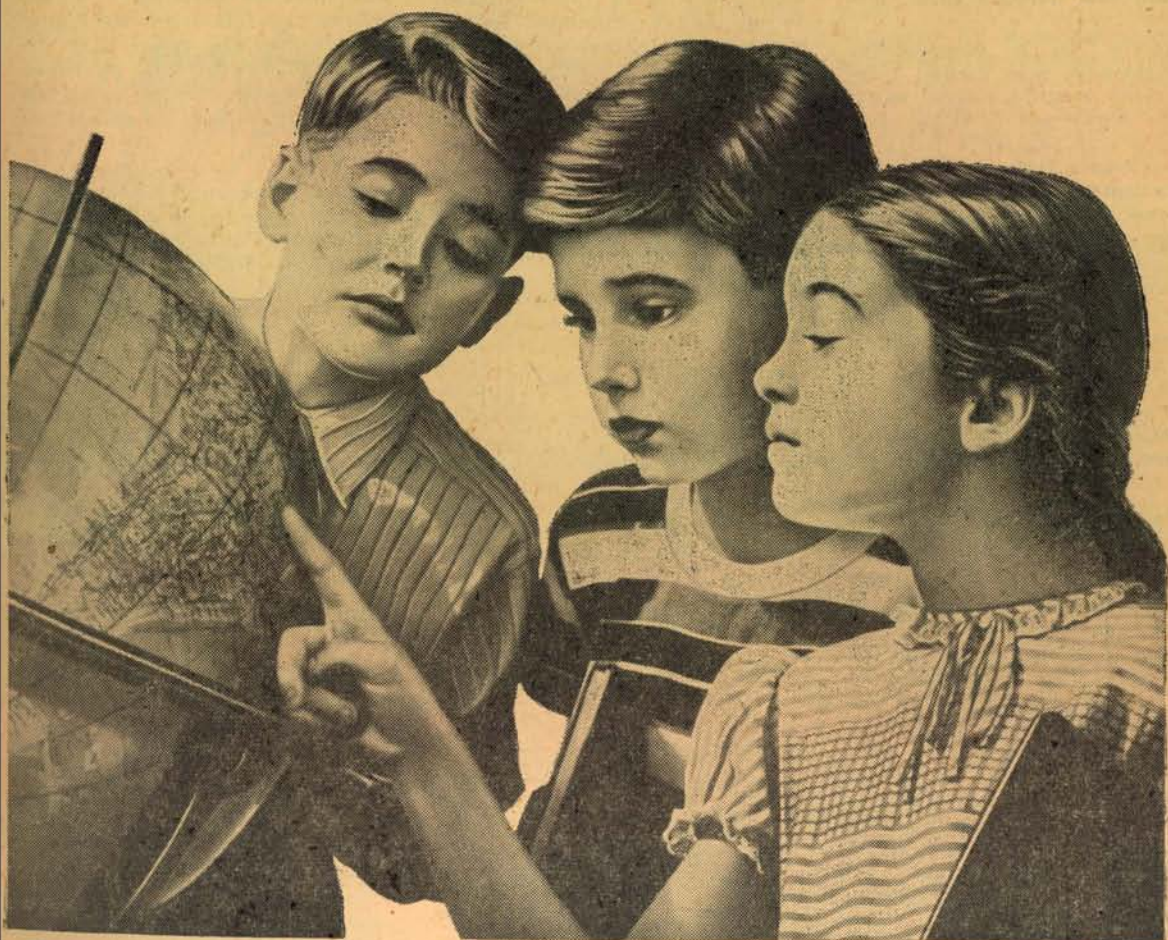
rios que tornaram mais fácil a cirurgia... trabalharam sem cessar em busca de novas armas contra as doenças tropicais.

Essas são apenas algumas das significativas contribuições de Squibb para a ciência médica. A mesma visão, a mesma pesquisa exaustiva e o mesmo conhecimento científico presidem à preparação de todos os produtos Squibb. Por isso é que são tão altamente considerados e usados com tanta frequência pelo seu médico, seu dentista, seu farmacêutico. Você pode confiar no nome Squibb.

E·R·SQUIBB & SONS DO BRASIL, INC.

Produtos Químicos, Farmacêuticos e Biológicos

1010



SQUIBB... FAMA MUNDIAL EM PESQUISAS MÉDICAS

O Menino e o Cão

Conto de Neyde Joppert

Ilustração de Fábio

NAQUELE tempo eu era o moleque mais temido na Vila do Matoso. Beirava meus doze anos e parecia um azougue. Era miúdo, cheio de ossos e sardas, cabelos vermelhos atirados para o alto como se fôra um ouriço. Ligeiro como fogo em mato seco, vermelhão de sol, freguês devoto da botica do "seu" Acácio pois sempre andava me esborrachando por onde aparecia.

Era feliz; estupendamente feliz na casa pobre de meu pai, um dos melhores ferreiros de todo aquele lugarejo. Mamãe lavava na tina os meus trapos sempre esburacados nos espinhos das laranjeiras e sempre os remendava com uma devoção tôda especial.

Também eu a compensava; afetuosamente pelo menos. Queria-a com loucura. Seria capaz de me atirar sob o velho trem de lenha que passava à porta de casa se isto a tornasse feliz.

Mas voltemos a mim. Era um moleque extraordinário! tinha qualquer coisa de macaco além da aparência; era uma atração irresistível pelo tópo das árvores. Gostava de subir, de saltar pelos galhos afora sem medir consequências. Gostava de pairar lá no alto, bem no fim dos troncos, bem no extremo onde nasciam as últimas folhas. Lá de cima eu me sentia dono do mundo, via o sol mais de perto, as estrelas maiores, as nuvens mais dentro de meus olhos.

Passava horas assim trepado. Esquecia de tudo. Havia tanto que ver, tanto que admirar, lá no meio dos galhos!

Era a única forma de minorar as traquinagens. Em baixo eu me transformava! tinha pedras no bolso para atirar, na estrada, aos animais que passassem. Gostava de perseguir os patos selvagens que descansavam à beira do riachão, torturava os gatos com armadilhas disfarçadas no quintal de casa, espetava os bois carreiros com um velho garfo que trazia na cintura à moda de punhal, era, em suma, um pesadelo para todos os seres vivos que passavam à minha frente.

Quantas vezes papai me cortou de cinturão. Berrava com

desespêro mas não fugia ao castigo. E, no entanto, mal saído da palmatória, lá me ia fazer o diabo novamente.

Dona Zenóbia morava ao nosso lado. Criava galinhas, vendia ovos e possuía a mais sedutora floresta de amoreiras que seja lícito imaginar. Ali era o meu paraíso. Passava o dia inteiro afundado no sumo roxo das amoras, comendo, bebendo, gota a gota, favo a favo, aquelas frutas maravilhosas! Às vezes deixava o furto, corrido a pauladas. Mas qual! era inútil. Todos sabiam, eu inclusive, que haveria de voltar.

Na venda do "seu" Incitatus ninguém me tolerava. Fugiam de mim como se eu fôsse portador de um mal contagiante. Infelizmente acostumaram-se depressa aos meus gostos prediletos e assim que me avistavam passavam tranca nas tangerinas e rapaduras cujo lugar comum era à beira da porta, sob o sol e as moscas.

Mas a vida era boa. Mesmo eu não era assim tão mau. Apenas levado; mas tinha um enorme coração.

Foi por esse tempo que apareceu lá em casa, trazido não sei por quem, o cachorro mais desgastado do mundo. Era grande, gordão, palpebras dobradas por uma preguiça que virava sono quando, encostado num lugar de silêncio, escapava às minhas judiarias. Era todo negro, lustroso, cara de matuto idiota, sempre de queixo caído e três dedos de língua à mostra, pingando baba. As orelhas, dobradas sobre a cabeça, aumentavam-lhe a estupidéz da fisionomia; o focinho inquieto parecia uma colossal jaboticaba.

Chamava-se Canário. Muitíssimas vezes fiquei frente a êle, de queixo nas mãos, estudando-lhe os gestos, a aparência, inúmeras coisinhas, mas confesso que nunca atinei com a justificativa daquele nome. Canário! ora vejam só...

Minha vida com êle foi um capítulo tenebroso. Canário era meigo, tentou conquistar-me. Mas qual! fechei-me em copas e nunca lhe dirigi um olhar carinhoso, uma palavra amiga, um movi-

mente de afeto. Antipatisava-me com êle duplamente: primeiro por sua aparência; parecia-me lerdo, desanimado, incapaz de me acompanhar nas correrias pelo mato, nos saltos pelas pedras; e êsse era o meu tipo favorito de cão. Segundo, porque Canário, voluntariamente, arvorou-se em meu protetor e vivia me espreitando, me seguindo de longe, me farejando os passos como se fôra meu anjo da guarda. Quantas vezes despistei-o com astúcia, corri-o a pedradas, mas o bicho não me largava! Procurava-me a pista, esquivava-se das pedras e continuava atrás de mim como um escravo.

Frustrava a minha agilidade pois andando à minha frente avisava "seu" Incitatus da minha terrível aparição e daí para diante era custoso furtar as rapaduras e tangerinas que o vendeiro, por distração, esquecia de esconder.

No quintal de dona Zenobia já quase não penetrava pois Canário, não podendo escalar o muro, ficava do lado da estrada fazendo um estardalhaço, abalando céus e terras com seus latidos de barítono, mais ressoantes que as latas e painéis que eu costumava amarrar ao rabo dos gatos para vê-los disparar tocados pelo proprio barulho que produziam.

Canário era uma praga!

Quando eu subia para o tópo das árvores, saturado de tanto amolar a vida dos outros, sedento de tranquilidade, lá me ficava o cachorro pregado às raízes como uma sombra. Poderia me demorar lá em cima por horas sem conta; Canário não desprezava um instante, ainda que a língua lhe caísse de sede.

Se me encontrava a dormir, sob a fronde rala das pitangueiras, então guardava uns metros de distância, estirava-se, cruzava as patas da frente e, todo quietude, espreitava-me longamente como se velasse um tesouro.

Nas horas de refeição era comum eu entrar na pancadaria por causa daquele cachorro. Sentava-me na mesa, passava a mão no leite e na geléia e punha-me a comer as fatias de pão que mamãe me destinava. Pois lá me

vinha o Canário com seu jeitão de matuto postar-se a meus pés. Punha-me uns olhos lânguidos, suplicantes por um naco de pão com geléia de ameixa. E se eu fingia não vê-lo, então as cousas pioravam! Canário gemia, choramingava, sacudia a grande cauda felpuda e agitava nos meus joelhos a úmida jaboticaba que era o seu focinho.

Procurava espantá-lo com ameaças e ponta-pés sem que meu pai notasse; procurava dominar-me, manter-me calmo; mas finalmente, exasperado, mandava-lhe em cheio a vasilha de leite, o pote de ameixa e ainda por cima uma saraivada de fatias de pão. Então nem podia verificar a atitude que Canário tomava pois mal terminada aquela explosão, já me sentia nos ares, levado pelas orelhas a caminho da garage onde meu pai metia-me o couro com vontade.

Saído da surra, lacrimejando, sentido e furioso, eis-me a caminho do mato para o consolo verde e amigo das minhas árvores.

Quando cruzei o pátio da cozinha, estarrecido de surpresa, de raiva, de vergonha, vejo através as lágrimas o vulto negro, lustroso, inconfundível do pobre Canário.

Que devoção!

Vem até meus pés, humilde e terno, ainda sujo de leite e lambuzado de ameixa, traz espetado na orelha um frangalho do pão que eu lhe atirara. E esquecido de tudo, sem máguas, sem rancores, lambe-me os joelhos implorando perdão por me fazer sofrer. Que grande amigo!

*

Hoje lá se vão tantos anos que até perdi a conta. Nem sei se ainda existe a venda de "seu" Incitatus, as amoras de dona Zenobia e as pitangueiras de fronde rala sob as quais eu dormia. Só sei que lá na Vila do Matoso, num canto de chão coberto de sombra, repousa para sempre o grande coração do meu cão dedicado. Perto dali há um pé de manacá e o vento da primavera, que desabrocha as flores, cobre de pétalas brancas o túmulo de Canário.

Naquele tempo eu costumava nadar no riachão. Era um córrego profundo, veloz e terminado em uma cachoeira que estourava a um quilômetro e pouco

além de nossa casa. Ninguém sabia de minhas aventuras nas águas da corredeira. Mas um dia, como que adivinhando o risco a que me expunha, Canário seguiu-me até o banho e depois que me pilhou dentro d'água passou dentes na minha calça e foi até em casa levá-la à mamãe. Fiquei impedido de sair da corredeira pois era aquela a única peça de roupa que eu trazia.

Quando mamãe apareceu, assustada com a minha afoiteza, levou-me de volta e me fez prometer, ajoelhado na frente de uma imagem de Santo Anastácio, que jamais entraria de novo nas águas do riachão. E para sua maior segurança lembrou-me que contaria o fato a meu pai se eu desobedecesse e aí eu bem imaginava o tamanho da sova.

Seguí o prometido apenas por algum tempo. Fui pesando os prós e os contras e acabei decidindo que Santo Anastácio não ficaria tão aborrecido com a quebra da jura. O caso da sova era coisa secundária; já estava caído.

Dentro de mim havia muito mais recelo de ofender o santo que propriamente de desafiar o cinto de meu pai. Das lambadas eu já conhecia claramente o sabor mas a ira de Santo Anastácio



Escreva um conto e ganhe Cr\$100,00

NO sentido de estimular as vocações e proporcionar incentivo aos valores novos de nossas letras, a direção de ALTEROSA instituiu um "Concurso Permanente de Contos", premiando com a importância de Cr\$100,00 o melhor trabalho que receba durante cada mês, nesse gênero, além de inseri-lo em suas páginas com ilustrações a cores.

Concorra também a esse interessante concurso que vem revelando ao público contistas de valor até então ignorados, obedecendo às seguintes bases:

- 1.º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço n.º 2, com o máximo de 7 laudas em formato ofício e o mínimo de 4 laudas.
- 2.º) — Motivo e ambiente nacionais.
- 3.º) — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.
- 4.º) — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral, sadio e honesto.

✱

Além do prêmio ao melhor trabalho do mês, serão publicados os que forem julgados dignos de Menção Honrosa.

✱

Todos os contos aproveitados, premiados ou não, terão os respectivos direitos autorais reservados por ALTEROSA.

✱

Não se devolvem originais enviados para este concurso, ainda que não aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos com os autores.

io eu não sabia em forma de que castigo viria me atingir.

Mas eu era mesmo um moleque extraordinário! Valente, desabrido, capaz de meter mão em qualquer formigueiro. Larguei de lado a promessa e no primeiro dia de sol em que tive uma folga saí correndo, mata afora, em direção à corredeira.

Ia tirando a roupa mas lembrei-me de Canário. E se aquele maldito cachorro viesse apanhar meus farrapos para ir mostrar a mamãe a minha desobediência?! Olhei o sol: estava radioso! Seria fácil secar a calça e a camisa se estas se molhassem. Sim, porque eu não pretendia tomar um banho de verdade. Sei lá, tinha medo!

Entrei nágua lentamente, me escorando nas pedras e nos arlustos que nasciam pela margem. A água fria sacudiu-me até os ossos!

Era um dia muito claro, muito quente, muito verde no meio da mata. A correnteza dobrava-me os joelhos, puxava-me, punha-me tontura nos olhos pois não podia acompanhar com a vista o movimento das espumas que passavam desabaladamente.

Acabei me decidindo a entrar de todo na corredeira. As águas batendo-me nas pernas eram de uma atração irresistível. Afinal aquilo era ter uma uva entre os dentes sem poder mastigá-la.

Pensei em voltar à margem e tirar a roupa; mas de novo a lembrança de Canário me atravessou a cabeça.

Depois de ligeira reflexão e após, olhando o sol, ter calculado se teria tempo de secar tudo e voltar a casa antes da noite, voltei-me, assim vestido, para o meio das espumas.

Tinha já meio corpo mergulhado no riachão. Tão gelado me achava que os dentes batiam violentamente uns contra os outros. Lá em baixo, o fundo, meus pés fincados na areia davam passo após passo com toda cautela.

Experimentava uma sensação deliciosa! Uma impressão de liberdade voava sobre a minha cabeça, envolvia-me num turbilhão de gozo! As águas rebentavam no meu peito com a fúria de quem esmaga um impecilho!

Mantinha-me fixo à margem do córrego prendendo com a mão direita uma planta que realmente fazia milagre em sustentar o meu peso. O braço esquerdo, todo livre, servia-me de remo e concha para molhar a parte superior do corpo e a cabeça que

as águas apenas conseguiam me pingar.

Mas por fim a plantinha cansou de me aguentar. Foi então que passei o momento mais agustioso de minha vida. A torrente me arrastou, fêz-me de f lha seca em seus dedos furiosos. Caído de surpresa, sem tempo entender o sucedido, respirei fundo dentro d'água e voltei à t na inteiramente zozzo. Senti violentamente arrastado pelo leite da corredeira, machucava-me as pedras do fundo, batia-me, rolava e não podia retomar equilíbrio.

Foi então que por meu cérebro confuso passou uma lembrança aterradora: a cachoeira!

Ia-me espatifar na queda d'água! Já quase não tinha forças para me manter na tona e senti o perigo avançando em passos largos. Meus olhos já misturavam a claridade do dia e a escuridão do fundo do riachão num embaralhamento atordoante! Um enorme lassidão foi se apossando de mim e nem mesmo o pânico provocado pela idéia da morte chegou a me dar um novo alento. Estou certo que perderia os sentidos se tornasse a mergulhar outra vez.

Bem neste momento alguém de alguma cousa levantou-me pegou a camisa! Levantou-me suficiente para que eu tivesse tido a cabeça fora d'água. Respirei fundo e as idéias se me aclararam um pouco. Senti que permanecia mais ou menos parado no mesmo lugar e que o meu salvador lutava por alcançar um das margens. Pensei logo em Santo Anastácio! era um milagre! E cheio de fé agarrei-me naquela cousa que me ajudava. Voltei um pouco a cabeça e... Não! não era um milagre! Aquelas braços peludos, aquela cara preta... Não! nunca poderia ser Santo Anastácio!

Que grande ironia! Era Canário que me prendia com seus dentes enquanto ambos lutávamos desesperadamente; eu tentava pegar nas folhagens que caíam dentro d'água. Nadamos os dois com forças redobradas! era a primeira vez que nos aliávamos num mesmo gesto, um gesto importante, imperioso, maior que tudo que conhecíamos: a nossa salvação!

Não sei quanto tempo duro aquele desespero. Senti que meus pés afundavam na areia; enfim tomava equilíbrio! Agarrei-me num galho! firmei pé na mar

(Cont. ui na pag 20)

A PECADORA

CONCLUSÃO

Se o não sabe, há de sabê-lo! Amanhã mesmo, Berenice, partiremos para Betânia. Segundo dizem, estará em casa de Simão, o fariseu. Quero que saiba o quanto eu o amo!

— Mas, minha ama! — contestou Berenice — Não a deixarão entrar em casa de Simão. E ainda que consiga entrar, esse Jesus, tão observante da Lei, não a evitará? Minha ama parece não conhecer os hebreus, homens de sua raça. . .

— Berenice, repito que não conhece a Jesus. Diz-me o coração que, mesmo que os fariseus hipócritas me recusem, ele não me repudiará!

E dizendo isso, mandou a escrava preparar-se para a viagem a Betânia, onde estava Jesus, na casa de Simão.

*

Vestida com um dos seus mais suntuosos vestidos, disposta a pisotear publicamente todo o seu passado, sacrificando tudo o que tinha sido a razão de sua existência pelo amor de Jesus, Maria Madalena vai procurá-lo em casa de Simão. Os seus cabelos compridos distribuídos nos ombros dá-lhe um encanto celestial. Leva nas mãos um vaso de alabastro e o mais caro dos unguentos do Oriente.

Quando penetra na casa em que está Jesus, os que o cercam estão no mais animado da reunião. Súbito, um silêncio que revela o espanto geral. Maria aproxima-se do Nazareno; cai-lhe aos pés, beija-os, regando-os de abundantes lágrimas. Tomando o vaso de alabastro, derrama sobre eles o bálsamo, e o enxuga com sua fulva cabeleira.

Erguendo os olhos, encontra os de Jesus.

— Mulher, tu te salvaste. São-te perdoado os teus pecados porque amaste muito! Vai-te em paz. . .

Mas no fundo do seu coração, Maria ouviu aquelas palavras como se fôsssem: “Maria, muito te amo porque me amas muito”.

Jesus e Madalena se amam e se compreendem.

*

Dias depois, um pavoroso incêndio reduz a cinzas o castelo de Madalena. Nem o bosque de sicômoros foi poupado pelas chamas.

Da famosa pecadora sómente resta o seu coração que bate uníssono com o do Rabí, a quem ela acompanha constantemente em suas santas peregrinações.



para as donas de casa

Os objetos de marfim podem ser polidos primeiramente com pedra-pome de pó muito fino diluída em água e, a seguir, com alvaide e água de sabão. Friccione-se com um pano macio.

*

Para que as gavetas do toucador não façam ruído ao serem abertas, deve-se passar um pouco de sebo ou sabão, em pequena quantidade, o que será suficiente.

*

Com a sobra de lã dos “sweaters” feitos em casa, pode-se obter algo muito útil e necessário para a dona de casa, ocupada em sua cozinha: montando uns dez pontos, teç-se-á um retângulo que se pode empregar para pegar os cabos aquecidos das colheres. Em um ângulo, coloca-se um laço para pendurá-lo após o serviço.

*

Os cristais, quando lavados com uma solução de glicerina, não só ficam mais brilhantes como também livres de qualquer umidade que os embacie.

*

O mel tem a virtude de ser completamente assimilável e passar para a atividade circulatória sem deixar qualquer resíduo. Além de ser nutritivo, exerce ainda uma ação depurativa no sangue.

*

Afim de que os ovos não arrebentem pelo calor, quando postos na água a ferver, convém deitar um pouco de sal na água, o que evita estalarem.

*

A ação digestiva do sal está plenamente comprovada, pois ativa, na boca, a secreção salival e, no estômago, a secreção do suco gástrico.

*

As escovas, após serem lavadas, devem secar com o cabelo para baixo, afim de evitar que este, recebendo a água, apodreça.

*

Quando a palhinha das cadeiras começa a ceder é bom lavá-la na parte inferior com água e sabão e, quando quase enxuta, esfregá-la com um pano molhado em água quente na qual se tenha dissolvido um pouco de cola.

*

O gelo nunca deve ser acrescentado às bebidas que se vão ingerir, pois que ele contém impurezas trazidas pela água de que se compõe. O gelo deve ser aplicado exteriormente.

*

Para conservar-se a geladeira em bom estado é necessário evitar que a camada de gelo interna ultrapasse a espessura de um lapís. Quando isso acontecer, com uma vasilha de água quente procede-se ao degelo.

O PASSADO

CONTO DE ARTUR DE CASTRO BORGES

Ilustração de Alberto Lima

— Não posso, Hugo!... Não posso!...

— Por que não pôde?

— O passado... Uma sombra...

— Ora!... O passado!... O passado já se foi. Esqueça-o. Pense no presente, faz o seu futuro.

— Sim, fácil é dizer. Mas a memória... Não consigo abafar o que se gravou nela já tantos anos, mas, justamente na época em que tudo fica tão bem guardado na infância.

— Bolas!... Você não diz que a "pequena" é inteligente?

— Inteligentíssima!

— Culta?

— Muito. Soube que cursou a Faculdade com muito brilho. Além disso fala o inglês corretamente.

— Rica?

— Rica, não. Remediada...

— E então? Por que não resolve?...

— O passado...

— Que coisa enervante êsse seu passado!... Conte-me, então, Procurarei ver se compreendo "êsse seu passado". Mas... vamos andando...

— Sim, vamos andando, mas, antes, olhe as luzes daquela rua. Veja, repare bem no movimento desusado que há ali.

— Que é que tem? E' o lugar onde se faz o "footing" aqui no bairro...

— Isto mesmo. Passeiam ali os jovens, as crianças, os namorados não é isso?... Foi foi num "footing" como êsse que começou a minha história.

— Que história?!... a do seu "passado"?!

— E' sim. Tinha eu, justamente, 15 anos. Usava calças compridas há muito e não saía sem um bonezinho listado.

— Aquêlê que vi num seu retrato?

— Isso mesmo. Passeava no "footing" do meu bairro todos os dias, das 7 às 10, conversava com todos os rapazes e moças, apresentava meninotes e meninas e amava com um D. Juan mirim ou um Casanova ainda imberbe.

— Mas, que tem, isso?!... Tô-da criança namora e acha que o "atual" é o "último sonho de amor" e... nem é o primeiro...

— Não no meu caso. Naquela

época, cada dia, é verdade, o "beija-flor" mudava de gosto: era a simpatia da Luiza, a graça da Maria Helena, a bondade da Glória... e os dias iam passando...

Um dia, porém, alguém diferente passou pela rua onde passeávamos. Era uma menina linda de seus 14 anos, bela como um serafim. Caiam-lhe sobre os ombros as tranças louras que refletiam a luz da rua e das casas. Mais tarde veria que o sol fazia uma orgia de luz naqueles cabelos.

— Já sei tudo. Era um anjo a guria, não era?

— Um anjo, não. Um arcanjo.

— E daí?

— Daí... como fôsse desconhecida no bairro, segui-a e persegui-a, de longe, pois estava acompanhada.

Tanto a segui, tanto a persegui, chamei tanto a atenção que, finalmente, consegui despertar algum interesse e, depois, namorar aquela criança linda!...

— Mas, quem era êsse afinim que tanto v. elogia?

— Espere, já lhe conto. No fim de dois dias foi que consegui falar-lhe e... começamos. Sentia, porém, que aquêlê amor era estranho...

— Estranho, nada! Igual aos outros!

— Não, Hugo, não era! Era diferente. Eu amava, não a meni-

na em si, mas, a candura, a bondade, a inocência daquela criança. Imagine que um dia quis pegá-la nas mãos, como sempre fazia com as outras e... que fez ela? Deu-mas com tanta graça

com tanta simplicidade, com tanta inocência, que quase recusei. Ao notar aquela falta de maldade às vezes, até repugnante nas mulheres, senti remorsos na minha alma, medo de tocar naqueles dedos de pontas tão rosadas e de alvura sem par. Tive pavor de manchar, com o pensamento, Hugo, aquela alma pura... Daí por diante, então, por causa disto amei-a cada vez mais, de modo estranho e tinha dentro em mim uma espécie de altar para adorá-la.

— A "santa"?

— Não seja mau, Hugo. Continue!... O tempo, porém, traz a confiança, a confiança, a intimidade, e acostuma-se, meu amigo. Acostuma-se... Ela continuava muito cândida, mas eu, sentindo voltar, mais fortes, certos desejos, quis beijar aquelas mãos de neve que há poucos dias pegara com remorsos... A quanto vai a baixeza humana!...

— E ela deixou?

— Deixou, nada! Mal rocei os lábios e ela já se sumira pelo portão a dentro, deixando-me atordoado pela rapidez da cena, abobado com o gesto rapidíssimo. E vexado de vergonha, sem saber para onde ir e por onde, segui sem rumo, trocando os passos pelas ruas temeroso pelo resultado da aventura. Inocente como era, envergonhadíssima, nunca mais conseguí vê-la quando criança, pois fugia de mim.

Três noites seguidas esperei-a no portão, fiquei no caminho do colégio que cursava... e nada! No quarto dia, vi que a casa estava fechada. Quis perguntar ali por perto que havia, mas, não o fiz corrido de vergonha. No quinto dia lá estava eu. No sexto, como a casa ainda se mantivesse fechada, descobri que haviam mudado. Perdia-a de vista mas a trazia, sempre, na memória e no coração.

Passado muito tempo, vi-a na rua, mas não nos cumprimentamos, pois ela baixou os olhos e



enrubescou-se toda. Muitas vezes isso aconteceu. Também... sempre acompanhada de pessoas que eu não conhecia!...

— Sua história é longa...

— Sim, muito longa, Hugo, dura já 10 anos. Agora, com "25 primaveras", formado, bem na vida, procurando mesmo alguém que queira partilhar comigo as dores e os prazeres do mundo, fui outro dia a uma repartição para tratar dos interesses dum constituinte Quem encontro?!

— Ela!

— Justamente. Veio atender-me, ela em pessoa. Sorriu, sem aquele rosado anti-natural que eu fazia com a minha presença e, após atender-me, conversamos longos momentos. Convidou-me depois para percorrer o edifício, aproveitando a hora do lanche.

— E você aceitou?

— Percorremos todas as seções subimos todos os degraus a pé, e até fomos ver a vista do alto do prédio.

— Que bom é ser funcionário, hein?

— Não, é engano seu. A pobre durante o tempo em que me mostrou o edifício, convenceu-me disso.

— Como?

— Contando as injustiças que lhe fazem os chefes, a perseguição que os colegas moços lhe movem, e as palavras inconvenientes, ditas, a meia voz, pelas senhoras casadas. De tudo a coitadinha foge. Depois, disse-me ela:

— "Nasci para o lar, Artur, para ter a minha casa, para arranjá-la, cuidar do meu jardim, trabalhar, enfim, apenas para alguém que eu esperasse às tardes e que viesse, embora cansado, mas que viesse..."

Enfim, Hugo, inteligente como é, falou-me de tal maneira, deu tais cores ao caso, que saí penalizado. Procurei antes consolá-la. Falei-lhe que ainda encontraria esse alguém, que seria feliz, muito feliz!... E prometi-lhe que iria vê-la no dia seguinte. Com efeito, lá estive. Conversamos muito. Intirei-me de tudo que a aborrecia, de tudo que havia acontecido nesses dez anos, e perguntei-lhe, mais confiante, como perdera aquele ar de candura que era o meu enlévo.

— Um momento, Artur, essa moça é a Dalva?

— E'.

— Então, ela era inocente e boa, assim?

— Era. Pois aí está. Ela teimou comigo que ainda continua a mesma, que é a mesma pessoa, que ainda se recorda de mim, daquele tempo que paseávamos de mãos dadas, daquele tempo bom



de criança. Falou do meu boné riscado, e de como passara em claro as duas noites seguintes ao dia em que rocei apenas os lábios por aquela mãozinha linda. E terminou implorando que voltasse, porque me amava, e porque, não tendo amado ninguém depois que fugira de mim naquela noite, julgava ainda que eu pudessemos amá-la.

— E aí?

— Aí, entrou o "passado" que tanto o enfadou no princípio desta história.

Respondi-lhe que ia tentar: passearíamos muito, iríamos ao cinema, dançaríamos e conversaríamos para ver se das cinzas do passado surgiria o fogo do amor. E ela perguntou-me, então, se não a amava. Respondi-lhe que não. "E por que?" — perguntou-me. Expliquei-lhe como pude, que a imagem dela, a sombra, os traços infantis e inocentes que eu guardara na memória apagavam, dominavam, matavam os dela, agora.

— Mas V. ama, então, apenas



DUAS FÓRMULAS DIFERENTES para dois males diferentes

De acordo com os imperativos da
razão, da ciência e do bom senso:



N.º 1: Regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências.

N.º 2: Falta de regras, regras atrasadas suspensas, diminuídas e suas consequências.

REGULADOR XAVIER

O REMÉDIO DE CONFIANÇA DA MULHER

VAUMART

PRESENTES?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

ARTIGOS DE PAPELARIA?

OLIVEIRA COSTA & CIA.

SEMPRE NA VANGUARDA EM SORTIMENTO E PREÇOS

Av. Af. Pena, 1050 — Fones 2-1607 e 2-3016 — Belo Horizonte

os traços infantis que eu lhe dei
xei na memória? Ama uma coisa
que não existe mais??

— Não sei, Dalva, respondi-lhe.
Não sei dizer-lhe. Só sei que
quando a vejo, não a vejo como
está assim, de azul. Vejo-a sempre
de branco, com o laço assim
caído, loura, muito loura, com os
olhos lindos a fitar-me com tanta
meiguice, tão ternamente...

— Mas eu sou a mesma, voltou
ela. Continuo pura, não me misturei
com outras moças, nada disso
que minha mãe não me permitisse,
quase nunca fui ao cinema, fujo
de todos os homens, porque
ainda o trazia na lembrança.

— Está bem, Dalva, continue
eu. Está bem. Mas você já conhece
bem, muito bem, o mal. Talvez
que uma palavra apenas a tenha
feito perder o que eu admirava
em você profundamente.

— E vocês tentaram?

— Tentamos. Fizemos todos os
passelos: corremos muitas planícies
em cavalos de crias soltas ao vento;
dançamos valsas vieneses em
rodopios tão grandes como ninguém
dançou; escalamos picos, serras e
elevações para lá, lançamos, de uma
só vez, gritos dos quais esperávamos
o eco...

Mas, na minha alma, nem um
eco volta. Grito, clamo, apelo
pelo amor que eu quisera ter por
ela, que é tão boa, mas nada...
nem um eco!...

— E é o "passado"?...

— Então... Quando a olho. Hugo
quando a olho, ainda não a vejo.
Vejo-a como há dez anos atrás, e
todas as noites, ao despedir-me
dela, frente a outro portão
ou ao lado de um pé de dama-da-
noite, tomo-lhe ainda as mãos, e
ela, abrindo-me os braços, aperta-
me fortemente; busca, com os
lindos olhos que tem, meus pobres
olhos; ofusca, com o seu perfume
de mulher, o perfume suave do
jasmim ou a fragrância forte da
flor noturna. Mas, embalde...
estou longe, muito longe,
vendo-a como quando era me-
nina ainda, inocente e pura, toda
vestida de branco, com um laço
assim caído... Não há remédio!
É o "passado"...

O MENINO E O CÃO

CONCLUSÃO

gem e agarrei Canário, inteiramente
exausto, por uma perna dianteira.

Tropegamente subi o barranco
e, já em terra firme, caí de bruços
no chão gramado. Sentia-me
exgotado. Abri os olhos num
esforço e vi Canário deitado a meu
lado todo ensopado. Não conse-

guí fazer um gesto, mover um membro. Ouvia apenas o marulhar da correnteza, o ronco da cachoeira já perto dali e o ressonar agitado de Canário que dormia a meu lado.

Dormimos os dois não sei quanto tempo. Quando acordei o sol já desaparecera atrás das altas copas e toda a passadeira, recolhida aos ninhos, soltava fracos pios como um foce acalento.

Ainda estava de bruços e notei que as forças me voltavam totalmente. Tinha o corpo doido, mas as roupas já secas e senti no meu braço um calor anormal. Voltei os olhos: era Canário com a grande cabeça apoiada em meu cotovelo. Seus olhos espertos fitavam-me ternamente e lá por trás a cauda negra e felpuda abanava toda alegre num gesto de vitória.

Sorri-lhe. O melhor e o primeiro de meus sorrisos para o cão dedicado. Afaguei-lhe a cabeça e ele se aconchegou ao meu pescoço. Seu focinho estremeceu de emoção ante aqueles agrados.

Depois nós levantamos, lépidos, amigos, prontos para recomeçar a vida no dia seguinte.

El jamais alguém compreendeu a minha metamorfose. Ninguém soube explicar porque deixei de furtar as tangerinas e rapaduras de "seu" Incitatus, as amoras de dona Zenobia, e deixei de espetar os bois carreiros, de jogar pedra aos gansos e de amarrar latas ao rabo dos gatos. Ninguém soube porque não voltei a merecer as sovas de cinturão e deixei de atirar geléia à cara do meu cachorro. Ninguém compreendeu meu desapêgo pelo topo das árvores onde nascem as últimas folhas. Ninguém soube entender porque dali por diante eu e Canário passamos a dormir, como grandes amigos, à sombra rala das frondes das pitangueiras.

Hoje já lá se vão tantos anos que até perdi a conta. Nem sei se ainda existem a venda de seu Incitatus, as amoras de dona Zenobia e as pitangueiras de fronde rala sob as quais eu dormia. Só sei que lá na Vila do Matoso, num canto de chão coberto de sombra, repousa para sempre o grande coração do meu cão dedicado. Perto dali há um pé de manacá e o vento da primavera, que desabrocha as flores, cobre de pétalas brancas o túmulo de Canário.

NOITE DE ESTÍO

No azul, no grande azul em que flutua,
— Ninfêa enorme, pálida, dolente, —
Distilando narcóticos, a lua
Dorme, como num lago, molemente.

Da curva praia o seio se debruça
De uma renda de espuma alvinhenta;
E o mar parece recordar a sua
Lendária infância, transcendentalmente...

Calma. Mudez. Nenhum sinal de vida.
A natureza inteira, adormecida,
Sonha, no encantamento do luar...

Apenas, como um eco de outro mundo,
Julga-se ouvir, recôndito e profundo,
O coração da terra, a palpitar.

SOARES DA CUNHA

★ O JOGRAL LOURENÇO ★

AFONSO III trouxera de Bolonha, no século XIII, hábitos intelectuais. Foi o primeiro rei português que se rodeou de poetas e que os utilizou como arma política. Desses poetas, uns, de estirpe nobre, compunham versos e cantavam-nos por passatempo; outros, plebeus e mercenários, contratados expressamente para exercer na corte real o ofício de cantores — eram os jograis. Pelos decretos de chanceler Estevão Anes, o rei podia ter consigo, permanentemente, três desses poetas mercenários — não contando os segreiros, espécie de aedos ou cantores populares errantes, que andavam a cavalo, de terra em terra, e com os quais lhe era permitido dispendir até cem maravedis. Os jograis de Afonso III foram Lourenço, Martim Moxa e Diogo Peselho; juntaram-se-lhes, em vários tempos, o astuto Picandon e o leonez João. Sentados em arcas quando o rei comia, da de pernas cruzadas nos tijolos aragoneses dos lares do paço, os jograis, abraçados a alaúdes ou citolões enormes, improvisavam composições amorosas, a que chamavam *cantigas de amigo*, ou satíricas, que denominavam *sirventes*, o que o rei habilmente aproveitava para avisar os nobres de que lhes conhecia os maneios e as conjuras. Num desses cantores, pagos a saldo por Afonso III, estava um dia a alma ardente da raça; a fúria popular uivava-lhe nos nervos rebeldes e o jogral Lourenço, miúdo e negro, ataca, frente a frente, de igual para igual, os privados do rei; atira-lhes à cara os bens que usurpam e as rendas que devoram; diz-lhes que a terra de Portugal, cheia de pobreza, não pode ser presa de vândalos inúteis seqüiosos de ouro — e o seu capuz vermelho, chicoteando e varejando, espanta-os como a um enxame fulvo de vespas.

★ UM HARE'M NO AR ★

UM dos mais ricos marajás da Índia, o marajá Nag-pur, é um apaixonado pela aviação. Possui nada mais nada menos de quinze aparelhos para o seu uso pessoal. Porém, esta esquadrilha mal chega para transportá-lo e às suas esposas que sobem a setenta e cinco.

De espírito moderno, deseja que as suas favoritas sigam os seus deslocamentos aéreos. Isso lhe acarreta sérias dificuldades, já que, segundo a lei, as mulheres não devem ser vistas por outros olhos que os do seu dono. Assim o marajá, para subtrair suas esposas a toda profanação, mandou fazer sobre o próprio aeródromo um túnel especial afim de que elas não sejam vistas.

Mas que corrigiria se, no decorrer de suas viagens, se visse obrigado, por uma qualquer causa mecânica, a uma aterrissagem forçada?

Deveriam as esposas do marajá permanecer escondidas dentro do avião o tempo necessário para que se efetuasse a construção de um outro túnel?...



LINDA tarde de maio. Pelas ruas da grande cidade andam homens preocupados com seus negócios, que empurram Felipe Barthés de todos os lados, sem se dignarem de lhe deitar um olhar sequer.

Ninguém, absolutamente ninguém, lhe presta atenção, a ele, que veio expressamente de seu ninho da província, Carcassone, para fazer a conquista de Paris. Ele sente-se perdido, tudo em torno lhe parece hostil, é como se fosse um mísero barco jogado à mercê das ondas, para um lado e outro. E está sozinho naquele oceano humano. Se ao menos encontrasse um amigo...

E aparece na sua memória uma imagem, primeiro nebulosa; depois, os contornos vão ganhando nitidez: é a figura de um jovem esbelto, de fisiono-

mia franca, cabelos desgrenhados, olhar dirigido para longe e movimentos desembaraçados.

— Alain Feidel!

Felipe Barthés procura atravessar aquela chamada espessa com que o tempo cercou a sua memória. Mentalmente trava um diálogo com seu velho amigo.

— Alain Feidel! Como é que pude esquecer-me de você, velho amigo! Realmente, já se passaram dez anos desde que saí de Carcassone, também para conquistar Paris. Ria-me muito então da sua pretensão... Seus versos e sua prosa possuíam uma celebridade local, uma pequenina importância... mas conquistar Paris... Para isso é preciso dispor de mais objetividade, mais sagacidade, dentes afiados, cotoveiros reforçados, uma dose avantajada de confiança em si próprio e mesmo uma bolsa recheada... Eu tenho tudo isso... Estou com todos os trunfos na mão, não me faltando nem o principal, pois acabo de herdar meio milhão de francos; não posso deixar de ganhar o jogo... Mas você, pobre diabo, era apenas talentoso e honesto... já me esquecera completamente de você, mas agora, no isolamento em que me acho, vem-me à lembrança com certa simpatia. Por onde estará você? Daria muito para ouvir nesta cidade estranha uma voz que me lembrasse a nossa pacata cidade provinciana.

Felipe Barthés começa a encará-lo sério as suas reminiscências. Alain Feidel!...

— Naquela ocasião me escreveu duas ou três vezes recebendo sempre resposta... Mas depois... o que se há de fazer? Não é possível manter indefinidamente correspondência com pessoas tão distantes.

— Alain Feidel! — Quase deu um grito de satisfação. Lembrou-se de repente do endereço antigo: Boulevard Saint-Jacques, 30.

Felipe Barthés sente uma alegria sincera. Está impaciente por rever o amigo da infância e de poder trocar idéias com ele. Chama um taxi.

— Boulevard Saint-Jacques, mas bem ligeiro, número 30.

Uma casa velha de aspecto pobre e úmido, onde ninguém mais conhece Feidel.

— Talvez Rue du Tibre — diz a porteira.

Felipe fica obstinado... há de descobri-lo ainda hoje. Na rua do Tibre mandam-no para a rua Boulogne. Lá lhe dizem que Feidel mora na rua Lepic, no cume do Montmartre. Felipe Barthés diz consigo mesmo:

— Eu deveria ter logo imaginação que o poeta só podia morar em Montmartre.

Finalmente o taxi, que galgou a ladeira arfando, parou diante de uma casa parecida com a primeira do Boulevard Saint-Jacques.

— O sr. Feidel?

— No quinto andar. Terceira porta à esquerda.

Parece que o antigo amigo só se sente bem nas alturas. Que escada terrível! Terceira porta à esquerda. Com certeza é essa, envernizada de escuro, como todas as outras neste corredor de ladrilho. Nem sequer uma campainha....

Barthés bate...

— Entre!

Felipe abre a porta de vagar e mergulha numa claridade cor de rosa, que o crepúsculo envia por uma janela oposta à entrada.

Primeiro enxerga apenas a imensidão daquele céu transbordante de luz, percorrido a todo instante por andorinhas que se entrecruzam. A silhueta de um homem sentado a uma mesa se destaca como uma sombra do fundo resplandescente.



Fabrizio

A CONQUISTA DE PARIS

Conto de Marcelle Adam

Ilustração de Fábio

— Que deseja?
— Sou eu, Felipe Barthés... Alain, velho amigo, então não me conhece mais?
— Está claro que sim. Mas de onde está vindo?
— Onde há de ser senão de Carcassone!
Felidel acaba de levantar-se e Felipe constata:
— Não mudou nada... apenas parece um pouco fatigado.
— Mas você está imponente. O que é, presentemente? Tabellão? Deputado, diretor de um presídio?

— Por enquanto, nada disso. Mas serei tudo...
— Com os diabos! E de que modo?
— Vamos pensar ainda... Mas o que é feito de você, Alain?

— Sou literato, o que não me rende nada, e arquívista em um ministério, o que não me rende muito.

— Em uma palavra: uma existência que falhou!
— Não participe desta opinião!
— Não é um infeliz?
— De forma alguma! Canto um hino ao céu quando ele está cir de rosa, como hoje, e Daniele acha que sou um gênio.
— Daniele?

— A minha pequena... que é apaixonada pela arte, pela glória e por mim... Espera de mim uma obra prima dramática, na qual desempenhará o papel principal. E como não hei de ter fé nela, se possui o sorriso mais encantador do mundo?

Naquele quarto apertado, onde há uma cadeira diante da mesa de trabalho, Felipe se senta na cama estreita, donde vê a cidade estender-se a seus pés. Dá-lhe impressão de um campo de batalha.

As casas, os monumentos, as pedras, assemelham-se a ossadas de monstros derrotados, nuvens de fumaça negra cobrem tudo como um véu de crepe. Daquelas alturas as realidades e as dimensões das coisas escapam aos olhos. Tem-se a impressão de pairar no céu, cujos tons passam aos poucos de cor de rosa ao lilás. Felipe, tomado de vertigem diante do espetáculo a que não estava habituado, fecha os olhos balbuciando:

— Como Paris é imenso!

Depois juntou:

— A sua pequena tem razão. A vontade pode tudo... até a conquista de Paris.

Alain Felidel parece imerso: o seu cigarro está apagado. Depois responde, com ar de riso:

— Quer que o acuse de plagiário? Escrevi um livro com esse título: "A conquista de Paris".

— Escreveu um livro? Então goza de celebridade!

— A minha celebridade não vai além desse corredor.

— Deixe de brincadeiras... o seu livro...

— Ninguém o leu, nem sequer os editores, que o recusaram.

— Então não vale nada.

— Pelo contrário, acho que possui certas qualidades, e que tem, sobretudo, o cunho da originalidade. Descrevi esse Paris terrível, como se apresenta a um pobre rapaz vindo da província. São

pequenos quadros em que há uma certa ligação: poemas em prosa... história de uma alma...

Alain Felidel jogou fora o cigarro. Descreve sua obra com frases rápidas, ardendo em febre. Como o escultor amassa o barro, assim ele também modela as suas palavras, os seus pensamentos, fazendo de vez em quando um gesto para sublinhar para ressaltar o que sente. Tem o aspecto de um visionário, de um profeta, que percebe coisas distantes e ocultas, e Felipe se enche de um sentimento de respeito por ele.

— Como deve ser belo escrever! Mas por que essa indiferença dos editores?

— Ora, respondeu Alain, falta-me certa arrogância de atitudes, relações influentes, dinheiro e muitas outras coisas mais... Se eu me parecesse um pouco com você...

A noite penetrava no quarto com passos invisíveis. Os dois amigos não prestam atenção às horas que se escoam. Falam de suas juventudes, da sua terra, do passado e do futuro, mas ainda mais sobre seus planos.

A porta se abre devagar, e entra uma jovem esbelta, loura, com um sorriso nos lábios.

Daniele Hugou — diz Felidel — Minha querida Daniele... entra. Este aqui é Felipe Barthés, que acaba de chegar de Carcassone. Estávamos recordando passagens remotas. Falei-lhe do meu livro.

A jovem meneou os ombros.

— Seu livro... acreditarei nele quando me comprar uma pele que cobijo há três anos, com os rendimentos dos direitos autorais...

*

Dois dias depois, Felipe achava-se no gabinete do deputado de sua terra, um político de destaque.

— Então, meu caro Felipe, veio procurar-me para que o aconselhe a fazer carreira?

— Assistem-me certas razões para isso. Tenho trinta anos de idade, sei onde tenho o meu nariz e acabo de herdar de um tio meio milhão de francos. Para começar...

— E além disso tem você uma família influente nos departamentos de nossa província. Mas que pretende você?

— Glória literária!

— Sim, senhor... então escreve?

— Escrevo, respondeu Felipe, e ao dizer isso a voz tremia-lhe um pouco.

— Já escreveu algum livro?

— Sim.

— Qual o título?

— "A conquista de Paris".

Essas palavras lhe escaparam sem que ele quisesse pronunciá-las.

— De que se trata?

— Procurei fazer um retrato deste Paris terrível, em pequenos quadros, com certa ligação... pequenos poemas em prosa... É a história de uma alma...

Acodem-lhe essas frases de Alain e repete-as com convicção, pois experimentou em si mesmo o

No próximo numero de

Alterosa

- * Magníficos contos nacionais e estrangeiros, especialmente escritos ou traduzidos
- * Crônicas e artigos de palpitante atualidade firmados pelos mais consagrados escritores do Estado e do país.
- * Maravilhosos figurinos para o bom gosto da mulher brasileira.
- * Moda, beleza, arte, sociedade, humorismo, etc.

C\$ 3,00 EM TODO O BRASIL

efeito que elas causam. O deputado sorri com certa benevolência.

— Mas vejam só. Imagino como sua família vai se orgulhar. Vou ajudá-lo a construir sua glória. Hoje à noite levo-o a um banquete da associação literária e apresentá-lo-ei ao ministro das Belas Artes, aos críticos mais importantes que vão disputar sua obra... "A conquista de Paris". Havemos de levá-la a efeito.

*

No banquete, Felipe faz boa figura; está bem vestido e acham expressivo o seu rosto moreno.

O deputado apresenta-o como um afilhado.

— O rapaz é talentoso. Meu severo senhor crítico, aplaine-lhe um pouco o caminho... Vejo na sua lapela uma fitinha rubra que bem pode transformar-se em roseta... Mas trate de ajudar ao meu afilhado. Vai descrever-lhe o seu livro... pequenos quadros... história de uma alma. Conto com um belo artigo, ainda nesta semana.

Quando se aproxima o fim da reunião, os editores presentes se multiplam em atenções para o novo sol que nasce. Um deles faz-lhe uma proposta razoável:

— Dissê-me o seu padrinho que acaba de receber uma herança. Contribua com cem mil francos para as despesas de confecção do livro e eu vou arriscar quantia igual. Se quiser, apareça amanhã, para assinarmos o contrato. Logo em seguida

começarei com a publicidade que deve preceder a publicação...

— Infelizmente, diz Felipe, hesitante, o meu trabalho ainda não está inteiramente pronto...

— E que tem isso? Hoje em dia o essencial é o reclame...

Algumas semanas mais e Felipe Barthés já é uma celebridade.

Não há ninguém que desconheça os seus característicos, o seu talento.

Todo mundo fala do livro que ainda não está escrito e tantas referências a ele se vêem que todos imaginam que já o leram.

Certo dia Felipe recebe a seguinte carta:

"Roubou-me o título do meu livro. Como não possuo nem provas nem dinheiro, não posso lutar com você. Mas você é um grande tratante! — Alain Feidel".

Felipe encolhe os ombros. Apenas transformou em realidade o título de um livro.

Mas o editor insiste: ele quer o manuscrito, o seu manuscrito. Mas que manuscrito há de ser? Uma noite febril, um dia agitado, segunda noite de insônia, que lhe dá um raio de luz. De manhã cedo Felipe vai à rua Lepic, sobe resolutamente aquelas escadas íngremes e entra no quarto de Alain Feidel. Como está magro e triste!...

— Não faça essa cara de inocência ofendida, meu velho. Tiago-lhe a fortuna. Dou-lhe cinco mil francos pelo manuscrito do livro, que sem mim nunca viria à luz da publicidade. Será você o meu secretário. Cada livro lhe renderá cinco mil francos. Decida-se... aqui está o cheque assinado...

Feidel tornou-se lívido. Treme, hesita: é como se quisessem arrancar-lhe um pedaço da alma.

— Ah!... diz no fim de alguns instantes — Você é um tratante. Mas Daniele ameaçou deixá-lo. Aqui está o manuscrito. Tome-o e vá tratando de se pôr ao fresco...

*

Glória... glória... glória...

"A Conquista de Paris" é um livro traduzido em muitas línguas, dramatizado e filmado.

E a glória traz a sorte do amor.

Um dia Felipe recebeu a visita de Daniele Hugou, que vem solicitar um papel no drama...

Ela diz:

— Sempre amei o autor de "A Conquista de Paris", e esse autor é o senhor...

Felipe estreita-a nos braços.

— Vou fazer o seu futuro. Dar-lhe-ei um grande nome. Mas é preciso não dar nada a perceber a Alain... Afinal, ele é meu colaborador...

MAU HALITO produzido pela fermentação

A fermentação das partículas de alimento, que ficam nos interstícios dos dentes, é a principal causa do mau hálito. Destrua esse mal com o uso de Odorans — o dentífrico medicinal, de alto poder germicida

— que impede a fermentação e elimina o mau hálito. Faça bochechos e gargarejos com uma solução de Odorans pela manhã, à noite e após as refeições, para completa assepsia da boca.

ODORANS

O DENTÍFRICO MEDICINAL

2 HORAS
APÓS AS
REFEIÇÕES

Um presente
para o seu bebê!



As crianças são os sorrisos de Deus na terra!...

Mas uma criança só é feliz quando bem cuidada, e só é bem cuidada com o talco Lady, — um produto de pureza absoluta.

Fazei a alegria de vossos filhos com o talco que perfuma e refresca.

TALCO

Lady

* À VENDA EM TODO O BRASIL *

P. FERRAZ

Um Homem Perigoso

Conto de Ursula Bloom
Ilustrações de Rodolfo

FALTAVAM dois dias apenas para o casamento de Alice. E ela considerava que, passados esses dois dias, seria a mulher mais feliz do mundo. Carlos era bem o tipo de homem ideal e estava profundamente enamorado dela. Possuía todos os requisitos que fazem de um homem um grande partido: alto, um pouco arrogante, bem parecido e dono de incalculável fortuna. Quando Alice pensava nas qualidades do homem que escolhera para marido, entre milhares de outros, cria estar sonhando, porque ela também o amava com todas as forças do seu coração.

— Ele está enamorado de você — havia-lhe dito sua mãe na primeira reunião em que viu Carlos.

Então, ela não estava segura disso, apesar de que, quando dançava com ele ter podido observar os olhares de admiração de que era alvo.

Mas em muitos outros homens ela já despertara olhares iguais. Igualmente ouvira de outros homens: — “Você é encantadora. Poderíamos nos ver outra vez?” ou “Gosta de equitação?” “Gostaria de um passeio a cavalo?”.

— Gostaria imenso, mas sou uma detestável amazona...

— Se não se importar, terei prazer em ensiná-la.

Foi assim o seu primeiro contacto com Carlos.

Quando, dois dias depois, saíu com ele a passeio, compreendeu que lhe surgia um novo horizonte. Carlos era tão bom, tão compreensivo, e a cercara de tantas atenções... Naquele dia, ao voltar para casa, compreendeu que ele tomara conta de sua alma. Analisando sua afeição, compreendeu que ela tinha qualquer coisa de estranha. Outras vezes certos homens mereceram dela profundas simpatias, mas nunca sentira tão viva e tão forte a presença no seu espírito.

Nesse instante, na ante-vespera de seu casamento, um pensamento de tristeza vinha impedir que se sentisse completamente feliz. Era uma nuvem que vinha toldar o céu azul de sua felicidade. Entre ela e Carlos se interpunha uma sombra: Alberto.

✱

Conhecera Alberto logo que saíra da Escola. Que personalidade

estranha tinha então aquele homem. Possuía todas as condições para se fazer amar pelas jovens inexperientes, e com relação a Alice, não poupou esforços para conquistá-la. Ela acreditava ter encontrado o amor duradouro que aspira toda mocinha de dezesseis anos. Vivera dias felizes, embalada numa grata esperança de que ele a faria feliz.

Para ela, fôra aquele um amor radiante, pleno, em que se deixara envolver com toda a chama de sua alma inexperta. Com que emoção fizera longos passeios pelo campo, de braços com Alberto. Quantas vezes, à noite, furtivamente descera ao jardim para ouvir promessas de amor eterno. Tinham sido aquelas as primeiras palavras de amor que lhe soaram ao ouvido. E como as ouvira enlevada, convencida de que jamais no mundo houvesse outro amor semelhante ao seu, e que homem algum já existira que pudesse ser comparado a Alberto.

Esse idílio teve porém efêmera duração.

Logo que sua mãe ficara ao par de tudo, surgiram-lhe as reprimendas e as constantes observações:

— Não se enamore de Alberto. Ele tem muito má reputação, principalmente entre as famílias. Tomei observações a seu respeito, e asseguro-lhe que são as piores possíveis. Bem sabe que ele não trabalha e que nunca se submeteu ao trabalho. Além disso, é um homem perigoso, dado a aventuras amorosas. Possivelmente o que o atrai é a sua juventude. Você é ainda muito jovem e não pode ter um juízo seguro a respeito dos homens...

✱

Sua juventude... Não seria apenas sua juventude que despertara o amor de Alberto, tão puro em suas manifestações — pensa-

ra Alice. — Quanto ao que murmuravam a seu respeito, facilmente se compreendia que se tratava de línguas maldizentes. Apesar de ter pouca experiência nos casos do coração, ela possuía plena convicção de que as informações obtidas por sua mãe não passavam de interferências maldosas de terceiros.

— Esse homem não se casa com você, minha filha — repetia sua mãe — você representa para ele apenas mais uma conquista. E' preciso que termine esse namoro de uma vez para sempre. Se não o faz agora, depois de se arrepender durante toda sua existência.

— Mas eu o amo tanto, mãe!

— Minha filha, na sua idade a gente não compreende bem que é amor...

E ante a tenaz oposição de sua mãe para que as coisas não chegassem a um extremo irremediável, vieram as entrevistas furtivas, a correspondência epistolar sobreteída, em que Alice vertia todo o seu sentimento, todos os vagares de um coração apaixonado.

Um dia Alberto desapareceu de sua vida. A jovem compreendeu então, que as suas cartas podiam dar a entender, a quem as lesse, que, entre eles, aquele amor tão puro e ingênuo, havia transposto os limites que impõe o decoreto de uma mulher. Ela se lamentou de não havê-las escrito, mas jamais chegou a suspeitar de que, com o tempo, elas se tornassem um obstáculo para a sua felicidade.

✱

Alguns anos depois conheceu Carlos.

Ele era dez anos mais velho do que ela e acabava de perder a esposa.

Desta vez conheceu o amor sério e absorvente, que invade a alma e a inunda de esplendores. Era o verdadeiro amor, e Alice ao volver os olhos ao passado via que o amor de sua juventude não passara do desejo de uma alma sedenta de carinho e que na sua inexperiência, aceitara como ouro puro aquilo que não tinha sido mais que ouro velho. Lamentou ter conhecido aquele homem que tão cruelmente havia abusado de seu coração e resol-



eu sepultar as lembranças para a tão desagradáveis.

Considerava-se, agora, feliz, completamente feliz por ser amada e amar um homem bom, atento, e, sobretudo, elegante.

Como Alice, poucos dias antes de ficar noiva, lhe pedisse falas do seu passado, numa alusão para de que gostaria de vê-lo dizer algo a respeito da esposa falecida, Carlos respondeu-lhe lixeiramente aborrecido:

— Não falemos acerca disso, querida.

Alice teve a impressão de que recordar a ex-espôsa devia ser para ele um tanto penoso. Talvez a houvesse querido muito.

— Deve ser terrível para um homem perder para sempre a mulher que ama, Carlos. Mas não os apeguemos ao passado!

— Sim, não nos apeguemos ao passado. Temos um imenso futuro à frente. E sabe o que mais desejo e espero? Torná-la feliz, muito feliz, querida.

— Também desejo fazê-lo completamente feliz... E... não me interessa nada do que ficou para trás.

— O que não pertence a nós dois, em comum, não nos deve preocupar. Esqueçamos que já vivemos e que nos preocupamos com outras pessoas...

Alice não contestou, limitando-se a apoiar a fronte no ombro de Carlos, como se quisesse ocultar os pensamentos que nesse instante a assaltavam.

Que enorme diferença havia entre o homem que amava e aquele que um dia supusera amar. Carlos era meigo, franco e sobretudo sincero. Alberto, no entanto...

— Carlos — murmurou docemente — eu o farei muito feliz...

*

A data do casamento ficou marcada no dia em que ele a pediu. Esse tempo passou para Alice como se fosse um sonho de que ela temesse despertar a qualquer instante.

Agora, faltando apenas dois dias para a cerimônia, aparecia Alberto. Ela, que andava tão aborrida na sua felicidade, idealizando o lírico cruzeiro que seria a lua de mel, ao saber do regresso de Alberto Harris, sentiu que o seu futuro estava seriamente ameaçado.

O encontro com seu antigo conhecido, que tão importunamente aparecia, deu-se na casa de campo de uma família amiga, que organizara uma festa em homenagem os noivos. Para surpresa geral, Alberto compareceu à festa, e tão logo viu Carlos deixar



Alice, por uns momentos, foi tirá-la para dançar.

— Dancemos! — disse-lhe num tom decidido, como quem impõe uma ordem.

Alice, de tão surpresa, não teve coragem de uma recusa.

Depois de haverem dado alguns passos em silêncio, ele tomou a iniciativa para uma palestra:

— Quase não chego a acreditar que você está noiva de Carlos. Eu o conheço desde os tempos de rapaz. E você? Como passou todo esse tempo em que não nos vimos? Desculpe-me por não ter antes perguntado por sua saúde.

Alice não respondeu. Estava demasiadamente preocupada para contestar de maneira que parecesse natural, àquele homem que em outros tempos ocupara um lugar no seu coração, mas que, agora, a aborrecia muito. Ela amava unicamente a Carlos e com ele ia contrair matrimônio dentro de dois dias. E quando se

encontrava apenas a um passo de sua felicidade, eis que surgia aquela sombra do seu passado, que ela acreditava apagada para sempre.

Notando a perturbação que agitava o espírito da jovem, Alberto supôs ter chegado o momento oportuno para dizer-lhe os propósitos que o levaram até ali.

— Alice, deve saber que me encontro numa difícil situação. Creio que você deseja ajudar a um velho amigo... E' questão de dinheiro...

— Nós não somos amigos!

— Mas já o fomos em outros tempos...

— Não creio que isto lhe confira o direito de aborrecer-me com um pedido de dinheiro.

— Não se precipite e nem se entregue a sermões. Ouça uma coisa importante que tenho a lhe dizer. Estou muito precisado de dinheiro e você é a única pessoa



Tão doce como o primeiro beijo!

Delicado como uma carícia, suave como o veludo é o encanto do baton Michel. Em 11 belíssimas e esquisitas tonalidades, criadas com o único fim de dar maiores encantos a esses lábios adoráveis.

Feito para ser mais durável e para conservar os lábios sempre frescos, o baton Michel nunca se empasta e nem resseca os lábios porque é o baton mais fino e mais puro, que tanto beneficia como embeleza.



BATON • PÓ • ROUGE • MÁSCARA • SOMBRA • MAQUILAGEM CAKE



que me poderá arranjar a quantia que desejo.

— Mas eu não posso satisfazê-lo!

— Não, não creio que se recuse. Eu a amei muito e você muito me amou. Tenho ainda suas cartas como prova do carinho que me dedicava... Sei que são um pouco excessivas nas efusões do seu sentimento... Mas, o importante é que eu preciso de dinheiro, e que, de certa maneira, tenho o direito de exigí-lo de você.

Alice quase desfaleceu. Se aquelas cartas caíssem nas mãos de

Carlos! Ele saberia compreender que foram escritas por uma menina de dezesseis anos, inexperiente e tolinha? Apaixonado como estava, a sua decisão não ficaria a meio termo. Um verdadeiro turbilhão de pensamentos agitava-lhe o espírito e só compreendia que no seu caminho se havia erguido uma barreira intransponível. Como conseguiria as cartas comprometedoras? Ela precisava assegurar a sua felicidade e a de Carlos.

— Alberto, bem sabe você que eu não tenho dinheiro e que, ainda que quisesse ajudá-lo, não po-

deria... — contestou debilmente, depois de um largo silêncio.

— Não o tem hoje... Carlos rico como Cresco...

— Não posso pedir-lhe dinheiro para comprar essas cartas. Isso seria indigno! E' uma chantagem o que quer fazer comigo!

— Se o toma nesse sentido...

— Contestou-lhe com um sorriso cínico. — Mas há outras palavras mais suaves para interpretar a minha necessidade de dinheiro.

— Alberto, se me houvesse amado...

— Nunca me deu oportunidade para demonstrar...

— Se me houvesse querido não atentaria agora contra a minha felicidade!

— A questão não é essa. Preciso de dinheiro e você é a única pessoa a quem posso recorrer!

— Você é um canalha!

— Sou o que quiser, contanto que me dê o dinheiro que lhe peço!

— De mim não terá um centavo. Mesmo que fôsse rica e não lho daria.

— Talvez mo dê o seu futuro marido...



Por nada no mundo ela se aventuraria a falar a Carlos sobre esse assunto. Só o pensamento de que ele pudesse inteirar-se de suas antigas relações com Alberto bastava para sobressaltá-la. Talvez depois de casados ser-lhe-ia mais fácil pô-lo ao corrente de tudo o que lhe sucedera e do que lhe acontecia agora.

Mas no momento só uma resposta lhe ocorreu:

— Não fale mais a este respeito, Alberto. Deixe-me pensar.

— Finalmente está sendo compreensiva. Aonde vai passar sua lua de mel?

— Não lhe interessa.

— De certo modo, sim. Mas já sei que irão para Paris — Hotel Belles Etoiles.

Alice sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo.

O chantagista prosseguiu com um sorriso cínico:

— Lá estarei dois dias depois do seu casamento. Mas, mudando de assunto, quero que agradeça em meu nome a gentileza que teve sua mãe em convidar-me para a cerimônia.

Alice o deixou no meio da sala. Num verdadeiro estado de aflição passou aquela noite sem conseguir conciliar o sono.

No dia seguinte Carlos apareceu mais tarde que de costume. Mostrava-se ligeiramente preocupado.

Ela não pode conter sua impaciência e lhe perguntou:

— Algum contratempo?

A resposta não se fez esperar.

— Atrasei-me porque estive com Alberto. Ele tinha um importante assunto que me comunicou.

O mundo pareceu dar voltas em torno dela: uma angústia indefinível se apoderou de todo o seu ser, e durante uns segundos acreditou que ia desmaiar. Com um esforço sobrehumano conseguiu dominar-se e imprimir aos lábios uma leve ameaça de sorriso.

Ela estava certa de que Carlos não desconhecia nada do seu passado, e da interpretação falsa e maldosa que lhe dava Alberto. Era este o pensamento de Alice no dia de seu casamento. Pensava ainda que Carlos apenas para manter sua palavra e dignidade não voltara atrás. Trespassada por esta dúvida cruel, resolveu falar-lhe claramente, mesmo que isso lhe custasse o desmoronamento das mais caras esperanças. Apanhou o telefone e ligou para a residência do noivo.

Carlos não estava. Seus temores tinham, pois, fundamento. Ele teria ido, talvez, rasgar as suas comprometedoras cartas.

*

— Estás encantadora, querida — disse-lhe sua mãe, vendo-a já preparada para a cerimônia.

— Sinto-me muito mal, mamãe. Creio que vou desmaiar.

— Não pense nisso. É a emoção. Beba um pouco de licor que se sentirá mais calma.

Alice desejava que a deixassem a sós. Mas isso era impossível. Todos se agitavam em torno dela, incessantemente.

Observados todos os detalhes, desceu para o automóvel, onde o seu pai já a esperava. Seus pensamentos eram confusos e se não fosse o excitemento geral podia ser notado por qualquer pessoa. Ela estava intimamente convencida de que iria se unir a um homem a quem amava de todo o coração, mas que, talvez, a recebesse como esposa tão só para evitar um grande escândalo.

Procedeu como se fosse um autômato durante a cerimônia nupcial. Respondeu às perguntas do ritual sem dar-se conta do que dizia. Seu casamento foi de um prosaísmo que ela nunca ouzara imaginar.

A' saída, viu Alberto, que estava entre os demais convidados. Segundo o costume tradicional, todos beijaram a noiva, e ele prolongou o mais que pôde este ato.

— Boa sorte, Alice. Espero que goste de Paris...

*

Algumas horas depois, quando estavam no vapor, Carlos mostrava-se radiante:

— Eu não teria suportado por mais tempo a cerimônia...

— Também não.

— Minha querida, sabe que a



amo muito? Amo-a insuperavelmente. Creia sempre nos meus sentimentos, haja o que houver.

— Sempre, Carlos... mas, como foram difíceis estas últimas horas.

— Esqueçamos das últimas horas. Não temos acaso um risinho futuro a nos ocupar?

Ela, porém, mostrava-se ligeiramente preocupada.

— Preciso, preciso conversar calmamente com você. Tenho uma confissão...

Era uma imprudência da sua parte ventilar um assunto tão desagradável, num momento como aquele. Mas tudo lhe era preferível à sua tensão nervosa.

Carlos, no entanto, não deu atenção às suas palavras.

— Confissão? Aborrece-me pensar que tem alguma coisa a me falar. Não será melhor mudarmos de assunto?

Alice não tentou mais o desabafo. Convenceu-se de que seria melhor e mais prudente deixar o assunto para um momento oportuno.

Pouco depois chegaram a Paris. O Hotel Belles Etoiles era um magnífico cenário e bem parecia uma promessa para recuperação de sua felicidade, tão ameaçada nestes últimos instantes.

— Oh, Carlos... estou "quase" feliz — exclamou ao entrar no seu apartamento.

— Alegro-me sabendo que ele também lhe agrada. Mas... "quase" feliz...?

*

O apartamento fôra escolhido como para receber uma família real. Almofadas, tapetes, cortinados, espelhos, flores por toda parte, sobretudo lírios do campo, que Alice tanto apreciava. Como por encanto, ela se esqueceu completamente das dúvidas que tolhavam a sua alma. Vestida de branco, estava encantadora. Colocou um lírio no peito e dispôs-se a ir esperar Carlos na sacada externa do apartamento.

Qual não foi o seu susto ao ver ali a figura de Alberto.

— Você! — exclamou.

— Avisei-a de que teria imensa honra em visitá-la...

— Mas, precisamente hoje?... Está disposto a arruinar minha vida?

— Não é esse o meu intento, Alice. Compreenda que eu também tenho direito à vida... Estou sem um centavo.

— Já sabe que não tenho dinheiro.

— Seu marido é rico, imensa-

mente rico e eu sou terrivelmente pobre. Além disso, sua felicidade deve merecer algum sacrifício de você. Ele não negará...

— Canalha! — interrompeu-o Alice.

— Se se mostra incompreensível, vou lhe mostrar do que sou capaz.

Carlos entrara naquêle instante e ouvira as últimas palavras do diálogo. Alice deu com os olhos em sua figura e viu a palidez que lhe cobria o rosto. Era aquêle o momento supremo da batalha que ia decidir a sua felicidade.

— Que se passa?

— Alberto Harris está aqui.

— E que deseja êste cavalheiro.

— Nada. — disse Alberto — Como sabe, sua esposa é uma velha conhecida...

— Sabia que vínhamos para êste hotel, ou nos seguiu durante a viagem?

— Parece que se mostra meio nervoso — falou Harris, com ousadia.

— Alice — disse-lhe Carlos — espere-me um momento. Tenho de acertar contas com êsse indivíduo, de uma vez para sempre.

Não havia tempo para explicações. Ela sentiu as pernas cedarem, mas não teve coragem de articular uma palavra. Com a al-

ma sufocada penetrou no quarto e deixou-se cair no divan. Quando Carlos tornasse ao quarto, então sim, a sua confissão seria inadiável.

Pareceu-lhe uma eternidade a volta do marido. Quando êle chegou, mostrava-se tranquilo, como se nada houvesse acontecido. Alice dirigiu-se apressadamente ao seu encontro.

— Carlos, tenho que lhe falar. Sei o que lhe disse êsse homem... quer dinheiro!

— Você já sabia?

— Sim, Carlos. Umas cartas que eu lhe escrevi no tempo de colegial estão em seu poder e com elas tentou fazer-me vítima de uma vil "chantage". Oh, Carlos... creio que alguma vez estive enamorada dêle...

— Enamorado dêle?!... De semelhante homem?!

— Parece que estive. Estava com dezesseis anos, nessa idade em que se crê amar ao primeiro homem que nos diz palavras de amor. Hoje só lhe peço que me perdôe a minha falta para com você. Jamais pensei que um simples episódio de minha adolescência pudesse ter consequências tão desastrosas. Juro-lhe que não passou de uma simples afeição de criança.

— Então êsse individuo que-

ria estorquir-lhe dinheiro? E eu julgava que a única vítima fosse eu.

Antes que Alice, surpresa, pudesse articular uma palavra, êle proseguiu:

— Você me pediu perdão por não ter revelado um episódio de sua vida, que me parece tão sem importância. Quem lhe pede perdão sou eu, que lhe ocultei deliberadamente algo de maior importância para nós dois.

Ouçame — a minha primeira esposa não está morta. Separamo-nos legalmente um ano após o nosso casamento. Eu, por nada neste mundo, queria que viesse a ter conhecimento disso, porque esta circunstância, para mim, significa um grave erro de que eu posso ser tido como culpado. Por isso desejei passar como viúvo a seus olhos. Todavia, Alberto Harris, não sei como, descobriu o que tanto desejava ocultar-lhe. E êle agora vinha ameaçando-me de revelar a você todas estas coisas... Pelo seu silêncio exigia uma soma fabulosa...

— Sua primeira esposa ainda vive?

— Creio que ainda é bailarina num clube noturno. Perdôe-me por lhe ter ocultado. Mais de uma vez tive desejos de lhe confiar a verdade, mas sempre me faltou coragem. E à medida que esperava um momento oportuno para contar-lhe tudo, mais difícil me tornava a confissão.

— O mesmo me ocorreu quanto às cartas — respondeu Alice, sentindo um imenso alívio.

Carlos levantou-se.

— Espere um momento. Vou acertar a nossa dupla conta com êsse individuo.

Momentos depois ela ouviu vozes que discutiam acaloradamente. Logo, o ruído de uns golpes e de algum móvel que se espatifava. Alice sentia-se como uma daquelas damas da Idade Média, que esperava o retorno do Cavaleiro que se entregava a singular peleja pela honra da eleita do seu coração. Ela possuía agora a íntima convicção de que Carlos seria o vencedor, porque quando o amor impulsiona o braço de um homem, não há força capaz de contê-lo...

"ALTEROSA"

NO RIO E SÃO PAULO

Esta revista é encontrada à venda no Rio de Janeiro, em todas as bancas do centro, a partir do dia 5 de cada mês.

Em São Paulo, na Agência Siciliano.

E se a Primavera não chegar?

Porém, se a Primavera não chegar?!
Se o Inverno, triste, indefinidamente
continuar assim... se prolongar...
tornando fria aquela voz tão quente?!

Oh! sim... se não vier a Primavera...
Se o Sol... a Vida... a minha Mocidade
não voltar? e eu permanecer a espera
inutilmente, da Felicidade?...

Oh que tristeza imensa, meu amigo!
Que triste e que cruel fatalidade!
Descrever nos meus versos não consigo
Todo o pavor da Morte que me invade...

Sou bem feliz agora no entretanto
e corajoso assim fico a esperar...
— Mas, como há de ser imenso o pranto
se a Primavera nunca mais voltar?!

Luiz Octávio

FLOR SÊCA

CONCLUSÃO

doara de todo a Leonor a ingratidão. Não que lhe tivesse ódio. Ao contrário! Guardava-lhe a mesma simpatia. Mas achava que ela tinha recusado o seu afeto e já agora não valia a pena ir pedir-lhe de novo coisa alguma.

Envolheram, tão perto e tão longe um do outro! Viviam alguns passos de distância e nem se procuravam ver. Ela teve quem a quisesse mais rejeitou. Perdera o sonho único da sua vida. Secou, mirrou, fez-se uma velhinha minuciosa e maníaca, sempre cuidando da casa, limpando infatigavelmente o soalho, móveis, caixilhos e vidraças...

Um dia o velho Antero morreu. Tinha então 79 anos e não concluiu o seu livro: *As belezas dos autores latinos*.

Não tivera tempo — explicava ele! Morreu de uma morte serena, calma, tranquila, conservando até ao derradeiro instante a mais perfeita lucidez:

— Meu filho — dizia ao Mário, que aos 51 anos já tinha a cabeça e a barba brancas, — você pode bem aproveitar o material que eu deixo reunido. Complete-o, fará uma grande obra.

Era o extremo pesar que ele levava: “não ter tido tempo de acabar aquele livro, que nunca, aliás, conseguira terminar porque continuava todos os dias a descobrir novas belezas, belezas inauditas, belezas inacreditáveis nos autores latinos...”

Foi então, depois da morte do tio, que Leonor se decidiu arrumar a biblioteca. Aquêl “horror” ia acabar! Não ficaria lá um grãozinho de poeira. Mas para não estragar o trabalho do velho pediu ao Mário — “o dr. Mário” como ela agora o chamava, que viesse ver os papéis. E explicou:

— Eu não quero atrapalhar nada. Ele vivia a dizer que uma arrumação minha atrapalhava tudo...

Mário estava decidido a ver se podia aproveitar alguma coisa daquele colossal esforço que consumira uma vida inteira. Passou alguns dias ajuntando os livros, os papéis, os cadernos de notas, afim de levá-los para casa. Leonor o ajudava quando era necessário.

Precisamente nesse dia se achava ao seu lado, quando sucedeu que ele abrisse um caderno.

Na capa havia escrito: *Notas sobre Catulo*. Ela estava olhando. Tinha desejo que aquilo acabasse depressa. As vezes os seus olhos percorriam de alto a baixo, de lado a lado, e percebia-se bem o que eles queriam dizer:

— Tomara eu que já possa varrer, limpar, espanar tudo isso.

Mas ao abrir-se o caderno, decerrou-se justamente numa fôlha em que havia um amor-perfeito sêco. Lá estava consumida pelo tempo, quase apagada, a letra do *sim*, o convencional “S”, que ela escrevera, que ele não achava. Por quê? Porque por um desses nefastos acasos que a desgraça faz nascer, o tio abriu o livro, achara a flor, e como lhe acudisse uma explicação de certo modo de dizer de Catulo, um dos autores que ele adorava, tirou-a de lá e pô-la naquele caderno de notas.

Ah! se Mário tivesse sabido! Se Leonor tivesse podido adivinhar!

O velho professor nem atentara naquele “S”. Escrevera longos comentários sobre uma expressão do poeta latino:

— “A maneira de exprimir do velho poeta, era, dizia, de rara beleza. A mínima flor nos traz à memória a concisão com que ele traduz a idéia: *Donzela na flor da idade pela maravilhosa frase: viridissimo flore puella...*”

E o comentário inepto seguia por aí além... Nem mesmo ele se lembrava da frase por causa da sua perfeição, mas talvez, simplesmente, porque era um dos exemplos do *Magnum Lexicon*...

Leonor e Mário olhavam espantados, olhavam num assombro irreprimível para a flor sêca. Sem o pensarem, esqueceram fórmulas cerimoniais que usavam agora, chamando-se um ao outro “senhor” e “senhora”. Duas interrogações ansiosas lhes brotaram espontâneas:

— Você tinha respondido?

— Você não viu?

Que tristeza!

Os olhos dos dois encheram-se de lágrimas. Ele tomou-lhe a mão encarquilhada e sêca na sua mão também sêca, também encarquilhada, e apertou-a com emoção... Murmurou saudando a cabeça:

— Só agora!

Só agora eu vejo, eu sinto, eu sei que a nossa vida poderia ter sido outra, tão boa, tão luminosa, tão cheia de amor...

Era isso o que a sua exclamação queria dizer...

Só agora! Mas agora era tarde: ele tinha 51, ela 49... Só agora!

Fora, uma manhã de maio, luminosa e serena... Quase meio dia... Borboletas aos pares andavam pelos prados, pelas flores... Tanta luz! Tanto amor! Mas agora de que servia?

BEBIDA Diplomática...



Onde quer que se encontre o CAFÉ promove logo um ambiente de cordialidade. E' o diplomata por excelência nas reuniões de gabinete ou no seio das mais humildes famílias. Mas CAFÉ diplomata só é o “CAFÉ FINO” sem mistura, preparado tecnicamente no



PUBL. ARAUTO

RUA RIO DE JANEIRO, 390
ESQ. TUPINAMBÁS



PRECISANDO DEPURAR
O SANGUE
TOME
ELIXIR DE NOGUEIRA

Combate as Feridas,
Espinhas, Manchas,
Eczemas, Ulceras,
Reumatismo



DISTRIBUIDORES

DROGARIAS RAUL CUNHA
RIO E BELO HORIZONTE



COMPANHIA

Conto de FHYLLIS HASTINGS
Ilustrações de FÁBIO

veras sentida, porque a festa me prometia uma aventura. Considerei amargamente a interrupção da nossa brincadeira.

E desejando que ela não terminasse com aquele "raid" inimigo, propus:

— Observe que noite encantadora está fazendo. Quer dar um passeio pelas ruas?

Ele me olhou meio confuso e respondeu:

— Passear durante o ataque aéreo? Não seria prudente!

Ri-me da sua observação. Jozef era piloto das forças aéreas e alguém me fizera elogiosas referências à sua coragem. Por isso, acrescentei logo:

— Você falando de prudência?!

Eu não tive suficiente clarividência, naquêle instante, para distinguir valor e temeridade. A verdade era que Jozef podia ser um herói, como provavam as condecorações que trazia na lapela. Mas não queria, por simples capricho, expor-se ao bombardeio. Sorrindo, ele me confiou:

— Nós, os polacos — ele era polaco e servia na Esquadrilha Internacional — temos um provérbio que nos serve de orientação: "Os valentes fazem frente ao perigo, mas só os loucos o provocam".

Mas eu estava impossível. E insisti pelo passeio:

— Não creio que haja perigo num curto passeio. Talvez se trate de falso alarme. Vamos...

Ele não quis se mostrar indelicado, principalmente depois que demonstrara claramente que eu o havia interessado. Fazia uma noite clara, mesmo sem lua. O ambiente, pensava eu, era muito propício para o início de um romance. E para isso eu me mostrava bastante disposta. Jozef devia pensar o mesmo que eu, pois os seus olhos, que insistentemente procuravam os meus, me revelavam claramente.

Caminhávamos de braços dados, quase esquecidos de que no céu cruzavam aviões inimigos. Súbito, o sibilar apavorante que acompanha uma bomba. Instintivamente, a um tempo nos estiramos no chão. Ouviu-se um violento estampido. Passados uns segundos, levantei a cabeça e olhei para o lado em que estava Jozef. Dei um grito de pavor. E' que tinha visto um paredão que desabava sobre nós. Jozef de um salto cobriu-me a cabeça com o seu corpo.

Soube depois que perdêramos os sentidos. Minha sorte foi melhor do que a dele. Eu fiquei inconsciente durante cinco dias, não obstante não ter sofrido senão um grande abalo nervoso. Poucos dias de repouso me restabeleceram completamente. Eu quase me havia esquecido de Jozef. Disseram-

FOI um grande mal que fiz a Jozef Kostusín quando me casei com ele. Mas então eu estava convencida de meu papel de mártir e achava que estivesse na obrigação de submeter-me àquêlê sacrifício. Acreditava sinceramente que, casando-me com ele, o meu gesto me absolveria de uma grande culpa.

Conheci-o durante uma festa em casa de minha amiga Sara. Era dessas festas diárias, cuja única finalidade consistia em distrair os oficiais que chegavam de suas missões e não tinham conhecimentos em Londres que os pudessem distrair.

Logo que vi Jozef fiquei vivamente impressionada. Sua postura varonil que o uniforme realçava, além de uma predisposição para aventuras que havia em mim naquêlê dia fizeram com que eu pensasse: "Este será o meu grande amor".

Creio que ele, naquêlê primeiro encontro, ficou interessado por mim. Foi Sara quem nos apresentou.

Dançando com ele, seus olhos estavam fitos nos meus, e mais de uma vez eu repisava o pensamento: "Este será o meu grande amor".

Disseram-me que Jozef era um grande violinista. Naquêlê momento, porém, não me interessavam as suas qualidades artísticas. Antes da guerra, tinha ouvido falar de violinistas famosos, e o que me impressionara neles foram os nomes que não conseguia soletrar.

Naquela noite eu me encontrava possuída de estranha exaltação. Não me sentia segura de mim mesma. Normalmente tenho sido uma pessoa serena, não muito dada a exageros. Mas na festa de Sara, algo me ocorria; e aquela excitação havia de me acarretar consequências para toda a vida.

✱

Foi com desagrado que ouvimos as sirenes de alarma. Quando as luzes se apagaram eu fiquei de-

e, à minha saída do hospital, que, se quisesse, poderia ver meu companheiro...

Quando me acerquei do seu leito, fiquei chocado. Ele tinha o rosto envolto em gazes e as mãos também. Não sei como pôde me ver através daqueles panos.

— Lína!

Eu estava confusa: era a única responsável por aqueles ferimentos. E que era Jozef para mim? Um homem que me impressionara durante uma festa, mas que eu não conhecia. Apesar de me sentir culpada por tudo que lhe sucedera, não experimentava aquela mesma impressão que me causara na festa de Sara. E quando ele se dirigia para mim, percebia que a sua voz chegava traspassada pela noção que a minha visita lhe causava.

Foi um sacrifício manter uma palestra com ele, durante os poucos minutos que me permitiram ficar ao seu lado.

*

Quando me retirei do seu quarto, uma enfermeira me deteve:

— Conhece bem a esse homem?

Respondi que não, que o havia conhecido na noite do acidente.

— Que desgraça! — acrescentou — Investigamos ativamente para saber se tem algum parente ou amigo na Inglaterra. Tudo inutilmente. Só alguns oficiais viajadores é que o visitaram. Penso que a senhorita fôsse sua...

Compreendi o que ela queria dizer, embora deixasse o final da frase no ar. Experimentei certo sentimento pela responsabilidade que ela queria me atirar. Não porque fôsse egoísta, mas sim porque aquela insinuação me alarmava.

— Como já disse, conheci-o pouco antes do acidente... Que posso fazer por ele?

— Ah! — exclamou novamente — É uma verdadeira desgraça!

Eu fiquei mais assustada e perguntei:

— Quer dizer que ele não viverá?

Oh!, não! Mas se trata de Jozef Kostusin, o grande violinista. Muitos o consideram o sucessor de Kreisler, mas aqui na Inglaterra não era muito conhecido.

— Nunca ouvi falar dele como músico.

— Pobre homem — prosseguiu a enfermeira, como se não me tivesse ouvido — Teremos de amputar dois dedos de sua mão esquerda.

Regressei à casa tentando convencer-me de que não havia ocorrido nada de mais. Inutilmente. No entanto, surpreendia-me perguntando por que teria de perder os dedos da mão esquerda e não da direita. Má sorte! Por que havia de levar os dedos mais necessários a um violinista?

Em vão tentava diminuir aquela desgraça.

Jozef Kostusin não poderia nunca mais tocar violino.

*

Não tardei a convencer-me da minha respon-



fabi



Moderno Fixador

LOÇÃO FIXADORA HERÚ

Reunindo qualidades técnicas insuperáveis, a LOÇÃO FIXADORA HERÚ perfuma delicadamente, fixa, dá brilho e não engordura os cabelos.

A LOÇÃO FIXADORA HERÚ não suja, não mancha nem estraga os chapéus.

BELO HORIZONTE: Helio Potenzi & Cia. - C. P. 342
RIO DE JANEIRO: Almeida & Figueira - C. P. 3485
CAMPOS: M. D. Mathias & Cia. Ltda. - Rua Carlos de Lacerda, 11.

Em 93% dos municípios
brasileiros há seguros
da Sul America.

Em 50 anos de trabalho honesto e construtivo, a Sul America estendeu a 1548 dentre os 1668 municípios brasileiros o seu serviço de proteção à Família Brasileira.

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida



sabedoria no que sucedera a Jozef. Eu era a culpada na mutilação dos seus preciosos dentes. Eu era a responsável pela morte da arte do grande violinista.

Quando voltei a visitá-lo, evitamos tocar no assunto, mas eu podia notar que aquele acontecimento era doloroso para ele. Mas a expressão dos olhos ao me fitarem revelava o amor que eu despertara.

Compreendi logo que eu era a única coisa que restava no mundo. Entre Jozef Kostusin e eu, o mundo estava dividido. Eu via claramente que o seu desejo era o de que eu ocupasse o trono dos seus sentimentos onde até há pouco havia a música.

Encontrava-me numa situação difícil.

Reconhecia que não o amava. E me apresentava uma perspectiva que se me apresentava substituir no seu coração a sua arte.

Apesar do interesse que me despertara na figura de Sara, sinceramente me considerava incapaz de vir a amá-lo. E se ele me pedisse que nos casássemos?

Apenas uma esperança havia diante de mim: era a que, quando se restabelescesse, o seu interesse por mim viesse a se desvanecer.

Mas o que se deu foi o oposto.

Incapaz de tomar parte em operações de guerra, tornaram-no instrutor numa escola de pilotos. Sua nova função dava-lhe mais tempo para ver Jozef. Jozef era muito bom e sem dúvida um amigo íntimo. A's vezes sentia-se triste e abatido quando se punha a observar a mão esquerda. O que eu sentia, ele era uma grande compaixão. Esforçava-me por amá-lo, inutilmente.

Quando me pediu que o aceitasse por esposa, não pude recusar-me. Mentalmente prometi fazer-lhe uma boa esposa, e fazer todo o possível para que a sua desgraça lhe parecesse menor.

Fomos morar num apartamento que ficava perto das imediações da Escola de Pilotos, onde ele era instrutor.

*

Devíamos ter sido felizes, mas não o fomos. Compreendi logo que aceitar o amor de um homem sem amá-lo é insultá-lo...

Estava com firme propósito de torná-lo mais feliz, desgraçado evitando tudo o que significasse aborrecimentos para ele. Um dia, pouco depois de jantar, liguei o rádio, sintonizando-o por acaso num programa de solos de violino. A expressão que então pude notar no seu rosto me chocou profundamente. Passei a ter o máximo cuidado, daí em diante, para que não se repetisse o incidente. Quando havia um programa de músicas seletas, eu ligava o rádio.

— Não aprecia boa música? — perguntou-me.

— Detesto-a!

Eu procedia assim pensando em evitar-lhe dor e sofrimento que lhe fôsse penoso. Ainda tinha esperanças de que viessemos a ser felizes... não completamente felizes, mas de acordo com as circunstâncias.

*

Não posso precisar quando Jozef passou a mostrar-se frio e indiferente para comigo. Estas coisas se iniciam gradualmente, e suas causas são sutis que escapam à nossa observação. Que lhe estaria sucedendo? Ele estaria convencido de que não o amava? Mas não havia procedido lealmente para com ele? Não havia sido boa?

A's vezes se mostrava nervoso e me tratava

1. Eu nunca, porém, lhe respondia da mesma maneira. Sentia que, naqueles momentos, ele tentava me provocar. Quando via que eu, apesar de suas palavras amargas, lhe respondia docilmente, batendo indelicadamente a porta da rua. Eu continuava firmemente disposta a fazer o que fosse possível por ele. Quando ele começou a passar as noites fora de casa, senti-me alarmada. Como não tinha nem a amiga naquele bairro, via-me obrigada a viver sozinha.

Um dia atrevi-me a perguntar-lhe:

— Aonde tem dormido você?

— Em lugar nenhum! — respondeu brusca-mente e com indiferença.

Senti vontade de xingá-lo, de armar uma briga. Vendo-lhe a mão, me contive.

Não tardou que eu passasse a me sentir ofendida com aquelas ausências prolongadas de que ele me dava satisfações, mesmo sabendo que não amava.

Quando ouvia passos na calçada, punha-me a pensar que talvez fosse ele que regressava. E quando acontecia de voltar cedo, eu ficava contentíssima, tanto que tinha desejos de me atirar aos seus braços; mas sua atitude fria e orgulhosa me deprimava.

Não sei quando comecei a experimentar o traço amargo da suspeita. Daí por diante, não tive mais calma. Em vão procurava convencer-me de que eu só tinha um objetivo: torná-lo feliz. E, se não, ele se mostrava satisfeito, que me competia fazer? Eu não me casara com ele por compaixão? Se ele quisesse divorciar-se de mim não seria eu que ficaria livre?

Mas eu me recusava a obedecer à razão. Aos poucos ia se acumulando em meu espírito o desejo de dizer-lhe que eu merecia um pouco de consideração; que era a sua esposa legítima e que não podia continuar a ser tratada daquela maneira.

*

Foi a arrumadeira que me disse, com a voz mais maliciosa deste mundo:

— Senhora Kostusin, seu marido está satisfeito com o apartamento que ocupa neste edifício?

— Estamos. Não compreendo por que me faz essa pergunta...

— Por nada... — respondeu, mordendo os lábios, de maneira que me fez levantar sérias suspeitas.

— Sentimo-nos muito satisfeitos aqui — acrescentei para que não houvesse dúvida no que eu dizia.

— E' estranho... parece que seu marido alugou outro quarto...

— Outro quarto? Você está equivocada! Que razões teria meu marido para alugar outro quarto sem me dizer nada?...

— Isso eu não sei, minha senhora. Mas a senhora não deve confiar nos homens, especialmente em estrangeiros...

Eu quis ter uma atitude de dignidade, escondendo a raiva que me dominava.

— Se a senhora quiser se certificar... Foi a senhora Pratts quem me contou. E' na rua Chandler Row, número 10.

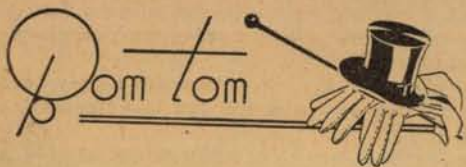
*

Estava furiosa. Vesti meu abrigo e saí disposta a tudo. Tinha as idéias mais terríveis. Por minha mente passavam os pensamentos mais desagradáveis.

Já era noite. A rua estava muito escura; tropecei na calçada, o que me ocasionou fortes dores nos pés. Mas a dor, longe de deter-me, fez com que caminhasse mais depressa, sentindo prazer naquêle sofrimento físico e moral.

Cheguei ao local indicado e fui logo batendo fortemente à porta. Atendeu uma menina.





Para a cerimônia do casamento civil o traje de passeio é o mais indicado.

*

A noiva deve sair da igreja à direita do noivo. Não é obrigatório o beijo nupcial na igreja. Depende exclusivamente dos noivos.

*

Quando se possui grande círculo de amigos e parentes e não se deseja suscetibilizar a nenhum, convida-se os mais íntimos para a solenidade da igreja e para a festa que se oferece em casa, e os demais para a igreja somente.

Os convites para a cerimônia do casamento devem ser enviados pelos progenitores dos noivos.

*

Quando a cerimônia religiosa do casamento for realizada após a missa, a noiva poderá levar nas mãos o clássico ramo de flores, um livro de reza ou um terço.

*

Não existe cor obrigatória para o vestido nupcial, que poderá ser azul-celeste, rosa, branco, ou outra qualquer cor clara, dependendo exclusivamente do gosto pessoal.

*

Para a cerimônia dos casamentos, íntimos, tanto religioso como civil, não é incorreto o uso do vestido de passeio.

*

Chamar, aos gritos, uma pessoa, na via pública, como muita gente faz, é simplesmente chocante, fora de linha.

Mais deplorável ainda é o hábito do "psiu" repetido e irritante, quando não é o assobio persistente, processo que nem merece comentários...

*

Constitui flagrante indelicadeza convidar-se uma pessoa para uma festa ou cerimônia na presença de uma outra a quem, por quaisquer motivos, não se pode convidar.

*

Para agradecer um presente oferecido por companheiros de trabalho, não basta fazê-lo de viva voz. Escreva um cartão de agradecimento ao grupo.

— Qual é o quarto do sr. Kostusin?

— É a terceira porta, à esquerda

Entre sem bater. Havia esquecido tudo a regra mais elementar de educação:

Jozef se encontrava junto a uma pequena biblioteca, de costas voltadas para a porta. Ver-me, mostrou-se assombrado.

— Lina! Mas como...

Eu não queria perder tempo com explicações. Furiosa, perguntei:

— Que faz você aqui?

Ele me encarava admirado.

— Não trate de fingir, Jo! Não pense que não sei o que faz aqui... Tenho passado as noites em vela, enquanto você...

— Lina!

— O que me enfurece é a sua falta de franqueza. Se me dissesse que não podia continuar vivendo ao meu lado, eu o teria perdoado. Mas isto! É um sigilo seu!

Falei com precipitação, atropeladamente; todos os sentimentos que se acumulavam em minha alma saíram de jato: disser-lhe do meu sacrifício, dos meus esforços para que ele fosse menos desgraçado.

— Lina! Está pensando que eu...? Mas, querida, deixe-me que eu a abrace. Sua atitude prova que me ama. Oh! você agora me ama!

E sem poder conter-se dava grandes risadas deixando-se cair sobre o divã.

Depois, aproximando-se de mim, me disse novamente:

— Agora me permita que eu lhe apresente "rival"...

E mostrou-me um violino.

— Vê? Aluguei este quarto para estudar. Eu podia resignar-me a viver sem música, depois de me convencer que não me amava... e de que havia casado comigo por comiseração. Seus olhos me provam que me ama, agora... Oh! Lina, minha querida...

Essa era a verdade. Eu amava a Jozef, depois de tudo o que se passara entre nós.

Passados os primeiros momentos, uma longa alegria inundou meu coração. Pedi-lhe humildemente que me perdoasse.

— Nada há que perdoar... hoje é o dia mais feliz da minha vida. Eu estive sem esperanças que me viesse a amar...

— Mas, Jozef, como consegue estudar se...

— Vim estudar aqui porque você me disse que gostava de música.

— Gosto imensamente, gosto, sim. Disse o não, para que você não se magoasse ao ouvir o violino. Sei que você não poderá voltar a tocar violino e...

Nesse momento ele iniciava a execução de uma música. Eu estava mais surpresa ainda. A diferença é que ele movimentava o arco com a mão esquerda e digitava com a direita.

Depois que terminou, compreendendo a admissão de que eu me achava possuída, explicou:

— Leverei meses, e talvez anos, para atingir alguma perfeição. Mas sabendo que conto com você, vencerai todas as dificuldades.

*

Justamente quando o nosso filhinho completou um ano, Jozef deu o seu primeiro concerto.

Todos os críticos asseguraram que era o melhor Jozef Kostusin, agora mais cheio de si, dono de um estilo mais pessoal, mais expressivo e muito mais comunicativo.



LEGIÃO DE HONRA

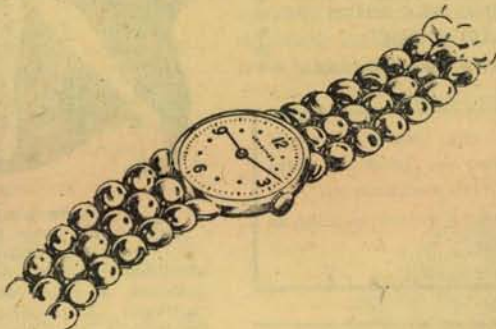
• Ordem nacional francesa, criada por Napoleão I, pela lei consular de 29 floreal, ano X (19 de Maio de 1802) para recompensar serviços militares e civis. O presidente da República é o grão-mestre. A ordem é administrada por um grande chanceler nomeado pelo chefe de Estado e por um Conselho da Ordem compreendendo 10 membros.



Sob o signo do Mérito

• Cada país tem a sua condecoração máxima. Nela estão gravadas, em forma simbólica, as qualidades superiores de um povo, transmitidas de geração a geração.

LONGINES é a expressão máxima da arte relojoeira suíça, mantida e aperfeiçoada através de várias gerações de artífices. Representa 80 anos de contínuos aperfeiçoamentos e sua precisão irrefutável vem sendo consagrada em exposições internacionais. LONGINES é a maior distinção que se pode conferir ao homem moderno, o mais perfeito instrumento de marcar o tempo.



• Em 1866, Ernest Francillon, dedicado artífice relojoeiro — fundador da Fábrica LONGINES, na Suíça, realizou seus primeiros relógios de precisão, mais tarde consagrados na marca que é hoje um padrão em relojoaria!

LONGINES obteve sua primeira honraria em Paris, em 1867, e recebeu seu primeiro GRAND PRIX em 1885, na Exposição Internacional de Anvers. É o único relógio detentor de 10 GRANDS PRIX, a láurea máxima concedida ao relógio que, entre outras marcas já premiadas, alcança o maior índice de precisão e perfeição técnica.

LONGINES

Possuir LONGINES é ter o mérito de possuir um dos expoentes máximos da relojoaria suíça!

Marina

Eduardo Zamacois

Desenho de Fáb



52

LICÕES DE

CATECISMO ESPIRITA

— ELISEU RIGONATTI —

UM LIVRINHO COM 107
PÁGINAS, ESCRITO PARA
USO DOS ALUNOS DOS
CATECISMOS ESPIRITAS.

VOLUME CARTONADO

Cr\$ 8,00

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
OU PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO
POSTAL À

LIVRARIA EDITORA LIALTO LTDA.
RUA ARAGUAIA, 65-C. POSTAL 696
SÃO PAULO

***** TRIANGULO *****

Ao fazer suas compras, tenha
em vista que um produto muito
anunciado é necessariamente um
bom produto. E recuse as marcas
desconhecidas.

No verão, as mãos e os braços femininos necessitam de VELMA'N

No verão, as mulheres tornam-se mais belas e mais amadas... e isto porque o calor obriga-as a usar vestidos leves, decotados e sem mangas, ressaltando assim os principais encantos com que a natureza dotou as filhas de Eva. Para tornar ainda mais notáveis esses encantos e defendê-los contra os efeitos dos raios solares, existe VELMA'N, creme maravilhoso para as mãos e também para os braços.

VELMA'N combate manchas, rugas precoces, suores excessivos e odores desagradáveis ocasionados por fumo ou excesso de transpiração.

VELMA'N deliciosamente perfumado, clareia e amacia, tornando as mãos e os braços alvos, sedosos e adoravelmente juvenis.



A OS vinte anos, Marina Ledesma era uma linda moça: alta, morena, elegante, com muitos atrativos na sua encantadora personalidade, e uma inteligência sutil e cultivada. A despeito, porém, de tantos dotes e encantos, não parecia contente: tinha os olhos tristonhos, a tez sempre pálida e os movimentos indiferentes, sem vivacidade. E não se pensse que devia a sua hipocondria à falta de saúde ou a prematuros desgostos; mas sim, a um exaltado romantismo que lhe transformava o verdadeiro caráter. Supunha que sua vida era um verdadeiro deserto, que tinha o coração despedaçado e a alma vazia de qualquer ilusão.

Mas Cupido sabe remediar as maiores necessidades e quando aquela vertigem de lágrimas estava prestes a entrar em crise, Marina Ledesma deu de cara com um rapaz que, sem ser o homem de olhos azuis e cabelos louros que ela sonhava, era, no entanto, um moço aceitável.

Amou-o com uma paixão ardente, delirante, doentia, e ele se deixou querer. Para Bustamante, a princípio, aquela exaltação agradou, mas acabou por se cansar e aborrecer de todos aqueles arrebatamentos.

— Jura que me queres! — dizia ela — Jura amar-me até a morte. Ah! eu quisera que nos enterrassem juntos... E sentir-me-a feliz se morresse antes de ti!

— Não sejas bobinha, minha boneca — dizia Bustamante com ares paternais — não falemos de amores eternos diante de pessoas sensatas.

Marina fitou-o com olhos de louca. Então ele murmurou-lhe no ouvido, à maneira de quem quer sondar:

— E se eu te deixasse?

— Se me deixasse eu morreria respondendo ela.

— Ora! ninguém morre de amor.

— Eu, sim, morreria porque se a não me matasse me suicidaria. Se peço é que, antes de me abandonar me deixes um veneno que ponha ao meu sofrimento.

Falaram disso várias vezes. Bustamante, desejando recuperar sua antiga liberdade, compreendeu que devia sacrificar a ao seu egoísmo.

Um domingo, à tarde, Marina estava em seu quarto, quando lhe foi entregue uma caixinha. Dentro encontrava um frasquinho com pilulas e um libete assim redigido:

"Inolvidável Marina,

Durante estes dois anos do nosso amor tive tempo para estudar nos caracteres e chegar à conclusão que não combinamos. És uma girla impaciente e eu sou um homem cansado. Compreendi que deveríamos separar. Se queres aceitar meus bons conselhos, procura diversificar a busca enamorar-te de outros... Mas se persistes na resolução de te casares, cedo ao desejo que várias vezes me manifestaste. Só te resta, depois de tomar três pilulas, começar a sentir a tua agonia, lêla papel contido neste outro envelopinho no qual está a minha última vontade. Muito te quer e bendiz o teu

Xavier Bustamante".

O que depois ocorreu foi uma na patética.

Marina largou a chorar, aos gritos a arrancar os cabelos, enquanto berrava:

— Xavier!... Xavier!...

Naquela mesma noite, atônita, almada, Marina contemplava a carta de Bustamante e o frasquinho que continha a morte. E experimentava um sentimento complexo de ansiedade e pavor. Mas o desespero venceu o medo e enguliu as pilulas fatais. De repente, sentiu mal estar; suas entranhas ardiam; sua boca enchia-se de um gosto amargo; sua boca enchia-se de medo começou a correr pelo quarto, gritando:

— Não quero morrer! Não quero morrer!...

Por fim aproximou-se da mesa e rasgou o outro envelope que continha um bilhete com estas palavras:

"Pobre Marina! Quando leres estas linhas imaginarás estar à meia-pagoda da eternidade. Sossega, porém, querida, que tudo foi uma pilhéria. As pilulas não são venenosas e, agora, repito-te os conselhos que tantas vezes te dei: brinca, diverte-te, porque teu amor, do mesmo modo que tua agonia, é obra exclusiva de tua cabecinha de vento. Ninguém morrerá de amor, Marina, como ninguém morrerá tomando mimos de pão... Guarda esta lição, talvez um pouco duras e não tenhas rancos ao amigo que realmente te quer.

Xavier."



NA traição de Judas a Cristo, há um lamentável sinal da fraqueza humana, e eu já lhes digo o que venha a ser. É a fórmula da traição, é o beijo. Por que teria escolhido o mais prático dos discípulos do Mestre este recurso poético e sentimental para enganar-lo e indicá-lo aos ministros dos príncipes dos Sacerdotes? Por quê? Vou responder. É porque faz parte da natureza do homem, da tendência do seu espírito, na hora mesma em que se avilta, no momento justo em que decai, procurar exercer a sua baixeza pela demonstração do contrário. Traíndo, sempre o homem mostra, objetivamente, que está sendo fiel. E já os antigos, com sabedoria, definiam a traição como sendo aquele ato que se processa com mostranças de amizade para alcançar seu fim abjeto. E isto vemos todos os dias, na vida de cada um de nós, e é esta simulação diária que representa a norma da conduta geral. E se essas pequeninas traições não são notadas ou se não escandalizam, é devido a não terem consequências desastrosas. São inconsequentes por assim dizer. Mas logo que num caso ou noutro advêm resultados desastrosos, imediatamente, à vista do acontecimento mais ou menos dramático, que a traição acarreta, surgem as recriminações, aparecem as críticas, e vem à baila a infamável comparação com o exemplo de Judas. O que é importante na traição é o drama da traição.

E tanto é verdade, que a ação de Judas, no dia em que se verificou, não foi isolada. Pedro, naquele dia, traiu a Cristo três vezes, antes de o galo cantar. No entanto, o ato do Iscariotes atormenta muito mais a humanidade do que a do outro, que foi desleal repetidamente.

É por causa das consequências. E é também por causa da fórmula do beijo.

De fato, se Judas, no horto de Getsêmani, tivesse posto um pouco de bravura, um pouco de coragem na atitude, a interpretação histórica de sua atuação, seria muito diferente, seria mesmo muito atenuada. Se ele chegasse, por exemplo, e dissesse aos beleguins da Justiça:

— “Eis aqui o homem que procurais pra prender”, se dis-

so irmão, o amigo ao amigo e até, quem o diria, todos nós traímos a Cristo por atos, palavras e beijos, sobretudo pelos beijos.

Nossos ouvidos andam cheios de expressões como estas, escutadas em toda parte:

— “Por nosso Senhor Jesus Cristo que não fui eu quem fez tal”. E vai-se ver, foi o autor do ato quem assim exclama. Invocamos o santo nome de Deus para encobrir mentiras, falsidades, traições. Estou mesmo em dizer que os discípulos de Cristo têm aumentado muito, mas sempre no sentido de Judas. E a nossa

O EXEMPLO DE JUDAS

• ALBERTO OLAVO •

sesse assim, claramente, francamente, a sua posição no drama teria sido mudada bastante. Mas não. Cedeu à natureza humana, seguiu a regra geral, valeu-se de um modo que só se adota para traduzir o amor, a afeição, um estado sublime da alma, serviu-se do beijo. Um beijo falso para alcançar uma finalidade ignóbil. Agora, pergunto eu:

— Você, que está lendo estas linhas mal traçadas, se é solteiro ou se é casado — isto não importa — nunca deu, ou na sua namorada ou na sua esposa, um beijo igual ao de Judas? Fale com franqueza ou, por outra, pense com sinceridade. Batata que já deu uma porção deles. Como é então que às vezes, nos salões ou nas esquinas, fica Você deblatando contra Judas, chamando-lhe traidor ignóbil? Não pratique mais tal falta de solidariedade humana. Faça como estou fazendo aqui, procurando explicar a Judas, na comemoração desta semana santa, como um discípulo decaído de todos os homens. Ele não foi e nunca será o último dos traidores, neste vasto mundo em que, a cada instante, o marido trói a mulher, a mulher ao marido, o irmão

intransigência com ele nasce justamente, eu acredito, do fato de nos sentirmos próximos de sua fraqueza. Se fôsses moralmente superiores a ele, seríamos com certeza bem mais benevolentes e cristãos no seu julgamento. Queremos diferenciar-nos dele pelo rigor da nossa falsa superioridade. Não, isto não está

(Conclui na pag 129)



VITRINE

Literária

★ UM LIVRO PARA VOCÊ ★

CRISTIANO LINHARES

DEPOIS da "Vida Simples de um Professor de Aldéia", história sentimentista da existência de seu próprio pai, Astolfo Serra nos dá agora novo livro — **BALAIADA** — estudo sério das causas determinantes da revolta dos lavradores, dos capatazes, dos humildes, dos negros do Maranhão, revolta conhecida na história do Brasil pela denominação que traz a obra do ilustre escritor. Os que discorrerem sobre esse movimento revolucionário nordestino nunca lhe aprofundaram os motivos biográficos, as razões econômicas, políticas, mesológicas ou raciais. Astolfo Serra quer parecer seja o primeiro a realizar tal sondagem sociológica. Havia a propensão errônea, da parte dos historiadores, para conceituar a **Balaiada** como uma rebelião epistêmica do Maranhão oriental. Que esse critério era um erro, basta considerar que a revolta se prende ao movimento de cadeia de revoluções que vão de 1831 a 1840. Hoje já não se admite mais a interpretação histórica de revoltas como motivadas por causas aparentes, por motivos-pretexos. Estes equivalem ao fósforo acêso ao paiol de pólvora. É preciso primeiro a existência do paiol de pólvora. Antes da eclosão do ímpeto sertanista dos maranhenses, foi criada a atmosfera social, política e econômica para tal. E são os acontecimentos, os fatos, a política anterior à **Balaiada** que Astolfo Serra explica e indica como razões da revolução proletária do nordeste. E se entronca, como similaridade de fenômeno social, com a Sabinada, na Bahia, com a revolta pradeira, em Pernambuco, com a Cabanagem, no Pará. Não é um caso isolado, é um sintoma do espírito do Brasil nordestino daquela época. Em uma palavra — deve-se dizer que mostra a direção do espírito brasileiro no culto da justiça social. A **Balaiada** foi um surto socialista e nacionalista. E é esta tese que resulta provada na obra meticulosa e honesta de Astolfo Serra.

Aqui nesta seção, sempre inculcamos ao leitor livros que edificam, agradam, instruem. Nada de leitura simplesmente para passatempo. Ler é aprender, ler é estudar, mas estudar e ler são operações causativas de sua própria natureza. Para reparar este tropêço, timbramos em querer juntar o útil ao agradável. Por isso que costumamos indicar às pessoas que passam os olhos por essas linhas mal traçadas obras úteis e bem escritas. E este é o caso de "**A Balaiada**" de Astolfo Serra, que oferece ainda o atrativo patriótico de ensinar o Brasil aos brasileiros, a lição de que mais carecemos em todos os tempos, quanto mais agora que a Pátria anda malsinada e mal ensinada por toda parte. Deixemo-nos de snobismo e leiamos o que é nosso, pois só assim é que saberemos amar o Brasil e entender o seu espírito de brasilidade que deve animar e estilizar todas as nossas atividades.

★ LIVROS NOVOS ★

DONA FORMIGA SAÚVA EM APUROS — Maria de Souza Campos — "Edições Melhoramentos" — S. Paulo.

Conta-nos esse livro a curiosa e engraçada história do julgamento da saúva, feito na Clareira Grande, pelos bichos da

mata, tendo o tucano como juiz. Essa história que aparece em forma de pequeno álbum, ilustrada a cores por Acuarone, é atraente pelos diálogos e situações cômicas em que se colocam as personagens.

NOITE FELIZ — Hertha Pauli — "Edições Melhoramentos" — São Paulo.

Narra-nos esse lindo volume a história da "Canção do Céu", conhecida em todos os recantos. Ela nasceu humildemente, numa noite de Natal, numa aldeia dos Alpes escrita pelo padre Mohr e musicada por Franz Gruber em 1818.

Volume muito bem ilustrado a cores.

OS MOSQUETEIROS DO REI — Alexandre Dumas — Coleção "Os Maiores Êxitos da Tela" — Editora Vecchi — Rio 1946.

Argumento fascinador, pela simpatia irresistível de (Conclui na pag. 129)

POETAS E PROSADORES

QUEM vir o feitio tranquilo e sossegado de Martins Capistrano, demonstrando que não tem pressa nessa vida tão apressada, não será capaz de adivinhar, em por sombra, a potencialidade de energia mental e a capacidade de ação que ele possui.

Apesar de ser cearense, não tem o verbo expansivo e sua gente mas, em compensação, guarda o vigor da mentalidade moral e artística do seu povo. Basta considerar o rumo que até aqui vem tomando a sua vida, para logo se ver como é múltipla a sua inteligência como se lhe multipartsse a atuação literária.

Ainda estudante, em Fortaleza, já se mostrara jornalista ágil na redação do "Correio do Ceará" e na "Tribuna". Em 1922, veio para o Rio. Estudou direito e medicina, mas o diabo da atração do jornalismo, e tem uma força mais absorvente do que o jogo, o apolgoou de novo. Mandou então às urtigas os códigos e a patologia, e foi trabalhar no "Jornal do Brasil", na "A Folha" e no "Imparcial". Firmou o seu nome. Entrou depois para a direção do "Fon-Fon", e vem publicando seus contos. Martins Capistrano professor de português e sabe português. Seu estilo

aveludado, seus pensamentos são sutis e delicados, a sua prosa é colorida. Conhece a psicologia do amor, bem entendido do amor moderno, que é um problema mais complicado do que se pensa. Talvez por isso é que é ele muito lido pelas mulheres, as quais, diga-se de passagem, hoje estão lendo muito mais do que os homens e, em certa maneira mesmo, escrevendo mais e melhor do que os. O homem em nossos dias estuda pouco, porque cada homem se preocupa com o próximo e não consigo mesmo. Estamos passando para a retaguarda.

Martins Capistrano faz exceção a esta tendência. Tem já publicados muitos livros, alguns premiados pela Academia Brasileira de Letras. É autor dos livros de contos *Vertigem* e *Nevrose*, e do romance *Mara*. Vai editar mais quatro obras: *Urbilhão* (contos), *Chama Inquieta*, poemas em prosa, *Frivolidade*, crônicas, *A Palavra*, discursos e conferências e *Vultos que não passam*. Eis aí, posta em fatos, a sua atividade fecunda. Aqui na ALTEROSA, ele ocupa um lugar preferido dos leitores pela sua colaboração viva e vibrante, em que se alia a graça ao movimento do estilo. Em resumo: — pode-se dizer que Martins Capistrano é um homem que junta o espírito político da formiga à alma poética da cigarra. E isto sabedoria na vida.



Martins Capistrano

★ OS "BEST-SELLERS" DO MÊS ★

PARA orientação de nossos leitores, oferecemos, aqui, a estatística dos livros mais vendidos no último mês em nossa Capital, através do serviço de informações que mantemos com as nossas principais livrarias: Belo Horizonte, Cor, Cultura Brasileira, Francisco Alves, Inconfidência, Minas Gerais, Oliveira Costa, Pax e Rex:

- — AGARRE SEU HOMEM — Verônica Dengel — divulgação — Ed. Cruzeiro.
- — VERSOS ESCOLHIDOS E EPIGRAMAS — Djalma Andrade — Poesias — Editora Livraria Belo Horizonte.
- — O GRANDE PECADO — Florence Bernard — romance — Editora Cruzeiro.
- — A PROMESSA — Pearl S. Buck — romance — Livraria José Olímpio Editora.
- — ENTRE O AMOR E O PECADO — Kathleen Winsor — romance — Editora Assunção.



QUANDO, em 1767, Henrique Pestalozzi conheceu Ana Schulthess que devia tornar-se sua companheira, tinha êle vinte e um anos e ela vinte e nove. Encontraram-se à cabeceira de um amigo moribundo, a quem ambos muito estimavam, e foi a dor comum de perdê-lo que os aproximou antes de nada mais. Depois do desenlace fatal e inevitável, o jovem estudante Pestalozzi escrevia, no seu desespero, à amiga mais velha:

"Procuvo em vão voltar à minha tranquilidade. Todo o dia erro sem ocupação, sem traba-

lho, sem pensamento, suspirando sem trégua; procuro distrair-me e não o consigo; apanho sua carta, leio-a e releio, tenho esperança, para logo depois perdê-la; engano a minha boa mãe, aborrecida por minha causa, alegando o início de uma doença que ignora; fujo da companhia dos meus amigos, fujo da alegria do dia; permaneço trancado no quarto mais isolado e mais escuro da casa; deixo-me cair na cama, sem encontrar sono nem repouso; estou destruindo-me a mim mesmo, não penso senão em você, em cada palavra que

você proferiu, em todo o dia onde a vi. Perdi tôda a minha fôrça, tôda confiança em mim, e depêdo de você, irremediavelmente."

Ana acha tudo isso "muito estranho e inesperado" e vindica o direito de guardar silêncio, sem, entretanto, impedir que o namorado continue escrever, confessando todos os seus pensamentos, contando-lhe todos os seus planos, quais, aliás parecem-lhe tanto malucos.

"Seus projetos são, às vezes, assaz exagerados, mas não se preocupe com isto, jovem de tanta admiração!" escreve-lhe. "Falo-lhe como uma boa amiga, da altura da minha idade e da experiência há de ensinar-me!"

Não é sómente a idade que faz tão razoável e solene, mas também o ambiente da família em que se criou, família austera, tradicional, severa: o pai, funcionário público, a mãe, filha de um oficial do Exército, seis filhos dos quais Ana é a mais velha e a única mulher. E' ela que dirige a confeitaria que possuem na praça principal de uma pacata cidade suíça. Mas, nas horas vagas, Ana toca o clavicórdio e lê "Amores de Werther" e Rousseau.

Quando Pestalozzi toma coragem e começa a falar em casamento, os pais de Ana opõem com energia a tal projeto; recusam-se a dar-lhe a sua bênção e qualquer coisa que Pestalozzi é pobre; sua mãe que enviuvou cedo e criou a filha mais moça do que Henrique, está alarmada. O noivo não se atreve a bem-acreditar a precariedade dos seus recursos e as incertezas do futuro, confessa-lhe adiantadamente as cores mais negras, os defeitos do próprio caráter:

"Aquêles dos meus defeitos..."



BRILHA SEMPRE ! ***

Nos esportes, na vida social, no trabalho ou em casa, ele brilha sempre. E dá provas de sobejo bom gosto pois completa seu apuro usando Brylcreem que torna os cabelos sadios e juvenis e os mantém sempre penteados. Brylcreem dá brilho, fixa sem emplastar, permite repentejar, tonifica a raiz do cabelo, evitando a caspa e a queda do cabelo. É produto científico e positivo. Sua colocação nos barbeiros de 1.ª e suas 5 embalagens diferentes, põem-no ao alcance de todos!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM
O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO



O CASAMENTO de Pestalozzi

TEXTO E DESENHO DE OLGA OBRY

Foi festejado este ano, a 12 de janeiro, nos meios pedagógicos do mundo inteiro, o segundo centenário de Henrique Pestalozzi, o grande educador suíço que revolucionou o sistema escolar, sendo considerado como criador da educação moderna.

(Dos jornais)



que me parecem mais importantes para o meu futuro, são a imprevidência, a imprudência e a falta de presença de espírito, diante das transformações inesperadas que poderão sobrevir em minha situação... Tenho ainda outros, provenientes de uma impressionabilidade que se recusa a submeter-se ao julgamento da razão."

Mas Ana é teimosa e destemida. A resistência da família e os outros obstáculos que se lhe opõem, em vez de fazê-la desistir, decidem-na a aceitar o noivo para quem tem sentimentos quase maternos. "Seguirei contigo os caminhos tortuosos da vida terrestre", escreve ela na carta em que empenha a sua palavra para sempre. Casam-se em 1769 e, durante alguns tempos, vivem pobres e felizes numa casinha de campo onde nasce, no ano seguinte, o primeiro e único filho.

Nem sempre, porém, será assim, sem nuvens, a vida conjugal do casal Pestalozzi. A existência irrequieta e abnegada do marido cansa a esposa mais idosa, que por fim, com a saúde abalada, retira-se para a casa de uma amiga rica e nobre, para criar seu filho num ambiente de maior conforto do que dos orfanatos onde Pestalozzi

cria filhos alheios. A amizade entre os dois, entretanto, fica inabalável, e sua correspondência, enquanto vivem separados, dá provas disso. Sempre no mesmo tom das cartas de noivado: ele apaixonado, entusiasta, imprevidente; ela, calma, razoável, prática, às vezes em excesso. Passam alguns meses juntos, na velha casa onde foram outrora tão felizes, depois voltam cada um às suas preocupações. A agonia de um ente querido aproxima-os outra vez, como nos tempos idos a morte do amigo comum que abençoou a sua união, ao despedir-se da vida. Desta vez é o filho adorado que falece, ainda muito moço. Ana volta o seu coração partido para o neto, Henrique para as crianças miseráveis entregues aos seus cuidados: "Sou como um pai dos pobres em meio aos meus pequenos", escreve ele, e, esperando, depois de muitas decepções, ser desta vez melhor sucedido, implora à esposa: "Escreva-me cheia de esperança.

Você esperou trinta anos, espere mais três meses!"

Ana espera. Em 1806, de fato, ela volta a viver na casa do marido, como sempre repleta de alunos e de mestres que a ve-

neram "tal uma rainha". Um daqueles jovens professores que estão lá para estudar de perto o método educativo de Pestalozzi, conta que os espôsos têm muita afeição um para com o outro, mas não podem ficar juntos mais de dez minutos, sem começarem a brigar, num tom de brincadeira, entende-se, porém, muitas vezes a briga vai se tornando séria."

Entretanto, quando em 1815 Ana morre, Pestalozzi sente uma dor imensa e uma imensa solidão. "Meu Deus! Ela morreu. Não posso mais. Mil vezes lhe agradeço por tudo que tem feito por ela", escreve ele à velha amiga em cuja casa Ana Pestalozzi tinha achado um refúgio durante os anos mais sombrios de sua vida.

Existe um retrato de Ana Schulthess-Pestalozzi, já idosa, mas ainda aparentando aquela sua beleza calma e altiva de grande dama. Temos também a efígie de Henrique Pestalozzi com os traços atormentados e sofrendores de visionário sempre insatisfeito consigo mesmo; uma ao lado da outra, as duas telas contam com eloquência a história do grande amor de dois seres tão tragicamente diferentes.



Dizem os jornais que, com a crise de casamentos, a mulher solteira, nos Estados Unidos, passa o tempo a fazer versos. Assim, afirma um psicólogo, ela se desabafa e se livra do acúmulo de ternura.

Quem não vê que ela pro-
[cura
Aliviar o seu seio
Pondo, no verso, a ternura
Que daria ao que não veio.

Rimas brandas como o ar-
[minho,
Restos de sol, fim do dia:
Põe nos livros o carinho
Que ela, aos seus filhos,
[daria.

São pensamentos
[dispersos
E segredos que
[escondeu:
Há sempre beijos nos
[versos...
Os beijos que ela não
[deu.

Pondo de lado a malí-
[cia,
O leitor lhe faz um
[bem:
Leva um pouco da ca-
[rícia
Que ela guardava pra
[alguém.



De a MÊS

Um operador russo, o dr. Stavisky, fez a transplantação do coração de um macaco num homem de oitenta anos, conseguindo o imediato rejuvenescimento do ancião.

Quando um homem virar
[caco,
Não precisa ter pavor:
Com um coração de macaco,
Amará com mais ardor.

Volta o velho a ter
[meiguices,
Doçuras no coração,
E, se fizer macaquices,
Ninguém estranha, pois não.



As bailarinas cariocas, dizem os jornais, estão dispostas a entrar em greve para obter melhores vencimentos.

Leve, risonha, granfina,
E bonita, como quê,
Vai, também, a bailarina
Fazer greve, já se vê.

Ela está, neste momento,
A sofrer como os mortais;
Acha pouco o vencimento,
Bate o pé, quer muito mais.

Feliz, alegre e coquete,
A bailarina de tom,
Pinta a manta, pinta o sete,
E não tem para o baton.

Ela diz, risonha e terna,
Que tem golpes infernais:
— Que ninguém lhe passa a perna,
Pois, se passar, paga mais...



Os jornais têm estranhado a algazarra reinante na Assembléa Constituinte, onde centenas de parlamentares pedem a palavra ao mesmo tempo.

Não é a insânia que lavra
Como a imprensa, agora, diz:
A Nação, só com a palavra,
Vive tranquila e feliz.

Com algazarra tamanha,
O povo que se levanta,
Desfaz as teias de aranha
Que trazia na garganta.

*Versos de Guilherme Tell ~
Bonecos de Fábio ~*

JESUS E OS FARISEUS

Reação religiosa do povo israelita. Surge Jesus de Nazaré. A Galiléia agitada. O idealismo transcendente do filho do carpinteiro. O Espírito da Verdade. O sangue do Justo derrama-se sobre os filhos de Israel.

Dionysio Garcia

JERUSALÉM, na Judéia era uma cidade extremamente sediciosa. Grande fermentação havia entre o povo por motivo das dissensões religiosas e políticas. Sob o domínio dos romanos, os judeus se inquietavam pela independência e destino de sua raça. Os martírios que haviam passado, através dos séculos, passando de senhor a senhor, marcaram indelevelmente o caráter dos israelitas. O violento racismo, pregado pelas tradições mosaicas, mantinha os filhos de Israel sob tremenda pressão de angústia religiosa. Esperavam um Messias (Salvador) que surgiria, descendendo da casa de David, o memorável rei, para conduzir finalmente os israelitas ao triunfo sobre todas as nações. O mundo seria dos filhos de Israel, porque constituíam uma raça eleita por Jeová, seu Deus, para o domínio da Terra. As provações seculares cessariam um dia, que estava próximo, e o povo hebreu reinaria sobre todos os seus inimigos. Era, pois, necessária a proibição de qualquer aliança com os estrangeiros. Todo hebreu devia combatê-los, não os poupando nunca, nem mesmo a mulher, a criança nem o gado. Impunha-se, assim, ao povo hebreu uma religião de exclusivismo rancoroso e cruel.

Moisés, fundador da nacionalidade hebraica, formando a legislação, nela introduziu medidas de ordem, de higiene e de justiça, mas deu-lhe preceitos implacáveis de vingança. Criou-se, assim, diversamente aos outros povos, um culto fervoroso de um só Deus, e era esta a particularidade que desde logo distinguiria a religião de Moisés de todas as outras.

Em breve o monoteísmo dos judeus predominava, constituindo um fator poderosíssimo de unidade, de ordem e de segurança do povo eleito. Este culto nasceu de uma atitude social de represália, despeito e vingança. Criou-se fermentado por uma eclosão de egoísmo e reação. Filho de uma crise de caráter social ou racial, provocada por elementos

estranhos à raça de Israel, só o ódio e o desprezo pelos outros povos, só a hostilidade contra eles poderia concretizar a união forte e indissolúvel dos israelitas.

O acontecimento trágico, que irá consolidar o povo eleito numa aliança indestrutível, dando-lhe uma vontade enérgica e um assombroso espírito de sacrifício, verificou-se quando a tribo de Israel ainda permanecia nas terras do Egito. Fora este país infestado por uma terrível epidemia, uma espécie de lepra, e o oráculo de Amon, deus dos egípcios, consultado a respeito, ordenou como remédio que se expulsassem os israelitas, que eram os mais sujeitos ou atingidos pelo mal, e assim considerados "raça de leprosos e odiosa ao céu". Os egípcios em obediência aos sacerdotes, reuniram os filhos de Israel e os expulsaram para o deserto.

Abatidos, chorando a sua desdita, entregaram-se os desgraçados ao desespero, errando no deserto, quando surgiu dentre eles Moisés, e exortou-os a que tivessem coragem e resignação, mas não esperassem nenhuma salvação, nem dos homens nem dos deuses, pois eles tralham sempre os filhos de Israel, que cresciam em número e poder e por isso eram invejados e temidos. E Moisés conduzindo o povo, conseguiu salvá-lo das fomes e levá-lo por fim a conquistar uma região da qual expulsaram os seus habitantes, e aí se estabeleceram para novas conquistas territoriais.

Moisés, para melhor atuar na alma do povo, formou uma nova religião, completamente diferente das outras e absolutamente contrária às demais nações, que ficaram consideradas inimigas dos israelitas. O povo de Israel, dentro dos estreitos princípios da nova religião, como para insultar o deus Amon, passou a sacrificar o cordeiro, e no mesmo sentido imolava o boi, que os egípcios adoravam sob o nome de Apis. Abstém-se de comer carne de porco, animal imundo, em memória e temor da doença asquerosa que foi a causa da sua des-

graça nas terras do Egito. E deu-se à prática do jejum como lembrança das terríveis fomes que passou no deserto.

Tácito assim se refere ao Exodo do povo israelita. Do mesmo modo pensa Monetho, historiador egípcio do 3.º século A. C., citado por William Durant, o qual confirma que "o Exodo foi devido ao desejo dos egípcios de se protegerem duma peste que atacava os judeus pobres e escravos, e que Moisés era um sacerdote egípcio que assistia aos "leprosos" judeus e lhes ensinava preceitos de higiene modelados nos do clero egípcio. Segundo William Durant, Ward, apoiado num versículo da Bíblia, interpreta que o Exodo foi em consequência de uma greve trabalhista, pois os israelitas eram escravizados e executavam os trabalhos mais rudes. De qualquer modo, o que não resta dúvida é que os filhos de Israel internaram-se no deserto, perseguidos pelos egípcios, como consequência de uma crise social.

✱

Todos os princípios que se enfiavam no mosaísmo criavam uma legislação extremada, na qual emergia o conceito de Deus único, mas de um Deus vingativo, cruel e sanguessedento. Jeová, pois, era feroz, ciumento e intolerante. Toda a Judéia estava submetida às preocupações religiosas. Todo o pensamento dos judeus, toda a política no sentido de sua libertação e felicidade giravam em torno das concepções religiosas deixadas pelos antepassados. O profetismo invadia toda a Judéia, agitando aquelas almas que viviam ansiosas pelos dias futuros em que a raça de Israel veria enfim a promessa sonhada.

O Messias devia chegar. O Messias, Salvador do povo judeu, não tardaria a vir, para arrancar do jugo do estrangeiro todo o povo eleito de Deus. Assim pregavam os profetas, era esta a crença geral. Com o aparecimento de Jesus, cujo ensino foi pouco a pouco espalhando-se por toda a Galiléia, parece que re-

crudesceu a chama da fé e da esperança num mundo que já estava começando, no qual a raça de Israel dominaria sobre todos os seus inimigos. Ensinando nas sinagogas, nos montes, nos vales, nas aldeias, nas pequenas cidades, à beira do lago de Nazaré, discutindo muita vez os preceitos do mosaísmo. Jesus levantava uma nova fé. Sustentava novos princípios de igualdade e de justiça, que vinham derrocar todos os esteios da doutrina consagrada e pregada pelos partidários de Moisés. A moral dos judeus não concebia senão a vingança para os que pecavam contra Deus. Mas Jesus ensinava o perdão e a tolerância. Para ele não havia também nenhuma superioridade dos judeus sobre os outros povos. Todos são irmãos, envolvidos no mesmo amor, e todos se devem prestar mutuamente auxílio e ajuda. Deus é um pai extremo para todos os seus filhos.

Jerusalém era o foco da reação contra as novas idéias. Os fariseus formavam o partido conservador e o mais extremado na defesa e guarda da velha tradição religiosa. Eram fariseus os principais sacerdotes, cujo fanatismo não poupava qualquer sutileza, ou menor desvio que fôsse na Lei de Moisés.

Com predominância em Jerusalém, influenciando na ordem social, os fariseus eram ortodoxos violentos e apaixonados nas dissensões religiosas, nas quais tomavam parte com o seu espírito de intolerância. Jesus mais de uma vez visitara Jerusalém, por ocasião da Páscoa, dia em que a cidade regorgitava de peregrinos ávidos de assistirem à grande festa. Das aldeias como das cidades mais longínquas de toda a Palestina, vinham multidões de forasteiros. Todas as vezes que Jesus vinha a Jerusalém, naqueles dias festivos, não deixava de pregar os seus ensinamentos e operar os seus milagres, para maior confirmação da nova fé. Diante do

prestígio cada vez maior de Jesus, os fariseus entravam em disputa e se enfureciam, e cheios de zelo religioso combatiam a nova doutrina. Para esses fanáticos, Jesus não passava de um mediocre visionário ou de um impostor que não tinha outra intenção senão destruir a Lei de Moisés.

Os sacerdotes fariseus e saduceus, ciumentos e apegados aos seus interesses de casta, odiavam Jesus, aquele simples galileu, que estava minando as velhas e profundas tradições judaicas. Entre os fariseus o espanto que causava a pregação de Jesus crescia e irritava-os. Não concordavam com o crescente progresso daquela doutrina revolucionária e clamavam com desespero contra a audácia de um ensino contrário ao mosaísmo, base de toda a força e salvação do povo judeu. Mas Jesus pregava que não vinha destruir a Lei, mas completá-la.

Por mais de uma vez os discípulos de Jesus estranharam que o Mestre não tivesse ainda pensado em conquistar a cidade de Jerusalém, incrédula e turbulenta, reduto poderoso do fana-

tismo mosaísta e das aristocracia teocrática, onde se combatia com rancor desmedido o ensino do novo credo. Era preciso, sem dúvida, atacar os fariseus no seu próprio foco, do contrário os ensinamentos de Jesus se perderiam confinados, entre a gente humilde, naquelas cidades e aldeias apagadas do interior da Galiléa.

(Continua na pág. 118).



Sedas e Plumas

MADAME Estefania Filmer, depois de muita luta, conseguiu uma copeira que, à primeira vista, lhe pareceu excelente. Dezoito anos, morena, robusta, alegre e bonita. Ao assumir as funções, a empregadinha espletada foi logo dizendo que pertencia a um sindicato; que era socialista exaltada; que não concordava com o regime em vigor no Brasil e muitas coisas mais.

Madame não se importou com isso. Supôs que se tratasse apenas de exibicionismo de garota sapéa, perturbada pelos maus ventos que sopram de todos os quadrantes.

A copeirinha sabida, ao tomar conta do quarto que lhe fora destinado, pregou logo nas paredes as efígies dos santos da sua devoção: um Lenine calvo e severo; um Stalin de bigodões ameaçadores e, finalmente, um Churchill gordo e paternal. Madame viu a exposição de figuras e achou até graça naquilo. O perfil do ex-ministro inglês não deixava de ser tranquilizador.

Dava a entender que a menina acabaria no bom caminho. Mas aquele retrato de Churchill era apenas para atrapalhar, para confundir, para perturbar. Ignorante e esperta, a pequena passou logo a doutrinar, a aliciar as outras empregadas, a agir segundo a técnica conhecida. E era engraçado

ouvi-la afirmar que a propriedade é um roubo; que tudo é de todos; que os bens devem ser repartidos entre todos para a felicidade geral. E, concretizando:

— Este palacete da patrão, por exemplo, será nosso. Estes tapetes, cristais, prataria foram adquiridos com o nosso trabalho e o nosso suor. Seremos donas de tudo isso. E não tardará muito...

O marido de madame observava com simpatia a agitadora. Mulherzinha engraçada. Na presença da família nada dizia; mas, em particular, conversava com a copeirinha amistosamente. E acabou por achar interessante a jovem endiabrada. Ela, por sua vez, estava gostando daquele patrão rico, amável e cordial. Chamava-o, entre sorrisos, capitalista progressista e dava-lhe pancadinhas no ventre largo e farto. Afinal, aconteceu o que era inevitável: — chegaram a um acordo...

A bonita copeira já não doutrina com o mesmo furor. Vest-se agora como as burguesas. Abandonou o sindicato. Tirou da parede do quarto os retratos dos grandes reformadores. Está satisfeita e vitoriosa. Aquilo que era só da patrão, passou, também, a ser propriedade sua. Para que brigar?...

Mlle. tem pés pequeninos e delicados.

Tão delicados e pequeninos que um poeta local, ousado e ardente, disse, certa vez, que eles são do tamanho exato de um beijo. Mlle. guarda essas jóias no estojo de uns sapatinhos finos e caros.

Mas vamos à história. A gentil menina tem o hábito de, quando assiste longos filmes, tirar dos pés os sapatos, deixando-os vazios sob a cadeira para, mais à vontade, apreciar os números do programa. Numa dessas noites, no "Cine Metrópole", estava ela distraída, olhos nos olhos de Clark Gable, quando a vizinha da direita, por despeito ou por maldade, resolveu chutar um dos seus sapatos para a fila da frente. Daí foi ele novamente chutado, indo parar junto à poltrona do universitário Antônio Mar-

ques Vidigal que apanhou a prenda e a levou para o seu quarto de estudante pobre e boêmio. Pôs o trofeu sobre um grosso volume de direito administrativo e ali o conserva para a admiração dos colegas e escândalo da dona da pensão.

Não sabemos como a jovem loura saiu do cinema nem que providências tomou para reaver o pequenino sapato. Antônio Marques Vidigal, o feliz depositário do tesouro, está pronto a devolvê-lo, mas só o fará se a verdadeira dona for buscá-lo. Numa época tão pobre de aventuras galantes, ele quer reviver o romance da Borrallheira.

Que custa à moça ir até lá buscar o sapatinho? O universitário é tímido. Se ela for buscá-lo, o jovem terá um pé para pedir-lhe a mão...



Parfume

PARIS

*o suave desdobramento
da personalidade feminina*

Coty



Cartas dos ESTADOS UNIDOS



por HUBERTO ROHDEN

O "Banco dos olhos" • Córneas em conserva • Enxertando janelas oculares • Triunfos da cirurgia norteamericana

A ÚLTIMA guerra deu aso à criação de dois Bancos até então desconhecidos: o "Banco do Sangue" (ou Plasma), e agora o "Banco dos Olhos". Dêles, o mais recente e original é o último. Milhares de soldados, por entre o fogo e os estilhaços dos bombardeios, ficaram cegos, não porque estivesse lesado o nervo ótico (cegueira irremediável), mas unicamente porque a córnea, essa janela externa do globo ocular, se rompera ou perdera a sua natural transparência, tornando-se opaca como vidraça coberta de papel. Também entre os civis há grande número de pessoas que sofrem dessa opacidade da córnea.

E' necessário substituir a "vidraça" opaca por outra, transparente. E' o que a moderna cirurgia está fazendo em larga escala, sobretudo aqui no "país das ilimitadas possibilidades".

Há pouco, em Nova Iorque, encontrei-me com um jovem estu-

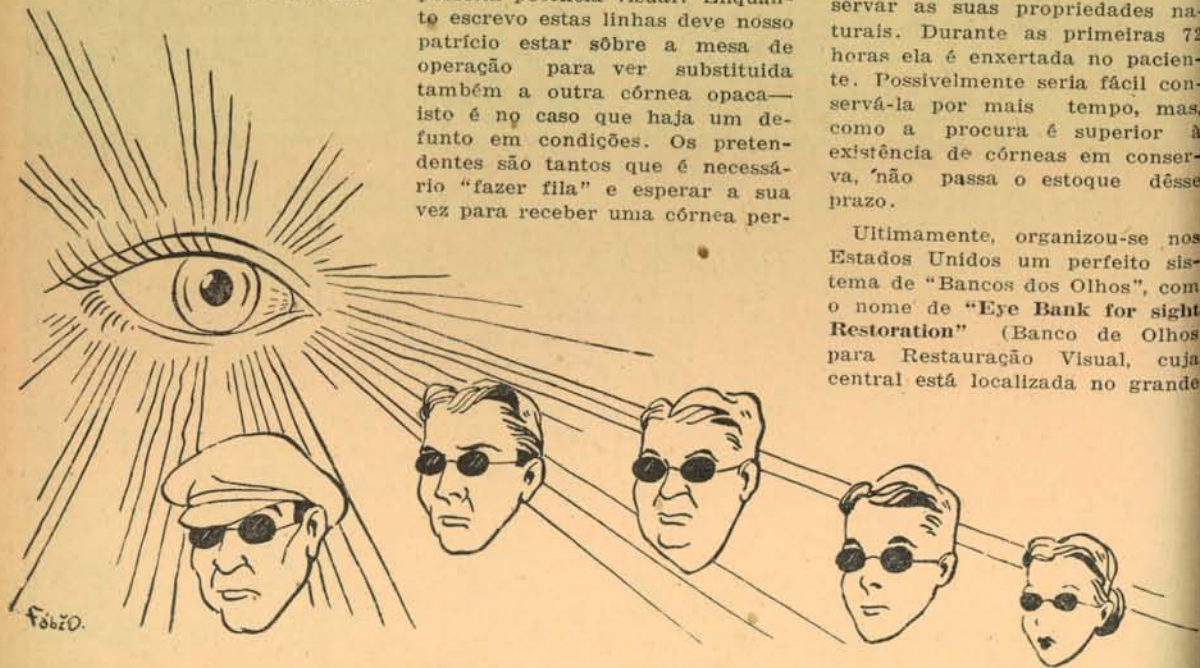
dante da Universidade de São Paulo, Brasil, que sofria de uma anomalia congênita em ambos os olhos: as suas córneas tomavam, pouco a pouco, forma cônica e a ponta perdia a sua transparência tornando-se opaca e provocando, assim, uma falsa dispersão de luz, até acabar em cegueira completa. Assim, com menos de 20 anos de idade, estava esse rapaz cego de um olho, e também o outro ameaçava seguir o mesmo caminho, envolvendo o infeliz, na primavera da vida, em completa obscuridade. Um afamado cirurgião de Nova Iorque, Castro Viejo — por sinal que espanhol e não americano — procedeu à melindrosa operação, que hoje em dia, aliás, já está sendo praticada em larga escala: extraiu a córnea defeituosa e enxertou outra, sã, de pessoa recém-falecida. E o enxerto pegou admiravelmente, não sem muitos sofrimentos, está visto, da parte do paciente, restituindo-lhe perfeita potência visual. Enquanto escrevo estas linhas deve nosso patrício estar sobre a mesa de operação para ver substituída também a outra córnea opaca — isto é no caso que haja um defunto em condições. Os pretendentes são tantos que é necessário "fazer fila" e esperar a sua vez para receber uma córnea per-

feita. Nem todos os que morrem diariamente nos hospitais das grandes cidades têm corneas perfeitas e enxertáveis. Além disto, é necessário que o doador, em vida, tenha concordado na extração das suas córneas após a morte, o que nem sempre acontece: muitos querem ser enterrados com seus olhos perfeitos, embora a alma ausente já não se sirva dessa janela para contemplar as belezas do mundo.

Córneas de crianças recém-nascidas, ou mesmo nascituras, prestam-se admiravelmente para a transplantação, por serem muito macias e adaptáveis. Pouco importa o tamanho dos olhos, uma vez que não costumam ser aproveitadas as córneas completas, senão apenas pequena parte.

A córnea deve ser extraída dentro da primeira hora após o falecimento e conservada em uma solução salina ou soro fisiológico, a 4 graus Celsius, afim de conservar as suas propriedades naturais. Durante as primeiras 72 horas ela é enxertada no paciente. Possivelmente seria fácil conservá-la por mais tempo, mas, como a procura é superior à existência de córneas em conserva, não passa o estoque desse prazo.

Ultimamente, organizou-se nos Estados Unidos um perfeito sistema de "Bancos dos Olhos", com o nome de "Eye Bank for sight Restoration" (Banco de Olhos para Restauração Visual, cuja central está localizada no grande



ANTISARDINA

uma feliz descoberta

Sou mais uma fã de
ANTISARDINA que deseja pro-
clamar a excelência do creme
ANTISARDINA para livrar-nos
das imperfeições da pele.

ANTISARDINA é uma
feliz descoberta para o embele-
zamento da cutis.

Outubro de 1944

(Ass:) Miralva de Assis



distrito industrial de Nova Iorque
chamado Manhattan, e controla-
da pela Associação de Hospitais
de Olhos, Ouvidos e Garganta.

Diz a estatística que entre os
250.000 cegos dos Estados Uni-
dos, cerca de 5 a 7 por cento so-
frem de opacidade da córnea, po-
dendo ser curados pelo enxerto
de uma córnea normal.

Por enquanto, os doadores de
córneas são seres humanos — se-
jam pacientes cujo globo ocular,
de córnea perfeita, tenha de ser
extraído por outros motivos, se-
jam defuntos que, em vida, te-
nham feito a competente cessão.

Espera-se todavia, que a ciência
possa empregar, futuramente,
também córneas de animais, au-
mentando assim, notavelmente, o
precioso capital do "Banco dos
Olhos" e restituindo a milhares
de cegos a felicidade de enxergar
o mundo de luz e das cores.

Há tempo que o homem des-
cobriu o meio de substituir o seu
estômago doente por outro ou de
fazer circular nas suas artérias
sangue de outrem. Temos agora
a possibilidade de ver o mundo,
através das "janelas do vizinho",
cujo restante corpo já foi redu-
zido à matéria prima, ou até
através das córneas de coelhos e
cabras. Alexis Carrel conseguiu

conservar, por espaço de um de-
cênio, em perfeito estado, um co-
ração de cão. Talvez não vá lon-
ge o tempo em que os cardíacos
despertem da narcose com um
coração que não é deles mas
passou a pertencer-lhes por doa-
ção e enxerto. O coração huma-
no, embora parado, não está mor-
to logo após a cessação visível
das funções orgânicas. Possivel-
mente, também virá a servir, da-
quí a meio século, um coração de
animal para impulsionar pelas
artérias, os cinco litros de sangue
que circulam através do nosso
corpo.

Ainda que, algum dia, a ciên-
cia chegue a substituir um cére-
bro por outro, nem por isto dei-
xará o indivíduo de ser o que é;
a sua identidade pessoal conti-
nuará a ser a mesma, embora,
talvez, modificada pelos órgãos
aos quais está condicionado esse
misterioso fator chamado "vida"
ou "alma". Enxerto algum pode-
rá adulterar a alma e íntima
personalidade do Eu.

Entretanto, mesmo sem enxér-
to de espécie alguma, anda por
aí muita gente de alma adulte-
rada, profundamente falsificada...
O norteamericano tem um termo
admirável para caracterizar essa
espécie de gente despersonalizada:

sophisticated, diz êle, sujeito so-
fisticado, híbrido, espúrio, falsi-
ficado...

O que nos torna instintivamen-
te agradável, suave e querida a
presença de muitas pessoas é a
pureza e genuinidade do seu ca-
ráter, que, mesmo sem palavra
alguma, se revela e irradia des-
sas pessoas como algo de atraen-
te e caricioso...



Proverbio de Salomão

Bem-aventurado o homem que achou
a sabedoria, e que está rico de pru-
dência.

Mais vale o tráfico da sabedoria
que o da prata; e o fruto que daí se
tira é mais excelente que o ouro mais
fino e depurado.

O seu preço excede o de todas as
riquezas: e tudo o mais que se dese-
ja não merece comparar-se com ela.

Ela tem a longura dos dias à sua
direita; e as riquezas e a glória à
sua esquerda.

Ela é a árvore da vida para aqué-
les que a buscam; e ditoso aquêle
que estreitamente está unido a ela.

Os seus caminhos são formosos e
todas as suas veredas são cobertas de
paz.

O Senhor criou a terra pela sabe-
doria e o céu pela prudência.

Filho meu, não deixes sair estas
coisas diante dos teus olhos; guarda
a lei e o conselho. Os sábios possui-
rão a glória e a exaltação dos insen-
satos será a ignomínia.

A QUARESMA DE IRMÃO FRANCISCO

Oscar Mendes

Ilustração de Fabio

IRMÃO FRANCISCO apressou o passo, metendo-se pelos becos sombrios, para afastar-se cada vez mais da praça barulhenta, onde o carnaval se desenrolava em pleno apogeu. Vira, consternado, os excessos da mocidade folgazã, as grossas pagodeiras dos velhos dementados, a impudícia das mulheres perdidas, os bródiós e arruaças dos bêbedos. Ouvira as canções obscenas e os ditos luxuriosos dos mascarados. Nos lugares mais excusos, topara com pares amorosos abraçados, e a seus ouvidos chegavam estalidos de beljos e suspiros frenéticos de amor exacerbados. Tivera cuidado, por vêzes, de não pisar algum bêbado, caído na rua, todo encharcado dos próprios vômitos. A gritaria dos mascarados e dançarinos ainda lhe ressoava aos ouvidos, atenuada agora pela distância.

No rosto sempre tranquilo e alegre do Irmão Francisco desceram uma tristeza tão negra quanto a sombra daquelas vielas augustas, por onde caminhava apressado. Torturava-o a idéia do sofrimento do seu bem amado Jesus, diante dos pecados daqueles seus irmãos transviados. Irmão Francisco, enquanto caminhava, ia pensando num meio de aliviar aquêle sofrimento e de aplacar aquela mágoa. Tais preces rezaria, tais atos de caridade praticaria, que haveria de abrandar a cólera de Deus e dêle obter misericórdia para os homens ingratos e enlouquecidos.

Depois de muito caminhar, chegou por fim à casa dum pobre amigo seu, homem temente a Deus e sempre pronto a prestar serviço a seu próximo. Morava êle às margens do lago de Perusa e vivia parcamente dos recursos da pesca. Após a magra ceia que seu devoto lhe servira com alegria de coração, Irmão Francisco continuou a meditação em que viera absorto pelo caminho.

Na porta da choupana do pescador, seu olhar se embestia na contemplação do lago adormecido, sob o lençol alvado do luar. Ao longe, as massas sombrias de pequenas ilhas destacavam-se como lunares negros na pele brilhante do lago. E Irmão Francisco, como se recebesse uma resposta à indagação que vinha fazendo no seu íntimo sobre o melhor meio de desagravar ao Senhor Jesus das loucuras dos homens, pensou que seria bom refugiar-se numa daquelas ilhas, longe dos homens e do seu ruído e ali ficar, dias e noites, em colóquio com o Cristo Bendito, rezando, jejuando, mortificando-se, num gesto de amor que O compensasse da ingratidão humana.

— Meu irmão, quero pedir-te, pelo amor de Cristo, um grande favor, — disse Francisco.

O pescador apressou-se em responder:

— Tudo quanto puder fazer por vós, Irmão Francisco, farei com alegria, embora seja um pobre pescador, sem dinheiro e já velho.

— Não digas isto, meu irmão, que rico és e bem jovem. Quem assim reparte o pouco que tem com os outros pobres e o faz de tão boa mente e com tanta alegria, não pode deixar de ser rico

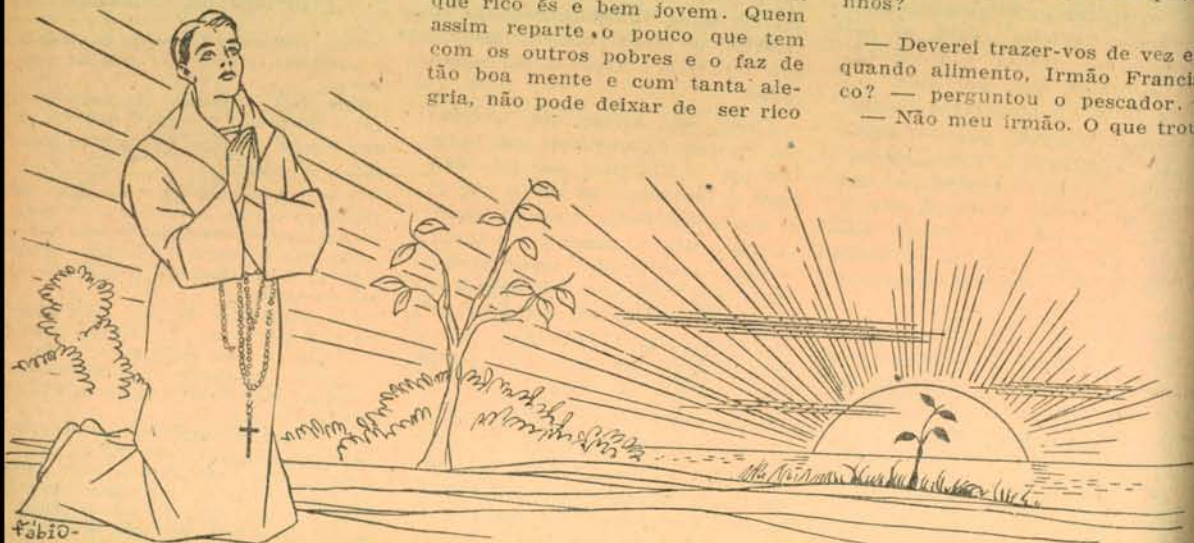
de coração e de gozar daquela eterna mocidade que o amor a 'próximo proporciona. 'Peço-te pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, que me leves, na noite da quarta-feira de Cinzas, a alguma dessas ilhas do lago, onde não haja moradores. Mas isto será um segredo entre nós. A ninguém deves revelar o lugar de meu esconderijo. Tenho que fazer penitência, longe dos homens.

O pescador, sem discutir os propósitos de Irmão Francisco, apressou-se para conduzi-lo à mais distante e à mais inhospita ilha do lago. Como únicos mantimentos, quis Irmão Francisco levar apenas dois pequenos pães. Acostumado a não fazer perguntas e ignorando mesmo quanto tempo o frade iria passar na ilha, o pescador nada disse e se pôs a remar, levando seu companheiro ao destino escolhido.

Chegados à ilha, Irmão Francisco, ao despedir-se do pescador, rogou-lhe, mais uma vez, que não revelasse a pessoa alguma a sua estada na ilha e que só voltasse a buscá-lo de volta, na quinta-feira santa. O pescador ergueu o olhar espantado, procurando vislumbrar, em meio da sombra que os envolvia, o rosto do frade, para ver se êle falava sério, ou estava brincando. Estava-se na noite de quarta-feira de Cinzas e o frade pedia que êle o fôsse buscar somente na quinta-feira santa. Como iria Irmão Francisco passar toda uma quaresma na ilha, se levaria para lá apenas dois pãesinhos?

— Deverei trazer-vos de vez em quando alimento, Irmão Francisco? — perguntou o pescador.

— Não meu irmão. O que trou-



xe chegará perfeitamente. Sabere-l poupar minhas rações. Mais, fome passaram os anacoretas do deserto.

O pescador quis ainda objetar, mas Irmão Francisco, pondo-lhe uma mão sobre o braço, lhe disse com bondosa energia:

— Vai. Obedece ao que te digo. Não reveles a ninguém a minha presença aqui e volta somente na quinta-feira santa. Que o Senhor te abençoe pela caridade que me fazes. Vai, irmão.

O pescador meteu-se no barco e partiu. Irmão Francisco acompanhou-o com o olhar até que ele se perdeu na distância. Ficou por algum tempo a contemplar a calma noturna do lago, todo cercado de silêncio, ouvindo apenas o ciclar da brisa nas frânças do arvoredo sombrio, à orla da praia. Levantou a vista para o céu todo estrelado e a imensidão do silêncio e a imensidão do firmamento encheram-lhe a alma dum sentimento de abandono e pequenez, como poucas vezes sentira. Ali mesmo na praia, caiu de joelhos e todo invadido de respeito, de gratidão e de amor, de braços abertos para a solidão infinita da noite, Irmão Francisco começou o seu diálogo com Jesus, até que a claridade rósea da manhã o despertasse do seu êxtase.

Procurou então um lugar mais retirado, onde pudesse ficar a salvo de qualquer curiosidade de algum visitante inesperado da ilha. No recesso do bosque, entre muitas de espinheiros e arbustos, que formavam uma espécie de gruta ou esconderijo viridente, Irmão Francisco se abrigou, para poder entregar-se todo à meditação das coisas divinas e à contemplação de Deus.

A natureza selvática que o cercava era para ele, que tanto amava as coisas naturais, o ambiente mais propício a despertar-lhe na alma todas as efusões de amor a Jesus. Ouvia o canto dos pássaros seus amigos, via o Irmão Sol aquecer, com seu abraço de fogo, árvores e animais, sentia em torno de seu corpo os braços frescos e maternais da Irmã Sombra, nas horas quentes da calma e a carícia fria do vento, ao cair da tarde. Na escuridão do bosque, quando a treva noturna se adensava, luziam as lanterninhas dos vagalumes, como lâmpadas naquele sacrário em que Jesus descia a conversar com seu servo e irmão.

Os dias foram passando. A treva e a luz se alternavam na sua tarefa de marcar a passagem do tempo. Mas para Irmão Fran-

(Conclui na página 132)

**Quando o senhor deixar de existir,
QUEM RESPONDERÁ
POR ESTES COMPROMISSOS**

Educação dos filhos Cr\$
Manutenção da família ..
Aluguel da casa ..
Assistência médica ..
Hipoteca ..
Impostos de transmissão ..
Despesas eventuais ..



QUEIRA

consultar, sem compromisso de sua parte, a "Previdência do Sul" que há mais de 39 anos não faz senão resolver problemas idênticos, para homens sensatos como o senhor!

Companhia de Seguros de Vida

"PREVIDENCIA DO SUL"

PORTO ALEGRE Andradas, 1046 (Sede)	B. HORIZONTE R. Rio de Janeiro 418, 1.º	R. DE JANEIRO Candelaria 9, 9.º
SÃO PAULO J. Bonifácio 93, 6.º	SALVADOR Chile 25/27, 4.º	CURITIBA 15 de Nov. 300, 2.º
		RECIFE 10 de Nov. 147, 4.º

A "Previdência do Sul", já pagou a segurados e beneficiários mais de 75 milhões de cruzeiros e a sua Carteira de Seguros de Vida em vigor sobe a mais de 700 milhões

COMPLETE A SUA ELEGANCIA

USARNO DIARIAMENTE PARA ASSENTAR E DAR BELEZA AOS SEUS CABELOS

EUTRICHOL CONCORRE PARA O SEU SUCESSO

MULTIFARMA - PRAÇA PATRIARCA, 96 - S. 6 - S. PAULO
REMESSA PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL



GRAVADOR ARAUJO

RUA GONCALVES LEDO 45
FONE 43-0631

RIO DE JANEIRO

OS CLICHÊS DESTA REVISTA SÃO
FEITOS NESTA CLICHERIE.

PHOTOGRAPHIAS
ZINCGRAPHIAS
TRICROMIAS
DUBLÊS, CLICHÊS
EM COBRE E
DESENHOS.



RIO DE JANEIRO



**NÃO PREJUDIQUE A SUA
GRAÇA FEMININA
ao pôr
o vestido**

**Proteja a sua
personalidade elegante
com o novíssimo
CRÊME DESODORANTE
ODO-RO-NO**

Não permita que o seu vestido a prejudique, absorvendo o mau odor das axilas. Uma aplicação do novo Crême ODORONO, rápida, segura, duradoura, a protege-rá até por três dias!

O novo Crême ODORONO é tão suave como um crême vaporoso. Não irrita, nem mesmo depois de uma depilação. Não deteriora os tecidos finos. Ao contrário dos crêmes argilosos, que irritam a pele e ressecam no póte, o Crême ODORONO se conserva fresco e suave. Não é argiloso. Usavel até o fim. Resulta em economia!

Ao pensar nos seus vestidos, pense na sua própria personalidade. Use ODORONO, para sua proteção.

ODORONO é oferecido também em forma de líquido, inofensivo e duradouro. Não irrita, não mancha. Existem duas espécies: "REGULAR"—de proteção prolongada e "INSTANTANEO", para a pele delicada.



ODO-RO-NO

**DESODORANTE E
CORRETIVO DA TRANSPIRAÇÃO**

DESDE o ano 26 era Pôncio Pilatos o procurador da Judéia, o representante de Tibério César. O seu nome, então, como a sua origem, era obscuro e desconhecido. Pilatos é cognato de Pileatus, o que quer dizer, escravo alforriado ou descendente de alforriados.

Desde os primeiros tempos como representante romano ele havia conquistado o ódio dos seus governados, se bem que estas informações, como todas as que chegaram até nós, sejam as dos judeus e cristãos, que eram os que mais o odiavam. Parece, no entanto, verídica esta afirmativa, pois que caiu no desagrado do próprio Tibério, que, no ano 36, o chamou à Roma. Quando ele chegou lá, soube da morte de Tibério. Anos depois Calígula o desterrou nas Gálias, onde, segundo reza a tradição, veio a suicidar-se.

O ódio dos judeus contra Pilatos tinha sua origem no profundo desprezo que ele manifestou desde os primeiros dias de seu governo por aquela gente.

Ele era filho intelectual e espiritual de Roma decadente, como se depreende de suas perguntas a Cristo. Cético, injetado de considerável dose de pirronismo, devoto de Epicuro, enciclopedista do helenismo, não acreditava nos deuses de sua pátria e nem supunha existisse um deus verdadeiro, e muito menos ainda se ele viesse entre aquela gente imunda e supersticiosa, que tinha um clero faccioso e depravado, uma religião que era uma bárbara mistura de crenças dos siríacos e caldeus.

✱

Por necessidade de officio ele tinha uma fé: a nova religião romana, cívica e política — a republicana — que se traduzia no culto e obediência cega ao Imperador.

O seu primeiro conflito com os judeus teve origem quando ele mandou que se colocassem nos templos insignias de César. O facto despertou horror e tumulto em Jerusalém. Os representantes dos judeus permaneceram durante cinco dias e cinco noites no Palácio, para que ele fizesse remover dali as insignias sacrílegas.

Para se ver livre dos fanáticos, mandou que fôsem removidas para o Anfiteatro e vigiadas por soldados armados. Os judeus sentiram-se mais ofendidos; num gesto louco muitos deles atiraram-se sobre o gume das armas romanas. Vencido por essa obstinação heroica, Pilatos deu or-

PÔNCIO PILATOS

Juan Papini

Ilustração de Fábio

dem para que as insignias fôsse levadas para Cesaréia.

*

Outra questão com os judeus tornou-o mais odiado. Ele havia sido criado numa cidade onde havia fartura de água. Era, portanto, amigo dos banhos, o que naquê tempo era um vício e privilégio dos ricos. Como Jerusalém não tivesse o precioso líquido, ele pensou em construir um imenso aqueduto que a abastecesse satisfatoriamente. Para custear as obras, ele lesou os tesouros dos Templos. Os sacerdotes gritaram ante aquê sacrilégio, e o povo, instigado por eles, se amotinou.

Pilatos, então, fez com que seus soldados se espalhassem disfarçados entre o povo. Dêse modo conseguiu restabelecer a ordem na cidade.

Não havia transcorrido muito tempo que êstes fatos se tinham passado, quando os sacerdotes, os mesmos que se tinham rebelado contra êle, que o odiavam, que odiavam a pessoa que êle representava, procuraram-no para extrair um ódio rasteiro e muito mais intenso.

Pilatos os atende no Palácio de Herodes, mal disposto, sonolento, bocejante, resmungando contra os gritos da turba que o acordou mais cedo que de costume.

Logo é pôsto ao par dos acontecimentos.

Com voz indiferente, pergunta aos sacerdotes:

— Que acusações tendes contra êsse homem?

Êle sabe que a população, inimiga daquê homem que ali está, de porte majestoso, é sua inimiga também. Instintivamente, põe-se do lado do acusado. Não é que lhe tenha compaixão ou que se interesse por êle, mas não está disposto a transigir àquela odiosa turbulência.

Caifás replica com todos os pulmões:

— Se êle não fôsse culpado não o teríamos trazido à vossa presença!

Êle não quer perder tempo com as questiúnculas religiosas. Responde secamente:

— Levai-o e julgai-o conforme vossas leis.

Nessas palavras nota-se o desejo de salvar o inocente, pois os judeus não podiam sentenciar penas capitais sem a aprovação do procurador romano. O Sanhedrim protesta, protestam os sacerdotes e a população. Sabem bem que só lhes é permitido penas ligeiras. E êles querem o castigo final.

Pilatos compreende o que êles desejam. Quer saber que delito pesa sobre aquê homem imperturbável, de uma serenidade resplandecente. O que parece aquêles fanáticos digno do último suplicio pode bem ser uma falta li-

geira e tolerável ao seu espírito romano.

Os acusadores tinham previsto as dificuldades que o procurador vai levantar; sabem que êle não os contentará facilmente. Tinha imaginado uma mentira que o há de fulminar. Se dizem que Jesus é um falso Messias, Pilatos há de sorrir. Dão ao caso, então, um colorido político. Dizem que é um sedicioso que procura levantar o povo contra o jugo de Roma.

— Ele está sublevando a nossa gente proibindo que pague tributo a César e dizendo que é o Cristo o rei dos judeus.

Pilatos se mostra suspeito. E' possível que essas víboras traidoras, que odeiam Roma e a êle, queiram ver morto um compatriota que deseja livrar a sua pátria?

Entra no pretório e ordena que lhe tragam Jesus. Quer interrogá-lo a sós.

— Então és tu o rei dos judeus?

Jesus não responde. Como fazer crer aquê homem que ignora as promessas de Deus? Como convencer a um ateu pirroniano que só conhece a um senhor: — Tibério? Como explicar ao descendente de alforriados, educado pelos retóricos de Roma, o sentido espiritual do seu reino?

Pônco Pilatos insiste.

— Não ouves a acusação que te fazem?

Jesus permanece em silêncio. O procurador quer arrancar-lhe o



**NADA DE BLACK-OUT!
EU SOU DO "CONTRA"!**



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa"
ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para
garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará
aos seus cabelos. Escolha entre as 18
tonalidades diferentes da Tintura Fleury
aquela que mais lhe agradar.



APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peca ao nosso serviço tecnico todas as informa-
ções e solicite o interessante folheto "A Arte de
Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - Sub. Rio

Nome

Rua

Cidade Estado..... ALT

não que lhe permita contrariar
seus implacáveis inimigos.

— Então és tu o rei dos judeus?
Responde!

— Assim o dizes por tua conta
ou te disseram outros de mim?

Pilatos quase se ofende.

— Pois que? Sou eu judeu?
Não sabes que sou romano e não
creio no que dizem teus inimigos?
São os sacerdotes que te acusam
e não eu! Diga-me que não é ver-
dade o que afirmam eles, que te
darei liberdade.

— Meu reino não é deste mun-
do.

Pilatos não compreende.

— Logo, és o rei dos judeus?

— Bem o dizes, eu sou rei.
Vim ao mundo para dar testemu-
nho da verdade. Todo aquele que
deseja a verdade, ouvirá minha
voz.

Então ele interpõe a apóstrofe
que se tornará célebre:

— Que é a verdade?

O cético romano que já assis-
tiu repetidas discussões dos filó-
sofos tem para si que a verdade
não existe e que, no caso de exis-
tir, não é dada aos homens co-
nhecê-la. Não imagina que nes-
se instante o homem que passa
por malfeitor pode dar luz ao seu
espírito. A Pilatos foi concedido
naquela dia contemplar, face a
face, a verdade, a suprema Ver-
dade feita homem.

*

— Aqui tens o homem!

Os judeus não se mostram sa-
tisfeitos e gritam.

— Queremos crucificá-lo! Que-
remos crucificá-lo!

Ele compreende que não pode
opor-se à vontade daquela gente.
De mais a mais, que significa pa-
ra ele a morte de um obscuro ju-
deu que não tenta salvar-se? Mas
ele não cede. Ao lado desse ho-
mem silencioso, ele se sente in-
vadido por um temor desconhe-
cido que se apossa de sua alma.
Quem é ele para que o povo o
queira ver morto?

Mas uma vez dirige-se a Je-
sus:

— Dize-me, de onde és tu?

Mas Jesus não responde.

— Não sabes que tenho o po-
der de te crucificar?

— Nenhum poder terias se não te
houvessem dado lá de Cima! Por
isso é que os que me entregaram
a ti têm mais culpa do que tu.

Somente Caifás e sua camari-
lha são os verdadeiros culpados:
os outros são apenas instrumen-
tos dóceis; o próprio Pilatos não
é mais que um instrumento do
ódio sacerdotal e da vontade di-
vina.

— Aqui tens o vosso rei! — diz Pilatos.

Mas os judeus querem que êle o condene à morte.

— Se deres liberdade a êsse homem não és amigo de César, porque todo aquêle que se diz rei, opõe-se a César.

Haviam atingido o ponto exacto: o procurador, ante aquelas palavras, revela-se pusilânime:

— Devo eu crucificar o vosso rei?

Os sacerdotes pressentem a vitória.

— Nós não temos outro rei senão César.

E o povo estertora:

— Morte! Morte ao que diz ser rei!

Pilatos cede.

Ele julga ter a consciência tranquila. Tentou salvar aquêle homem que não fêz um gesto para escapar à morte. Tentou enviá-lo ao Sanhedrim para que o julgassem pois sabia que não poderiam condená-lo ao suplicio. Tentou salvá-lo dizendo que não encontrou nele o que pudesse culpá-lo. Propôs libertá-lo, prendendo Bar Rabam. Mas o povo deseja vê-lo crucificado. Se êle não o atende, Tibério o destituirá, porque há de ficar sabendo da sua tolerância para com um homem que se diz rei e que está sublevando a Judéia.

Mandou que lhe trouxessem um vaso d'água.

— Eu sou inocente do sangue d'êste justo!

A população replica:

— Que cála o seu sangue sobre nós e sobre nossos filhos!

Pilatos então entregou-lhes Jesus.

✱

A água não lavou suas mãos da culpa. Ele tinha poder para salvar Jesus. Suas tergiversações, as múltiplas formas da covardia de sua alma envolta de ironia e ceticismo antes levaram o inocente ao Calvário. Êle sabia que aquêle homem não era culpado de falta alguma, sabia que era um Justo.

Ele julgou ter feito tudo para salvá-lo. Não é exactamente a verdade. O que fêz foi ter erguido muitos expedientes, mas sem o desejo firme de fazer justiça. Além disso, sem o seu consentimento, não crucificariam a Jesus. Bastava que se opusesse à fúria dos judeus. Outras vezes êle enfrentara multidões maiores para satisfazer seus caprichos.

Em vão êle construiu imensos aquedutos para lavar-se. Aquella água não limpa o sangue inocente com que manchou as suas mãos, o sangue divino do Cristo.

AMORES HISTÓRICOS

QUANDO Mathilde Kshessinska, notável bailarina da opera russa, conheceu Nicolau II, era este ainda tzarevitch. Servia como official da Guarda e uma noite assistiu em Moscou a uma representação em que Mathilde tomava parte. Apaixonou-se, imediatamente, por ela, e não tardou em ser intima a amizade entre ambos, a tal ponto que, chegando a Petersburgo, Nicolau instalou a bem-amada numa encantadora villa da capital russa.

Iniciou-se, então, para Mathilde, uma nova vida de esplendor, que sómente se extinguiu quando os restos de sua fortuna foram tragados pelas mesas de jogo de Monte Carlo.

Dada a ascendência que ela exercia sobre o tzarevitch, sua influência foi onímoda. O tzar Alexandre III, então reinante, quando descobriu o poder que ela exercia sobre o seu filho, quis mandá-la para a Sibéria. Mathilde atravessou, porém, êsse período critico, devendo à própria esposa do tzar a sua salvação. Aliás, a esposa do tzar sentia-se também fascinada pela bailarina, julgando desse ela a seu filho uma vida doméstica feliz e tranquila, livrando-o das dissipações a que se entregava a maioria dos grãos duques. Não obstante o apóio da imperatriz, o tzar insistiu em que seu filho fizesse uma dilatada viagem pelo mundo, para familiarizar-se com as tarefas que lhe deviam competir mais tarde.

Ao regressar mostrou-se mais apaixonado por Mathilde, a quem se consagrou por completo. A antiga bailarina chegou a ser mãe de dois filhos, que receberam títulos de nobreza: foram officiaes do exercito e ocuparam lugares proeminentes na sociedade russa antes da grande primeira guerra.

Amigos intimos do tzar Nicolau afirmam que êle chegou a pedir a seu pai que nomeasse herdeiro do trono seu irmão mais moço, porque desejava retirar-se à vida privada, em companhia de Mathilde, porém o velho tzar ordenou-lhe se casasse com uma princesa real, afim de assegurar a sucessão do trono. Assim, nessa dolorosa contingência, o tzarevitch desposou a princesa Alice de Hesse, encarregando seu primo, o grão duque Sergio Mikhailevitch, de entregar a Mathilde vultuosa indenização. Mas, o velho tzar morreu, e Nicolau II tentou fugir com Mathilde, que o dissuadiu da loucura...

Quando estourou a revolução bolchevista em 1917, frenética multidão assaltou o palácio da dançarina, despojando-a de suas jóias e vestidos e tornando-a alvo dos insultos mais cruéis. Mathilde não opôs resistência. Com admirável tacto, negociou com os assaltantes. A essa serena attitude deveu a sua salvação naquela tarde trágica.

Depois, chegou a ter ascendência sobre Lenine, e a maioria de suas jóias e vestido foi-lhe devolvida. Casou-se, na França, com o grão duque André, primo do tzar. Passaram longos anos em Nice e deixaram nas roletas de Monte Carlo grande parte da fortuna que o tzar doara à bailarina por ocasião de sua ascensão ao trono.

O tzar Alexandre, sobrepondo aos sentimentos paternos a ambição real, afastara Nicolau do seu melhor caminho, pois, unindo-se a Mathilde, teria deixado a corôa e não teria realizado seu casamento com uma princesa alemã, conção que explica muitos dos acontecimentos ocorridos no infeliz império moscovita...

A tsarina, mulher boa e caritativa, era fraca de vontade, sofria de misticismo mórbido e em tudo via carater religioso. Essa espécie de neurose foi aumentada pela enfermidade do tzarevitch, em cuja cura fracassaram as previsões e cuidados da ciência. Isso levou-a a aceitar os serviços de curandeiro do "pope" Rasputine e, dominada por êsse homem fatal, a tsarina deixou que o favoritismo occultasse a seu marido a realidade social de seu país, impedindo-o de buscar remédio contra as doutrinas e ambições revolucionárias.

Nicolau II, em meio dos estranhos acontecimentos, evocava, melancolicamente, a figura clara de Mathilde iluminando o seu passado...



"Parecia uma tesoura
de jardineiro !"



...Mas bastou o uso do Vinho
Reconstituente Silva Araujo para
desfazer essa dolorosa impressão.

Essa constante sensação de cansaço, essa impressão de peso excessivo nos objetos mais leves e mais comuns, essa dificuldade em fazer o menor esforço, costumam ser sintomas de fraqueza geral, consequência, muita vez, do sangue desnutrido. Para enriquecer o sangue, o Vinho Reconstituente Silva Araujo, devido a sua fórmula científica, é empregado e recomendado por várias sumidades médicas.

Contém peptona, quina e cálcio, elementos que o tornam um tônico precioso e um estimulante poderoso do apetite. Expe-

rimente usá-lo regularmente durante dois meses. O Vinho Reconstituente Silva Araujo vem sendo empregado com sucesso há mais de cinquenta anos. Use-o e poderá aproveitar também dos seus excelentes resultados.



O ilustre Prof. A. Mac Dowell escreveu:

... "Confirmo o que escrevi em 1922: os bons remédios não saem de moda; assim acontece ao Vinho Reconstituente Silva Araujo, consagrado pelos grandes nomes da Medicina" ...



FAÇA ESTA EXPERIENCIA.
SÓ LHE FARÁ BEM.

Vinho Reconstituente

SILVA ARAUJO

O TÔNICO QUE VALE SAÚDE

J.W.T.

NO CALVÁRIO

Conta a lenda que no momento pavoroso
Em que a alma do Cristo alou-se desta vida,
Sentiu-se estremecer a terra comovida.
E a noite abriu no espaço o crepe lutuoso.

Como que imensa dor unânime assaltava
A natureza tôda, extraordinariamente,
O mar, o próprio mar, o eterno combatente
Ungiu de piedade a voz roufenha e cava.

O drama do Calvário, a merencórea cena
Do Cristo que morria, angélica açucena,
Ante os olhos da mãe, as pedras comovia.

Comovia o oceano, o espaço... Unicamente
Dos carrascos a turba olhava indiferente
O cadaver do Cristo e o pranto de Maria...

VICENTE DE CARVALHO

*Fragmentos da Poesia
Nacional*



ESPARSOS

NO HORTO

Jesus cismava mudamente. No horto
Ia um silêncio tumular e brando...
Surgia a lua, pelo céu pairando
Como o semblante lívido de um morto.

Do Cristo o olhar sereno, acompanhando
O olhar dos astros, procurava um porto
Onde a sua alma em dor e desconforto
Mais suavemente a cruz fôsse arrastando.

Unindo então a soluçar à boca
O calix que lhe enviara o Deus infindo,
Teve um momento de blasfêmia louca:

"Seja eu maldito, Madalena pura!
Eu, que inda o mel do beijo teu sentindo.
Não quebro aos pés o calix da amargura!"

ALPHONSUS DE GUIMARAENS

JESUS AO COLO DE MADALENA

Jesus expira, o humilde e grande obreiro!...
Sobem já, pela cruz acima, escadas.
E nos cravos varados do madeiro,
Batem os malhos, cruzam-se as pancadas.

Ouve-se o choro em tórno. — As mãos
[primeiro,
Inertes, caem no ar dependuradas.
A fronte oscila; arqueia o tronco inteiro
Nos braços das mulheres desgrenhadas.

Soltam-se os pés. — Aumenta o pranto e
[a queixa.
Só Madalena ao ouro da madeixa
Limpa-lhe a face, que de manso inclina.

E no meio da lágrima mais linda
Com o dedo erguendo a pálpebra divina,
Busca ver se Ele a vê... beijando-o
[ainda!...

LUIZ DELFINO



**É possível ver
o depósito de tinta!**

Só a Parker possui êstes anéis luminosos

O original, translúcido corpo da Parker Vacumatic, é um distintivo de qualidade da caneta, como o segurador de bôlso, em forma de seta. E, essa série de anéis luminosos torna sempre visível o depósito de tinta. Sabe-se logo quando reabastecer.

Se acha difícil obter uma

destas canetas mundialmente famosas, mande o seu revendedor reservar-lhe uma! São esperadas mais... e o senhor não terá de esperar muito para se beneficiar destas características exclusivas:

1 - Corpo translúcido, patenteado, através do qual é constantemente visível o depósito de tinta.

2 - Pena de ouro de 14 K, não quebradiça, com a ponta guardada de raro osmírdio, polido ao microscópio.

3 - Enchedor sem saco de borracha, patenteado, manejável com uma só mão... assegura um excepcional abastecimento de tinta.

4 - Segurador de bôlso — mantém a caneta baixa e protegida em seu bôlso.

Parker

VACUMATIC

CANETAS - LAPISEIRAS

PREÇO: CR\$ 265,00 — JUNIOR VACUMATIC, CR\$ 150,00

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos: COSTA, PORTELA & CIA., R. 1.º de Março, 9-1.º, Rio de Janeiro
Em Belo Horizonte: Sr. José Harry Leite - Rua São Paulo, 554

244-P

PAISAGENS LOCAIS

Curças



Página das mães

★ BOM-HUMOR ★

A INFLUÊNCIA do temperamento dos pais sobre a educação dos filhos é de modo tal evidente, se faz sentir de modo tão perceptível, que ninguém discute mais a sua força, sua poderosa sugestão. O que é preciso, quanto a este ponto, por parte dos pais, é não esquecerem um só momento da importância desse fator, a fim de que, em casa, no meio familiar, guardem sempre uma conduta normal de bom-humor, animados de espírito de justiça nas palavras e nos atos. Em quase toda família existe o hábito da maledicência, da crítica, do comentário azedo, do mexerico, da mania de preocupar-se com a vida alheia. Isto no que diz com as mulheres.

Os chefes de família, estes costumam trazer da rua e da faina dos negócios os recalques e as contrariedades, os aborrecimentos e as humilhações e, assim chegam à casa, abrem a válvula das revoltas e das explosões, criando, com tais maneiras, um ambiente de irritação e desassossego, que em pouco tempo fica sendo a atmosfera familiar constante. Ah é um mal de consequências desastrosas essa tendência, e só depois que os seus efeitos se enraizaram é que, já tarde, percebemos, sentimos, sofremos o malefício de tal estado de espírito. E acresce notar que é quase impossível, pelo menos difícil a remoção de um mau hábito. O remédio eficaz para o mal é o bom-humor, não há dúvida. Uma criatura bem-humorada difunde em torno de si uma espécie de alegria espiritual que dá segurança à vida, que espalha o contentamento com o mundo. E especialmente influi favoravelmente no temperamento das crianças e dos moços corrigindo-lhe a impaciência, amoldando-as à adaptação social. E quando se fala de bom-humor é no sentido de ser alguém compreensivo e benevolente, disposto a julgar as coisas e os homens de maneira humana e equânime, desculpando no semblante as suas falhas, frizando mesmo os seus aspectos pitorescos. E' preferível sorrir sem maldade dos erros alheios do que revoltar-se contra eles.

Os pais devem crer na verdade, que a vida nos ensina, de que tanto a crítica quanto a revolta de nada valem para corrigir erros dos outros. Se assim não fosse, o mundo há muito tempo estaria já nos seus verdadeiros eixos. O que é importante e eficiente é cada um de nós fazer a auto-crítica e corrigir primeiro as suas lacunas para depois, então, poder corrigir as do próximo. O exemplo vale mais do que a doutrina. A sociedade está cheia de doutrinadores, mas criaturas exemplares não se encontram muitas. E estas é que edificam, convencem, ensinam. Boas palavras, bons ditos, boas doutrinas os livros e os homens andam cheios deles. Mas são textos mortos, não os animam os bons exemplos. A' mingua de tais contribuições para benefício do semelhante, devemos, pelo menos, valer-nos do bom-humor, que está ao alcance de qualquer pessoa, desde que se disponha a exercitá-lo todo dia...

Aconselhamo-lo principalmente aos pais no trato com os filhos, porque é do dever deles, na mais corriqueira das hipóteses, derramar a alegria em casa, entre as criaturas da família, já que não podem edificá-los com uma vida bela, justa e santa. Pelo menos alegres cumpre que sejam no mundo familiar, que se lhes modela à imagem e semelhança dos pais. Pensem nisso, e sejam sempre bem-humorados.

★ CONVE'M SABER ★

Procure sempre para o seu filho amizades de crianças da mesma idade dele, que são as que menos o podem prejudicar. As crianças mais velhas exercem grande influência sobre as menores e estas procuram sempre imitá-las nos seus atos, muitas vezes condenáveis.

Certos defeitos da visão fazem a criança mostrar falta de gosto e incapacidade em relação aos estudos. Entretanto, desinteresse pelos trabalhos escolares, preguiça e desleixo podem desaparecer com a correção de tais defeitos, a qual muitas vezes se faz unicamente com o uso de óculos adequados.

Uma criança normal e bem alimentada deve dormir naturalmente, sem necessidade de

chupetas ou de alguém que a mime, cantando. As chupetas, em muitos países, por serem anti-higiênicas, sofreram tenaz campanha dos médicos, sendo quase abolida inteiramente.

Deixe que seu filho, desde os três anos, vista-se sozinho. O hábito desenvolverá nele diversas qualidades. Que melhor trabalho manual para ele que o de vestir-se? Fa-lo a aprender a fazer uso de sua própria vontade, a ter iniciativa e a executar bem alguma coisa.

Jogos e Brinquedos



PARA O DESENVOLVIMENTO da criança, a diversão é tão necessária quanto a alimentação racional e o ar puro, porque aos benefícios oriundos dos exercícios físicos, que as brincadeiras propiciam, allam-se os do regimen alimentar cuidadoso, daí resultando uma ação conjunta altamente benéfica.

Convém, pois, sejam tôdas as brincadeiras realizadas ao ar livre, com método, observando os pais se as mesmas obedecem a horário que não perturbe a hora da alimentação.

Hoje, apresentaremos uma brincadeira bem interessante: **Imperador, rei, conde, barão, marquês, capitão, ministro, jardineiro, advogado e barbeiro.** Escrevem-se êsses títulos no chão, cada qual num círculo, que será ocupado por um garoto, depois de um sorteio. Quem possuir o título de **Imperador** ficará com a bola, devendo atirá-la ao rei que deverá apanhá-la, pois, se não o fizer, perderá o título para quem a alcançar. A criança que a alcançar estará na obrigação de devolvê-la ao **Imperador**, que tudo fará para não a perder. A criança que conseguir ser duas vezes **Imperador**, ganhará o jogo, sendo, no entanto, necessário que, na primeira vez, passe por todos os títulos.

Esse jogo é, como se vê, um passatempo interessante, com a vantagem ainda de exercitar as crianças e preparar-lhes o espírito para as vitórias realizadas à custa de esforço, perseverança e paciência — os três fatores essenciais na vida...

ORIGEM E SIGNIFICAÇÃO DAS FESTAS RELIGIOSAS DE ABRIL

SEMANA SANTA

A Semana Santa é a que precede o Domingo de Páscoa. Também é chamada "A grande semana".

Na liturgia católica é, toda ela, consagrada a honrar lembrança dos últimos dias que Jesus passou na Terra.

O Domingo, chamado de Ramos, lembra a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Os ofícios de 2.ª, 3.ª e 4.ª-feira Santa, seguem, por assim dizer, passo a passo, as últimas lutas com os Judeus.

A 5.ª-feira Santa lembra a última ceia, a instituição da Eucaristia e a traição de Judas. A sexta-feira da Paixão é consagrada à morte de Jesus no Calvário. A liturgia do sábado é dividida entre a lembrança de sua morte e a esperança de sua ressurreição.

ALTEROSA * ABRIL DE 1946

DOR - GRIPE - RESFRIADOS
RHODINE
 CAFEINADA

A boa enfermeira

R. 56-1045 PANAM — CASA DE AMIGOS

ONTEM
TOSSINDO

HOJE
SORRINDO



EM
24 HORAS
DEIXA
DE FLUXO
E TUA
MANIFESTAÇÃO.

**PEITORAL
DE ANGICO
PELOTENSE**

EXCELENTE TONICO DOS PULMÕES

Hinterlândia

POETICA

SER FELIZ...

Ser feliz é ser crente, ser bondoso,
Expandir-se em amor e ser amado...
Sentindo-se útil dentro de seu fado,
Ter o espírito em íntimo repouso!

Ser feliz é sentir, harmonioso,
Pelas dores alheias derramado,
Correr o pranto... E' dar ao desgraçado
Do coração o confortante pouso.

E' ser agradecido ao admirar
A beleza do sol e do luar,
Os mares, a floresta, a flor, a fruta...
E' oferecer a Deus no fim do dia,
Da ação e da consciência em harmonia,
Os frutos ideais de nossa luta!

Anita Carvalho

MEU OLHAR

O meu olhar, querido, é uma carícia vaga,
Um afago sutil, que faço de mansinho
Por todo o corpo teu.
E' o mais longo carinho
Que te posso fazer sem te tocar.

O meu olhar
E' macio... é ténue como o beijo
Que, pousando de leve na tua alma
Desperta-lhe o desejo
De amar!

No meu olhar há uma volúpia calma...
Há preces de ternura e murmúrios de
[amor...]
Há sorrisos de luz que te prometem tudo.
E nessa maciez, gostosa, de veludo,
Há reflexos de dor!

Zélia Moreira

PARA O TEU SILÊNCIO

Amanhã, minha mãe, irei levar-te
Este "bouquet" de pequeninas rosas,
Flôres virão, bem sei, de toda a parte,
Mas as dos filhos, mãe, são mais chei-
[rosas.

Pequenino "bouquet" sem côr, nem arte,
Viva expressão das dôres silenciosas,
Que sente o filho que quisera amar-te,
— Na terra-mãe de todas as mães sau-
[dosas.

Quando te fôste, mãe, por que deixaste,
— Pequenas flôres que saltaram da
[haste —
Os teus filhinhos a sofrer sem ti?

Agora irei levar-te à sepultura
Nesse "bouquet" da minha des-
[ventura
Todas as flores que deixaste aqui.

José Guida Filho

MADRIGAL

A canícula zomba do nosso idílio
dando gargalhadas de luz
pela boca luminosa do sol cruel.
— Entretanto parece que estou no céu,
pols' tudo em você me seduz:
— O seu amor é mais quente do que o sol
e o seu beijo mais doce do que o mel!

Evagrio Rodrigues



Chamado à Perfeição

LIMPE... TONIFIQUE... SUAVISE...

Aqui estão os Essenciais de Elizabeth Arden, os elementos básicos para a rotina da beleza diária, a verdadeira base de uma cutis perfeita.

Eles representam — Limpar — Tonificar — e Suavisar — com os incomparáveis preparados de Elizabeth Arden, com os quais toda a mulher pôde conservar-se bela e se tornar mais atraente

Eles lhe ajudarão a conservar sua pele fresca, clara e bela. Pelo prazer de usa-los, pela deliciosa fragrância, encantadora consistência, estes Essenciais não têm paralelos



Os melhores preparados são os mais economicos, você usa menos, eles duram mais.

ARDENA CREME DE LIMPEZA - Cr\$ 30,00 - 56,00 - 90,00 - 140,00

ARDENA TONICO PARA A PELE - Cr\$ 32,00 - 78,00 - 145,00

ARDENA CREME DE LARANJA - Cr\$ 24,00 - 45,00 - 50,00 - 66,00 - 100,00

ARDENA CREME VELVA - Cr\$ 30,00 - 56,00 - 90,00 - 140,00

Elizabeth Arden

RIO DE JANEIRO: AV. PRESIDENTE WILSON, 165

SÃO PAULO: 1.ª SOBRELOJA CASA ANGLO BRASILEIRA BUENOS AIRES: HARROD'S

R. J. Ford Propaganda

Caixa de Segredos

Consuelo San Martín

CAIXA DE SEGREDOS é uma secção permanente que esta revista oferece aos seus leitores desejosos de solucionar os seus problemas sentimentais, proporcionando-lhes conselhos sinceros e baseados na experiência e observação da existência humana, através de suas múltiplas manifestações psicológicas.

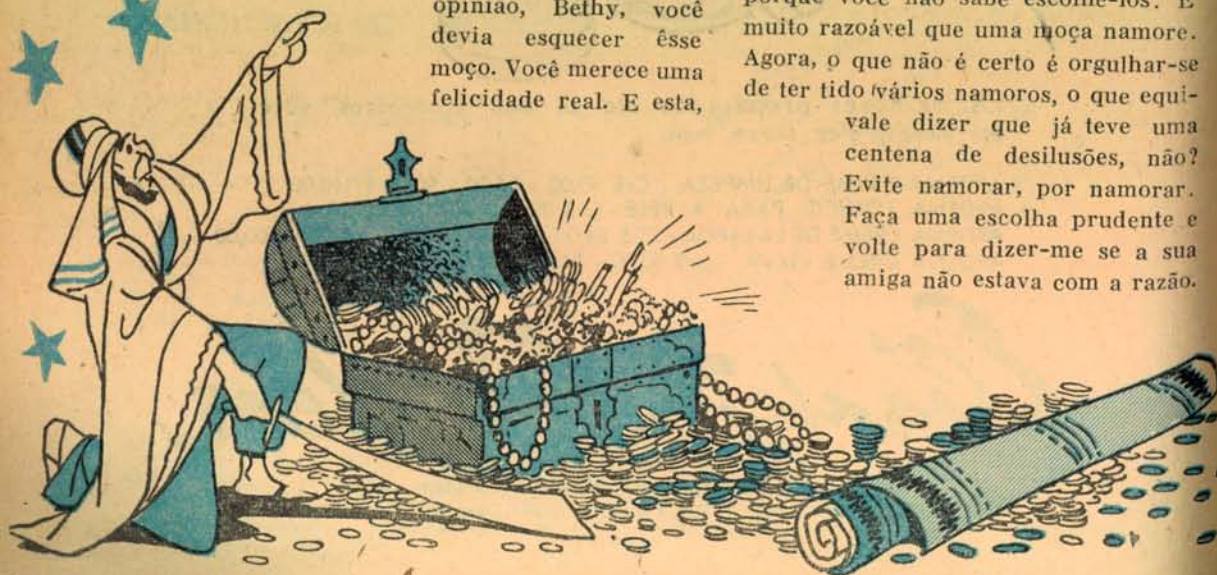
Toda correspondência para esta secção deve ser dirigida a Consuelo San Martín, "Caixa de Segredos" — Redação de ALTEROSA — Caixa Postal, 279 — Belo Horizonte.

★ CORRESPONDÊNCIA ★

BETHY — PARAGUASSU — MINAS — Tudo na sua carta revela senso e juízo. Não posso, portanto, compreender, que uma criatura tão equilibrada possa fazer uma escolha como a que você fez. Na realidade, por maiores que fossem os motivos, o seu namorado não tinha o direito de humilhá-la, dizendo que gostava de outra. Pelo que você me expõe, acredito-a digna de um companheiro melhor. Essas atitudes de ida e volta são um sintoma evidente de caráter mal formado do seu ex-namorado. E que felicidade pode esperar uma moça de um homem que não sabe portar-se como *homem*? Na minha opinião, Bethy, você devia esquecer esse moço. Você merece uma felicidade real. E esta,

facilmente, com os dotes que possui, você encontrará.

ROSE MARIE — DIAMANTINA — MINAS — Minha boa amiga, os seus casos amorosos não têm a gravidade que você lhes empresta. Na sua idade, a imaginação tem papel destacado no aumento das alegrias ou tristezas. E você vê, então, dias negros e infelicitades onde, na realidade, só existe a própria vida. Não há motivo para tanta inquietação. Se o seu namorado não voltou, é porque o seu destino era outro e (quem sabe?) a sua união não deveria realizar-se, para a tranquilidade de ambos. O fato de se despedirem todos os seus namorados, existe, apenas, porque você não sabe escolhê-los. É muito razoável que uma moça namore. Agora, o que não é certo é orgulhar-se de ter tido vários namoros, o que equivale dizer que já teve uma centena de desilusões, não? Evite namorar, por namorar. Faça uma escolha prudente e volte para dizer-me se a sua amiga não estava com a razão.



SUELY — GUARATINGUETA'

— S. PAULO — Minha boa Suely

— A sua carta não traz, como as outras, um problema para eu resolver. E' você amada, mo' afirma. Ama, também. As famílias de ambos aplaudem essa projetada união e a felicidade parece caminhar ao seu encontro. Perguntame, por fim, se deve continuar confiante. Pelo que você me expõe, não há motivos para desconfianças. Só se você quisesse imaginar algo que possa perturbar a paz em que vem mantendo o seu namôro. Continue, como começou e diga breve a sua amiga de Minas, da realização do seu sonho.

EDMAR — S. LOURENÇO —

MINAS — Leio com o carinho costumeiro a sua prezada missiva. O seu problema, no momento, é apenas de ordem material, embora envolva um outro muito mais sério, de ordem sentimental.

O enderêço de que você necessita e cujo auxílio me pede, é deveras difícil. No turbilhão da vida carioca, não é muito fácil encontrar uma pessoa de quem se não tem notícias há quinze longos anos. Não é possível garantir-lhe, como você deseja, que é ainda lembrada. Convém ter em mente que os homens, em geral, têm a memória menos fiel que as mulheres. Que, pois, esperar de tudo isto? Só o destino poderá responder-lhe, não acha você? E que êle lhe seja benéfico é o que, de coração, desejo à prezada Edmar.

MIRZA — CAPITAL — Os consultórios sentimentais estão cheios de casos idênticos ao seu. Realmente, é você uma criatura admirável. Não só pela sua resignação, como pelo seu esforço em benefício de uma causa tão difícil. O homem perdeu mesmo muito a noção das responsabilidades. Saiba porém, quem os maiores culpados? Em primeiro lugar a própria organização social, que obrigou a mulher a abandonar o lar, em prejuízo das suas mais nobres funções; em segundo lugar, a própria mulher na sua disputa diária com o homem. Resultado: o homem resolveu sacrificar a mulher, impondo-lhe todos os deveres do gênero humano.

Minha amiga, o seu caso não tem a solução imediata que você deseja: só uma revolução de costumes poderia trazer-nos o almejado equilíbrio. E oxalá ela não tarde.

LOURDES — ITAÚNA — MI-

NAS — Minha menina, quem está com a razão não é você; são os seus pais. Na sua idade seria muito mais acertado que você estudasse, praticasse esportes e mesmo, brincasse. Aos quinze anos que pode você entender de amor? Eu não sei qual o de-

(Conclui na pag. 123)



Dingos de História

por
JOAQUIM
LARANJEIRA

GÊNIOS

Solicitado a emitir sua opinião sobre os homens de gênio, assim se manifestou Gabriele d'Annunzio:

— Caso teratológico, os homens geniais são sempre animados por um sopro divino; muitos, entretanto, não passam de negociastas. Goethe é a grande exceção no mundo inteiro. Na Itália, só conheço dois que reúnem na mesma pessoa o gênio e a inteligência. Um, é Leonardo da Vinci — pintor, escultor, matemático, filósofo...

Como fizesse uma pausa, o interlocutor perguntou:

— E o outro?

Surpreendido pela ousadia do ingênuo, assim tornado também importuno, o mestre, sem nada acrescentar, voltou-lhe as costas.

IMPOSSÍVEIS

Ditava o sábio S. Tomaz filosofia a seus alunos, quando um deles levantou-se da banca, correu à sacada do convento e começou a bradar:

— Corra! Corra aqui, padre-mestre! Venha ver vossa paternidade uma coisa maravilhosa: um boi a voar!

Ergueu-se o santo, muito açodado, e começaram outros frades a chasquear de sua ingenuidade, dizendo:

— Admira, padre-mestre, um homem prudente como vossa paternidade acreditar em coisa assim impossível.

— Mais possível, meus irmãos — ripostou S. Tomaz, voltando a assentar-se, — me pareceu mais fácil um boi voar que um religioso mentir.

LIÇÃO BEM DECORADA

Certa vez, Elias Root, secretário de Estado em Washington, interpelou o contínuo do gabinete ministerial:

— Quem tirou daqui o cesto de papéis, James?

— Mr. Riley, senhor.

— E que diabo é esse Mr. Riley?

— O moço da limpeza, senhor. Meia hora mais tarde:

— James, quem abriu aquela janela?

— Mr. Lantz, senhor.

— E quem é Mr. Lantz, James?

— O moço que trata das vidraças, senhor.

Severo, o estadista ordenou, então:

— James! aqui tratam-se todos só pelos nomes próprios. Não quero mais ouvir esses Mr. Mr. (mister, mister), nem esses apelidos, ouviu?

— Sim senhor ministro.

Decorridos dez minutos, abriu-se a porta do gabinete, e ouviu-se a voz aflautada de James:

— Ellas! Está aqui uma pessoa que deseja falar-lhe!

SEGREDO

Perguntando um íntimo ao conde de Vimioso a quem ele mais depressa confiaria seus segredos, respondeu que a um mentiroso.

— A um mentiroso?! E por que?

— Porque, publicando-os, não seria acreditado.

NÃO TINHA PERIGO

Quando faleceu o duque de Wellington, o corpo diplomático acreditado em Londres teve convite para assistir, na Catedral de

São Paulo, às exéquias do vencedor de Napoleão. Embarcado, o embaixador da França apresentou-se ao representante russo — barão de Brunnow — afim de pedir-lhe conselho, como velho diplomata e decano dos seus colegas.

— S. Majestade a rainha — disse — pretende que compareçamos todos os funerais do duque. Mas eu, como devo proceder, em vista das injúrias feitas por ele, quando vivo, ao meu país?

O interpelado respondeu, urbano, mas com certa malícia:

— Estando o duque morto, acho que pode ir, sem receio, às suas exéquias; se se tratasse, por exemplo, de assistir-lhe à ressurreição, então sim, eu lhe aconselharia a recusar o convite da rainha.

AS FILHAS DE EPAMINONDAS

Compreendendo que Epaminondas ia morrer, os amigos choravam-no à beira do leito, quando, pezaroso, disse um deles:

— Se ao menos deixasse um filho para recordar-lhe os feitos!

E o moribundo, que o ouviu:

— Não deixo filho, mas deixo duas filhas imortais, graças às quais a Posteridade se lembrará de mim: as batalhas de Montinela e Lecutis.

A DIFERENÇA

Chegando da guerra, muito velho e cansado, com a barba assaz crescida, chamou d. Jorge d'Eça um barbeiro para fazê-la. Satisfeito, perguntou ao moço, passando a mão pela cara:

— Então? Pareço agora um rapaz?

— Nada, meu senhor! — respondeu-lhe o barbeiro. — Antes, parecia um velho...

— Pois, e agora?...

— Agora, parece uma velha.

A FAMÍLIA DE NAPOLEÃO

Napoleão III tinha uma vasta parentela aquinhoada com vultosos favores do Estado, mas sempre insatisfeita e desejosa de mais. Certo dia, tentava vencer a uma prima ser-lhe inteiramente impossível, por falta de meios, aumentar a dotação com que a contemplava. A princesa não apenas se mostrou incrédula a princípio, como ainda, ao ter de abandonar a partida, pela irredutibilidade do parente, exclamou de modo altaneiro:

— Positivamente, o senhor nada tem do Imperador nosso tio!

— Engana-se, querida prima, — observou o monarca, num sof-

riso maligno — tenho a família dele...

OBEDECER. SIM; AMAR, NUNCA!

Depois de felizes operações militares no Languedoc, o duque de Orleans impôs pesados tributos aos camponeses da região. Cansado, um dia, de ouvir a um dos prejudicados censuras a seu ato, interrogou, severo:

— Afinal, meu amigo, que forças podem deter minha vontade? Que poderão todos vocês contra as minhas ordens?

— Nada, senhor.

— Neste caso, que pretendem fazer?

— Obedecer e aborrecer, senhor! — respondeu o campônio.

FALTA CORRIGÍVEL

Com a eleição de Pedro de Cordova para arcebispo de Granada, disse o duque de Lerma ao jovem príncipe da igreja:

— Todos estamos satisfeitos com a escolha que de v. excia. fez S. Majestade. Apenas, julgamo-lo muito moço...

— Falta esta — respondeu o arcebispo — de que, esteja certo o senhor duque, todos os dias firme-ei emendando um pouco...

A ESTRÉIA DE BALZAC

Certo editor desejava publicar uma obra de Balzac, então no início de sua glória literária, mas já gozando certo prestígio no mundo das letras. Depois de bem calculadas suas contas, decidiu-se a visitar o romancista e oferecer-lhe três mil francos pela propriedade da obra.

Perguntando sobre o domicílio do escritor, ao saber que o mesmo residia num bairro popular, disse consigo:

— Vive nesse bairro! Pois não lhe oferecerei mais de dois mil francos.

Chegando à casa, e averiguando que Balzac morava no quarto andar, pensou com os seus botões:

— No último andar! Bastarão mil e quinhentos francos.

Bate à porta. Abrem. Vê um mobiliário modestíssimo.

— Como tudo aqui é pobre! Não darei mais de mil francos!

Entra no quarto, onde o novelista comia, como primeira refeição, um pedaço de pão sem manteiga.

— Mas isto é uma miséria — resmungava o "filantrópico" editor. — A mais negra das misérias! Só darei cem escudos.

E foi por esse preço — trezentos francos — que Balzac vendeu sua novela "La dernière fée", hoje classificada entre suas melhores obras.

OCUPADÍSSIMO! mas... SABE ALIMENTAR-SE

• Naturalmente, sente-se tão bem disposto, cheio de vivacidade e energia — a razão da alegria de viver! Seus alimentos, verdadeiramente nutritivos, são preparados com a insuperável

MAIZENA DURYEA

A MAIZENA DURYEA

Caixa Postal, 6-B-São Paulo

Peço enviar-me, GRATIS, o livro 52

"Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____

RUA _____

CIDADE _____

ESTADO _____



Rejuvenescimento pelas Glândulas

A velhice não é uma doença, é uma infelicidade. Com o correr dos anos, o nosso organismo vai deixando, aos poucos, de corresponder às exigências normais da vida. Nossas funções tornam-se irregulares; algumas mesmo deixam de existir. A existência, assim, é um sacrifício. Só a idade jovem nos permite viver alegremente. E por isso que a maior preocupação da Humanidade sempre foi a de conservar a juventude. Sabemos, hoje, que a regularidade de nossas funções depende essencialmente dos hormônios, substâncias produzidas pelas glândulas de secreção internas. Essas glândulas trabalham em perfeita harmonia e em estreita colaboração. Qualquer perturbação ou falha em uma delas provoca um desequilíbrio geral do organismo. Na idade avançada, ou por outro motivo, no moço, quando as glândulas sexuais são atingidas em sua vitalidade, a deficiência ou a falta dos hormônios correspondentes provocam, além de outros distúrbios, a perda da virilidade. Quando isso acontece, o recurso está em OKASA. OKASA é um

produto de alta reputação mundial e de eficácia comprovada no tratamento de todas as formas de insuficiência das glândulas sexuais, onde se acham associados os hormônios sexuais e as vitaminas essenciais. OKASA, restabelecendo a função sexual, rejuvenesce, revigora, e restitui a Alegria de Viver. OKASA é apresentado sob a forma de drágeas, fáceis de tomar e fabricado pelos famosos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres, de onde é diretamente importado. OKASA combate com sucesso todas as perturbações originadas pela insuficiência das glândulas sexuais tais como: fraqueza sexual, debilidade orgânica, senilidade precoce, fadiga, perda de memória, neurastenia, no homem; frigidez, irregularidades da menstruação, males da idade crítica, obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e enrugamento da cutis, na mulher. A venda nas boas Drogarias e Farmácias. Peça fórmula "Prata" para homem e fórmula "Ouro" para mulher.

Informações e Pedidos ao Distr. Repres. Pac Ltda., Rua Guarani, 164-B. Horizonte



DESENHOS COMERCIAIS TECNICOS E ARTÍSTICOS

CARTAZES
GRÁFICOS
ROTULOS
ILUSTRAÇÕES
CARICATURAS



RUA ESP. SANTO, 621 - ESQ. AVENIDA - ED. CRISTAL
1º AND. SALA 4 - FONE 2-6707 - BELO HORIZONTE

FOGO-PAGÔ

Fogo-pagô,
quando eu era menina,
ficava triste,
escutando de longe
Você cantar:
"Fogo-pagô..."

E imaginava
uma casinha,
pobre mesmo,
Fogo-pagô,
sem nada em cima do fogão.

Eu pensava também,
Fôgo-pagô,
que Você visse tudo
o que se passava
na casa que eu via
na imaginação.
E por isso cantava
melancólica e triste
nessa linguagem fresca da terra
[sem gente:

Fogo-pagô,
Fogo-pagô.

Agora eu sei
que Você canta
Fogo-pagô
E' por cantar.

Mas agora já vi
fogões apagados,
rostos chupados,
amarelentos.
Fogo-pagô,
ouço Você
e fico mais triste
que antigamente.

MARIA LIMA.

"OS LUSÍADAS"

"OS LUSÍADAS" é o poema nacional dos portugueses.

Foi escrito por Luis de Camões e conta-nos as peripécias da viagem de Vasco da Gama à África e da descoberta do caminho marítimo da Índia. É um dos mais notáveis poemas épicos da literatura universal. Divide-se em dez cantos e cada canto em estâncias de oito versos. A primeira edição dos "Lusíadas" data de 1572. Existem traduções em quase todos os idiomas vivos, além das versões latinas, gregas, hebraicas, etc. O poema, porém, não tem por fim realçar apenas os feitos de Vasco da Gama. É, como o desejou fazer o autor, uma obra grandiosa em louvor ao passado histórico de Portugal. Luis Vaz de Camões nasceu em Lisboa, em 1524. Estudou nessa capital e em Coimbra. Apaixonou-se por D. Catarina de Ataíde — a Natércia dos seus poemas — e, caindo no desagrado de d. João III, foi desterrado. Em Ceuta, entrou na luta contra os mouros, perdendo a vista direita. Regressando a Lisboa entregou-se a uma vida desregrada. Condenado a um ano de prisão, escreveu o primeiro canto dos "Lusíadas". Depois de tomar parte em expedições militares, nomeado provedor-mór de Macau, compõe aí mais seis cantos de seu poema. Em viagem para Goa, o navio naufragou. O poeta salva-se com o seu manuscrito. As enfermidades e a miséria amarguram-lhe a velhice. Além dos "Lusíadas", Camões escreveu "El rei Seleuco", "O anfitrião" e muitos sonetos, elegias, sátiras, etc.

"VERSOS ESCOLHIDOS E EPIGRAMAS"

O NOVO LIVRO DE DJALMA ANDRADE



Djalma Andrade

Djalma Andrade, o consagrado poeta mineiro, acaba de reunir num elegante livro alguns dos seus melhores versos.

Constitue esse fato, sem dúvida, mais uma expressiva contribuição do grande artista para o enriquecimento da literatura nacional.

Espírito multiforme, sensibilidade viva e aberta às emoções coletivas, Djalma Andrade nos oferece, nesse livro, sonetos que são obras-

primas: "Caridade", "Humildade" e "Idealista", em que o artista se confunde com a massa anônima e sofredora, sedenta de justiça humana. Nesses versos, admiráveis, na forma e na essência, o poeta atinge a sublimação de sua arte. Transfigura-se. Ninguém reconhece no cantor doloroso e filósofo, o Djalma Andrade satírico, incandescente e temível... Mas os verdadeiros artistas se nos apresentam sempre nesse desdobramento inconfundível, em que as suas idéias se nos transmitem íntegras e impregnadas da pura emoção que as criaram.

Nesse livro temos, portanto, duas grandes exteriorizações artísticas num só criador, cuja força espiritual se comunica ao leitor na dupla manifestação da poesia lírica e sentimental, epigramática e risonha...

Mas o poeta continua íntegro e indivisível na nossa admiração, porque, ao final do livro a impressão que nos fica é a da ação benfazeja de uma autêntica organização poética a serviço da Vida...

TIMIDEZ DE LA ROCHEFOUCAULD

O DUQUE de La Rochefoucauld, o célebre autor das máximas com que imortalizou o seu nome, não pertenceu à Academia Francesa. A obrigação de discursar publicamente no dia em que fosse recebido foi o único obstáculo que o afastou daquela ilustre assembleia. La Rochefoucauld, com tanta coragem que tinha mostrado em mais de uma ocasião notória, e saliente, e com toda a superioridade que seu nascimento e seu espírito lhe davam sobre homens vulgares, não se julgava capaz de suportar a presença de um auditório e de pronunciar meia dúzia de palavras em público, sem ser vítima de uma espécie de desfalecimento.

*

• VÁRIAS •

O marfim não só se obtém dos elefantes, mas também dos hipopótamos e focas.

*

No Canadá, em cada cem agricultores oitenta são proprietários das terras que cultivam.



4

Grandes Inovações Cutex

Nova Fórmula

Um esmalte inteiramente novo: seca rapidamente, tem maior brilho e permanece longamente sobre as unhas.

Novas Cores

arrojadas... lindas... excitantes... Estas são as tonalidades estilizadas para 1946: At Ease — Honor Bright — Proud Pink.

Novo Vidro de maior tamanho

O esmalte Cutex vem agora acondicionado num novo frasco de linhas modernas.

33% mais de Esmalte

Sem aumento de preço. Não há esmalte melhor, seja qual for o preço.

**SEM AUMENTO
DE PREÇO!**



SEMPRE

NA VANGUARDA EM NOVAS IDÉIAS!

PEGGY SAGE

apresenta

Cintilante

— nova e estranha beleza para suas mãos, com Peggy Sage, graças a um novo e mágico ingrediente que fará suas unhas cintilarem como jóias raras.



Tons cintilantes: HEARTBREAK PINK
VICTORIAN ROSE • PSYCHE PINK
GINGER TEA • DARK FIRE



★ TENDÊNCIAS DA MODA ★

A MODA é variável como o próprio gosto feminino... As estações desfilam, no giro contínuo da

vida, e, com elas, os motivos — sempre em eterna renovação — da moda feminina.

A esses dias tropicais que estamos gozando, suceder-se-ão, muito em breve, os dias frígidos e nevoentos. E a metamorfose da toalete feminina será radical, naturalmente.

A influência, atualmente, dos costumes russos na moda feminina norte-americana merece destaque, pois far-se-á sentir no próximo inverno entre as nossas elegantes. A blusa russa, usada como parte integrante do vestido, já está consagrada pela sua beleza e originalidade.

Anthony Blotta, lançou-a com absoluto sucesso nos Estados Unidos, e apresentamo-la, aqui, às nossas leitoras: trata-se de um vestido de crepe pesado, negro, ao qual se adapta, maravilhosamente, a referida blusa, confeccionada no mesmo tecido, tendo no peito um emblema de pedrarias — as agulhas imperiais — fechando do ombro esquerdo com

botõeszinhos de pedras, colocados horizontalmente. A gola é estreita e alta, as mangas amplas.

Como complemento da toalete o chapéu é prescindível, adaptando-se melhor um laço discreto de fita negra de veludo.

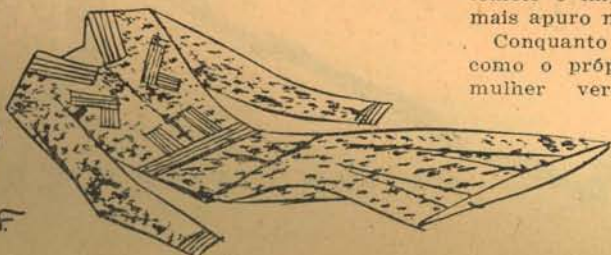
Muito em moda continuarão os "tailleurs" e "manteaux". Quanto a estes, a escolha é variada: redingotes muito largos em baixo e extremamente justos na cintura: "manteaux" ondulados em godets ou com grandes franzidos, pequenos paletós-saco, estreitos, curtos e sem gola, lembrando um pouco a jaqueta dos mandarins.

Os ombros são guarnecidos com casulos, capas pelerins ou golas.

Quanto aos "tailleurs", estão em voga as jaquetas mais curtas, ajustadas nas cinturas, assim como saias alongadas, de linhas sóbrias, formando um conjunto que prime pela simplicidade.

Chapeus singelos completam essa toalete e impõem aos cabeleireiros mais apuro na sua tarefa.

Conquanto a Moda seja variável como o próprio gosto feminino, a mulher verdadeiramente ciosa de sua elegância prossegue na linha invariável da simplicidade, bom gosto e discrição... que é a moda de todos os tempos...

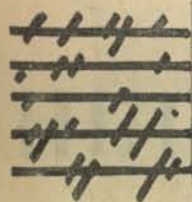


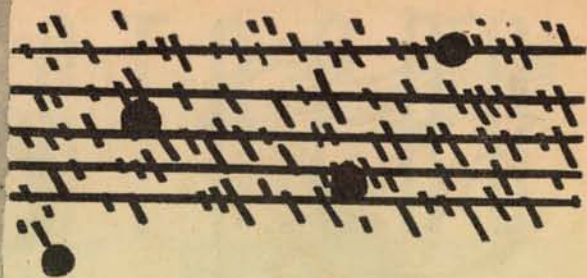


A deliciosa ROSALIND
RUSSEL, da Colúmbia,
numa elegantíssima
toalete cinza-claro, cuja
nota de originalidade
reside na bolsa e no
chapéu.

MODÉLO *de três*

Elegância em casa





A MULHER moderna realiza o milagre social de transformar o lar num verdadeiro paraíso, onde o homem sente o necessário conforto moral e material aliado a uma atmosfera de elegância e beleza que torna a vida mais agradável e sorridente...

ROSALIND RUSSEL, a estrêla da Colúmbia que, pelo seu talento e elegância, vem consolidando o seu crescente prestígio, oferece-nos um exemplo de uma esposa feliz iluminando com a sua beleza pessoal e a elegância de suas toaletes o ambiente familiar.





A PROXIMA-SE, agradável, o outono, quando a temperatura propicia ao mundo feminino a oportunidade de retornar às toaletes de sóbria elegância e real distinção.

Enchem-se as nossas avenidas de figuras encantadoras ostentando admiráveis "tailleurs" ou conjuntos que imprimem à fisionomia da cidade uma nota de rara beleza. A sugestão das nossas maravilhosas tardes outonais, a mulher brasileira explende no encanto de sua beleza a que a Moda vem realçar com o prestígio de sua luminosa presença...

As toaletes que apresentamos constituem uma mensagem do outono próximo.

Nesta página, JEFF DONNELL, num original "tailleur", ostenta moderno chapéu, que já admiramos no lindo filme da Colúmbia, "Passaram-se os Anos", e DUSTY ANDERSON, outra nova estrela da Colúmbia, veste sugestiva toailete em seda pesada.

Na página ao lado, ROSALIND RUSSEL, da Colúmbia, numa linda toailete para meia-estação, sobressaindo no negro do vestido a brancura da blusa elegantíssima.

meia-estação



Diferente

REALMENTE diferente é este conjunto que MARGUERIT CHAPMAN, da Colúmbia, ostenta: a saia, ampla e original, joga muito bem com o escocês da blusa e das extremidades viradas da manga, como punhos verdadeiros.



O favorito de Hollywood



ANN MILLER

Columbia

No próximo filme

"ELA ERA UMA DAMA"

Para as estrelas... para você! O famoso Pó facial Max Factor Hollywood, fará realçar toda a beleza do colorido natural de sua pele dando-lhe também um aspecto suave e uniforme tal como você na invejável pele das estrelas da tela:



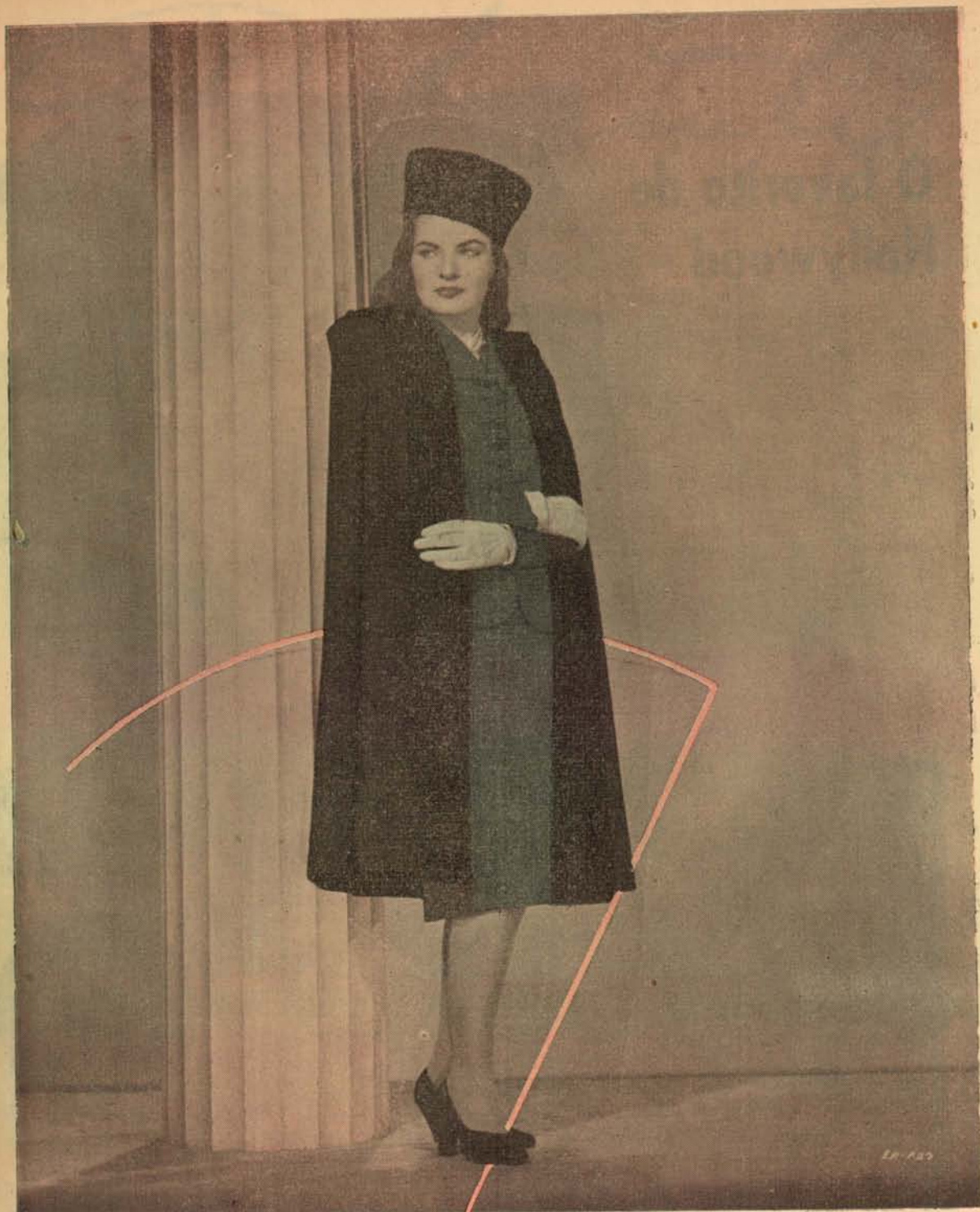
PÓ FACIAL

Max Factor Hollywood

O grande favorito das estrelas de Hollywood

À VENDA NAS CASAS DO RAMO

Representantes exclusivos para o Brasil — CHARLTON AMES & CIA. LTDA. — Caixa Postal 2775 — RIO



ELEGANTE toailete que nos apresenta ELLA RAINES, da Colúmbia, em lã cinzento-oxford e a capa adornada com pele de cordeiro negro da Pérsia. Da mesma pele é o thapéu cossaco.

Influência Persa



CERTO

ROSTO ANGULAR



ERRADO

Sabe pintar os seus lábios?

— Si o seu rosto é alongado ou angular, aqui está a forma correta

Dê a seus lábios uma forma muito mais encantadora com Baton Colgate! O tipo ideal de lábio para seu rosto é facilímo de desenhar com Baton Colgate Importado. Sim, porque êste baton, sem ser oleoso demais, é suave e permanente!

O Baton Colgate Importado cria lábios mais beijáveis porque é feito com *Karanuva*, o emoliente superior que dá aos lábios um brilho cáldo e provocante que desperta paixões. Em 5 lindas tonalidades: *Vermelho Americano*, *Médio*, *Escuro*, *Vermelho Amazonas* e a radiante côr *Hollywood*. Baton Colgate tem um perfume adorável e permanente. Diga hoje na sua perfumaria: Baton Colgate Importado!



CERTO

ROSTO ALONGADO

ERRADO



Coração bate com Baton COLGATE



Extravagância

A DELE JERSENS, a última e maravilhosa descoberta da Colúmbia, ostentando extravagante e originalíssima toalete cujo exotismo parece realçar-lhe a beleza de garota século vinte...



♦ ♦ ♦ ♦ e SIMPLICIDADE

ANITA LOUISE, a loura estrela da Colúmbia, apresenta-nos uma toaleta que prima pela simplicidade e nos lembra as suaves personagens das lendas maravilhosas... Sobre o vestido, cintilam as pérolas do magnífico colar que constitui a nota viva desta toaleta simples e encantadora.

Se usa toalhas higiênicas comuns...



Veja o que dizem 1.000 senhoras e senhoritas brasileiras consultadas sobre o assunto!

RECENTE inquérito, feito em Belo Horizonte entre 1.000 senhoras e senhoritas, afirma que três entre quatro mulheres consideram o novo Modess a mais segura proteção para os dias críticos, por ser *mais absorvente, mais macio, mais higiênico*. Se ainda não usa o novo Modess experimente *êste mês* este novo conforto e proteção! Ideado e feito, ponto por ponto, para atender às necessidades femininas, Modess é sua garantia nos dias críticos.

- **MAIS ABSORVENTE**
- **MAIS HIGIÊNICO**
- **MAIS MACIO**



Modess

UM PRODUTO
JOHNSON & JOHNSON

AMOSTRA GRÁTIS — Envie-nos Cr \$ 1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O que a Mulher Moderna Deve Saber" — Caixa Postal, 152 — Belo Horizonte.
6 - A A A A - 246

NOME.....

RUA.....

CIDADE.....

ESTADO.....

N. B. — Êste cupom e a importância de Cr \$ 1,00 devem ser remetidos pelo correio, registrados.



Para
seu
Album

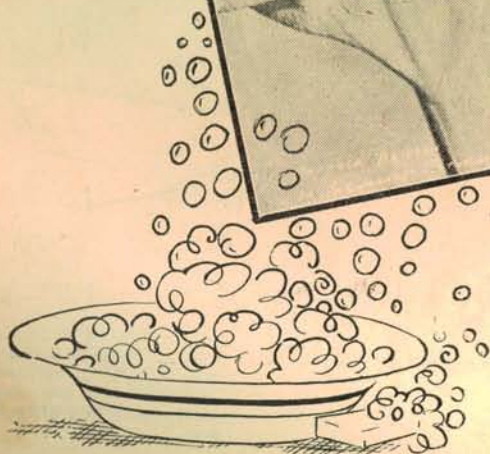
SHIRLEY TEMPLE, a encantadora estrela da United, cuja fama crescente se justifica pelo seu magnífico trabalho nos últimos filmes.



SHAMPOO EM CASA. Barbara Britton dá-nos uma demonstração de um bom "shampoo". Para começar ela usa o pente, tendo o cuidado de passá-lo em toda a extensão do cabelo para desembaraçá-lo completamente provocando, ao mesmo tempo, uma circulação mais intensa sob o couro cabeludo.



(Fotos PARAMOUNT)



ENSABOAR. A seguir, Barbara molha o cabelo e aplica um bom "shampoo" e ao mesmo tempo em que esfrega a espuma faz uma vigorosa massagem no couro cabeludo. Após a enxaguadura, é feita uma nova aplicação de "shampoo". Vem, depois, a última lavagem afim de remover a menor partícula de sabão.



SECAGEM. Em seguida, Barbara embrulha a cabeça numa toalha aquecida a vapor e assim fica durante cerca de cinco minutos até que o couro cabeludo sinta o calor. A mesma toalha é usada para esfregar o cabelo até que ele se torne quase seco. Barbara aconselha que se evitem as correntes de ar enquanto o cabelo não esteja completamente enxuto.

O CABELLO



(Fotos PARAMOUNT)

ÚLTIMOS RETOQUES. O pente e a escôva são usados para terminar a secagem e o cabelo de Barbara está, então, limpo e bonito, pronto para ser penteado. Essa encantadora garota será vista breve, estrelando a produção da Paramount, em ténicólor "The Virginian", com Joel McCrea, Brian Donlevy e Sonny Tufts.

A arte do PENTEADO

O novo penteado
de Anita Louise



A encantadora ANITA LOUISE, da Colúmbia, faz a demonstração de um penteado que é simples, de aparência jovem e fácil. Podemos dividi-lo em três fases: na primeira, os cabelos são divididos ao centro, com duas gurtas e suaves ondulações de cada lado. Na segunda fase, são os cabelos colhidos atrás com dois pentes ou travessas, de cada lado. As extremidades enrolam-se em grandes grampos, havendo três enrolados circulando toda a cabeça. Na terceira, para completação do efeito, retocam-se as extremidades em pequenos cachos. O acabamento também pode seguir o estilo pagem, liso e armado. Criação de HELEN HUNT.

Ostente
uma pele

**MAIS CLARA,
MAIS ALVA,
MAIS BELA!**



com êste método POND'S de limpeza intra-cutânea!

★ Para a suavidade e beleza de sua *cútis*, não basta o tratamento *exterior* da pele. Porque, mais importante ainda, é a limpeza dos poros, através dos quais a pele respira, renova-se, vive!

Foi porisso que Pond's criou, para Você, Cold Cream Pond's, de ação dissolvente e ultra-penetrante, que se infiltra nos poros, dissolve os detritos, o sujo, os resquícios de pele morta, removendo-os completamente.

Assegure, a um tempo, a limpeza *externa* de sua pele e a *limpeza intra-cutânea*, com Cold Cream Pond's. Verá, deslumbrada, como rapidamente sua *cútis* se tornará mais alva, mais clara, mais bela. Use o Cold Cream Pond's, religiosamente, tôdas as noites. E, para beleza e suavidade *extra*, aplique-o também pela manhã.

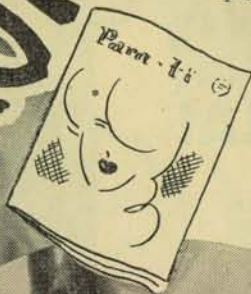


POND'S

CAPA

A GAROTA DA

DIANA LYNN, artista da Paramount, ao mesmo tempo em que crescia e se tornava bonita, transformava-se, também, em consumada pianista. DOROTHY LAMOUR, a pequena de olhos azul-cinzentos, de voz lânguida e dona de um lindo corpo. Ambas são campeãs de capa de revista.



QUAIS serão as razões por que as “estrelas” de cinema de maior sucesso aparecem tão frequentemente nas capas das revistas favoritas? Para começar, todo mundo compra revistas e aquela que tem na capa uma bonita cara é a que mais chama atenção e a que mais interesse desperta. Naturalmente, também, é a que mais se vende.

A pequena bonita que adorna a capa de sua revista predileta é como se fôsse a fantasia exterior de uma embalagem, sugerindo com seu deslumbramento a presença de alguma coisa extremamente atraente. E se acontece, que essa pequena é uma das suas “estrelas” preferidas, tanto melhor para Você e para o “magazine”. Ela aumenta o seu próprio interesse e faz crescer a circulação da revista onde quer que apareça. Aqui estão quatro estrelas universalmente famosas e que há muito tempo vêm emprestando o seu encanto às capas das mais famosas revistas de todos os países.



BETTY HUTTON, a volúvel, inconstante "estrela", tem enfeitado as capas das revistas cinematográficas desde que pela primeira vez surgiu em Hollywood. Com seu grande temperamento artístico, ela tem traduzido, em suas fotografias, toda sorte de emoções. O último filme de Betty para a Paramount é, "Chispa de Fogo" (Incendiary Blonde), em que aparece com Arturo de Cordova.



RITA HAYWORTH, a encantadora loura, uma das mais elegantes estrélas da cinematografia, tem batido também o recorde de capas de revista. As revistas americanas consideram RITA HAYWORTH uma atração irresistível para a saída da edição cuja capa ela ilumine com a sua figura adorável...





JINX FALKENBURG, da Columbia

ANTIGAMENTE, os poetas diziam em verso que eram capazes de dar a vida por um sorriso da mulher amada. E muita gente, chamada sensata, ria-se deles, e continuou a rir pelo tempo fora. Mas em verdade lhes digo: — é preciso distinguir. Em certas situações apertadas, em determinadas situações do amor, o sorriso da mulher que se ama, mesmo o sorriso de uma mulher bonita desnorteia qualquer homem de qualquer idade. E a razão é que o sorriso, quando assume expressividade sentimental, é uma verdadeira promessa de felicidade. Tem o prestígio dos raios do sol quando nasce; dissolve todas as trevas, ilumina tudo, desperta a natureza, aviva os corações, florece os campos e as almas. Por quê este milagre?

E' que o sorriso (da mulher, bem entendido, do homem não) o sorriso é o espelho da alma. Andaram espalhando que os olhos é que eram o espelho da alma, mas é história, não são não. O espelho é o sorriso, o espelho do coração. Dize-me ou mostra-me como sorris, e eu te direi quem tu és. E, depois, há uma verdade que reflete bem a singularidade do sorriso, e vem a ser que a mulher é o único ser na natureza que sabe sorrir.

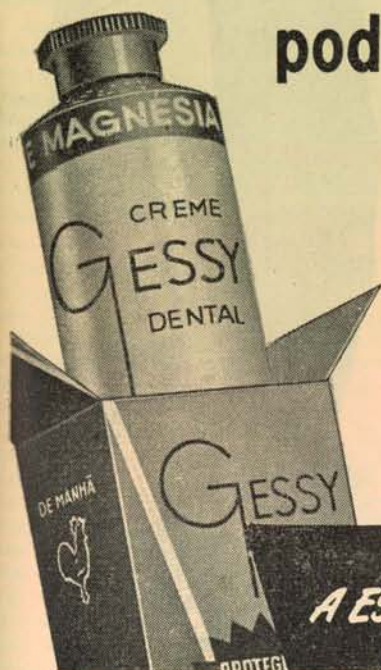
Sorriso de Mulher

O Primeiro Beijo...



pode ser o fim de seu romance!

Depois da inquietação dos primeiros encontros...depois da aproximação de duas almas...o primeiro beijo! E então, neste momento culminante, V. confirmará ou perderá seu amor...Porque, às vezes, todo o curso de um romance depende de um pormenor...da pureza e frescor de seu hálito! Esteja certa de que isto não lhe sucederá, protegendo seu hálito...protegendo seus dentes, com o Creme Dental Gessy. Gessy limpa e alveja os dentes, combate a fermentação e o excesso de acidez e assegura sorrisos lindos.



A ESPUMA GOSTOSA QUE CLAREIA OS DENTES!



Grande Artista e Perfeita Dona de Casa

Entrevistando Norma Shearer

A RESIDÊNCIA de Norma Shearer está situada na encosta de uma verde colina de Beverly Hills, o maravilhoso bairro residencial de Hollywood. Ergue-se, encantadora, na elegância de suas linhas simples, emoldurada pelas trepadeiras coloridas que se distendem em ornamentos caprichosos e modernos orlando um ambiente de sugestiva poesia agreste.

Os jardins laterais avançam, através de variada floração, até a entrada, formando uma alameda extensa e pavimentada. No centro dos jardins, num repuxo de mármore, uma Venus de Milo contempla, serena, um trêfego Cupido sob o incessante esguicho d'água em que o sol fulvo da tarde primaveril põe irizações cambiantes...

Eis a casa, linda e confortável, da encantadora "estréla", cuja carreira tem sido uma sucessão

estonteante de êxitos consagradores.

Sucedendo ao encanto do ambiente, súbitamente Norma Shearer surge à porta, na simplicidade de uma toalete caseira, saudando-nos com o mesmo enleante sorriso a que já nos habituamos a admirar.

A palestra que se iniciou encheu a tarde calma de Hollywood. Ao crepúsculo, deixamos a mansão Shearer contagiados pela poesia da longa alameda e pela característica fidalguia da suave moradora...



Equilíbrio e sensatez, eis as duas principais qualidades morais que tem regido a vida e a carreira de Norma Shearer.

O temperamento artístico brilhante e o agudo senso das oportunidades, aliados à extraordinária



calma na firme sinceridade de atitudes a que fino sentimento humano mais valoriza — têm-lhe aberto tôdas as portas do êxito e lhe asseguraram a auréola de prestígio social e artístico que hoje a rodeia. E tão fulgurante é essa auréola, que, se um cronista malicioso procurasse empaná-la, contando algum hipotético escândalo ou tecendo comentários aleivosos à personalidade de Norma Shearer, se veria burlado em seus intentos ante a reação provocada. Porque, na realidade, tôda Hollywood admira Norma, que possui êsse triplíce título, aliás bem merecido: grande artista, grande dama e perfeita dona de casa.

A grande dama nos é revelada pelo aparecimento do seu nome entre os mais destacados acontecimentos sociais de Hollywood. Ao lado do seu saudoso e inesquecível marido Irving Thalberg, um dos superintendentes da Metro Goldwyn Mayer, ela era uma figura considerada e apontada como eminente na capital do cinema, não apenas pelo seu brilho de "estrêla", mas, sobretudo, pelas suas qualidades morais que sobressaem da estranha mistura de caracteres e talentos falsos existentes em Hollywood.

Quanto à perfeita dona do lar, nada mais verdadeiro. E' ela quem pessoalmente determina e ajuda na arrumação da casa, opinando sobre decorações de outras residências que possui e dirigindo a educação do filho cuja existência a liga mais intimamente à memória do marido.

Esse filho, ela o adora; e, embora a vovô Shearer, mamãe de Norma, que a tem acompanhado desde o início de sua carreira em Hollywood, faça questão cerrada de tomar conta do rapazinho, é Norma em pessoa quem procura dar-lhe êsse carinho maternal de que tôda criança, mesmo crescendo, necessita e sem o qual os alicerces de sua psicologia de futuro adulto serão frouxos e insuficientes.

Bem poucos públicos, no mundo, aliás, conhecem a existência dêsse rapazinho, porque, partindo do princípio de que a propaganda é um veículo comercial e que vida privada é a soma dos nossos mais íntimos sentimentos de todo dia, Norma jamais consentiu em que o retrato de seu filho surgisse nas páginas dos magazines cinematográficos. Assim ela somente permite que se faça propaganda de "tabela", isto é, que se fale da decoração de sua casa, dos seus gostos e preferências de mulher elegante; no má-

ximo, consente que se fale sobre as suas habilidades de dona de casa. Habilidade real, pois, a mamãe Shearer criou sua filha para tôdas as situações na vida. Norma está tendo a prova de que ela tem razão, pois, sendo uma grande artista e uma grande dama, diz a todos os que lhe criticam as aptidões caseiras que ela não seria completa se não fôsse também uma perfeita dona de casa...

— Não compartilho da opinião, quase geral entre os artistas, de que a nossa vida é cheia de sacrifícios — diz a encantadora "estrêla". — E' muito fácil dizer: "Desisti de tudo por causa de minha carreira!" Mas julgo que tal frase não tem cabimento. A oportunidade, essencial como é, simplesmente, mostra o caminho que se deve seguir para triunfar. O êxito definitivo e duradouro só se obtém por meio de trabalho árduo. E êsse trabalho não se pode chamar de sacrifício, quando se obtém, em troca, uma grande recompensa. Tal é o caso no cinema.

Com a idade de catorze anos, Norma Shearer percorria as ruas de Nova Iorque à procura de emprego. O cinema era, no entanto, a sua fascinação absorvente.

Como "estrêla" tudo usufruiu de Hollywood, retribuindo com a sua integral devoção à tela. Da fama e popularidade que goza no mundo inteiro, Miss Shearer fala com delicada discreção.

— E' verdade — diz Miss Norma, com um sorriso — que nos dedicamos muito. Nossa vida pertence quase por completo à nossa profissão. Durante a produção de uma película, mal temos tempo para qualquer outra coisa. Para equilibrarmos nossas energias, temos que levar uma vida muito sossegada, deitar-nos bem cedo e cuidar muito da alimentação, conservando nossas energias para as longas horas que passamos sob o calor sufocante dos refletores, desde que chegamos aos estúdios entre as sete e oito horas da manhã até sairmos entre as oito e nove da noite. Não há dúvida de que conseguir uma oportunidade em Hollywood é de muito valor para os que estão resolvidos a seguir a carreira cinematográfica. Mas a oportunidade é de importância secundária comparada com a necessidade de trabalhar duro.

A própria carreira de Miss Shearer confirma as suas palavras. Quatro anos esperou a "estrêla" para interpretar a protagonista de "Maria Antonieta",

(Conclui na página 160)

ENXOVAIS PARA NOIVAS E BATIZADOS



CASA IVETE

Grande sortimento de roupinhas para crianças e artigos para o inverno. Variado estoque de rendas.

**Quem compra na
CASA IVETE... REPETE!**

Rua Caetés, 310

**DOR DE
CABEÇA**

Melhoral

**BAIXA
A FEBRE**

Senhoritas



Srta. Marina Rosetti, da sociedade de Vitória, Espírito Santo.



Srta. Minas Ana Cimini, da sociedade da Capital.



Srta. Dêsa Medeiros, da sociedade de João Ribeiro, neste Estado.



Srta. Ivone da Costa, da sociedade de São João D. El Rei, neste Estado.



Srta. Alma Rubens de Medeiros, da sociedade de Corumbá, Estado de Mato Grosso.



Srta. Carmem Fernandes, da sociedade de Muzambinho, neste Estado.





Quantos pratos sabe fazer

COM PRESUNTO
COZIDO ?



Feito de tenras e succulentas pernas de porco escolhidas, o sabor delicado e estimulante do Presunto Swift enseja combinações deliciosas com outros alimentos, fazendo pratos de aroma e paladar irresistíveis!

Experimente-o nas variadas receitas Swift, certa de enriquecer assim a sua mesa com novidades que a todos surpreenderão! Peça ao seu fornecedor o Presunto Swift em latas ovais ou quadradas.

PRODUTOS DA

Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO
DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS

EXPERIMENTE TAMBÉM: — Salsichas Oxford e Viena • Pastas • Perú •
Linguas • Presuntada • Bacon • Carne de Porco • Corned Beef • Carne
Cozida • Extrato de Carne • Tuco (para massas) • Galantina • Banha



Pudim de Presunto
(Receita à pagina 25 do
Livro de Receitas SWIFT)



Feijão com Presunto
(Receita à página 18 do
Livro de Receitas SWIFT)



Gratis!

Para receber o Livro de Receitas Swift, preencha este coupon, junte 3 rótulos diferentes de produtos Swift, e envie tudo à:
Cia. Swift do Brasil, Rua Dr. Falcão Filho, 56,
S. Paulo, ou Cx. Postal, 1910 - Rio de Janeiro.

1-AAAA-246

NOME.....

RUA.....

CIDADE.....

ESTADO.....



Labios
Rubros,
Serenos...

Um toque de Van Ess dá vida e encanto aos lábios, tornando-os expressivos e sedutores. Van Ess, à base de "creme veludo", em tonalidades ideais para sua beleza, deixa os lábios suaves e provocantes. E tres fatores o fazem preferido: qualidade, tamanho e preço.

Van Ess

McC



Talco Malva

**IDEAL
PARA DEPOIS
DO BANHO
DO BÊBÊ**

**FINÍSSIMO E
PERFUMADO**

FORMULAÇÃO
DR. ZANTONIO ALMEIDA
DA FACULDADE DE
MEDICINA UNIVERSIDADE
DE MINAS GERAIS

**PERFUMARIA MARCOLLA
BELO HORIZONTE**

SUGESTÕES PARA

IVETE

★ MÁSCARAS DE BELEZA ★



A MULHER verdadeiramente elegante e zelosa da epiderme de seu rosto, deve usar máscara de beleza uma ou duas vezes por semana.

Precisará, no entanto, conhecer antes a natureza de sua pele, e saber exatamente o tipo a que ela pertence, afim de tratá-la com inteligência.

Josephine Lowman, técnica de beleza, fez há pouco as seguintes observações sobre a pele feminina, respondendo a uma consulete: "Você me pergunta, querida amiga, se a sua pele é seca, oleosa ou normal. Geralmente, as moças acham difícil determinar o tipo de pele que possuem.

Não o é tanto assim como parece. Se a sua pele se enrugua, quando você ri, e essas ruguinhas permanecem marcadas após o riso; se fica repuxada toda vez que você a lava com sabonete, se apresenta o menor indício de escamação, é porque você tem pele seca. Mais fácil é saber se a pele é gordurosa, porque se o fôr terá aparência oleosa e brilhante. Aparecerá um excesso de gordura na superfície da pele, coisa realmente incômoda. Infelizmente, esta condição da epiderme conduz quase que inevitavelmente aos cravos, a não ser que se aplique um corretivo. A pele normal é macia, tem poros de tamanho normal e apresenta uma aparência levemente úmida, elástica, inteiramente diferente do brilho graxoso de uma epiderme oleosa."

Nada mais aconselhável para a sequeidão da pele que uma boa ablução com água morna na qual se pingue algumas gotas de tintura de benjoim. Deve se esperar dois minutos, aplicando-se um creme adequado.

Após a aplicação do creme, deve-se fazer massagens, colocando-se os dedos nos cantos das narinas e correndo-os no sentido das têmporas. Deve-se dormir com o creme na face.

Caso a pele seja gordurosa, evite o uso de creme, mas lave o rosto e o pescoço com água e sabonete, diversas vezes por dia, enxaguando-os bem.

O emprêgo de uma loção adstringente é aconselhável, assim como a aplicação diária de água gelada.

Ao recolher-se, à noite, convém substituir a máscara de beleza, pois o creme absorve, durante o dia, grande quantidade de pó.

Para cerrar os poros o leite cru é muito usado, com resultados satisfatórios. Deve secar sobre o rosto, afim de se entranhar na epiderme.

A SUA BELEZA

MARION

★ AS UNHAS ★

A BELEZA feminina está condicionada a diversos detalhes, muitos dos quais raramente perceptíveis para os maus observadores mas que possuem significativa influência na harmonia do conjunto.

A beleza da mulher não estará completa se lhe faltar a nota elegante de umas mãos bem cuidadas.

Em se falando de mãos bem cuidadas, vêm-nos logo à lembrança as unhas. Destas depende, na realidade, o encanto das mãos. Parte mesmo da personalidade da mulher está refletida nas mãos. Daí a importância que tem o cuidado minucioso das unhas, que são, na imagem dos poetas, jóias que decoram as mãos. Às vezes, umas unhas bem tratadas emprestam às mãos uma beleza que estas jamais possuíram.

E como tratá-las? Toda mulher elegante o sabe, o que aliás não nos impede de abordar o assunto, tão agradável às nossas leitoras...

Com o algodão molhado em acetona, retira-se, cuidadosamente, o esmalte velho, jamais empregando lima ou lixa, para retirá-lo, sob pena de arruinar as unhas de forma irreparável. Limpas do esmalte velho, se lhes dará a forma desejada, utilizando uma lima flexível, de metal, caso sejam fortes as unhas; se frágeis, o papel esmeril substituirá com vantagem a lima.

A seguir, cuidar-se-á da cutícula: se estiver muito seca, aplicar-se-á, para amolecê-la, um algodão umedecido em azeite morno; caso contrário, bastará imergi-las em água morna onde se tenha dissolvido um pedaço de sabão. É erro comum das manicuras esquecer essa operação, resultando dessa falha inadmissível uma cutícula endurecida, de feio aspecto. Amolecida a cutícula, será levantada com o espinho de laranja, de modo suave, entrando em ação a tesoura, própria para essa operação.

Os profissionais aconselham não cortar a cutícula; porém, quando é grossa ou irregular, convém cortá-la com cuidado e sem excesso, de vez que as unhas necessitam dessa proteção.

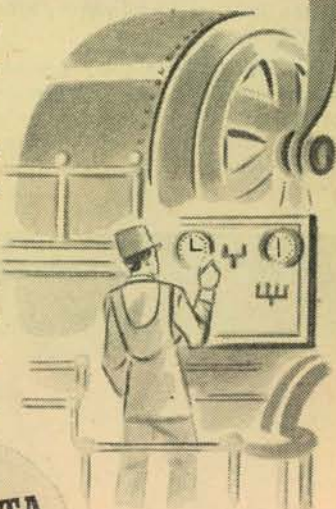
Preparada a cutícula, lavar-se-ão as unhas com água e sabão, enxugando-as bem. Antes de aplicar o esmalte incolor — deve-se atentar bem neste detalhe — passar-se-á o polidor, preparando-se, assim, a superfície das unhas para receber o esmalte. Durante a operação do polimento, deve-se levantar o polidor depois de cada movimento afim de que a unha não se esquente.



Porque favorecem e multiplicam a produção, as máquinas — grandes ou pequenas — são fontes de riqueza e fatores do progresso. O seu rendimento e o controle do seu perfeito funcionamento estão subordinados à

visão humana, da qual os olhos são os órgãos.

Dê a seus olhos o cuidado que merecem! Quando estiverem fatigados ou irritados, aplique-lhes LAVOLHO.



CONFORTA
OS OLHOS

LAVOLHO



Um Paraíso para as Jovens Casadoiras

★ REPORTAGEM DE HELIO SARMENTO ★

★ FOTOGRAFIAS DE FRANCISCO MARTINS ★

HÁ UMA idéia generalizada que anda por aí: — Belo Horizonte é um paraíso para as jovens que desejam um bom casamento. Parece que esta asserção já correu meio Brasil, uma vez que, em toda parte, quando se discutem os méritos da nossa bela Capital, há uma concordância geral a esse respeito.

Ora, isto subentende claramente que as nossas jovens têm o privilégio natural de constituir um número bem menor que o de rapazes.

As primeiras considerações que nos ocorrem nos faz exclamar de início quão felizes, muito felizes, por este fato, são as nossas caras conterrâneas.

E' sabido que em todo o mundo a população feminina é consideravelmente superior à masculina, e que são raras as cidades em que se observa a vantagem nu-

mérica dos homens. Dizem os entendidos em assuntos demográficos, à guisa de explicação, que o homem, por fatores biológicos, é menos desistente que a mulher, chegando a ser duas vezes mais provável a ela atingir a casa dos noventa... como se isto lhe causasse grande prazer.

A sábia mãe natureza procura equilibrar as coisas: enquanto se registram 100 nascimentos femininos, há 105 ou 106 do sexo masculino.

Outro fator que concorre para a disparidade universal dos sexos é o da voracidade infernal das guerras. Estas duas últimas gerações não escaparam às amputações bélicas deste nosso século que trouxeram como consequência, para muitos países, entre eles os Estados Unidos, verdadeiras crises de varões, a ponto de se temer uma calamidade

social. Nesse país clássico, que com tanta admiração evocamos para exemplo de todos os **fenômenos**, entre seis mulheres uma está irremediavelmente destinada a ficar solteirona... Não, não é **blague**. Na Suécia a coisa é pior, pois, segundo a dra. Mirdal, especialista no assunto, 25% das suecas ainda estão solteiras aos quarenta...

✱

Calculava-se que em 1911 havia 6,5% a mais de mulheres em todo o planeta. Esse índice subiu muito depois da primeira conflagração universal, como se pode observar por esta relação oficial:

38% a mais de mulheres, na Polónia.

32% a mais de mulheres, na Rússia.

23% a mais de mulheres na Grã-Bretanha.

22% na França e Itália.

OPINIÕES

Há um meio rápido de aferir até que ponto uma idéia generalizada se aproxima da verdade, isto é, se ela já pertence à consciência de uma cidade. Vamos, pois, dar um giro na Avenida, e consultemos algumas pessoas. Ali, num café, está um bloco de rapazes. Explicamos-lhe a "enquete" que temos em mira, solicitando participação com suas "abalizadas opiniões".

— Não pôde haver dúvida. Somos dez para cada moça... infelizmente.

— Elas se fazem de rogadas... E' a lei da oferta e da procura. Ia passando uma mocinha muito digna de Hollywood. Pedimos-



Estes sobraram... O número deles era bem maior, quando o fotógrafo apareceu, mas os mineiros são mesmo modestos e desconfiados. Assim mesmo, pelas suas fisionomias, se pode ver que sobraram... irremediavelmente.

lhe o obséquio de uma opinião, muito cortêsmente:

— Quais são suas intenções?

E azulou dali com ar de quem teve vontade de dizer um desaforo

Mais adiante, só, recostado no mármore de um edifício, um senhor com os olhos perdidos no fim da rua. Rugas na testa, cabelos suavemente e, talvez prematuramente, encanecidos.

Expomos-lhe a questão, solicitando a experiência que devia ter.

— Meu caro, sinto muito, sou um homem casado...

E franziu ainda mais a testa rugada.

Agora aquele estudante que está com ares de mocinho de cinema:

— Isto é questão de personalidade. Todos dizem que estamos "numa crise de mulheres", mas a verdade é que aos simpáticos (êle queria dizer: — eu, por exemplo...) pouco importa a relação numérica da população feminina!

Encontramos agora um rapaz que é todo atenção para as jovens que passam.



Claro que o número de homens na capital, é bem maior, mas não na proporção que se observa aqui... Parece tratar-se de uma reunião privativa do sexo masculino e nós diríamos isso se não observássemos em tempo algumas representantes femininas.

— Ninguém pode negar que Belo Horizonte é o paraíso para as meninas que querem escolher um marido. Quem frequenta os nossos clubes têm dessa verdade uma experiência amarga. Há homens de mais na Capital. Além disso...

E fez inúmeras considerações, terminando assim:

— Mas, aqui prá nós, tenho três namoradas: uma na Serra, outra em Santo Antônio e uma terceira, a quem estou esperando neste momento, que reside na Lagoinha.

De fato, Belo Horizonte é um



Nos dias quentes e de pouco movimento as moças preferem as piscinas, os clubes ou os cinemas. E as que se dispõem a um giro na Avenida submetem-se ao clássico assobio do "coiô"... E essa forma universal de admiração quase sempre encontra um sorriso que traduz o agradecimento feminino.

paraíso para as jovens casadoi-
ras...

✱

Somos o centro de um grande Estado. Um centro que regula três centenas de municípios, que irradia artes e artefatos, e para onde convergem as riquezas e uma grande população central.

A nossa capital, que ainda está na primeira infância, já é uma grande metrópole, centelhando para todos os recantos do Estado os fascínios da vida moderna sem a exaustão das cidades super-povoadas. De alguns anos para cá estamos monopolizando os sonhos dos moços do interior. Atraídos pelo natural encanto da cidade, uma legião de rapazes radicou-se aqui, incorporando-se à nossa vida.

A Universidade de Minas Gerais, os Colégios, Ginásios e tantos outros estabelecimentos educacionais já não abrigam apenas os co-estaduanos. As arestas da

educação mineira chegam a todos os Estados do Brasil, atraindo um total aproximado de... 20.000 rapazes para a Capital.

Cresceu, dessa maneira, a população masculina, tornando Belo Horizonte um verdadeiro paraíso para as moças que, nessa mocidade, encontram sempre o companheiro eleito.

✱

Os cartórios de paz não precisam ser consultados. Não há quem desconheça que o número de casamentos verificados diariamente em Belo Horizonte representa quase cinco vezes a média que há dez anos se registrava, também diariamente. Se considerarmos que a população da cidade cresceu em progressão geométrica nesse espaço de tempo, o índice atual nos obriga a dizer que realmente vivemos no paraíso para as jovens casadoi-
ras. Aqui não ficarão para titias

senão as moças que tenham irre-
dutível vocação para solteironas.

✱

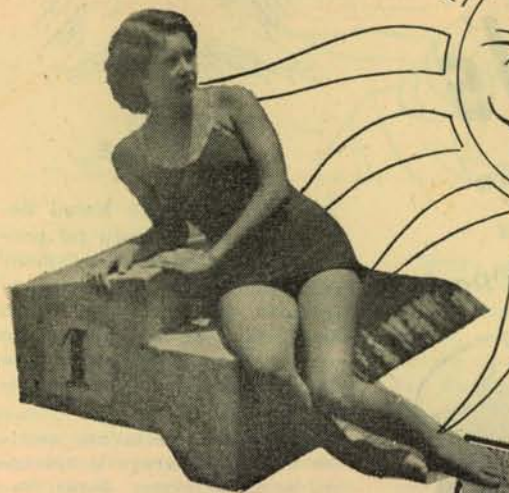
Apesar de tudo isso, há quem ponha em dúvida a vantagem numérica do sexo masculino. Aham êstes que, devido ao temperamento mineiro, conservador e tradicional, último reduto das idéias inovadoras do século, as nossas conterrâneas ainda são excelentes donas de casa, herdeiras fiéis do velho patriarcado montanhês. E perguntam, nos dias festivos em que toda a cidade se mostra nas ruas: — “Onde se escondem tantas moças bonitas?”

Uma ligeira visita ao Departamento de Estatística poderia encerrar estas dúvidas e esta reportagem. Mas a frialdade da exatidão não seria tão expressiva como o são as fotografias que ilustram o texto, através das quais as nossas caras leitoras terão certeza mais humana do que a exatidão que os números arrastam. E, forçosamente, hão de concluir com o reporter: — Belo Horizonte é o paraíso das moças que procuram o casamento!



No dia máximo do Estado Novo, a mocidade corria as ruas num desfile de caráter muito fascista. A cidade, no entanto, se enchia com a alegria e beleza das nossas jovens. Ocorria, então, aos rapazes esta pergunta que a foto nos sugere: “Onde se escondem tantas moças bonitas?...”

Despedida do Verão



O VERÃO se despede... A temperatura desce, suavemente, prenunciando o frio que se aproxima para enregelar a cidade e as criaturas. O sol é como uma carícia luminosa que doura o casario e a arborização deslumbrante que se torna mais verde e viçosa. Corre pelas ruas uma viração agradável que se transformará, por certo, nos ventos frígidos que farão as damas elegantes exibir luxuosos "manteaux" — abrindo a "season" maravilhosa...

Mas ainda há um pouco do Verão no ar, contaminando a cidade e atraindo, nesses dias em que o sol é mais quente, as criaturas para a delícia das piscinas.



E os nossos clubes recreativos se colorem com essas figuras jovens que, nas matãs luminosas, buscam suas piscinas acolhedoras para o exercício salutar, que é como uma bela despedida do Verão amigo e vivificador...

Nesta página, várias fotos expressam a alegria matinal de um domingo nos nossos clubes: Minas Tenis Clube, Clube Atlético Mineiro e América Foot-Ball Club.



Lips Pond's

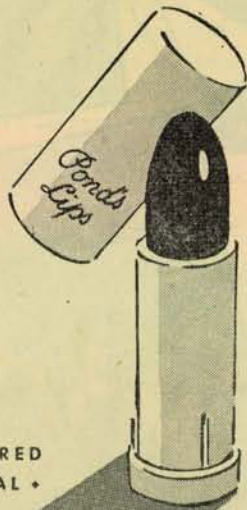
— um novo baton para
tornar os seus lábios
mais belos por mais tempo!

DE MASSA uniforme, perfumada e suave,
eis o baton que seus lábios esperavam para
ostentar tôda a sua beleza e sua graça.

Apresentado em grande variedade de
tons, para se harmonizar com lindos rostinhos
louros ou meigas faces morenas, Lips
Pond's não racha, não resseca, proporcionando
perfeita aderência e duradoura beleza.
Dê novo encanto aos seus lábios, adotando
desde hoje o baton Lips Pond's. Dura
mais, no estôjo e nos lábios!

Seis lindas tonalidades:

HEART-THROB • HONEY • RASCAL RED
• BEAU BAIT • DARK SECRET • NATURAL •



A CRUZ

A CRUZ em que Nosso Senhor Jesus Cristo foi pré-gado, tinha, aproximadamente, segundo a versão mais autorizada, quatro metros e meio de altura e, de um extremo de um braço ao do outro, cerca de dois metros e quarenta centímetros.

Na madeira estavam escritas em latim, grego e hebraico, estas palavras: **Jesus Nazarenus Rex Judeorum**, o que quer dizer **Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus**.

A razão por que estavam nessas línguas, era devido ao transcurso da Páscoa, o que significava considerável afluência de forasteiros de vários países a Jerusalém.

A cruz quanto mais alta mais infamante era. A modalidade da crucificação variava ao sabor da vontade bestial dos carrascos. Quanto à execução de Jesus, pregaram-no primeiro para depois erguer a cruz. Já o haviam açoitado, segundo o testemunho de alguns santos, perto de cinco mil vezes, ficando tão desfigurado que mesmo Maria custou a reconhecer-lo de pronto.

✱

A MULHER

Nos países civilizados, o valor intrínseco das mulheres — tempera de caráter e brilho de inteligência — está em proporção com o mérito dos homens. — Grimm.

✱

Quando estiveres para cometer o sacrilégio de ofender a uma mulher, lembra-te de tua mãe — Mantegazza.

REFLORESTAMENTO

Acácia negra de origem africana

- Crescimento rápido — 2 a 2½ ms no 1.º ano.
- Combustível — 2.970 calorias.
- Matéria tanante — 38% de tanino para cortumes.
- Durabilidade eterna contra putrefação.
- Tarugos para calafetação de vários fins.
- Como madeira emprega-se em tudo que se exija confiança.

QUILO: CR\$ 100,00 PELO REEMBOLSO POSTAL

Maiores esclarecimentos com

A. RIBEIRO

RUA ESPIRITO SANTO, 629 — BELO HORIZONTE

A FLOR CELESTE



CONTA a lenda que, nos tempos em que Jesus peregrinava por este mundo, vivia nos arredores de Jerusalém uma rica viúva com a sua filha única.

Chamava-se, a filha, Maria, e passava os dias inteiros ocupada no interior da casa. Era-lhe impossível sair à rua porque sofria de um mal cuja cura nenhum médico conseguira. Constantemente a assaltava uma crise nervosa, tolhendo-lhe os movimentos do corpo. Obrigada a viver isolada, praticava a caridade.

Socorria aos meninos pobres, proporcionando-lhes auxílios materiais que tornavam menos aflitivas as suas misérias. E, por isso, ela conhecia um puro amor — o amor das crianças pobres.

Certo dia, ela ouviu falar de um homem que andava pregando a doutrina do amor e que operava milagres maravilhosos por onde passasse. Para onde quer que ele se dirigisse, acompanhava-o enorme multidão, chamando-o de Divino Mestre.

Ao ouvir o que lhe diziam, mostrou-se profundamente impressionada e pensou que poderia chegar até aquele homem de quem tanto falavam e obter a cura que muito ansiava na sua solidão. No entanto, sabendo que a sua velha mãe chamava-o, como a maioria das pessoas, de impostor e vadio, sufocou seu desejo e não se atreveu a mencioná-lo.

Alguns dias depois, os meninos lhe foram dizer que o Mestre havia sido condenado à morte, por crucificação, conforme o desejo dos judeus.

Maria não se conteve, cheia de compaixão por aquele homem que se lhe afigurava tão bom e cuja única culpa era fazer bem ao próximo, — chorou copiosamente. Entregue à sua aflição, nem via os passarinhos que se acercavam de sua janela.

Subitamente, ouviu-se formidável estrondo, que encheu o ar; a terra pareceu tremer. Impressionada, sem ânimo de gritar de medo, ficou petrificada de pavor, olhando as nuvens negras que corriam no céu.

Uma andorinha voou em torno e pousou-lhe no ombro. Maria, numa estranha inspiração, murmurou-lhe docemente:

— Minha andorinha querida. Jesus está sofrendo. Vá ao Calvário e tire com o seu bico os espinhos que o ferem...

Afirma a lenda que, poucos minutos depois, a andorinha regressava, com a plumagem tinta de sangue, como numa prova de que cumprira a sua missão. Trazia no bico um espinho da corôa que cingia o Nazareno.

Maria, nervosa e emocionada, ao receber o espinho, feriu-se. Soluçando, caiu genuflexa. Sentiu-se curada. Deu-se o milagre!

Chorando de alegria, escondeu no jardim o espinho milagroso, deixando-o preso à folhagem verde das trepadeiras floridas.

No dia seguinte, correu para vê-lo. Parou maravilhada: o espinho transformara-se numa linda flor muito branca, puríssima, e o seu perfume sutilíssimo embalsamava o ar.

Assim conta a lenda como nasceu a Flor Celeste.

**AS
ASTRA
RA**

RELÓGIOS

de todos os sistemas e por todos os preços, anéis, medalhas, colares, broches, pulseiras, anéis zodiacos, e outros artigos de joalheria pela

REEMBOLSO POSTAL

um serviço importantíssimo e indispensável para um país tão vasto como o nosso.



N.º 201

Relógio de Bolso, máquina suíça de boa qualidade, bonitos mostradores com ponteiros e números luminosos, com ponteiro de segundos, caixa solidamente cromada.

CR\$ 75,00

N.º 401

Relógio de pulso, tipo chato, boa máquina cilíndrica, caixa cromada com fundo de aço, mostradores modernos cor de prata, cobre ou preto, com números e ponteiros luminosos, ponteiro de segundos, boa pulseira suíça de couro.

CR\$ 135,00



N.º 602

Relógio de pulso para senhora, ótima máquina cilíndrica com 2 rubis, caixa cromada, mostrador claro, bem legível, ponteiro de segundos, com pulseira de borracha moderna.

CR\$ 135,00

Fornecemos os relógios também com ultra-moderna PULSEIRA DE MATÉRIA PLÁSTICA tipo "Protex" por mais:

CR\$ 12,00

N.º 11

Despertador de fabricação suíça, de ótima funcionamento, com toque sonoro e infalível, mostrador com 75 milímetros de diâmetro. Caixa laqueada em várias cores, botão e pezinhos solidamente cromados

CR\$ 135,00



Despacho pelo REEMBOLSO POSTAL, com bonito estojo e perfeita embalagem gratuitos; taxa postal a parte.

IMPORTADORA

**AS
ASTRA
RA**
T. BERTRAND & CIA. LIMITADA

Á IMPORTADORA "ASTRA" T. BERTRAND & CIA. LTDA.

Caixa Postal, 2446
AV. BEIRA MAR, 216 - 12º AND. S. 1202 A
RIO DE JANEIRO
END. TEL. "RELAISTRA"

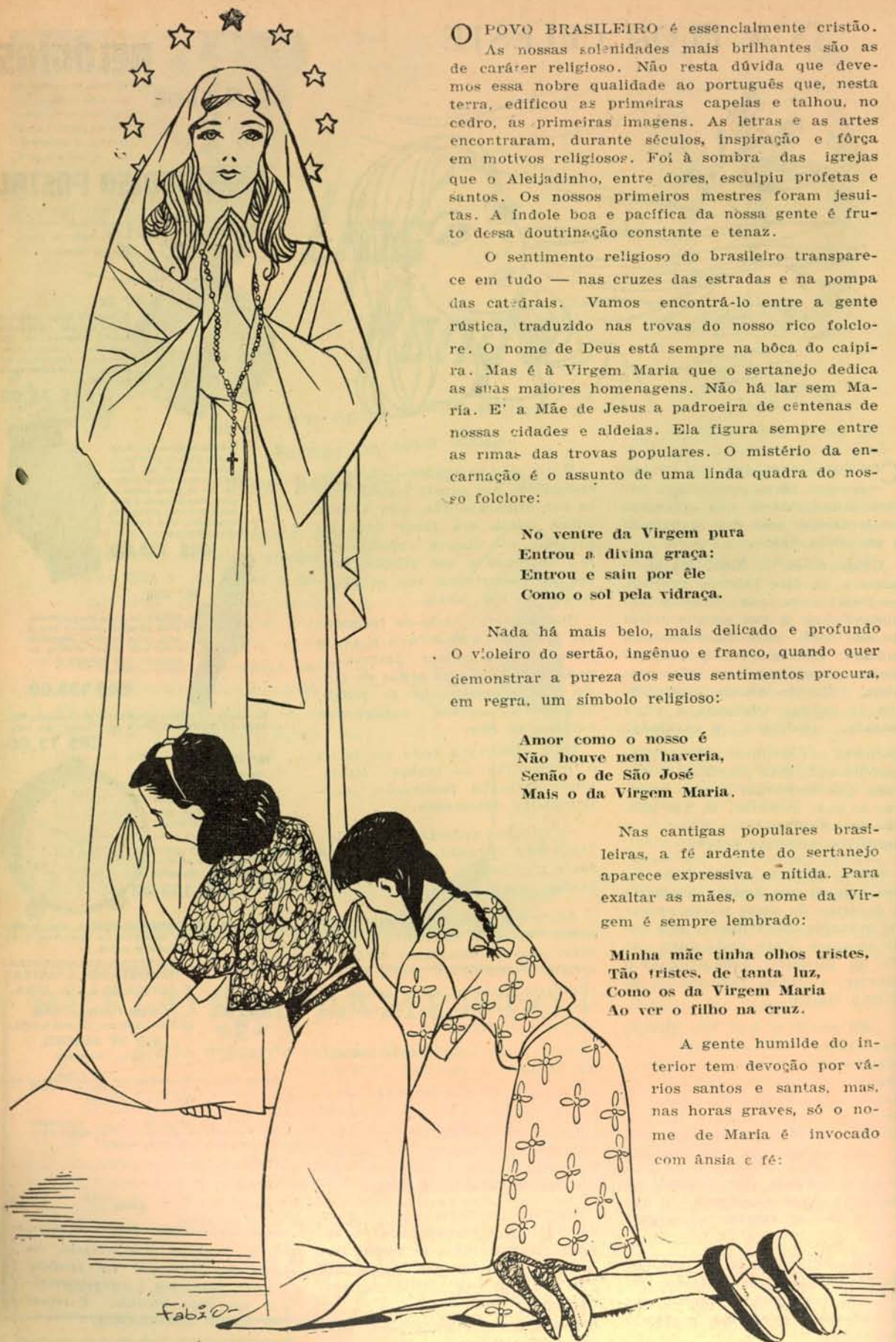
Solicito fornecimento imediato por Via Aérea pelo Via Terr. - Marít.

REEMBOLSO POSTAL

de relógio (s) n.º e remessa segurada de seus folhetos e catálogos sobre relógios, joias, bijuterias etc.

Nome
Rua
Cidade Estado AL

Ao fazer as suas compras, tenha em vista que um produto muito anunciado é necessariamente um bom produto. E recuse as marcas desconhecidas.



O POVO BRASILEIRO é essencialmente cristão.

As nossas solenidades mais brilhantes são as de caráter religioso. Não resta dúvida que devemos essa nobre qualidade ao português que, nesta terra, edificou as primeiras capelas e talhou, no cedro, as primeiras imagens. As letras e as artes encontraram, durante séculos, inspiração e força em motivos religiosos. Foi à sombra das igrejas que o Aleijadinho, entre dores, esculpiu profetas e santos. Os nossos primeiros mestres foram jesuitas. A índole boa e pacífica da nossa gente é fruto dessa doutrinação constante e tenaz.

O sentimento religioso do brasileiro transparece em tudo — nas cruzes das estradas e na pompa das catedrais. Vamos encontrá-lo entre a gente rústica, traduzido nas trovas do nosso rico folclore. O nome de Deus está sempre na boca do caipira. Mas é à Virgem Maria que o sertanejo dedica as suas maiores homenagens. Não há lar sem Maria. É a Mãe de Jesus a padroeira de centenas de nossas cidades e aldeias. Ela figura sempre entre as rimas das trovas populares. O mistério da encarnação é o assunto de uma linda quadra do nosso folclore:

No ventre da Virgem pura
Entrou a divina graça:
Entrou e saiu por ele
Como o sol pela vidraça.

Nada há mais belo, mais delicado e profundo. O violeiro do sertão, ingênuo e franco, quando quer demonstrar a pureza dos seus sentimentos procura, em regra, um símbolo religioso:

Amor como o nosso é
Não houve nem haveria,
Senão o de São José
Mais o da Virgem Maria.

Nas cantigas populares brasileiras, a fé ardente do sertanejo aparece expressiva e nítida. Para exaltar as mães, o nome da Virgem é sempre lembrado:

Minha mãe tinha olhos tristes,
Tão tristes, de tanta luz,
Como os da Virgem Maria
Ao ver o filho na cruz.

A gente humilde do interior tem devoção por vários santos e santas, mas, nas horas graves, só o nome de Maria é invocado com ânsia e fé:

MARIA CHEIA DE GRAÇA

DJALMA ANDRADE

ILUSTRAÇÃO DE FÁBIO

Eu adoro Santa Marta,
Santa Rita da Crissiúma,
Mas porém a Virgem Pura
Eu não troco por nenhuma.

Mesmo os homens valentes, que vivem fora da lei, em aventuras e rixas, têm seu momento de crença:

Eu deixo o medo de lado,
Se rezo à Virgem Maria:
Meu corpo fica fechado,
E a bala que vem, desvia.

Nas pequenas cidades, muitos pais escolhem a a Virgem para madrinha dos seus filhos. Essa prática não deixa de aumentar o fervor da população rural, como atestam muitas trovas colhidas ao acaso. O afilhado, na sua simplicidade caipira, nada faz sem prévia consulta à Nossa Senhora:

Eu quis casar com a Clarinha,
Mas antes de dar-lhe a mão,
Consultei minha madrinha
Senhora da Conceição.

Ela falou que podia
E disse mais, em voz baixa:
— Meu afilhado, hoje em dia,
Menina assim, ninguém acha.

O violeiro devoto, mesmo quando pratica atos censuráveis, não se esquece de Deus. Leonardo Mota, em um dos seus livros, faz referências a certo cantor que, jogando o "truque", ao vê o quadro de paus, a carta de mais valor, dizia:

O quatro lembra-me as quatro
Marias de Nazaré,
Que foram: Maria Afra
E Maria Salomé,
Madalena e a Virgem Pura
Espôsa de São José!

Saint Hilaire, quando visitou o Brasil, notou esse culto exaltado do povo pela Mãe de Deus. Em Congonhas do Campo, admirando as obras do Alei-

jadinho, salientou que o infeliz escultor, tão rude ao talhar o perfil dos apóstolos, era cuidadoso e gentil quando burilava o rosto da Virgem. Não parecia o mesmo artista, pois caprichava nos traços, conseguindo dominar, com a força do seu gênio, a aspereza da pedra de sabão, iluminando-a.

A observação é precisa e justa. As imagens de Maria que se encontram nos "Passos" são, além de expressivas, singularmente belas.

Essa devoção vigorosa esplende no mês de maio. Igrejas, capelas e nichos se enchem de flores em louvor à Virgem. Trinta dias de hinos e orações!

Nas grandes crises, o povo a carrega em triunfo pelas ruas. Em São Paulo, vimos sua imagem provocar a maior concentração popular já verificada no Brasil. Quando ideologias estranhas procuram lançar raízes em nossa terra, os fiéis se valem da sua presença e, como por encanto, a tranquilidade volta às almas e aos corações angustiados.

E' uma crença atávica essa que temos pela Virgem Maria. Um poeta nosso, Martins Fontes, apesar de materialista, reconhecia essa força misteriosa que arrastava o brasileiro ao culto de Maria. E' seu este belo soneto:

"Recostado à janela, sôbre o vale,
Na paisagem puríssima e tristonha,
Entro em levitação, como quem sonha
Faço que a dor mais íntima se cale.

Vozes do coração fazem que fale
Sem que, contudo, mussitar suponha,
Uma linguagem mística e risonha,
Que a dos anjos do céu talvez iguale.

Recolhimento — paz — melancolia,
Milhões de pirilampos, de repente,
Enchem a tarde de um fulgor fugace.

E eu, sem crenças, murmuro a Ave Maria,
Por atavismo, hereditariamente,
Como se minha Mãe em mim rezasse!

Como não há-de ser feliz um povo que sente tamanha vocação religiosa e tamanho desejo de atirar-se aos pés de Maria Santíssima?

EMULSÃO DE SCOTT

Fortifica, nutre e revigora. A maneira mais fácil e segura de tomar-se o legítimo óleo de fígado de bacalhau.

Aniversário, no dia 24 de fevereiro último, a interessante menina Consuelo, dileta filha do casal D. Stela Rocha Duran-Sr. Osvaldo Duran. A foto ao lado é um flagrante da linda festinha que Consuelo ofereceu às suas amiguinhas.



Revestiu-se do merecido êxito a homenagem que os bachareis de 1935, colegas do ilustre dr. João Pimenta da Veiga, lhe prestaram, a 27 de fevereiro último, no restaurante do Minas Tennis Clube, por motivo de sua nomeação para o cargo de Chefe de Polícia de Minas Gerais. Saudou o homenageado o dr. Hermelindo Paixão, tendo transcorrido o "agape" num ambiente de distinta cordialidade. No clichê, um aspecto da homenagem.



O Mês em Revista



Realizou-se em fevereiro último, no salão de festas do Grande Hotel, a homenagem que os funcionários da Mesbla S. A. prestaram ao Dr. Alberto Sabbá, da administração da aquela firma, por motivo de seu aniversário. O aniversariante agora transferido para a Matriz, do Rio, foi saudado pelo sr. Simeão Marques Neto, que interpretou os sentimentos de todos os seus companheiros fazendo rápido retrospecto de sua atuação frente dos negócios da Mesbla, em Belo Horizonte. O sr. José Peixoto Teixeira Junior, sub-gerente geral, ofereceu-lhe custoso presente em nome de todos os funcionários. Na foto ao lado, um flagrante da homenagem.

Expressando elevada estima e admiração, os amigos e alunos do prof. Alberto de Veiga Guignard reuniram-se, em fevereiro último, no Country Clube, para prestar-lhe merecida homenagem ao ensejo da passagem do seu 50.º aniversário. Ao jantar, que transcorreu num ambiente de distinta cordialidade, compareceram o dr. J. Guimarães Menegale, inspetor de Educação e Saúde da Prefeitura, o maestro Artur Bosmans, o escritor Aníbal Machado, Pe. Carlo Grossi, da Universidade da Califórnia, além de inúmeras personalidades de relevo no nosso mundo cultural, social e artístico. Saudou o homenageado a Sta. Célia Laborne Tavares. A foto ao lado, expressa o brilho da justa homenagem.





O ambiente animado que se observa no clichê acima foi um permanente fator de sucesso para os bailes promovidos pelo Clube de Minas Gerais, por ocasião do carnaval. Esse clube, que congrega a grande colônia mineira da Capital Federal, proporcionou aos seus associados uma digna come noração do "Carnaval da Vitória".

A Associação Franco-Brasileira de Cultura prestou, em fevereiro último, em sua sede, expressiva homenagem ao general René Michel, adido militar da França em nosso país e ex-combatente nas duas grandes conflagrações mundiais.

Saudando o ilustre visitante, falou o escritor Mário Matos, presidente da Associação Franco-Brasileira de Cultura e diretor-redator-chefe de ALTEROSA, que exaltou a amizade que une nossa pátria à França e focalizou a figura impressionante do grande soldado francês. O general René Michel, emocionado, agradeceu a homenagem e expressou a belíssima impressão que tivera da nossa Capital e seu povo. Na fotografia, um flagrante da significativa homenagem.



Perante numerosa e seleta assistência, Mrs. Berenice Donaldson, diretora da Coordenação de Assuntos Inter-Americanos, realizou, na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, a 13 de março último, uma palpitante palestra em inglês, intitulada "Among North American Indians". A interessante palestra foi ilustrada com projeções de filmes coloridos e com a exibição de curiosos instrumentos e objetos pertencentes aos índios sobre cujos costumes a culta conferencista desenvolveu sua palestra.



Teve lugar no dia 19 de março último, o enlace matrimonial da srta. Maria José de Paula Fernandes, ornamento de nossa alta sociedade e filha do casal engenheiro Paulo de Moura Fernandes-D. Maria Adelaide de Paula Fernandes, com o sr. Juventino Dias Filho, um dos diretores da Casa Juventino e figura de relevo nos meios econômicos e sociais de nossa Capital. O flagrante que apresentamos mostra o casal logo após a cerimônia religiosa, antes de partir para a viagem de núpcias com destino à Argentina.



Amigos e admiradores do dr. Murilo Rubião, brilhante intelectual mineiro e figura de projeção na nossa sociedade, reuniram-se, em março último na Confeitaria Elite, para prestar-lhe justa homenagem que traduzisse a satisfação com que fôra recebida a sua nomeação para o gabinete do sr. Interventor João Beraldo. Presentes os srs. Jair Negrão de Lima, Olinto Orsini, Pimenta da Veiga, Laborne Tavares, Juscelino Kubitschek, Wilson Beraldo, e outras figuras do governo estadual, jornalistas, escritores, professores e elementos de demais classes sociais, transcorreu o almoço num ambiente de distinção. Saudou o homenageado o sr. José Calazans Filho, que focalizou a personalidade do dr. Murilo Rubião.

Na foto ao lado vê-se o dr. Murilo Rubião agradecendo, num belo discurso, a homenagem.



Flagrante da expressiva homenagem de que foi alvo, em março último, o deputado Juscelino Kubitschek, na Confeitaria Mariana, quando o saudava o jornalista dr. Gualter Gontijo Maciel, diretor da "Fôlha de Minas".

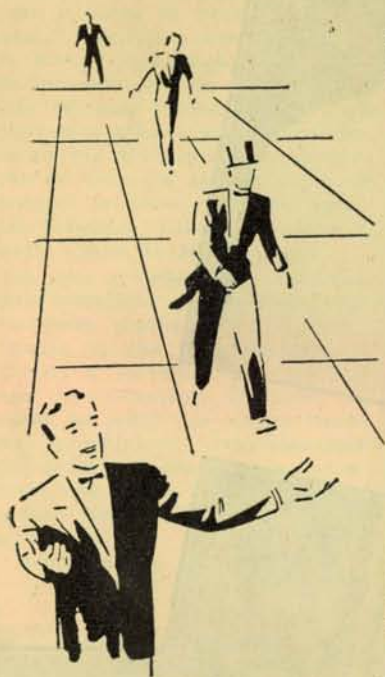


Realizou-se nesta Capital, no dia 23 de fevereiro último, o enlace matrimonial da sta Modesta Pereira, filha do sr. Tarcísio Pereira e sua exma. esposa d. Augusta Tameirão Pereira, com o dr. Geraldo Monteiro de Barros, médico veterinário em nossa Capital. Após a cerimônia foi oferecida aos padrinhos e convidados, na residência dos pais da noiva, fina mesa de doces. Na foto ao lado, os noivos.



A Fragrância que os homens adoram...

De perfume suave e inspirador, num bouquet exclusivo de finíssimas essências, Gessy deixa, sobre a pele, a fragrância que os homens desejam... o aroma extasiante que inspira palavras de amor... Feito de puríssimos óleos vegetais, de ação positiva e rejuvenescedora da epiderme, Gessy limpa e suaviza a pele, dando, à sua cutis, nova mocidade e novo frescor. Use sempre Gessy.



Um sabonete
*puro,
consistente,
perfumado*



Nestas páginas, vêem-se, respectivamente, o Prefeito Laborne Tavares quando pronunciava a sua oração de agradecimento à grande homenagem que lhe foi prestada pela sociedade de Belo Horizonte; o deputado Juscelino Kubitschek, quando levantava o brinde de honra ao Presidente Eurico Gaspar Dutra; e o deputado Olinto Fonseca quando oferecia a homenagem ao Prefeito Laborne Tavares. Na página ao lado, aspecto parcial do grande banquete, que teve lugar no salão de festas do Iate e Golfe Clube.



AS HOMENAGENS DA CIDADE AO SEU PREFEITO

O GRANDE BANQUETE OFERECIDO AO PREFEITO

LABORNE TAVARES PELAS FIGURAS MAIS REPRESENTATIVAS DE TODAS AS CLASSES SOCIAIS DA CAPITAL

NUM movimento impulsivo de júbilo, por motivo da nomeação do dr. Pedro Laborne Tavares, para o cargo de Prefeito da Capital, os amigos e admiradores de S. Excia., integrando uma grande representação do que a cidade tem de mais expressivo em suas diferentes classes sociais, ofereceram-lhe significativa demonstração de estima e apreço, com um grande banquete que teve lugar em fevereiro último, no Iate e Golfe Clube de Minas Gerais.

A essa reunião, que decorreu num ambiente de amistosa cordialidade, compareceram também figuras da alta administração do Estado e representantes de Minas no Parlamento Nacional, figuras de relevo em nossos círculos econômicos, representantes das nossas classes liberais, jornalistas, escritores e outras destacadas personalidades do nosso meio.

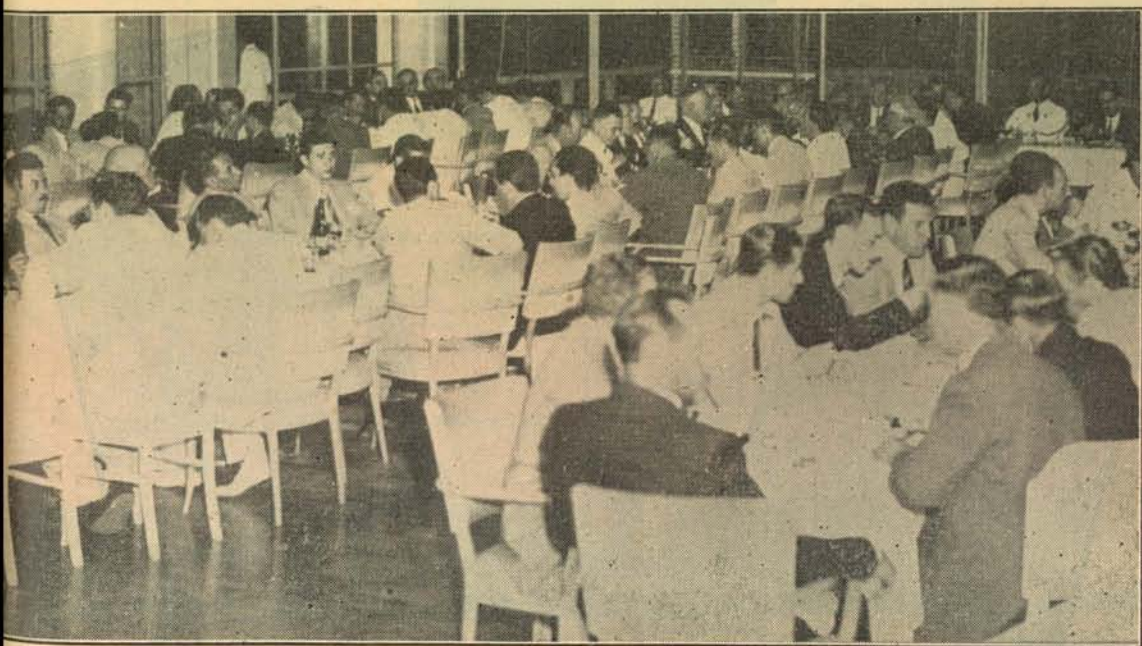
Oferecendo a festa, usou da

palavra o deputado federal Olintho Fonseca Filho, que traçou o perfil do homenageado e disse da satisfação com que a sociedade belorizontina recebeu a sua nomeação, que ela considera uma garantia da continuidade de um programa administrativo capaz de assegurar a satisfação de todos os seus anseios de progresso. As palavras do orador foram entusiasmaticamente aplaudidas.

Agradecendo a homenagem, falou o Prefeito Laborne Tavares, que teve ensejo de evidenciar o seu reconhecimento pelas carinhosas demonstrações de simpatia com que foi recebida a sua nomeação, expressando o seu vivo desejo de servir aos interesses de Belo Horizonte, com dedicação, afinho e tenacidade, "como um operário decidido de sua grandeza". Teve palavras de louvor para com a administração Juscelino Kubitschek, a quem considera como "um dos maio-

res Prefeitos" que ela já teve, "realizador de uma obra verdadeiramente titânica". Concluiu o Prefeito Laborne Tavares sua oração, sob palmas de todos os presentes, com palavras de comovido reconhecimento para com as referências à sua pessoa, feitas pelo deputado Olintho Fonseca Filho.

Falaram ainda o sr. Heraclito Mourão de Miranda, erguendo o brinde de honra ao interventor João Beraldo; o dr. Manoel Campos, saudando o Chefe do Governo Mineiro, o Prefeito Laborne Tavares e o deputado Benedito Valadares; o sr. Pimenta da Veiga, Chefe de Polícia do Estado, erguendo um brinde ao sr. Benedito Valadares; o deputado José Maria de Alkimin; e o deputado Juscelino Kubitschek, que ergueu o brinde de honra ao Presidente Eurico Gaspar Dutra.



Diplomada a Primeira Turma de Taquigrafia do



D. Carolina Fortes Fleury, da Secretaria da Educação e Saúde Pública.



Senhorinha Maria da Conceição Noronha, da Secretaria das Finanças.



Professor José de Oliveira Costa



Senhorinha Grace da Silva Porto, da Secretaria do Interior



Senhorinha Maria de Lourdes Cordovil, da Rede Mineira de Viação

Curso de Especialização da Secretaria das Finanças

NA EXECUÇÃO fiel de seu programa de reorganização e aparelhamento dos serviços administrativos do Estado, o Governo Mineiro, quando presidido pelo Senhor Benedito Valadares Ribeiro, criou, na Secretaria das Finanças, por intermédio do então titular desta, Senhor Ovídio de Abreu, o Curso de Especialização, para os funcionários fazendários, e outros das diversas repartições públicas da Capital.

Iniciativa feliz, dia a dia mais se acentuam os seus resultados e recomenda à benemerência os seus iniciadores.

Em 1944, instalou-se a cadeira de Taquigrafia, por determinação do Chefe do Governo.

A escolha do professor dessa cadeira recaiu, com grande felicidade, no conhecido e conceituado

técnico Senhor José de Oliveira Costa, Diretor do Serviço de Taquigrafia da Assembléa Legislativa.

A primeira turma se compõe exclusivamente de moças, funcionárias das diversas Secretarias de Estado e Departamentos autônomos, em número reduzido, por conveniência didática, e para maior eficiência do ensino e da aprendizagem, considerada a natureza, as peculiaridades da matéria.

As aulas, os exercícios se prolongaram por mais de 12 meses, como importava para que se evidenciasse a persistência, a vocação, e o desempenho técnico necessário para a prática efetiva da Taquigrafia.

Matrícularam-se 16 alunas, das quais 9 compareceram às provas.

A comissão examinadora ficou

assim constituída: o diretor do Curso de Especialização; o professor da cadeira; e os srs.: Dr. Paulo Rehfeld, Superintendente do Departamento Administrativo da Secretaria do Interior e Senhor José Maria Rosenberg, taquígrafo aposentado da antiga Assembléa Legislativa.

Foram aprovadas 4 alunas, consideradas aptas para o exercício da especialidade.

São as seguintes: D. Carolina Fortes Fleury, 1.º Oficial da Secretaria da Educação e Saúde Pública; Senhorinha Grace da Silva Porto, praticante da Secretaria do Interior; Senhorinha Maria da Conceição Noronha, auxiliar de escrita da Secretaria das Finanças; Senhorinha Maria de Lourdes Cordovil, auxiliar administrativo da Rêde Mineira de Viação.

Um Véu de Beleza sobre seu rosto

Absolutamente inofensivo, BIL estende, instantaneamente, um tênue véu de beleza sobre o seu rosto...

Fabricado em 7 tonalidades diferentes, BIL proporciona à sua pele um colorido natural encantador!

MODO DE USAR:

Num instante, por meio de um algodão, ou com as pontas dos dedos, a senhora poderá aplicar uma camada de BIL no rosto e no colo. Absolutamente inofensivo, BIL imprimirá à sua pele um aspecto de sedutora suavidade.

FIQUE BELA... EM POUCOS MINUTOS

Bil

O Embelezador Rápido



Preencha o coupon, envie-o à Caixa Postal 4244, Rio, e receberá pelo Rembolso Postal, ao preço de Cr\$ 10,00, um frasco de BIL.

Côr da pele
Côr dos olhos
Côr dos cabelos
Nome
Rua Estado
Cidade

ISABEL tinha dois anos e meio quando os alemães chegaram a Mehun, em junho de 1940. Meu marido havia escapado para a zona não-ocupada afim de agir no "underground". Na afobação dos últimos momentos que estiveram juntos, havíamos decidido que Isabel e eu permanecêssemos em Mehun, pois lá existia um bom médico.

Penso eu que a primeira coisa que fez Isabel odiar e temer os alemães, foi o barulho que eles faziam. Um grupo deles tendo encontrado o portão exterior de, nossa casa fechado, parou para arrastá-lo. Cheguei à porta, que nunca está fechada, e disse com um sorriso: — "Cavalheiros, na França é uso tocar a campainha quando se quer que um portão se abra".

Dois quartos de nossa casa foram requisitados. Pela tarde havia dez alemães sentados ao longo de nosso jardim, com garrafas de "champagne" e "brandy" à mesa. E já começava a amanhecer, quando o vociferar, o cantar e o quebrar de garrafas cessaram. Pela manhã, Isabel ardia em febre alta.

O médico disse que devíamos acostumá-la ao ruído dos alemães, já que não podíamos obter silêncio. Assim, logo ela melhorou, levei-a ao jardim em seu carrinho. Os alemães mostraram-se extasiados com a pequenina francesa. Tentaram fazê-la falar. Ela permaneceu muda. Ofereceram-lhe chocolate, chocolate francês roubado, evidentemente. Ela não quis aceitar.

Depois, de, mais ou menos, uma semana, persuadi Isabel a brincar comigo no gramado. Por sorte estava ela em seu carrinho, quando um ordenança soltou um gigantesco cão policial. Um dos oficiais, dono do cão, entrou em casa afim de arranjar algo para o molosso brincar. Safu com a boneca, de Paris, que Isabel havia ganhado no Natal, e atirou-a ao animal.

Jamais esquecerei os olhos de Isabel quando contemplava, em tenso silêncio, os grandes dentes do cão a reduzir a trapos o corpo de sua boneca. Depois disso, nunca mais brincamos no gramado.

Por ser professora, recebi muitas "atenções" da oficialidade alemã. Diariamente um oficial da propaganda vinha à minha casa ensinar-me as vantagens do regime nazista. Certa vez, enervada por suas constantes referências à felicidade da obediência ao "nosso" grande "fuehrer", perguntei: — "Mas diga-me, que liberdade possuiis?"

— "Temos a liberdade de obedecer", replicou. Olhei-o, pensando fôsse ironia. Mas ele, apurando-se na cadeira, tinha o olhar parado num brilho de êxtase.

A medida que o tempo passava, mais e mais homens de Mehun eram presos, deportados e jamais voltavam a ser vistos.

Depois de cada batida de aprisionamento, o oficial de propaganda fazia uma pregação especial para explicar-me as necessidades dessas prisões. Ele sempre trazia chocolate para Isabel que, com três anos apenas, então atingidos, já possuía a dignidade e o valor de um adulto. Recebeu os presentes com um calmo "muito obrigada!" e colocou-os no guarda-louça da boneca, onde se acumulavam. Quando perguntada por que não os comia, dizia "Sabem gostar só dos doces que papai dá. Um dia papai vai voltar pra Isabel".

E era tudo o que dizia. Estava ela, então, ciente de que não só eu me comunicava com seu pai, como de que o avistava de quando em quando. Foi minha confiança nela que me decidiu a levá-la comigo, em nossa próxima excursão, à zona não-ocupada.

O pretexto para essa minha ocasional excursão de 24 horas era nossa propriedade em um distrito algo distante, onde os trabalhos agrícolas necessitavam direção. Armada com o salvo-conduto, no dia marcado instalei Isabel na cesta de minha bi-

cicleta. Ela falava polidamente aos alemães dos postos de guarda e permanecia quieta em sua apertada posição no curso de toda a longa e áspere excursão. Ao fim de tudo, ela o sabia, seu pai estava esperando. Por cerca de meio dia brincavam eles juntos. E valia bem o perigo.

A tarde, após o nosso regresso, a intérprete do comando alemão vinha ver-nos. Era uma luxemburguesa de 50 anos, casada com um suíço. Haviām se estabelecido em Mehun em 1934. Mostrava-se ela muito afeiçoada a Isabel. Depois de terem brincado um pouco, disse a mulher: "Quando viu seu pai pela última vez, Isabel? Você o viu nesta última excursão?" Minha filha, de três anos, replicou: — "Sabem só vai ver seu papai quando os homens de botas forem embora".

Dai por diante passei a levar Isabel comigo onde quer que fôsse, se o tempo estivesse bom. Andávamos de bicicleta ostensivamente na zona livre, assustando galinhas e patos. Sob a palha no fundo do grande cesto de lavoura, estavam os documentos confidenciais. Davam-me constantes buscas, mas nunca quando Isabel se achava comigo. Uma vez, quando um guarda começou a suspender a palha do fundo, Isabel voltou-se para a frente e beliscou o bico de um patinho. As trevessuras do desastrado bichinho lançaram todos os seis guardas em convulsivas gargalhadas.

A intérprete luxemburguesa visitou-nos mais uma vez, quando os americanos desembarcaram na África do Norte. Estava fura de raiva e atacava incoerentemente a Roosevelt que lançara seu povo ao suicídio. Pouco antes de sair, voltou-se para Isabel e disse cruelmente:

— "Agora, minha pobre menina, pode ficar certa de que você não mais verá seu pai. Esses perversos americanos vão mergulhar o mundo em sangue e fogo!"

Os olhos de Isabel arregalaram-se, mas ela permaneceu silenciosa, até que a mulher saiu. Então, deitou sua cabeça em meu ombro.

— "É verdade o que a senhora disse?" — murmurou.

— "De certo que não! Você vai ver seu pai outra vez", prometi. "Todos os que são amigos de sua mamãe estão juntos para fazer uma grande ciranda. Então os homens de botas serão aprisionados dentro dessa ciran-

Perca a Gordura

**Um método novo, usado pelas
Estréias de Cinema de Hollywood.
Pode-se obtê-lo agora nas
farmácias.**

Um médico da Califórnia que atende às Estréias de Cinema de Hollywood descobriu um método seguro e novo para reduzir o excesso de gordura antiestética. Esta descoberta chamada **FORMODE** dissolve a gordura de um modo seguro e rápido. Comece a perder peso na primeira semana e muitos quilos ao mês. Basta tomar 2 pastilhas 3 vezes por dia. **FORMODE** estimula a saúde, a energia e proporciona uma figura atraente, de modo que possa parecer e sentir-se 10 anos mais jovem. **FORMODE** é um preparado garantido para remover o excesso de gordura. Peça **FORMODE**, hoje mesmo, em qualquer farmácia. A nossa garantia é a sua maior proteção.

Dist. S. I. P. - C. Postal 3786, Rio



Minha Filha

ISABEL



da e levados daqui. E, assim, seu pai virá para ficar”.

E minha filhinha começou a entender quais eram os amigos de sua mãe, em quem se podia confiar. Em maio de 1943, já com cinco anos e meio, podia transmitir e receber mensagens orais. Ela sempre usava dois grandes laços de fitas em seus ondulados cabelos. Para encontrar as fitas, muitas vezes andei milhas, até lojas fora de mão. Suas cores variavam de acordo com um código pre-estabelecido. Amigos desconhecidos, andando de bicicleta ao longo do curso da água em Mehun, podiam olhar a menina que brincava no parque e que usava laços amarelos aos domingos; laços verdes listados de marrom, às terças-feiras; laços azuis, às quintas-feiras.

Podiam eles juntar-se ao grupo de meninos e perguntar à menina dos laços de fita, se estava só ou com sua mãe. Isabel responderia polidamente, que sua mãe era aquela senhora lá, que daí a pouquinho viria brincar de roda comigo”.

Em 1944, nosso “brinquedo de roda” tornou-se mais difícil e ainda mais perigoso. Era eu, então, tenente dos “franco-atiradores”, uma organização militar, e, não obstante muita vez temer ao voltar para casa, era necessário que eu mantivesse contacto com o Front Nacional civil de Mehun e com os grupos destinados a fazerem parte de nosso “Maquis”. Nosso padeiro, Jean, era o encarregado da ligação. Sua filha e Isabel brincavam juntas no parque.

Com meus cabelos tingidos de louro e cortados curtos, eu havia, com minha nova *carte d'identité*, me tornado em senhorita Ivone, natural da Normandia. Usando óculos escuros, pedalava ao longo do ribeiro até o parque de Mehun e perguntava a direção à menina dos bonitos laços nos cabelos. Mostrando-me o caminho da cidade, ela me transmitia todas as mensagens deixadas pelos “amigos de mamãe”.

Aquêle verão nossa casa esta-

Por Lucienne Marchand

(Capitão do “Maquis”)

De “Coronet”

UMA HERÓICA MÃE FRANCÊSA RELEMBRA COM ORGULHO A SABEDORIA E CORAGEM DE SUA FILHA

va sendo vigiadíssima pela Gestapo.

Minha mãe, guardando leite, lamentava, como se a eles falasse, que o tratamento para mim prescrito na clínica de Brouges (onde oficialmente supunham-me estar), não me havia valido nada e que os médicos tinham me mandado para Neris-les-Bains. Isabel, também, ficava muito triste ao dizer, quando lhe perguntavam, que sua mãe tinha saído afirm de obter melhoras. E eles não me encontravam.

A este tempo, Isabel estava apta a tomar decisões. Um dos meus amigos, antigo mestre em Mehun, atingiu nossa casa, vindo de Paris. Estava sem ligação com seu grupo. A despeito de meu pai ser o chefe do Front Nacional local, ele não sabia como eu podia ser alcançada dentro de 24 horas. Enquanto conversavam, Isabel veio do jardim e imediatamente reconheceu o homem. Foi ao guarda-louça da boneca, tirou um amarrado pedaço de papel e deu-o ao homem. Era um “cotillon” de criança, mas, para quem conhecia bem a região, suas palavras indicavam o endereço da casa de um de nossos agentes. Meus pais ficaram assustados e um pouco magoados. Mas, como lhes expliquei mais tarde, eles teriam guardado o papel tão cuidadosamente que seu conteúdo teria parecido suspeito no caso de uma busca. Pelo contrário, num guarda-louça de bonecas, seria a coisa mais inocente do mundo.

Não assisti os dias da libertação de Mehun, pois tinha sido ferida em ação uma semana antes, na luta em Vierzon. Só quatro dias depois, a 6 de setembro,

que a porta de meu quarto de hospital se abriu para deixar entrar Isabel. Usava ela dois grandes laços com as cores francesa e norte-americana. Atrás dela veio uma delegação de meus antigos alunos, também usando laços de fita vermelha, branca e azul. Tõda Mehun estava usando essas cores proibidas, disse-me Isabel. Ela havia visto os “homens de botas sendo levados para fora, com as F.F.I., os “soldados de mamãe”, montando guarda a eles. Já não mais podiam matar o povo francês. E tão logo seu papai voltaria para casa, não voltaria?

Mais tarde meu pai falou-me da conversa que Isabel teve com um grupo de soldados senegaleses das F. F. I. Nossas pereiras estavam repletas de frutas e meu pai lhes havia falado que podiam colher algumas. Isabel nunca havia visto senegaleses e ficou tímida a princípio. O sargento lhe falou:

— “Você sabe que nós somos soldados da F. F. I. e você não tem medo de nós, não é?”

— “Oh!, não! Mamãe é soldado. Já matou muitos alemães,— respondeu prontamente Isabel.

— “Ah, nós conhecemos sua mãe”, exclamou o sargento. “Com ela, fizemos ir pelos ares os trilhos da estrada de ferro perto de Vierzon. Quando voltarmos à nossa terra, contaremos aos nossos filhos que uma mulher branca, na França, combateu ao nosso lado. Teremos orgulho disso”.

Isabel perfilhou-se, disse-me meu pai. E respondeu:

— “Tenho orgulho de minha mãe!”

E sua mãe tem muito orgulho de Isabel.

BOM PARA TODA
A FAMÍLIA

Ação Triplíce

- 1 NEUTRALIZA o excesso de acidez no estômago.
- 2 LIMPA suavemente os intestinos.
- 3 REGULARIZA o aparelho digestivo.

LEITE DE MAGNÉSIA
DE
PHILLIPS



JESUS E OS FARISEUS

CONTINUAÇÃO

A doutrina de Jesus, diversamente ao mosaísmo, pregava um reino espiritual. Seu ensino começava de baixo para cima. Evangelizava o povo humilde, mais rico de sentimentos e de esperanças. A simplicidade de Jesus, o seu gesto franco, a simpatia que se irradiava daquele homem moço, formoso e amável, reforçava os grandes e profundos ditames que surgiam da sua doutrina. Contudo, ainda era preciso muita ação para que todas as cidades da Galiléia se convertessem. Por isso muita vez Jesus recriminou com energia a incredulidade daquelas cidades, que não tinham olhos para verem os milagres da fé, nem coração para sentirem a sublimidade do verdadeiro reino de Deus, que ele pregava como Filho do homem, em nome de seu Pai que está no Céu. E dizia que se ele aparecesse em toda a sua glória celeste ainda seriam capazes de o não acreditarem. Jesus, entretanto, continuava a pregar contra o egoísmo, a intolerância, os erros da antiga Lei. No princípio era um puro moralista, doce e sorridente, que falava sobre o próximo reinado de Deus. Trazendo a "boa nova", ia enchendo de esperanças e de consolo as pobres populações dos campos e dos vales. Mais tarde as suas idéias amadureceram, e Jesus passou a empreender maior atividade contra o mundo antigo, que era preciso renovar, segundo o ideal que ele concebeu.

Será daí em diante um Jesus mais enérgico. Suas idéias ganham mais precisão. Visto ser

abominável o estado presente, a sua doutrina terá que ruir pela base todo o edifício social da raça de Israel. Subvertendo as condições de vida, uma nova ordem se implantará e regulará a marcha dos povos, conduzidos por um Deus justo e misericordioso. E Jesus, fundamentalmente ligado ao pensamento de uma revolução radical, ativa ainda mais a sua propaganda, mas não se entrega ao combate extenuado aos poderes constituídos. As sedições populares não podiam despertar-lhe simpatia, pois devia reconhecer a sua inutilidade, sem uma profunda reforma moral. E Jesus era manso como o cordeiro. O seu reino não era deste mundo.

Desprezava a terra porque o seu mundo era um mundo ideal que acolhia os mansos, os humildes, os pobres, os sofredores, os enfermos. Assim, repeliu sempre qualquer revolução, no sentido político e social, por meio da força e da violência. Porque

*



aquele que humilhar será humilhado, e no reino dos Céus só entrarão os limpos de coração.

Quer destruir a riqueza e o poder, mas, na verdade, para construir o reino da Justiça, e não para se locupletar com eles. Para estabelecer o reino de Deus, prediz Jesus a necessidade de ser banido tudo o que é da terra, tudo o que é oficial. O idealismo do simples galileu expandia-se em toda a sua plenitude.

*

O Filho do homem, título que lhe agradava mais que o de Messias, como alguns já lhe chamavam, encontrava-se agora na pujança de sua fama. O filho do carpinteiro, como de começo o conheciam em sua pequena cidade natal, conseguira por fim afirmar a sua autoridade. Os milagres, que haviam inspirado a confiança do povo, sucediam-se

Os cegos viam, os surdos ouviam, os mortos ressuscitavam. Eis o grande poder do Nazareno. Os milagres de Jesus estavam confirmando a "boa nova". Os tempos eram chegados. O reino de Deus já começara.

Jerusalém sobressaltou-se ainda mais. Os fariseus, saduceus, sacerdotes, autoridades e os jerosolimitas (filhos de Jerusalém), diante do espetáculo impressionante das multidões que se erguiam, exaltaram-se. Levados ao extremo das disputas, os inimigos de Jesus decidiram tomar uma atitude mais decisiva e enérgica. Bramavam agora contra o consentimento daquelas blasfêmias, contra a inatividade dos partidos religiosos e políticos perante a violação da Lei de Moisés. O crime e a pena estavam prescritos no Talmud. Era réu de morte aquele que blasfemava ou atentava contra o Deus de Israel.

Uniram-se em maquinções os adversários de Jesus, movidos pelos sacerdotes israelitas. No Templo, onde Jesus por mais de uma vez pregara, preparou-se toda a trama em que devia ser envolvido o Mestre. Os fariseus eram muito pretensiosos e salientes e se consideravam homens infalíveis. Para eles Jesus era um galileu detestável, impostor e inimigo de Deus. "Raça de víboras, clamava Jesus, aí de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque limpais o exterior do copo e do prato, mas estes por dentro estão cheios de ra-

(Continua na página 152)

Um nome que vale por um simbolo do nosso progresso

Co. Mi. Te. Co., S/A

Aspectos altamente sugestivos do impressionante progresso de Belo Horizonte, espelhados nas cifras constantes do último relatório dessa pujante Organização. - Reflexos de uma sábia administração - Onde o terreno é um simbolo de progresso.

INCONTESTAVELMENTE, a valorização do patrimônio territorial atual em relação direta ao progresso da cidade em que ele se situa. — E como tal, devemos concluir, diante das cifras alinhadas no recente relatório apresentado pela esclarecida Diretoria da CIA. MINEIRA DE TERRENOS E CONSTRUÇÕES, S. A., (Co. Mi. Te. Co., S. A.), pelas quais se constata, mais uma vez, o seu vertiginoso progresso, que Belo Horizonte continua em marcha ascendente para a sua grande destinação de metrópole civilizadora no país.

De fato, o relatório apresentado pela Co. Mi. Te. Co., S. A., aos seus acionistas e prestamistas, além de consolidar definitivamente essa antiga e conceituada Organização que se encontra, inegavelmente, na liderança do nosso comércio imobiliário vale por um simbolo do progresso de nossa Capital, pois que reflete admiravelmente a constante e ininterrupta valorização de seus terrenos e imóveis em geral.

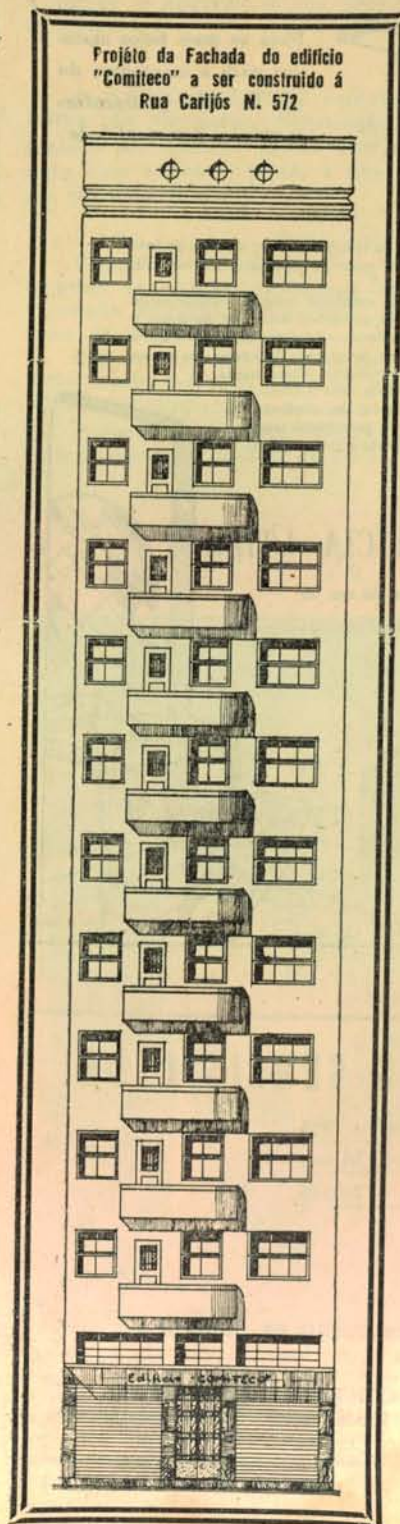
RELATÓRIO DA "COMITECO"

Entre os algarismos altamente significativos que se alinham no documento que a nossa imprensa diária divulgou, achamos suficiente destacar um só, mas bastante para dar uma idéia do vulto das transações realizadas por aquela grande Organização, a soma de seu balanço: Cr . . . \$35.029.473,60! Cifra realmente expressiva, e que bem diz das atividades de uma Organização, cujo franco desenvolvimento, logicamente, decore do progresso da cidade, circunstância "sine qua" para a valorização de seu patrimônio e para a ascensão de seus negócios!

Mas há ainda outras importâncias citadas naquele documento que merecem também referências especiais pelo muito que significam para expressar a solidez da MAIOR ORGANIZAÇÃO IMOBILIÁRIA NO ESTADO DE MINAS.

Encontramos, por exemplo, no título de saldo a receber de Prestamistas de Terrenos e Construções, a importância apreciável de Cr\$ 23.496.505,50! Esta cifra, como bem o afirma a Diretoria da entidade, "expressa claramente a valorização imobiliária de Belo Horizonte".

Projeto da Fachada do edificio
"Comiteco" a ser construido á
Rua Carijós N. 572



Cr\$ 7.779.389,60. — Representa numericamente, o sólido e valioso patrimônio imobiliário da Companhia, dispensando referências a eloquência destes números que dizem bem da pujança da Organização.

DEPARTAMENTO DE CONSTRUÇÕES

Uma resolução altamente auspiciosa pode ser encontrada ainda no documento firmado pela Diretoria da Co. Mi. Te. Co., S/A., a que estamos referindo: o restabelecimento do seu Departamento de Construções, cujas atividades deverão ter início dentro em breve, visto que estão desaparecendo os motivos que determinaram a instabilidade decorrente da Guerra.

Com isso, é de se esperar que a importante Organização mineira venha a dar um novo e poderoso impulso às suas atividades, aumentando ainda mais o raio de benefícios que presta aos seus milhares de prestamistas e ao público em geral.

O EDIFÍCIO "COMITECO"

E' ainda no relatório em apêço, que vamos encontrar a alviçareira nova: vai ser construido o EDIFÍCIO "COMITECO"!

A aquisição do terreno já foi realizada, em um dos pontos mais centrais da Capital, à rua Carijós, 572, tendo custado a apreciável soma de um milhão de cruzeiros! O edificio que será mais um belo conjunto arquitetônico a ornamentar a nossa Capital, terá 12 andares e será erguido de acôrdo com os últimos aperfeiçoamentos da moderna técnica de construções.

SÍMBOLO DO PROGRESSO DE BELO HORIZONTE

E concordando plenamente com a nossa afirmativa, a Diretoria da Co. Mi. Te. Co., S/A., integrada por nomes altamente conceituados em nossos altos meios econômicos — assim conclue o seu relatório: "PARTICULARMENTE A BELA CAPITAL MINEIRA, DEVEMOS TAMBÉM O ESPLÊNDIDO RESULTADO DOS NOSSOS ESFORÇOS. — CRESCENDO E SE AGIGANTANDO, ELA TEM LEVADO A TODOS OS NOSSOS TERRENOS O PROGRESSO E A VALORIZAÇÃO."



O CONFORTO FAZ PARTE DA

Felicidade!

Faça os mais belos castelos para a montagem do seu lar. Nós os transformaremos em realidade.

INEGAVELMENTE, uma grande parcela da felicidade no lar depende do conforto que ele oferece. A alegria e o bem estar relacionam-se diretamente com a beleza e a harmonia do seu ambiente.

Estamos perfeitamente aparelhados para satisfazer todas as exigências do seu bom gosto, fornecendo os mais modernos aparelhos sanitários nacionais e estrangeiros, cerâmica e mosaicos dos mais famosos fabricantes, fogões e aquecedores, bem como os mais belos conjuntos de quartos de banho que representam o que de mais confortável se tem produzido recentemente.

Em nossa exposição permanente no Edifício "Sul América", a Av. Afonso Pena, 941, loja 4, temos, sempre, um mostruário que encanta pela variedade de suas sugestões, permitindo transformar em realidade todos os sonhos de conforto e beleza que tenha imaginado para o seu lar!...

CARMELIO F. CASTRO & CIA. LTDA.

Instalações modernas para o conforto de seu lar
Edif. "Sul América" - Loja 4 - Av. Af. Pena, 941



FOTOGRAVURA MINAS GERAIS LTDA.

Rua Tupinambás, 905
Belo Horizonte - Minas
TELEFONE, 2-6525

MÁXIMA PERFEIÇÃO

E PRESTEZA NA

EXECUÇÃO DE CLICHÊS

TRICROMIAS E DOUBLÊS — CLICHÊS EM ZINCO E COBRE — APARELHAMENTO MODERNO E COMPLETO

MA'RIO GENARI

MÁRIO GENARI constitui a verdadeira revelação do *broadcasting* paulista. Menino ainda, sua arte de exímio acordeonista, expressa uma precocidade artística admirável. Não possuindo a faculdade da visão, Mário Genari extravasa na sua arte a melancólica tristeza que o torna mais artista embora não o faça um menino menos alegre que os outros, que vêem...



Mário Genari

Mário Genari atua em diversas emissoras da capital bandeirante e em alguns cassinos do país. Conta com uma apreciável legião de admiradores da sua arte magnífica.

*

ESCOLAS DE LOCUTOR

A idéia não é, em si, original. Já varias vezes o boato, que agora nos vem de novo do Rio, andou por aí. Mas não passou de simples boato...

Na realidade, uma "Escola de Locutores" seria uma organização útil ao nosso "broadcasting". Sim, confessemos que nem sempre os nossos locutores convençam... Querem uma prova? Há pouco uma fan de um locutor de uma de nossas estações escreveu-nos: "Não posso, senhor redator, compreender porque o meu locutor, alás tão admirado pelo público ouvinte, pronuncia, repetidamente, durante o programa dançante: "Dançamos! Dançamos! Dançamos!", procurando evidentemente, incentivar os pares dançarinos que aproveitam a interessante hora recreativa dos domingos. Será que o meu locutor ignora, sr. redator, o emprêgo certo do verbo? Estou desolada..."

Recentemente, no Rio, durante o transcurso de um programa de auditório, desejando homenagear alguns jogadores cariocas, certo locutor exclamou: "Homenagearemos, agora, os jogadores do Clube de Regatas do Flamengo! Uma salva de palmas, auditório, para o Clube Regatas do Flamengo!"

Positivamente, se é brincadeira... é de muito mau gosto!... Se não é... — que Deus nos perdoe! — só mesmo uma escola...

ALTEROSA * ABRIL DE 1946

O "TEATRO IMAGINÁRIO" da Rádio Guarani reencetou suas atividades na quarta-feira de Cinzas, tendo apresentado, com sucesso, a peça "Cinzas", original de Lígia Póvoa.

*

FOI eleita a nova junta governativa do Departamento de Imprensa Radiofônica, filiada ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio. Está assim constituída: Presidente — Alziro Zarur do "Fon-Fon"; secretário — Júlio Ribeiro, de "Vida Nova Rádio"; tesoureiro — Armando Migueis, de "Cena Muda".

*

PAULO LESSA, o apreciado locutor da Rádio Inconfidência, que esteve afastado algum tempo do microfone da P. R. I. 3, voltou a atuar com o mesmo agrado de sempre.

*

O NOVO "cast" de locutores da Rádio Mineira foi organizado com muito rigor pelo seu atual diretor-artístico, Luiz de Medeiros, a quem o rádio mineiro já deve assinalados serviços.

*

DEVE regressar a Belo Horizonte, no próximo mês de maio, o consagrado locutor mineiro, Ramos de Carvalho, que se tem destacado na B. B. C., de Londres.

*

ARI BARROSO trouxe de Buenos Aires, onde ficou maravilhado com a organização e instalações da Rádio El Mundo, algumas gravações de grandes programas portenhos.

*

A RÁDIO CRUZEIRO DO SUL requereu do Ministério da Viação autorização para instalar ondas curtas em seu transmissor.

*

CONSTA que a Rádio Tupi sómente transmitirá discos de anúncios gravados nos seus estúdios, já tendo convidado para dirigir a secção de gravações comerciais o técnico Ribeiro Martins.

*

VALE a pena quvir o programa "Parada de melodias", que a estação carioca Rádio Cruzeiro do Sul, P. R. D. 2, irradia todas as terças-feiras, entre 21 e 21,30 horas. A seleção musical é realmente notável.

ORLANDO PACHECO é, sem favor, um dos melhores locutores do broadcasting nacional. Possui bela dicção e sabe dizer um anúncio, qualidade que muitos locutores considerados cartazes não possuem. Nos programas de auditório, Orlando Pacheco constitui, talvez, para a platéia e os ouvintes, a maior atração, ganhando longe muitos famosos animadores da cidade maravilhosa...

Pois estivemos ameaçados de perder Orlando Pacheco, que ingressaria no cast da Mayrink Veiga! Felizmente, a Guarani acordou a tempo e seguiu o seu grande artista! Verdadeiro golpe de inteligência...

*

A RÁDIO MINEIRA está levando ao éter, às terças e quintas-feiras, às 22 horas, "Evocação", um programa lítero-musical que merece ser ouvido. Muito bem escrito, com a seleção musical realizada com apurado gosto, é um verdadeiro presente da P. R. C. 7 aos seus ouvintes.

*

VICENTE CELESTINO, o popularíssimo cantor brasileiro, intérprete inimitável de tantas canções de sucesso, como "O ébrio", "Coração Materno", "Patativa", etc., iniciou sua temporada ao microfone da Rádio Guarani.

Sua estréia agradou, embora o artista estivesse gripado, coisa aliás, inadmissível e que não devia ser divulgada, se o cantor atentassem na finalidade do produto que patrocina a temporada...

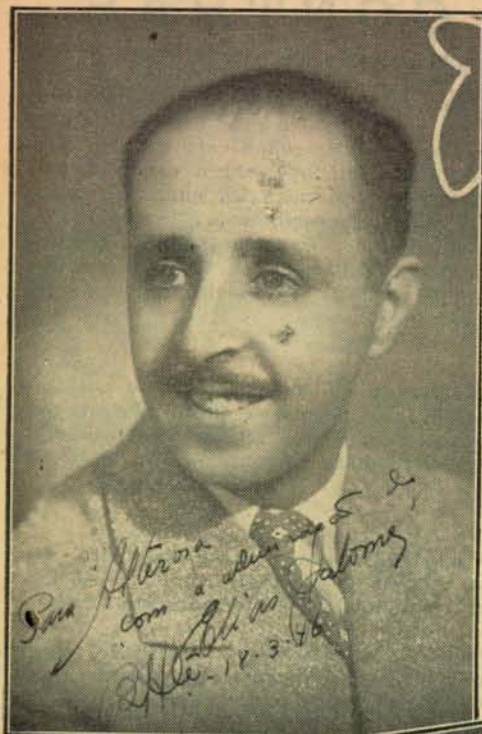
A canção "O ébrio" ficará melhor se o intérprete omitir a fastidiosa narração falada, já fóra de moda.

*

MARIA D'AVILA



Eis Maria D'Avila que está obtendo ao microfone da Rádio Cultura, de São Paulo, um sucesso tão grande que a imprensa radiofônica bandeirante já a *naturalizou* paulista... E o fato representa, na realidade, a melhor prova do êxito da grande intérprete de canções mexicanas que atuou tanto tempo na nossa Rádio Inconfidência. Chamando-a para o seu "cast", a Rádio Cultura fez uma bela aquisição, e perdeu Minas uma cantora de méritos inconfundíveis, já consagrados, aliás, pelos nossos cronistas radiofônicos que a consideram uma das melhores cantoras brasileiras de músicas mexicanas...



Escola de Rádio da PRI-3

A "ESCOLA DE RÁDIO" da Rádio Inconfidência, dirigida por Elias Salomé, figura de merecido relevo no *broadcasting* mineiro, constitui, sem dúvida, uma realização impar na radiofonia nacional. Sua finalidade é, como o seu próprio nome expressa, ensinar. E ensina. Provam-no inúmeros cantores em franca evidência: Edson Lopes, Irmãos Pinto, Otavinho Mata Machado, Moraes Neto, Osvaldo Pôrto, Déa Lúcia, Wilson Bistene, Mariza, Roberto Amaral, Geni Moraes, Ubirajara, Amin-tas Guilherme e Wilson Roberto. São cantores que ingressaram na Escola de Rádio de Elias Salomé levando apenas como credenciais uma vocação e decidida boa vontade, e ali, sob os cuidados do dirigente amigo, aprimoraram as qualidades vo-

cais, melhoraram a pronúncia, aprenderam ritmo e o necessário desembaraço para atuar ante o microfone e os auditórios. O processo adotado para a seleção do aluno é um teste radiofônico nos próprios estúdios da Rádio Inconfidência. Para esse teste são imprescindíveis voz radiofônica, dicção regular, alguma noção de ritmo, pronúncia correta e certo desembaraço.

Mas retrocedamos



Flagrante expressivo de uma das audições dominicais da "Escola de Rádio" da P. R. I.-3, quando uma das candidatas ao estrelato radiofônico cantava, acompanhada pelo conjunto regional.

✱

Elias Salomé, o incansável dirigente da "Escola de Rádio", quando durante um ensaio, dava lições de ritmo aos candidatos que, atentos, o cercam ao piano.



ao passado, num rápido histórico dessa admirável realização. A idéia da fundação da primeira Escola de Rádio no Brasil nasceu de uma feliz iniciativa de Elias Salomé, Lauro Cataldi e o professor Fernando Coelho. Foi em princípios de 1937, quando se iniciaram suas irradiações, tempos depois interrompidas devido a uma desinteligência entre os fundadores. Voltou, porém, a 12 de outubro de 1938, ao ar, sob a direção de Elias Salomé e obedecendo a uma nova orientação da Direção Artística da Inconfidência.

Sua história, como vêem, é simples mas expressiva, pois quanto sacrifício encerra a sua vida, desde os primeiros passos, quase indecisos, até hoje, época em que se pode considerá-la vitoriosa!

Não fôra a pertinácia do seu dinâmico dirigente Elias Salomé — o homem dos sete instrumentos do rádio mineiro — a "Escola de Rádio" não seria a realidade que é hoje. Quando se fala na "Escola de Rádio" vêm-nos logo a figura do Elias, que parece personificá-la através do seu idealismo e do seu amor ao "broadcasting" mineiro. Mas não se deve esquecer a colaboração imprescindível dos que o cercam, numa coadjuvação digna de elogio: desde os diretores da Rádio Inconfidência que sempre prestigiaram o ativo dirigente, aos artistas, entre os quais se destaca José Catarino Santana, grande elemento na vitoriosa existência da "Escola de Rádio".

Mas a glória é do "broadcasting" mineiro, ou melhor, nacional, pois realizações dessa natureza expressam a existência do idealismo a serviço da arte na sua mais elevada significação.

E o rádio, no Brasil, precisa de homens idealistas...

O "caçula" dos rádio-técnicos de Santos

OTHON GISA

NASCEU em Ponta Grossa, no Paraná, vindo logo para a terra de Braz Cubas. Muito jovem, foi lutar pela vida, num setor bem difícil — a publicidade. E deu "cabeçadas" para aqui e para ali. Um belo dia interessou-se por uma vitrola, uma vitrola que não tocava... Ora vejiam, o Antônio Dias (esquecemo-nos de apresentá-lo) às voltas com válvulas, bobinas, etc. Naquele belo dia esqueceu de correr a freguezia de anunciantes e foi ler a "Vida de Edison". Pronto! Dali para aqui, queremos dizer, para a complicada técnica do rádio, foi um pulo...



Antônio Dias

Hoje, Antônio Dias trabalha, estuda, visando sempre o seu aperfeiçoamento. No entusiasmo de sua mocidade e na modéstia do seu valor, estão os rádio-ouvintes bequatriños descansados quando a "onda" se faz ouvir... Antônio Dias impõe confiança! E logo hoje, quando o sucesso das programações depende tanto da técnica!



Lingerie Valisère, carícia de elegância para as suas formas. Lingerie Valisère, tecido indismalável e corte individual rigoroso.

LINGERIE

Valisère

CONTACTO QUE É UMA CARÍCIA

PANAM — Casa de Amigos



Panorama Radiofônico

Responde à "Enquete" de "Alterosa" o apreciado locutor Afonso de Castro, da P. R. C. 7

— QUANDO E COMO INICIOU A SUA CARREIRA RADIOFÔNICA?

— Em 1936. Santa Barbara, é uma terra hospitaleira, cheia de gente boa e tolerante. Ali, naquele ano, o acaso me levou, sem nenhuma pretensão, à frente do microfone da pequenina e amiga PRS-1, Difusora de Santa Barbara. Achei interessante e gostosa aquela emoção que experimentava todas as vezes que me surgia a oportunidade de falar. As tremuras dos primeiros dias foram, aos poucos, se equilibrando ou, de melhor modo, desaparecendo. Comecei sem saber porque e acabei gostando sem saber de quê.

— QUE EMOÇÕES MARCAM A SUA INICIAÇÃO ARTÍSTICA?

— As emoções continuam e continuarão sempre a marcar a minha iniciação artística, mesmo porque, em matéria de arte, eu continuo sendo um iniciante que, diariamente, encontra à sua frente novos e mais vários motivos, tests e surpresas que a profissão nos permite encontrar dentro da vida. As emoções, meu amigo, são diárias e diariamente se renovam, já que a vida é sempre um pouco diferente em cada dia que passa.

— QUAL O SEU GÊNERO DE MÚSICA PREFERIDO?

— Depende do momento. "Eu... gosto do samba", como também gosto da música de classe, do "Di Provenza il mar..." da "scena de morte". Nós todos temos um pouco de tristeza, um pouco de saudade ou um pouco de alegria. É a mutação constante dos sentimentos e que o destino impõe como necessidade precípua para que a vida não perca a sua razão de ser. Assim como os sentimentos variam, também se modificam as preferências.

— CONTE-NOS ALGO INTERESSANTE DE SUA HISTÓRIA RADIOFÔNICA.

— Nada de realmente interessante contém a minha história radiofônica, se é que eu possa

chamar de "história" a série de trabalhos e lutas em que se empenha aquele que deseja atingir a realidade de um ideal, realidade essa que, — a prática nos ensina, — nunca se consegue efetivamente atingir. Para a consecução de um ideal, fica sempre faltando aquilo que a nossa imaginação vai construindo sobre o alicerce dos sonhos realizados.

— QUAIS SÃO, ATRAVÉS DOS MÚLTIPLOS GÊNEROS ARTÍSTICOS, AS FIGURAS REPRESENTATIVAS DE RADIOAUTORES, RADIADORES, CANTORES, HUMORISTAS E LOCUTORES DO NOSSO RÁDIO?

— Ser franco, positivamente franco, deve ser o cuidado ou o lema de quem quer dar uma resposta capaz de não magoar a própria consciência. Falar sobre todas as figuras, seria impraticável, já que, nos múltiplos gêneros artísticos, dentre eles, sempre se destaca um ou outro batalhador. Para mim, neste nosso Brasil, pleno de arte e de artistas, Raul Roulien, apesar de algo esquecido, é um dos mais legítimos valores da arte brasileira.

— E O MELHOR PROGRAMA DE CALOUROS, SOB OS AS-

PECTOS ARTÍSTICO, RECREATIVO E MORAL?

— Uma pergunta, para a qual, desculpe-me o bom amigo, eu não encontro resposta, a não ser que queira quebrar a velha amizade que tenho mantido com a minha inseparável consciência. Não posso dizer qual seja o melhor programa porque, francamente, por falta de tempo ou de curiosidade, de nenhum deles eu sou ouvinte.

— O MAIS COMPLETO ANIMADOR DE PROGRAMAS?

— Todos os meus colegas locutores serão bons animadores de programa, e nisto eu creio firmemente, se lhes forem dadas oportunidades ou, o que é essencial, bons programas para serem animados.

— QUE INOVAÇÃO SUGERE PARA O NOSSO RÁDIO?

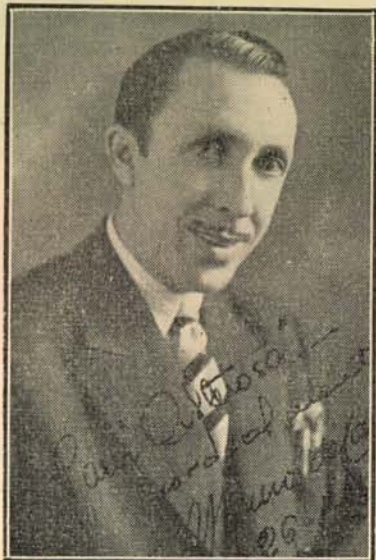
— Nenhuma. Acho apenas que ele deveria ser todo modificado... periodicamente. Esclareço melhor: acho que deve existir mais constante variação de programas, numa sucessão de novidades, fugindo assim do rotineiro cardápio dos dias certos e dando, de outro modo, uma demonstração mais positiva da indiscutível inteligência dos nossos diretores artísticos.

— QUAIS SERÃO AS SUAS FUTURAS REALIZAÇÕES?

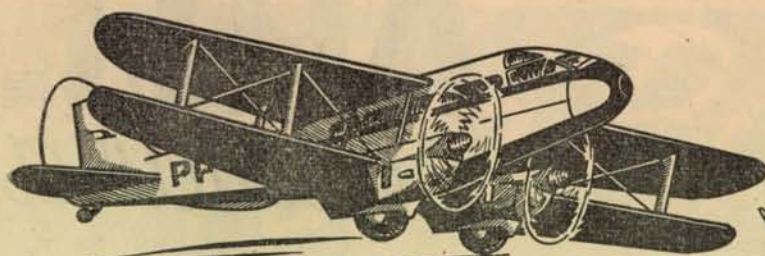
— Meu caro, de tanto sonhar, eu acabei compreendendo que, dentro desta vida gozada, o mais aconselhável é percorrer os seus três andares sem muitos projetos e realizando apenas aquilo que a oportunidade sugere ou permite. As minhas futuras realizações serão aquelas que as oportunidades permitirem.

— QUAL A SUA IMPRESSÃO SOBRE O RÁDIO COMO FATOR DE RECREAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA?

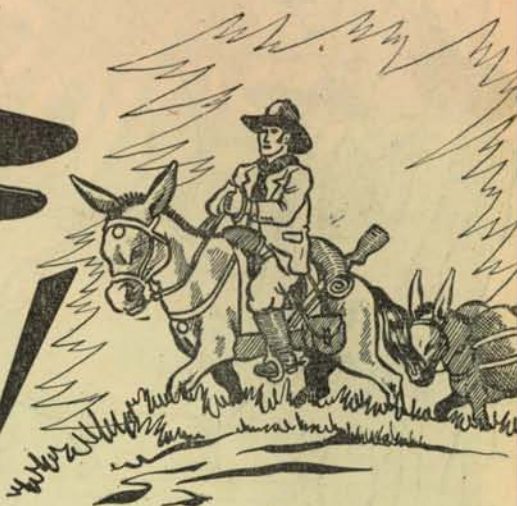
— Acho que o rádio, na sua função objetiva, é efetivamente um elemento de recreação, educação e cultura. O rádio que não diverte, não educa e não informa, fugindo assim à sua principal orientação, deixa de ser rádio, deixa de ser arte, para ser, apenas, "um meio de vida".



Afonso de Castro



DO "Cometa" DE ONTEM AO VIAJANTE MODERNO.



NÃO há muitos anos, todos os caixeiros-viajantes, então conhecidos pelo nome de "cometas", eram homens admirados em toda parte pelo denodado espírito de sacrifício de que se revestiam para enfrentar as longas distâncias que separavam as nossas cidades, através de penosas jornadas em lombo de cavalo. Palmilhando o interior do nosso Estado, em viagens que se contavam por meses e meses seguidos, eles levavam em suas cavalgaduras toda a sorte de mercadorias com que satisfaziam as necessidades das nossas populações rurais e

promoviam, com louvável abnegação, a circulação de nossas riquezas.

Mas esse tempo, que já vai passando à história, deu lugar ao viajante moderno, que conduz apenas a sua pasta, a sua caneta-tinteiro e o seu talão de pedidos, cruzando o nosso grande Estado em todas as direções, alcançando em poucos minutos as cidades mais longinquas, através das linhas aéreas mais rápidas e confortáveis estabelecidas pela OMTA (Organização Mineira de Transportes Aéreos), um poderoso elemento de progresso, a serviço da grandeza econômica do Estado de Minas Gerais

TRANSPORTE DE PASSAGEIROS E ENCOMENDAS (Horário)

SEGUNDAS-FEIRAS			
Parte de	As horas	Chega em	As horas
BELO HORIZONTE	9,00	ARAGUARI	12,00
ARAGUARI	13,00	BELO HORIZONTE	16,00
TERÇAS-FEIRAS			
BELO HORIZONTE	13,00	S. JOÃO DEL REI	14,00
S. JOÃO DEL REI	15,00	BELO HORIZONTE	16,00
QUARTAS-FEIRAS			
BELO HORIZONTE	9,00	TEÓFILO OTONI	11,00
TEÓFILO OTONI	12,30	BELO HORIZONTE	14,30
SEXTAS-FEIRAS			
BELO HORIZONTE	9,00	TEÓFILO OTONI	11,00
TEÓFILO OTONI	12,00	JEQUITINHONHA	13,00
JEQUITINHONHA	13,30	TEÓFILO OTONI	14,30
TEÓFILO OTONI	15,00	BELO HORIZONTE	17,00



NÃO CONTE *Por dias* AS VIAGENS QUE DEVE FAZER
CONTE-AS *Por Minutos,* SERVINDO-SE DA

OMTA

ORGANIZAÇÃO MINEIRA DE TRANSPORTES AÉREOS LTDA.

Informações na Agência Central:

Rua Espírito Santo, 509 - Fone 2-7229 - B. Horizonte

ROCHA



ARTE Culinária

MARIA
TERESA

*

Aí está, na sua melancólica poesia, a comemoração magna do sacrifício de Cristo, para redimir o mundo. É a hora da elevação do espírito e de profunda abstinência, num holocausto que se traduz numa homenagem à divina figura.

Em obediência às normas cristãs, sugerimos, aqui, algumas receitas adequadas a esse período em que o espírito paira acima das contingências materiais para se oferecer, através da prece, ao Cristo eternamente redivo.

★ Cardápio ★

PEIXE FRITO E PIRÃO DE BATATAS

Ponha em água fervendo, salgada, sete batatas grandes, bem escolhidas. Deixe que cozinhem durante vinte cinco a trinta minutos. Escorra a água e coloque novamente sobre fogo brando. Amasse as batatas, adicionando duas colheres de manteiga, uma colherinha de sal, e, em seguida, meia xícara de leite, aos poucos. Conserve na panela até que o peixe seja frito, para então deitar o pirão em um travessa e, sobre ele, os peixes. Para fritá-los deixe de molho em sal e caldo de limão durante 5 a 10 minutos, depois de os haver limpo completamente. Deixe que o azeite esquite bem na frigideira, e enxugue os peixes. Quando estiver saindo fumaça do azeite, deite-os até tostarem de um lado, e vire do outro. Enfeite a travessa com fatias de limão.

"PURÊ" DE BACALHAU

Façamos cozer, sem ferver, alguns pedaços de bacalhau. Tiremos a pele e as espinhas. Deitemos os pedaços, assim preparados, em um tacho; amassemos-os bem, adicionando-lhes, pouco a pouco, azeite de oliveira bem quente, até que ofereça a pasta certa consistência.

Terminemos a preparação com um pouco de suco de limão, leite fervente e um quase nada de alho. O trabalho deve ser executado com uma colher de madeira.

A guarnição de prato pode ser executada ao gosto de quem vai comê-lo.

*

BISCOITOS FRITOS, DE POLVILHO

Escalde meio quilo de polvilho azedo coado com uma xícara pequena de água fervendo. Esfregue bem. Em seguida adicione uma xícara de leite, com sal, erva doce e três ovos batidos. A massa deve ficar em consistência dura.

Os biscoitos são enrolados bem finos, sobre o mármore, pois crescerão muito quando fritos em gordura fervendo.

Tampe a caçarola para evitar que a gordura se espalhe.

MOLHOS PARA PEIXE

Molho de Milho

Preparemos um "purê", ralando espigas de milho bem tenras, espremendo-as bem. Coloquemos numa caçarola meia xícara deste "purê" e meia de vinho branco e adicionemos-lhe uma colherada de manteiga, uma cebola picada, um quarto de colherada de nozes moídas, pimenta do reino, sal e pimenta verde.

Levemos o molho para cozer em banho-maria.

★ Sobrmeesas ★

CHARLOTE DE BANANA

Corte dez folhas de gelatina e deixe-as de molho em meia xícara de água fria. Adicione-lhe uma xícara de açúcar e meia xícara de caldo de limão. Junte uma xícara e meia de água fervendo, para que derreta completamente a gelatina. Despeje em formas umedecidas, na altura de dois centímetros. Ao ficar quase firme, ponha uma camada de rodela de bananas bem escolhidas e maduras. Deixe o resto da gelatina na própria tija, sem mexer, até que comece a solidificar. Bata então com um batedor de roda.

Amasse duas bananas e junte-as à gelatina, e mais açúcar, se não achar bastante doce. Despeje na forma, sobre as rodela, e conserve na geladeira até endurecer.

Retire cuidadosamente e sirva com creme Chantili.

-Faça Bolos!!!

BÔLO AMARELO

6 colhs. (sopa) manteiga
ou outra gordura
1 $\frac{1}{4}$ chics. açúcar
1 colh. (chá) essência
3 ovos

1 $\frac{1}{2}$ chíc. farinha
 $\frac{1}{2}$ chíc. araruta
1 colh. (sopa) Royal
1 colh. (chá) sal
 $\frac{1}{2}$ chíc. leite

Amasse a manteiga até ficar um creme. Incorpore aos poucos o açúcar. Junte a essência, depois os ovos inteiros, um a um, batendo bem. Peneire juntos 3 vezes a farinha, araruta, Royal e sal. Junte-os, aos poucos, à massa, alternados com o leite, batendo sempre. Use fôrma untada, forno regular cerca de 50 min. e cubra com o seguinte glacê: numa panela, sobre fogo baixo, derreta 2 chics. açúcar, mexendo sempre até ficar dourado. Junte aos poucos 1 chíc. leite bem quente, continuando a mexer. Junte 1 colh. (sopa) manteiga e tire do fogo. Quando estiver morno, bata até ficar cremoso e consistente.

...e haverá sempre festa em seu lar!

Um lar em que há sempre bolos é um lar feliz... Bolos tornam a mesa mais farta, mais variada... e, sobretudo, muito mais festiva! Indubitavelmente! Vale a pena fazer bolos! É só começar! E, mesmo fora das grandes datas, sentirá logo que a presença de bolos cria em seu lar um ambiente de constante festa... Por certo, para garantia do êxito, utilize o Livro de Receitas Royal, usando o produto de qualidade e de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

Grátis!

Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta tôdas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". [Se não encontrar o cartão, escreva hoje mesmo para: Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.



FERMENTO ROYAL

- a chave de mil e um pratos deliciosos!

PROD. DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO

Crianças



Sandra Lúcia, filhinha do casal D. Jadica Santos Silva-sr. Geraldo Silva, residente em Divinópolis, neste Estado.



Jeanette, filhinha do casal D. Gisela Misionschnik - Max Misionschnik, residente nesta Capital.



Ermelinda, filhinha do casal D. Ermelinda de Melo Cândido-sr. Francisco Cândido Câmara, residente nesta Capital.



Claro, filhinho do casal D. Efigênia Durães Ribeiro-Sr. Blair Dias Ribeiro, residente em Uberaba, neste Estado.



Marinez, filhinha do casal D. Guiomar Maria do Carmo-sr. José Nicolau do Carmo, residente nesta Capital.



Maria Francisca, filhinha da Sra. Zaira de Paula Lopes, residente nesta Capital.



Paulo Márcio, filhinho do casal D. Nêmack de Sousa Martins-Dr. Rômulo Martins da Silva, residente em Jequitinhonha, neste Estado.

ENVELOPE CAMPEÃO ? E DINHEIRO NA MÃO

LOTERIA FEDERAL

EXTRAÇÕES EM ABRIL DE 1946

Dia	Prêmio maior	Prêço inteiro
	Cr\$	Cr\$
3	500.000,00	70,00
6	1.000.000,00	120,00
10	500.000,00	70,00
12	1.000.000,00	120,00
17	500.000,00	70,00
20	500.000,00	70,00
24	500.000,00	70,00
27	1.000.000,00	120,00

LOTERIA DE MINAS

EXTRAÇÕES EM ABRIL DE 1946

Dia	Prêmio maior	Prêço inteiro
	Cr\$	Cr\$
5	200.000,00	30,00
12	300.000,00	40,00
20	200.000,00	30,00
26	300.000,00	40,00

DE ONDE QUER
QUE VOCÊ RE-
SIDA, PODERÁ
PEDIR O SEU
BILHETE AO

CAMPEÃO DA AVENIDA

NÃO MANDE
DINHEIRO EM
REGISTRADO
SIMPLES

Av. Afonso Pena, 612 e 781 — C. Postal 225 - End. Tel. CAMPEÃO - B. HORIZONTE

O EXEMPLO DE JUDAS

CONCLUSÃO

direito, principalmente quando consideramos que, nunca em época nenhuma do mundo, cresceu tanto, foi tão vivo o amor do dinheiro, a ganância pelo dinheiro. Por dinheiro, hoje, vendemos a alma e a Cristo, porque há uma propensão para encerrar tudo como sendo mercadoria, assim as apólices como a consciência. Vende-se tudo, compra-se tudo e, que me conste, ninguém ainda se enforcou por motivo de traição por dinheiro. Judas Iscariotes foi o único que assim procedeu, demonstrando que a sua traição era contra a sua natureza, con-

tra a sua fé. Provou o arrependimento pelo suicídio. Para falar franqueza, como os arrependidos é que se salvam, muitos traidores por aí estão com o inferno garantido, ao passo que Judas, perdoado por Cristo, está assentado à mão direita de Deus-Padre, rindo-se de nós, na glória do seu trágico arrependimento.

Meus caros amigos em Judas, arrependei-vos em quanto é tempo, suicidai-vos. Assim tereis a salvação eterna. E' preciso seguir o exemplo de Judas.

LIVROS NOVOS

CONCLUSÃO

seus protagonistas e pelo feito com que a nossa imaginação é seduzida pelos lances extraordinários, este livro constitui um sucesso literário. A tradução é de autoria de Alfredo Ferreira, num volume de mais de 400 páginas, otimamente apresentado.

acaba de editar numa bela confecção gráfica.

OS MAIS BELOS CONTOS ALUCINANTES — Florilégio — Editora Vecchi — Rio, 1945.

AS MAIS BELAS POESIAS BRASILEIRAS DE AMOR — Antologia — Editora Vecchi — Rio, 1946.

Reunindo expressivas poesias de amor dos nossos maiores poetas brasileiros, este livro constitui agradável leitura. Entre os poetas contam-se Gonzaga, Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Castro Alves, Bilac, Cruz Sousa, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Ribeiro Couto, J. C. de Araujo Jorge, Cecília Meireles, Guilherme de Almeida. Como vêem, poetas de todas as "escolas", desde os clássicos aos modernos, obedecendo sempre a uma linha de equilíbrio que a verdadeira beleza poética impõe.

Magnífico livro este que a Vecchi

COMUNIDADE OU COMUNISMO — Manoel Joaquim Pimenta Veloso — Ensaio — Editora Agir — Rio, 1946.

Éis um livro que representa o esforço de um homem do povo cujas reflexões são expostas claramente e com desassombro. "Eu, você e todos os demais Joões-da-Rua temos um denominador comum, um parentesco, uma afinidade: faltam-nos as mesmas coisas. Pergunto a você: vamos lutar por elas? Se você não sabe o que tem a fazer, eu o direi."

O autor viveu alguns problemas e deles nos fala; fala-nos desse "homem comum" que, unido a outros homens comuns, forma o que se chama povo.

LUCRÉCIA BÓRGIA — Fred Bérence — Biografia — Coleção "Vidas Extraordinárias" — Editora Vecchi — Rio, 1946.

A vida de Lucrecia Borgia, tão intensa e espetacularmente extraordinária, desenvolve-se em pleno Renascimento italiano. Foi ela a máxima figura feminina de seu tempo. Fêz-se mulher num meio magnífico, todo fausto, crime e intriga, suscitando, mais que nenhuma outra, os comentários veementes de seus contemporâneos e da posteridade.

"Lucrecia Borgia", de Fred Bérence, é uma admirável biografia que entra por direito próprio nesta Coleção, à semelhança da não menos apaixonante do irmão de Lucrecia — "César Borgia" —, escrita pelo famoso investigador Rafael Sabatini, de que a Editora Vecchi tem no prelo a versão para a nossa língua.

INQUIETAÇÃO — Romance — Ondina Ferreira — Cia. Editora Nacional.

A conhecida autora, nesse forte romance da vida moderna, fixa um aspecto particular da mudança de padrão cultural dos povos civilizados: a situação da mulher em face do mundo em que vivemos, enfrentando valorosamente as mais penosas profissões. Este romance obteve o prêmio "Alcântara Machado" de 1945, na Academia Paulista de Letras.

O Mucus da Asma Dissolvido Rapidamente

Os ataques desesperadores e violentos da asma e bronquite envenenam o organismo, minam a energia, arruinam a saúde e debilitam o coração. Em 3 minutos, **Mendaco**, nova fórmula médica, começa a circular no sangue, dominando rapidamente os ataques. Desde o primeiro dia começa a desaparecer a dificuldade em respirar e volta o sono reparador. Tudo o que se faz necessário é tomar 2 pastilhas de **Mendaco** às refeições e ficará completamente livre da asma ou bronquite. A ação é muito rápida mesmo que se trate de casos rebeldes e antigos. **Mendaco** tem tido tanto êxito que se oferece com a garantia de dar ao paciente respiração livre e fácil rapidamente e completo alívio do sofrimento da asma em poucos dias. Peça **Mendaco**, hoje mesmo, em qualquer farmácia. A nossa garantia é a sua maior proteção.

Mendaco Acaba com a asma.

DOR DE
CABEÇA

Melhoral

DOR DE
DENTES

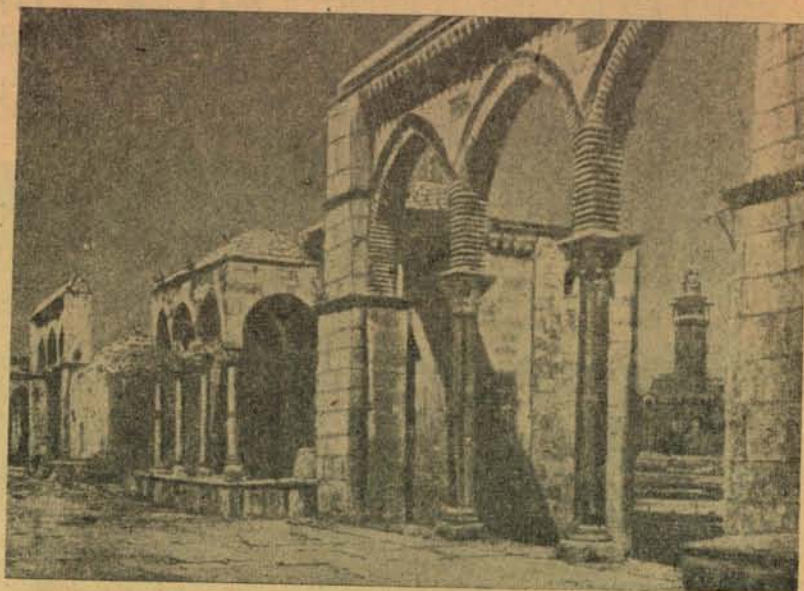
Coceira dos Pés Combatida no 1.º Dia

Seus pés coçam, doem e ardem tanto a ponto de quase enlouquecê-lo? Sua pele racha, descasca ou sangra? A verdadeira causa destas afecções cutâneas é um germe que se espalhou no mundo inteiro e é conhecido sob diversas denominações, tais como Pé de Atleta, Coceira de Singapura, "Dhoby" coceira. V. não pôde livrar-se destes sofrimentos senão depois de eliminar o germe causador. Uma nova descoberta, chamada **Nixoderm**, faz parar a coceira em 7 minutos, combate os germes em 24 horas e torna a pele lisa, macia e limpa em 3 dias. **Nixoderm** dá tão bons resultados que oferece a garantia de eliminar a coceira e limpar a pele não só dos pés, como na maioria dos casos de afecções cutâneas, espinhas, acne, frieiras e impigens do rosto ou do corpo. Peça **Nixoderm**, ao seu farmacêutico, hoje mesmo. A nossa garantia é a sua maior proteção.

Nixoderm

Para as Afecções Cutâneas proteção.
Distr. S. I. P. Caixa Postal 3786 — Rio

IMPRESSÕES DE JERUSALÉM



Aspecto atual das arcadas do templo, de Jerusalém

JERUSALÉM! Os profetas proclamaram que lhe estava reservada uma glória ilimitada: havia de ser um dia a capital espiritual do mundo inteiro. Jerusalém e seu templo se lhe afiguravam uma cidade augusta colocada no cume de uma montanha, para a qual convergiam os povos da terra. Seria o centro de um reino espiritual que ditaria as leis universais e onde a humanidade, pacificada por Jesus Cristo, voltaria a encontrar os gozos vivificantes do Paraíso.

E assim se cumpriram as profecias.

Ali se exaltou o martírio. Daí saíram os lamentos dolorosos do Homem que encarnou na Terra a dor. Daí se irradiou, na eloquência de sua divina simplicidade, a palavra de Deus para os povos da terra. Naquele recanto sagrado, se armou o cenário do drama único da história, convertendo-se cada profecia numa tremenda realidade histórica e cada citação do Senhor num episódio humano! Naquele palco da natureza, o povo desempenhou o seu papel, cumprindo um determinismo transcendente, desfilou a multidão deslumbrada pelo verbo sacrossanto, os humildes discípulos adquiriram personalidade, que os projetou na história imbatidos por uma glória imarcescível — e, sobre eles, sobre a cidade, sobre a própria história, a figura hierática, doce e envolvente de Jesus se elevou e se eleva como uma torre gigantesca iluminada, projetando o seu clarão através dos séculos!

Naquela longínqua Jerusalém,

andou Ele como um simples homem, difundindo, sob a força fluma predestinação indestrutível, a grandeza de Deus. No cenário imutável dessa Jerusalém eterna, realizou-se a última ceia, transcorreu a noite trágica do Horto das Oliveiras, a prisão, o comparecimento aos tribunais, a luta rasteira entre o judeu e o romano, a exaltação sacrílega da plebe, a condenação, a flagelação, a ascensão ao Calvário, a crucificação, a morte, o sepultamento e, confirmando os oráculos, a triunfal Ressurreição!

Jamais poderá ser eclipsada a glória imorredoura de Jerusalém, nem pela jerarquia imperial de Roma, nem pela poética Nazaré, nem pela Belém legendária...

A RUA DE DAVID

Penetramos na velha Jerusalém através do pórtico de Jaffa, que se comunica com a rua de David.

A rua de David é uma das principais da cidade. É estreita — Jerusalém não possui ruas largas — e, desde a porta de Jaffa, desce numa série de largos trechos e logo começa a subir, alcançando a Rocha, sobre a qual Salomão construiu o seu famoso templo, local onde se encontra atualmente a mesquita de Omar. Essa rua está sempre repleta de seres pitorescos: beduínos do deserto com as suas indumentárias características, fluando ao vento; judeus, sujos e peludos, de espessas barbas e amplas túnicas; negros africanos, armênios e gregos, todos numa frenética agitação entre burros e camelos, subindo, descendo, gritando, gesticulando, oferecendo aos transeun-

tes seus produtos, enchendo o ar de fantásticos ruídos, numa algaravia atordoante.

E' um espetáculo inolvidável.

No lugar onde se ergue hoje a singular mesquita de Omar, a célebre Rocha, levantou Salomão, mil anos antes de Cristo, a casa de Deus e seu palácio, cuja majestade encheu de orgulho aos israelitas e impressionou as multidões de idólatras que constantemente transitavam pela grande rua comercial através de Jerusalém. Quatrocentos anos depois foi destruído por Nabucodonosor. Voltou a ser reconstruído pelos judeus, sendo depois saqueado e, em parte, destruído por inúmeros conquistadores. Herodes tornou a reconstruí-lo e Tito o destruiu pela última vez. E assim permaneceu em ruínas até que os muçulmanos ergueram, no mesmo sítio, sua mesquita.

Sob o edifício está a sagrada Rocha. As lendas acerca dessa Rocha são fantásticas. Ali Abraão preparou a seu filho Isaac para o sacrifício; ali construiu Davíd um altar ao Senhor e, mais tarde, se levantou o tabernáculo dos holocaustos no templo de Salomão; ali, sob a Rocha, se ocultava o profeta Jeremias, e daí, acreditam e apregoam os muçulmanos, Mahoma ascendeu ao céu...

O MURO DAS LAMENTAÇÕES

Descemos por um labirinto de estreitas e sinuosas vielas e deparamos o muro das lamentações, reminiscência secular do templo de Salomão. Desde tempos imemoriais vão os judeus chorar ali os infortúnios de sua raça. E' um muro composto de enormes blocos de pedras. Durante séculos, a todo momento, vem a legião de infortunados prosternar-se ante o muro legendário, acariciando-o com as mãos aflitas, cujos contactos deixaram-lhe as pedras polidas e brilhantes...

Vinte séculos perdura a lamentação dos israelitas, desde que Tito destruiu o templo. São Jerônimo nos informa que os judeus subornaram os soldados romanos para que lhes permitissem chorar sobre as ruínas. Entre tantas atrações históricas de Jerusalém, o muro das lamentações constitui uma das mais sugestivas e inesquecíveis.

AS TRADIÇÕES

Impossível transitar pela secular Jerusalém sem sentir a força irresistível das tradições.

Contempla-se dêsse sítio a vasta planície em que outrora se ergueu a tumultuosa Sodoma e Gomorra, cujos pecados as transformaram em cinzas... Vê-se o vale de Josafá...

Don Juan

O BATON CONQUISTADOR
QUE RESISTE A TUDO E AO
QUAL NINGUÉM RESISTE.

Don Juan

NEW YORK



EM TÔDAS AS BOAS CASAS DO RAMO

CASA FALCI

FERRAGENS ANTONIO FALCI LTDA.

FERRAGENS, CIMENTOS, ARTIGOS SANITÁRIOS, TUBOS
E CHAPAS GALVANIZADAS

Depositários e distribuidores de:

Tintas "IPIRANGA"

Fogões "WALLIG"

Impermeabilizantes "SIKA"

Telefones: Escr. 2-1979 — Armazém 2-2916 — End. telegrá-
fico: FALCI — Caixa Postal, 177

Avenida Afonso Pena, 529 — BELO HORIZONTE

FA'BRICA SALIBA

Saliba & Cia. Ltda.

FABRICA QUALQUER TIPO DE CAIXA DE PAPELÃO —
UNICOS DEPOSITARIOS DO PAPELÃO-COURO "PARANÁ"

Rua Tupís, 1240 — Fone 2-1525 (Esquina de Araguari)

BELO HORIZONTE

Todo o panorama contém na sua acústica misteriosa um eco perepe de divina poesia que percuta na alma do peregrino extasiado. Deus visitou aqui o seu povo nos tempos primitivos — porque esse povo buscou-O sempre. Os patriarcas nômades traziam no coração o princípio monoteísta e, sob a sua inspiração, invadiram essa terra de Canan e estabeleceram aliança com o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob; elevaram sacrifícios e puseram a marca do testemunho sobre a Rocha de Mariah com as Taboas da Lei.

Quando essa lei se vai corrompendo, surge Cristo, o Filho do Homem, em Jerusalém, para estabelecer o novo pacto. E aqui nos fala eloquentemente a tradição. Agora, porém, é a bela e fecunda tradição cristã: Belém, Nazaré, Jericó... Oh! a salutar e emocionante evocação destes nomes amados! Visitar a Palestina é, sem dúvida, o sonho dourado de todo cristão. Contemplar o maciço e nevado Hermon; estender-se a meditar sob os milenários cedros do Líbano; sorver a água santa da cisterna de Jacob; banhar-se na linfa do Jordão; ascender ao Hebron, ao Carmelo! E deambular à noite pela secular e venerável Jerusalém... Visitar o jardim de Getsemani, o Horto das Oliveiras; percorrer, orando, a Via Dolorosa; deter-se, emocionado, ante a casa de Pilatos, para chegar, comovidamente, ao Santo Sepulcro de Jesus.

O SEPULCRO

Estamos ante a igreja do Santo Sepulcro.

Ao transportar seus umbrais, subjugam-nos uma emoção que se nos afigura medo. Nossos pés avançam temerosos de perturbar aquela paz augusta com o menor ruído. Sustentada por maciço pilar, vemos a capela erecta no lugar da Crucificação. Mentalmente, recompomos o drama sacro. A igreja é muito grande. Na realidade, compõe-se de um grupo de igrejas, pertencentes aos mais diversos ramos da umbrosa árvore cristã: católicos, protestantes, maronitas, gregos e armênios. Todas ocupam o sítio da Crucificação e a sepultura. Capelas e santuários se unem para comemorar os acontecimentos ocorridos antes e depois da morte do Salvador.

O sítio da Crucificação está coberto por uma capela decorada por mosaicos e pedrarias, formando uma abóboda deslumbrante, da qual pendem inúmeras e magníficas lâmpadas permanentemente acêsas.

Passamos o Sepulcro. E' de mármore imaculado e respandes-

ce à luz que sobre ele difundem as lâmpadas de prata e ouro com incrustações de pedras preciosas, e os altos candelabros de variadas cores. A Igreja Católica, Apostólica e Romana guarda-o com fervoroso zelo e ali realiza missas diariamente.

Em meio à visita, temos, em certo momento, a impressão emocionante de que, na augusta quietude da Tumba, vai surgir o Senhor com as mãos majestosas e lívidas a afastar a grande pedra e apresentar-se outra vez às mulheres da Galiléia na radiosa e etérea figura da Aparição...

QUARESMA DE IRMÃO...

CONCLUSÃO

Cisco o tempo deixara de existir. O êxtase, em que a contemplação divina o arrebatara, desprendera-o de todas as contingências do mundo. Para ele não havia dia, não havia noite. Era tudo apenas aquele momento infinito de esplendor cegante, em que sua alma mergulhava na visão beatífica. Não era o pobre Irmão Francisco que vivia ali naquela gruta verde, mas o próprio Cristo que nele vivia. E por isso, não sentia a passagem do tempo, nem as necessidades da carne. A seu lado, estavam, pétreos e sujos os pássinhos que trouxera para aplacar as exigências do Irmão Jumento, o seu corpo mortal. Quem se alimentava do Trigo Eterno, não poderia preocupar-se com o mísero trigo terrestre.

E assim passaram-se os dias dessa quaresma bendita para Irmão Francisco. Mas na véspera da quinta-feira santa, dia marcado para sua volta, uma idéia irrompeu em meio da meditação do frade. Haviám-se passado quarenta dias e quarenta noites daquele jejum sobrenatural. Irmão Francisco verificou com espanto que graça enorme o Senhor lhe havia concedido. E que honra também para ele, mísero pecador, poder jejuar tantos dias e tantas noites, como acontecera ao próprio Jesus no deserto.

Tanta misericórdia e tanto amor de Jesus para com ele encheram-no de confusão e de humildade. Irmão Francisco achou que seria abusar da bondade de Cristo, igualar-se a Ele na duração do jejum. Apanhou do chão um dos pássinhos, agora reduzidos a uma massa pétrea e bolorenta, e, humildemente, com a alegria de quem satisfaz o mais santo apetite, pôs-se a manducar a crosta dura do pão, dando graças ao Senhor, por aquêle exquisito manjar.

Quando na quinta-feira santa o

pescador veio buscar o frade, foi tomado de espanto e santa revelância que o bom do homem o encontrou vivo, alegre, bem disposto e viu, no chão da gruta de folhas, um dos pássinhos intacto e o outro apenas roído pela metade. Irmão Francisco abraçou, agradecido, o pescador que cumprira fielmente tudo quanto lhe pedira. Meteram-se no bote, de regresso a Perugia. O sol brilhava sobre o lago. As aves cantavam na ilha. Tudo era alegria e esplendor. Dentro do coração de Irmão Francisco também o sol esplêndida e também cânticos irrompiam. Correu a mão pela face fresca do lago, como se acariciasse a Irmã Água, tão útil, tão humilde, tão preciosa e casta, e começou a cantar.

CAIXA DE SEGREDOS

CONCLUSÃO

feito de que você me fala em sua missiva, mas, é de bom aviso lembrar, que a hereditariedade raramente falha; e que é muito mais sensato pensar enquanto é tempo, que arrepender-se quando já não há mais remédio. Aconselhe-se e ouça aos seus pais. Ninguém mais é melhor amigo. Contudo, se lhe custa muito uma separação, mantenha um namôre de menina, quero dizer: um namôre sem os compromissos que, mais tarde possam trazer-lhe dissabores.

S A F O

Pouco se sabe sobre a vida de Safo, poetisa grega da época Ioni-dórica, que viveu no século VI antes de Cristo. Em Lesbos manteve uma escola de poesia e de música. Aperfeiçoou a técnica poética, criou a estrofe "sáfica". De sua obra, que compreendia nove volumes, restam-nos apenas duas odes quase completas, além de alguns fragmentos. Foi contemporânea e rival de Alceu. O amor, a beleza, a alegria, a paixão ou a melancolia eram os motivos principais de inspiração da poetisa grega. Descendente de uma família nobre da ilha de Lesbos, Safo viveu quase sempre em Mitilene. Foi exilada para a Sicília por questões políticas e regressou mais tarde àquela cidade. Várias lendas cercam a sua vida e a sua morte. Conta-se que, apaixonando-se pelo banqueiro Faon, e repelida por ele, precipitou-se do alto do rochedo de Leucade. Outras lendas apresentam-na como uma cortesã. Safo inspirou muitos artistas, pintores e escultores. É famosa a estátua de Safo, em mármore, que se conserva no Vaticano, bem como a de Pradier, que pertence ao Louvre.

DE GRÃO EM GRÃO a galinha enche o papo...



...DE CRUZEIRO EM CRUZEIRO se acumula uma fortuna!

É de todos conhecida a sabedoria do velho ditado popular. Siga também os ensinamentos contidos nessa proclamada verdade, habituando seus filhos, desde cedo, à prática da economia. Abra para eles, hoje mesmo, uma caderneta da Caixa Econômica Federal.



Em face do Decreto-Lei n. 8.475, de 20 de Dezembro de 1945, ficou elevado para Cr\$50.000,00 o limite para depósitos populares com juros. Estes depósitos são impenhoráveis e não estão sujeitos à prescrição.

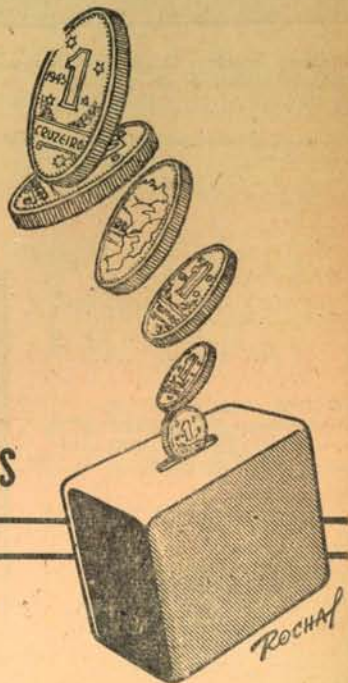
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DE MINAS GERAIS

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO GOVERNO FEDERAL

Publ. ALTEROSA

SUCURSAIS E AGÊNCIAS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO ESTADO

Rua Tupinambás 462 — Belo Horizonte





Enlaces



Roberto Ribeiro de Oliveira Rezende-Maria Angela Farias, da sociedade da Capital.



José Jesus Dias de Azevedo Marques-Irene Perchiavali, da sociedade de Santos, Estado de São Paulo.



O Novo Chefe de Gabinete do Secretário da Educação

O Dr. Valdemar Tavares Pais, professor de renome, que tanto brilho tem sabido dar ao magistério mineiro, aliando às suas tradições de mestre dos mais consagrados o justo conceito em que é tido em nossos meios intelectuais como manejador exímio da pena, é o novo Chefe de Gabinete do Secretário da Educação.



Conhecedor das realidades dos nossos problemas de educação, como uma das maiores autoridades que possuímos em pedagogia moderna, o conhecido escritor que os nossos leitores já conheceram através de colaborações esparsas nesta revista, teve a sua nomeação recebida com geral simpatia em nossa sociedade, tanto pelo conceito em que é tido como pelo muito que poderá contribuir, com as luzes de sua inteligência e cultura, para o encaminhamento de muitas outras soluções afetas à importante pasta governamental confiada ao dr. Olinto Orsini de Castro.

Dr. Valdemar Tavares Pais



A MULHER E O LAR

AS ARTES e as manifestações de arte é um privilégio natural que cabe apenas a alguns. Não nos é dado a todos possuir, compreender ou criar coisas belas. Mas um gênero de beleza humana que pode penetrar em qualquer recanto: — a que deriva de nossas mulheres e de nossas filhas.

Sem elas que seriam das casas ricamente enfeitadas? Uma fria habitação, e com elas o lar mais pobre e mais humilde se anima e resplandece.

Entre as forças capazes de enobrecer e transformar as vontades, de aumentar a felicidade, nenhuma há, talvez, mais universal do que essa que se depreende da presença da mulher.

Quando o lar é pequeno, modesto, e os móveis escasos, uma mulher transparece na ordem, na limpeza, na comodidade. Em todas as coisas que empreende, fica a marca do seu cuidado e carinho.

A sua casa irradia dignidade que muitas vezes não se encontra em palácios.

A vida, compreendida nesse ponto, revela-se pródiga de belezas desconhecidas, cheia de satisfações íntimas.

Como cresce em significação a missão da mulher em dar alma às coisas que nos cercam! Nós todos logo sabemos quando a mão feminina se dedicou a arrumar uma sala, por mais modesta que seja, porque quase sempre há ali o sinal de seu espírito, do seu gosto e de sua dedicação.



A ORIGEM DAS RENDAS

AS PRIMEIRAS rendas não foram feitas com o fim de adornar os vestidos das mulheres, mas para as vestes sacerdotais. Na Idade Antiga e em quase toda a Idade média se fez pouco uso das rendas, uma vez que ainda permanecia pouco conhecido dos povos. Crê-se que essa graciosa indústria tenha procedido dos países orientais e introduzida na Europa com o regresso dos Cruzados; no entanto, não há nenhum dado concreto que permita uma afirmativa nesse sentido.

Há quem afirme que Barbara Uttmann foi quem primeiro tecer uma renda, na cidade de Flandes, em 1550; outros asseguram ter sido a Itália o país que primeiro fabricou. Em 1587, em Veneza, foram publicados desenhos que serviam para modelos de rendas.

Embora não se saiba o certo a sua verdadeira procedência, o fato é que, com o correr do tempo, as rendas se tornaram os mais belos adornos da vestimenta feminina.

**Desperte
ADMIRAÇÃO**
USANDO OS NOSSOS
TECIDOS FINOS

MIAMI
*Os mais belos padrões
em sedas, lãs, linhos e
tecidos finos*

Confie no bom gosto de MIAMI, encomendando o tecido que deseja, com indicação da base de preço, para que lhe seja enviado por REEMBOLSO POSTAL.

AV. AFONSO PENA, 956 — EDIF. GUIMARÃES — BELO HORIZONTE

O ELOGIO DA VIRTUDE

Quando uma mulher, ao contemplar-se ao espelho, compreende que carece de formosura, convém perguntar a si mesma: "Que seria de mim se carecesse de virtude?"

Se é suficientemente bela é importante repetir de si para si: "Parecerei muito mais encantadora mantendo uma conduta irrepreensível". — PLUTARCO.

VÁLVULAS
e
MATERIAL
PARA RADIO
EM GERAL

SEIMI

ATACADO E VAREJO

RUA CURITIBA, 631
FONE 2-7560
End. Teleg.: "SEIMI"
BELO HORIZONTE

As HEMORROIDAS causam sérios distúrbios



As HEMORROIDAS, molestia geralmente de duração prolongada, acarretam uma espécie de depressão mental tornando o indivíduo sempre nervoso e irritadíssimo. Na maior parte das vezes o hemorroidário sofre

prisão de ventre, palpitação, tonteira, inapetência, dor e sensação de peso no reto. As PILULAS DE HERVA DE BICHO COMPOSTAS

IMESCARD, medicação de origem vegetal, proporcionam uma solução ao eterno problema do hemorroidário, restabelecendo a normalidade nos intestinos, facilitando as evacuações, acalmando a mucosa retal congesta e irritada. Nas crises hemorroidárias, em que o doente sente dores atrozes, às vezes expulsão de mamilos e sangue, é aconselhável, para alívio imediato a aplicação local da POMADA DE HERVA DE BICHO ADRENALINA E HAMAMELIS COMPOSTA simultaneamente com o uso das prodigiosas

PILULAS DE HERVA DE BICHO COMPOSTAS IMESCARD

PENSAMENTOS

HOMENS E TIGRES

Os tigres não se domesticam na escola dos homens; mas os homens, algumas vezes, fazem-se ferozes na escola dos tigres.

CHATEAUBRIAND

A LIBERDADE

A liberdade é o conjunto de direitos que nenhuma sociedade regular pode cassar a seus membros, sem violar a justiça.

LACORDAIRE



DR. CYRO CANAAN

Cirurgião da Casa de Saúde e Maternidade São José

OPERAÇÕES — VIAS URINÁRIAS SIFILIS

Cons.: Edif. Caetés — Rua Caetés 386 — 2.º and. — Ss. 205/207 — Fone 2-4388 — Res.: Rua Caetés 460, 2.º and. — Fone 2-0788 — Horário diariamente, 12,30 às 19 horas. Domingos: 8 às 11 horas — Belo Horizonte.

Dra. Henriqueta Macedo Bicalho

CLINICA DE SENHORAS

Das 13 às 17 — Ed. Capichaba — Rua Rio de Janeiro, 430 — Sala 121 — 12.º andar — Tel. (res.) 2-2544 — B. Horizonte

DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR

DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO

Diagnóstico e tratamento das moléstias do estômago, intestinos, fígado, pâncreas e vesícula biliar. Consultório: Edifício Thibau - R. S. Paulo, 401 - 2.º andar - Salas 208/210 — De 14 às 17 horas. Residência: Rua Guarani, 268 — Fone: 2-6067

GABRIEL DE SOUSA LIMA JORGE DE SOUSA LIMA (CIRURGIÕES-DENTISTAS)

Consultórios com aparelhagem moderna para Clínica e Prótese. Raios X.

RUA TAMOIOS, 62
Sala 106 — Fone: 2-3866
Residência: 2-4418

DR. COSTA CHIABI

CLINICA DE CRIANÇAS

Docente da Faculdade de Medicina — Cons.: Edif. do Cine Brasil — Fone, 2-0180 — Residência: Bernardo Guimarães, 3071 — Fone 2-1910

Dr. José Lins

RAIOS X

RUA SÃO PAULO, 629

"METRÓPOLE"



Alvarus de Oliveira

Registramos, com grande prazer, o reaparecimento, no Rio, da revista "Metrópole", sob a direção dos escritores Alvarus de Oliveira, nosso apreciado colaborador, e Leônidas Bastos.

"Metrópole", que aparecerá em todas as estações do ano, está impressa em bom papel e apresenta escolhida matéria literária, de divulgação, seção de rádio, de cinema e notas sociais, iniciando, assim, promissoramente, a sua nova fase, numa reafirmação dos esforços dos seus diretores.



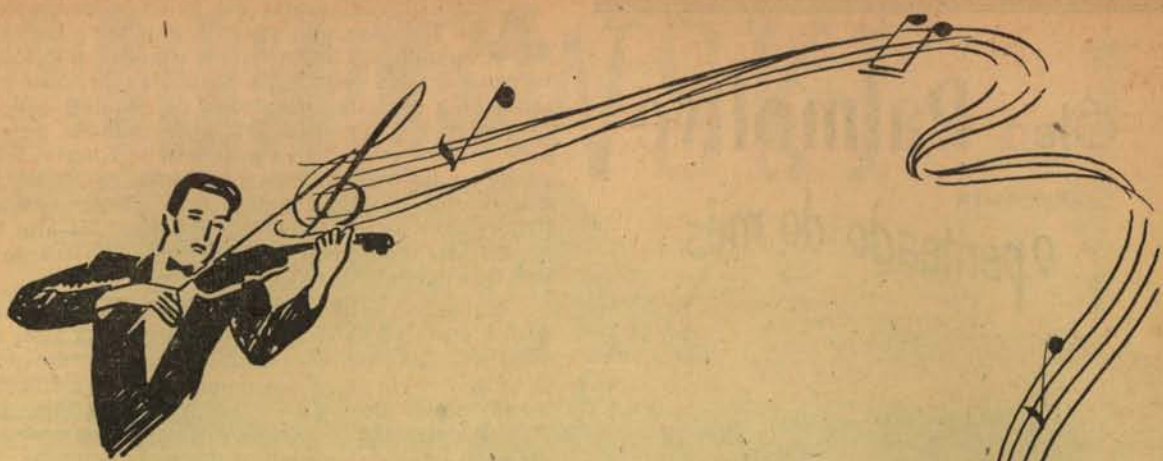
FOLHINHA "LONGINES"

"JAPERCIA", distribuidora para todo o Brasil dos famosos relógios "Longines", enviou a ALTEROSA um rico presente constante da luxuosa folhinha "Longines" para 1946, impressa na Suíça, verdadeiro primor de arte gráfica que apresenta uma notável coleção de artísticas fotografias das encantadoras paisagens suíças.



TRÊS

TRÊS são as qualidades que se devem cultivar: a virtude, a bondade e a sabedoria. Três as que se devem ensinar: a verdade, a indústria, a conduta. Três as que se devem louvar: a cordialidade, a bondade e o bom-humor. Três as que se devem defender: a honra, a Pátria, os amigos. Três, finalmente, que se devem imitar: o trabalho, a constância e a lealdade.

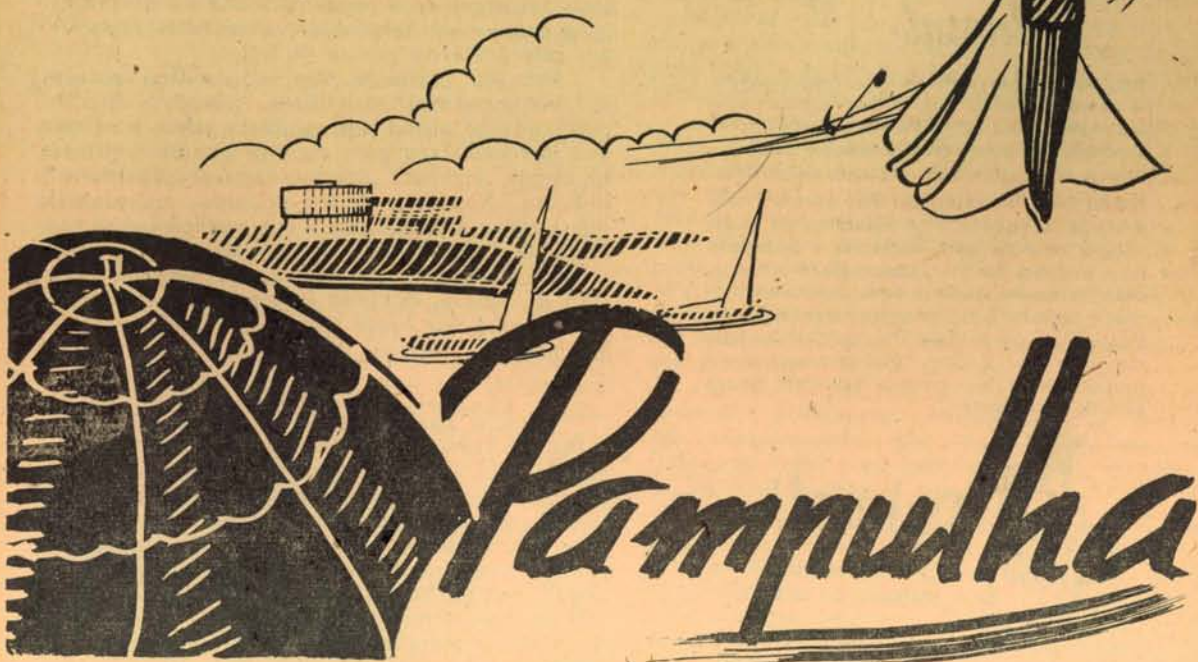


Noites inesquecíveis!

CADA noite passada no “grill” da Pampulha é um acontecimento, de que jamais se esquecerá.

Os maiores artistas do país e do mundo, as duas melhores orquestras da cidade, um serviço de restaurant completo e perfeito, um ambiente de refinado deslumbramento, tudo isto faz das noites no “Palácio da Repêsa” momentos inefáveis de entretenimento e repouso espiritual para a sociedade belorizontina, que ali faz o seu ponto de reuniões elegantes e festivas.

Diariamente 2 “shows”: às 10 horas e á meia noite e meia



Óleo Palmolive

APRESENTA

o penteado do mês



Creação do famoso
cabeleireiro

Acossato



Este maravilhoso penteado de Acossato inspira-se no estilo clássico. Muitos cabeleireiros famosos recomendam o Óleo Palmolive para manter a permanente e conservar os cabelos com mais brilho, mais suavidade e fáceis de pentear.

O fino Óleo Palmolive, tão bom para dar vida e beleza à permanente, é naturalmente maravilhoso também para conservar a ondulação mais perfeita, melhor conservada e atraente. Óleo Palmolive garante estes resultados porque é feito de óleos minerais super-refinados, importados dos Estados Unidos. Comece hoje mesmo a usar o Óleo Palmolive para o seu penteado e adquira nova e fascinante beleza para os seus cabelos.



Palmolive

AMACIA E
PERFUMA OS CABELOS

A RECENTE morte do velho e harmonioso Ignacio Juan Paderewski, precisamente quando sua martirizada e heroica Polônia mergulhava no caos e na noite da opressão nazista, veio recordar uma vida de sensibilidade e patriotismo, devotada à arte e à exaltação de seu país. Agora, que a terra polonesa se liberta, bravamente, do vandalismo germânico, e Varsóvia, sua cidade, ressurgiu das cinzas da devastação, Paderewski avulta como o símbolo mais alto da vitória de sua pátria na luta pela civilização e pela liberdade.

Artista e patriota de impressionantes qualidades, Paderewski teve, nos seus oitenta anos de existência límpida e exemplar, duas grandes paixões, que o elevaram na admiração e no conceito do mundo intelectual: a música e a Polônia. Por elas ele viveu, amou e sofreu. Delas recebeu as suas melhores emoções, os seus triunfos, as suas alegrias, as suas consagrações. E para elas voltou, dedicadamente, todas as suas energias, toda a sua vibração, toda a sua inteligência, todo o seu gênio criador.

Seu amor à arte dos sons e à terra que lhe serviu de berço enleou de tal modo o espírito e o coração do extraordinário pianista e compositor, que em sua vida cheia de doçura e de paz não pôde medrar com mais intensidade outro sentimento.

Paderewski morreu longe da pátria e isto, certamente, lhe amargurou os últimos dias de uma velhice melancólica e intranquila. A sanha destruidora do nazismo obrigou-o a abandonar a Europa para não ter a sorte de outros homens de sensibilidade e de talento que ali conheceram, sob o domínio dos invasores iconoclastas, as horas mais sombrias e sofreram as mais desumanas torturas.

Espírito culto, flexível e bondoso, capaz de grandes vôos nos âmbitos do pensamento, e dos mais completos triunfos em qualquer ramo do saber humano, quis, entretanto, ser, apenas, o artista que deu à Polônia rutilante e gloriosa o esplendor de seu nome e o prestígio de seu gênio. Quis ser, apenas, o mago idealista da divina arte, o criador de harmonias envolventes, o supremo intérprete da poesia do som.

Foi um poliglota, um matemático notável, um incomparável calculista, filósofo e literato, revelando-se ainda um estadista sagaz e sereno, que governou seu país com profundo sentimento cívico, lealdade, desinteresse, generosidade e nobreza. Mas foi, acima de tudo, um pianista que honrou e dignificou a sua vocação. Um pianista de renome universal que deu à grande arte do teclado uma expressão nova, um novo sentido de beleza, dotando o piano, por assim dizer, de uma voz suave e generosa como a voz de seu próprio coração...

*

Ignacio Juan Paderewski nasceu em 1861. Filho de Varsóvia, ali iniciou, antes de completar os doze anos, os seus estudos musicais. Era muito moço, mas sua irresistível vocação venceu a possível resistência dos pais. Aos quinze anos, foi cursar o Conservatório da capital polonesa, onde passou três anos como aluno, fazendo vertiginosos e decisivos progressos. Continuou depois no Conservatório como professor, nomeado quando completava dezoito anos, em 1879.

Dois lustros mais tarde, em 1889, Paderewski deixava esse cargo para ir ocupar a cátedra

PADEREWSKI

por
*Martins
Capistrano*



de composição na Escola de Música de Strasburgo. Até 1899 ali permaneceu. Foi, então, para Viena, onde se submeteu, durante três anos, a rigorosa preparação afim de começar a sua ascensional carreira de "virtuoso" do piano.

Realizou várias e triunfais "tournées" através dos continentes, visitando a França, a Alemanha, a Inglaterra e a Rússia e, posteriormente, os países da América, a Austrália e a Nova Zelândia. Esteve no Brasil em 1909. Seu êxito, em toda parte, foi excepcional. Paderewski recebeu aplausos que o coroaram, consagradoramente, em suas excursões artísticas. Festejaram-no artistas, intelectuais, operários, sacerdotes, negociantes, professores, militares, políticos e até reis. Estes lhe entregaram, para traduzir sua admiração pelo pianista de tantas vitórias e de tão marcantes atributos, as mais honrosas condecorações.

Nessas "tournées", em que o pianista universalizou os encantos de seu talento e a fama de seu nome, Paderewski, popular e querido, ganhou uma fortuna que o tornou independente.

✱

Ultimamente, antes de deixar o solo europeu, Paderewski residia no seu imponente e original palácio da Suíça: o "chateau" de Riond-Bosson, em Morges, junto ao lago de Genebra. Nesse velho castelo, que se erguia, retirado e soberbo, dentro de um lindo parque majestoso refletindo-se nas águas tranquilas e azuis do famoso lago suíço, guardava o artista as fotografias, as esculturas e todos os objetos de arte oferecidos por seus admiradores. Era uma vivenda encantadora, em cujo interior havia, sempre, um doce ambiente de paz, em que se misturavam, suavemente, através das janelas abertas, o canto das aves, o perfume das flores e o sonoro rumor das fontes... Um verdadeiro santuário da música, que inspirava ao visitante estela um sentimento de reverência e de respeito. E' que ali florescia, luminosamente, o espírito de um artista genial.

Diariamente, chegavam às mãos de Paderewski, de todos os pontos do mundo, milhares de cartas solicitando-lhe autógrafos ou retratos, que o pianista concedia em troca de determinada importância destinada à subscrição, por ele mesmo aberta, para a ereção do famoso monu-

mento a Chopin, em Varsóvia. Por uma simples assinatura cobrava Paderewski a quantia de cinco francos suíços. Alguns compassos de música inédita custavam dez francos, e um retrato com dedicatória, vinte francos.

A ocupação constante do artista, em seu palácio, era tocar piano. Não participava dos torneios esportivos promovidos por seus hóspedes, nos extensos jardins do castelo de Morges, nem saía às excursões que ele próprio lembrava, nos dias propícios do verão europeu. Ficava ao seu piano, a cultivar o seu esporte favorito, a interpretar os seus autores prediletos: Chopin, Beethoven, Paderewski... Sim, também Paderewski. Sobre tudo Paderewski, cujas composições ele compreendia e sentia com mais emoção.

No fim de sua vida prodigiosa e fecunda Paderewski dedicou-se, inteiramente, à composição, abandonando por completo a execução. Sentia-se velho e cansado para tocar. E tornou-se, exclusivamente, o compositor.

E foi assim que a grande arte perdeu o seu maior, o seu mais expressivo e glorioso cultor. Porque Paderewski, seguro, fascinante, irresistível e envolvente, sabia demonstrar, com o seu "magnetismo pessoal" e com a sua incompreendida "volúpia artística", que um homem será capaz de fazer o piano irradiar sons cuja beleza poderá embalar e adormecer os próprios deuses...

Grafologia



Direção de FÉBO

Sob a competente e criteriosa direção de FÉBO, um dos mais consagrados mestres que o Brasil possui no campo da Grafologia, esta seção constitui uma régia oferta de ALTEROSA aos seus leitores de todo o país. As consultas recebidas até o dia 7 de cada mês, acompanhadas do respectivo cupão que vai publicado em todas as edições, serão respondidas no número do mês seguinte. As consultas chegadas depois daquela data terão resposta na edição posterior. A correspondência para esta seção deverá ser assim endereçada: FÉBO — Redação de ALTEROSA — Cx. Postal 279 — Belo Horizonte — Estado de Minas Gerais.

DAHLIA — DIAMANTINA — MINAS — Graça de espírito, vivacidade, fantasia, capricho. Idealismo, pouca ordem, impulsividade, alguma independência de caráter. Inteligência normal, lógica e, às vezes, desânimo. Anseio de perfeição, gosto das viagens e um pouco de desconfiança.

ZEZINHA — DIAMANTINA — MINAS — Sua letra se assemelha muito à letra de Dahlia. Um ou outro traço mostra alguma diferença individual. A vontade, por exemplo, é melhor traçada. Há sinais de egoísmo, desconfiança, preguiça, curiosidade e gostos comuns. Mais alegria e saúde do que a grafia anterior.

REGENERADO — VASSOURAS — RIO — Imaginação da forma, sentimentalismo intenso, afeição, emocionalismo, clume e exaltação. Fantasia, espírito combativo, atitude deliberada, vontade de vencer na vida, ambição, coragem e boa disposição de ânimo. Agressividade, impulsividade e, às vezes, autoritarismo despótico. Alguma distração, habilidade comercial, execução rápida de combinações maduramente refletidas. Falta de ponderação nas discussões, amor dos gastos e da vida faustosa, expansividade. Caráter ardente, espontâneo e violento.

IVAN — TRÊS PONTAS — MINAS — Instintos diplomáticos, mobilidade de impressões, luta continua entre a energia e as idéias tristes que vêm ensombrar-lhe os empreendimentos. Variabilidade de humor, encadeamento nas idéias, bondade natural. Cabeça e coração harmoniosos, cultura intelectual apreciável, imaginação fecunda, capacidade criadora. Amor aparente do paradoxo, idealismo sadio, ambição construtiva. Originalidade, independência de caráter, pensamento livre. Vivacidade, vontade frágil, ligeiramente obstinada. Impressionabilidade, positivismo, gostos finos e poéticos.

CARLA — CAPITAL — Traços de vaidade, romantismo, sutileza e sen-

sibilidade. Expansividade, entusiasmo, equilíbrio nervoso e alguma desconfiança. Orgulho, amor próprio, idealismo, Vontade frágil e desigual. Inteligência normal.

TUPI-GUASSU' — BOTUCATU' — S. PAULO — Acuidade intelectual, exação no escrever, gosto dos estudos abstratos, senso crítico e pensamento nítido. Espiritualismo, espírito combativo, vontade de vencer na vida, ambição, coragem e boa disposição de ânimo. Falta de confiança em si, timidez, hesitação, inquietação. Capacidade afetiva.

CIRCE ROSALVA — CAPITAL — Boa inteligência, doçura e sensibilidade. Vontade enérgica, coração e sentimentos delicados. Calma perfeita, posse absoluta de si própria. Espírito de ordem, disciplina e método. Algum preconceito e rotina.

SAUDOSA SERTANEJA — CAPITAL — Emocionalismo, clume, temperamento impulsivo, exaltado e quase passional. Autoritarismo, teimosia e exclusivismo nas afeições. Inteligência normal, expansividade e confiança em si. Crises de desencorajamento, tristeza e melancolia. Fadiga cerebral.

YAYÁ — CAPITAL — Decisão pronta, audácia, temeridade. Caráter empreendedor. Espírito nítido e categórico. Instintos materiais, independência de caráter, vaidade, orgulho e algum egoísmo. Desânimo, às vezes. Inteligência lúcida.

ESQUECE — DISTRITO FEDERAL — Vivacidade, impaciência, irreflexão, caráter empreendedor e graça de

espírito. Temperamento voluntarioso, que não admite objeções. Inteligência viva, cultura geral não especializada, gostos artísticos. Autoritarismo despótico, nervosismo e agitação. Lógica e alguma desconfiança.

KATE — CAPITAL — Valdade pessoal intensa, excessivo amor próprio, parcimônia nos gastos. Independência de caráter, idealismo e fantasia desregulada. Teimosia, religiosidade e misticismo. Egoísmo, excentricidade. Vivacidade, imaginação, nervosismo e agitação.

JOANINHA LOPES — JEQUERI' — MINAS — Equilíbrio nervoso, controle emocional, inteligência normal, vontade regular. Desconfiança, dissimulação, orgulho e sentimento do próprio valor. Crises de desânimo e tristeza. Cultura geral, não especializada. Bondade e doçura.

TAMARA — MURIAE' — MINAS — Orgulho, valdade, amor do conforto, do luxo, dos modos elegantes e distintos. Franqueza, lealdade, coragem e nobreza de sentimentos. Boa inteligência, gostos finos e poéticos, muita ordem e calma, finura no trato, boa educação.

REGINA HELENA — JUIZ DE FORA — MINAS — Fantasia, imaginação, capricho. Doçura, bondade, graça e alguma desconfiança. Valdade pessoal, gostos comuns, inteligência normal. Traços de teimosia, curiosidade e impressionabilidade. Preconceito e rotina.

HERNA — CAMPANHA — MINAS — Espírito em formação, já dotado de muita personalidade e independência. Cérebro que vê bem as coisas e deseja aprofundá-las. Equilíbrio emocional, disciplina mental, sensibilidade, expansividade, domínio conciente de si próprio, atitude deliberada, educação da vontade, sentimento do dever. Gostos estéticos.

SEAROM — POMBA — MINAS — Emocionalismo, inquietação, clume. Temperamento impulsivo, exaltado e passional. Sentimentalismo excessivo, predomínio do coração sobre o cérebro. Impressionabilidade, excitabilidade, teimosia e positivismo. Tendência a encolerizar-se, inteligência lúcida, expansão e memória. Afetividade, sentimento do lar e capacidade prática.

TRISTEZA — DIAMANTINA — Vontade regular, inteligência normal, cla-

FÉBO - SEÇÃO GRAFOLÓGICA

Junto a esta mais de 20 linhas, à tinta e em papel sem pauta, para que V. S. faça o meu perfil grafológico pela revista ALTEROSA.

NOME _____

PSEUDÔNIMO _____

CIDADE _____

ESTADO _____

reza nas ideias, desconfiança e dissimulação. Bondade natural, coração generoso, cultura geral, não especializada. Inquietação, necessidade de movimento, gosto das viagens. Vaidade, orgulho e amor próprio. Reserva e discreção.

DIANA — PIRAPORA — MINAS — Caráter independente, caprichoso e, por vezes, colérico. Inteligência normal, dissimulação, desconfiança e discreção. Instintos parcimoniosos, assimilação pronta, dedutividade e sentimento do dever.

DINA MARQUES — RAUL SOARES — MINAS — Vivacidade, inteligência lúcida, gostos literários, capacidade de estudo. Idealismo, diplomacia, lógica e precisão. Ordem, método e disciplina mental. Sentimento da beleza, vontade bem orientada, equilíbrio nervoso e controle emocional. Gosto do estudo sério e boa cultura intelectual.

MOCELI — CAMPINAS — S. PAULO — Capacidade de detalhe, senso crítico, necessidade de movimento e gosto das viagens. Traços de teimosia, sentimentalismo exagerado e hipersensibilidade. Vontade frágil e desigual. Nervosismo, curiosidade, inquietação e sentimentalismo exagerado. Saúde delicada.

ADEL — ARAGUARI — MINAS — Grafia de pessoa desanimada, inclinada à tristeza e à melancolia. Traços de teimosia, vaidade pessoal intensa e distração. Expansividade com os estranhos e reserva com os íntimos. Ideias bizarras, gostos extravagantes, sentimento de ritmo.

VERA EDILA — S. PAULO — CAPITAL — Era preferível que a consulente escrevesse mais à vontade, sem preocupação de oferecer ao grafólogo uma linda página de caligrafia. Não é possível, um estudo mesmo superficial, num grafismo retocado e quase desenhado. Renove a consulta, escrevendo com mais naturalidade. O cupão fica dispensado na segunda carta.

CLEBER — CONCEIÇÃO DO RIO VERDE — MINAS — Tipo de letra das moças que frequentaram colégios de freiras francesas. A custo pode-se encontrar um ou outro traço pessoal. Alguma teimosia, convicções fortes, espírito de ordem, disciplina e método. Religiosidade, sentimento do dever, desconfiança e educação cuidada. Inteligência normal, cultura mediana, equilíbrio nervoso, controle emocional.

ICO — ARAGUARI — MINAS — Ótima inteligência, atividade, graça, vivacidade e alguma ironia. Boa cultura intelectual, pronunciado gosto artístico, sentimento da forma. Excelente caráter, temperamento senti-

mental normal, generosidade e amor do conforto e da vida faustosa. Tino comercial, agudeza e pendor literário. Traços de vaidade e orgulho.

GIGANTE — JUIZ DE FORA — MINAS — Gostos finos e poéticos, vontade enérgica e igual, inteligência lúcida, abundância de coração, atividade e ideias largas. Raciocínio, firmeza, franqueza e lealdade. Temperamento excessivamente sentimental, capacidade afetiva, devotamento e amor do lar e da família. Lógica, espírito de justiça, bondade natural, generosidade e grande beleza moral.

M. L. C. J. — SANTOS — S. PAULO — Alto valor moral e intelectual. Julgamento são, clareza cerebral, grande lucidez. Calma, ponderação, gravidade de pensamento e religiosidade. Imaginação fecunda, harmonia, senso da beleza, gostos musicais. Cérebro equilibrado, sentimentos estéticos, afetuosidade, coração generoso, bondade. Graça, vivacidade, reserva e devotamento. Vontade regular, constância, perseverança e amor ao estudo.

LEITORA X — PIRAPORA — MINAS — Letra bizarra, reveladora de ideias extravagantes e preocupação de originalidade. Vaidade pessoal intensa, presunção e desejo de ser notada. Ideias altas, gosto do conforto, do luxo e da vida faustosa. Egoísmo, excessivo amor próprio, excentricidade e maneiras elegantes, previamente estudadas. Franqueza e, às vezes, teimosia.

BOBO — DISTRITO FEDERAL — Prodigalidade, iniciativa, fibra, coragem, elegância, ponderação, sentimentos poéticos. Notada cultura intelectual, inteligência superior, penetração, assimilação rápida, gosto do estudo sério, impenetrabilidade. Imaginação fecunda, cérebro poderoso, lógica e precisão. Autoritarismo, às vezes, despótico. Caráter ardente, combativo e independente. Pensamento livre. Orgulho do nome.

JASMIN — CAPITAL — Espírito muito em formação onde quase não se pode perceber a personalidade do escritor. Traços de vaidade, egoísmo, desconfiança, desânimo e melancolia. Saúde fragil, tendência à miopia e alguma teimosia. Gostos vulgares.

ZE' — PATOS DE MINAS — Obstinação, ideias rotineiras, caráter vingativo. Emotividade, impaciência, inquietação e pouco equilíbrio nervoso. Inteligência normal, cultura geral, não especializada, vontade regular, espírito contraditório. Temperamento sentimental normal, atenção fugidia, imaginação exaltada.

KAY — MURIAE — MINAS — Energia na vontade, reserva e devotamento refletidos. Modéstia, simplicidade, discreção e predominância dos sentimentos morais. Atividade,

prudência, atenção e igualdade de humor. Coração generoso, sempre pronto a perdoar as ofensas. Imutabilidade de princípios. Cérebro e coração harmoniosos.

HANI — CAPITAL FEDERAL — Inteligência, imaginação, sentimento da beleza, emoção, finura no trato, sensibilidade e delicadeza. Gosto das artes, especialmente do desenho e da escultura. Pendor literário, equilíbrio nervoso, dissimulação, desconfiança e um pouco de teimosia.

GOLONTAI — S. PAULO — CAPITAL — Luta entre o natural e a superfície correta e fria. Há na consulente duas pessoas: uma aparente e outra que se esconde através da máscara da dissimulação. Reflexão, razão e egoísmo. Intuição intelectual, cérebro poderoso, amor do paradoxo e falta aparente de lógica. Imaginação fecunda, pendor para as letras, originalidade e independência de caráter. Poder de síntese. Ótima cultura. Gostos estéticos.

MILHAN BARU — AREAL — ESTADO DO RIO — Graça de espírito, fantasia, capricho e alguma teimosia. Nervosismo, impulsividade, alguma ingenuidade e curiosidade. Sentimentalismo, vontade regular, inteligência normal, vivacidade e hesitação, antes de tomar qualquer deliberação.

Oportunamente enviar-lhe-ei a fotografia solicitada. Febo é pseudônimo.

GLAUCIA — S. LOURENÇO — MINAS — Letra movimentada de pessoa ativa, inteligente, dotada de iniciativa e hábito de resolver os problemas com lógica e precisão. Gosto das artes em geral. Imaginação, amor do conforto, do luxo e da vida faustosa. Instintos pródigos, orgulho do nome, consciência do seu valor. Sentimentalidade normal, afetividade, amor do lar e da família.

INCAPAZ — CAPITAL — Ótima inteligência que merecia mais cultivo. Crises de desânimo, tristeza e melancolia. Complexo de inferioridade, teimosia, tendência a encolerizar-se, vontade irregular. Autoritarismo, desejo de ver prevalecerem as suas ideias e opiniões, capacidade de trabalho. Modéstia, simplicidade e dedutividade.

PARDAILAN — JUIZ DE FORA — MINAS — Letra sinistrófica, reveladora de egoísmo, excessiva complacência para com as próprias faltas e ideias, às vezes, um pouco sombrias.

Boa inteligência que merecia uma cultura mais apurada. Gosto das artes, especialmente do desenho. Aptidões comerciais, idealismo, sentimentalismo, equilíbrio nervoso, ex-

pansividade e pouca personalidade. Espírito mais ou menos organizado.

FELICIDADE — PEDRA AZUL — MINAS — Peço renovar a consulta enviando o cupom que dá direito a resposta.

BEDI — ARAGUARI — MINAS — Letra lenta de pessoa pouco habituada a escrever e ao trato com os livros. Utilitarismo, vontade irregular, vaidade, desejo de ser notada e alguma preguença. Gosto artístico, boa inteligência, humor variável, mobilidade temperamental.

SARA KIRCH — CAPITAL — Prodigalidade, inteligência esclarecida, idéias altas, julgamento são. Modéstia, simplicidade, expansividade, graça, vivacidade e predominância dos sentimentos morais. Doçura, amabilidade, generosidade, atenção e prudência. Coração aberto à bondade.

LISSA — S. PAULO — Necessidade de movimento, gosto das viagens, vivacidade, atividade cerebral e inquietação. Inteligência lúcida, cultura intelectual bem iniciada. Nervosismo, impulsividade, agitação, idealismo e prodigalidade. Vontade variável, humor desigual, mobilidade temperamental.

SERTANEJA — FRANCISCO SA' — MINAS — Letra fortemente apoiada denunciadora de absolutismo de pensamento, violência e teimosia. Vivacidade, graça, pouco amor à verdade, tendências materialistas. Positivismo, vontade frágil e sentimento de ritmo.

MARILDA DE FREITAS — CAPITAL — Tipo de letra revelador de bondade, lealdade e sinceridade. Vontade enérgica e igual, aptidões comerciais, gosto das artes, em geral, especialmente da música. Ordem, disciplina, método, desconfiança, expansividade e prodigalidade. Amor do conforto, do luxo e da vida faustosa.

ESMERALDA — POUSO ALEGRE

— MINAS — Inteligência lúcida, equilíbrio nervoso, controle emocional, temperamento sentimental moderado. Vontade enérgica e bem orientada, lógica, espírito de justiça, capacidade de trabalho e tino administrativo. Alguma desconfiança revelada nos finais prolongados. Sensação crítica.

AMETISTA — POUSO ALEGRE — MINAS — Temperamento nervoso, impressionável, apaixonado, procurando conter-se. Finura, impenetrabilidade, variabilidade de humor e de impressões. Mistura de intuição e dedução. Imaginação, entusiasmo, cordialidade e um certo idealismo, lutando contra o realismo. Atividade e vivacidade.

FLOR DE LIS — POUSO ALEGRE — MINAS — Espírito crítico, caráter susceptível, autoritarismo e teimosia. Maneiras amáveis, exterior simpático, nervosismo, inquietação e mobilidade temperamental. Vontade desigual, intuição e capacidade de trabalho. Expansividade.

MARTA DE BETANIA — MONTE AZUL — MINAS — Letra muito caligráfica de pessoa que não conseguiu libertar-se dos moldes da escola primária. Alguma ingenuidade, vontade frágil, desânimo, desencorajamento e alguma preguiça. Ingenuidade, pouca personalidade, alguma vaidade, delicadeza e finura de trato. Amabilidade.

MARIALVA — DIAMANTINA — MINAS — Grande nervosidade, atividade febril, irreflexão e imprudência. Traços excessivos de amor próprio, algum egoísmo, teimosia, desconfiança, dissimulação, imaginação e vaidade pessoal. Inteligência normal, cultura abaixo da média, temperamento variável.

DAMAS DAS SAUDADES — CAPITAL — Nervosismo, agitação, pouco controle emocional. gênio violento, por vezes colérico. Atenção prejudicada, desânimo, tristeza e melancolia. Inteligência normal, materialis-

mo e pessimismo. Desconfiança, impulsividade e impaciência. Idéias trágicas, que é preciso combater. O resto do assunto da sua consulta pertence a outra secção desta mesma revista: "Caixa de Segredos".

CARMEN SILVA — PONTE NOVA — MINAS — Letra de pessoa dotada de fina educação e notado espírito de ordem, disciplina e método. Inteligência lúcida, sentimento de ritmo, gostos musicais. Vontade constante, atitudes deliberadas, independência de caráter, habilidade manual. A assinatura mostra simplicidade, modéstia e alegria de viver.

PRIMAVERA — CAPITAL — Distração, nervosismo, temperamento contraído; ora, muita energia e força de vontade, ora, desânimo e melancolia. Cultura abaixo da média, com inteligência normal, saúde equilibrada e bondade no trato. Gostos vulgares.

ROSA MARIA — TEOFILO OTONI — MINAS — Temperamento ardente, apaixonado, impressionável e pessimista. Caráter vivo e suscetível, vontade rápida, média, tenaz e obstinada, desigual com altos e baixos na energia. Nervosismo, supercitação, tristeza e depressão moral. Abundância de coração.

LOURDES — TRÊS PONTAS — MINAS — Queira renovar a consulta, preenchendo as condições exigidas no cupão anexo.

HÉLVIA — MURIAE' — MINAS — Sinais de pessimismo, desânimo, algum egoísmo, orgulho e excessivo amor próprio. Desconfiança, dissimulação, hesitação, vontade frágil e desigual. Tendência materialista, nervosismo, pouco controle emocional.

K. LOURA — CONCEIÇÃO DO RIO VERDE — MINAS — Traços de egoísmo acentuado, teimosia, rotina e preconceito. Crises de desencorajamento, desânimo e melancolia. Finura no trato, delicadeza e "savoir faire". Expansividade, gostos artísticos, amor da beleza. Inteligência normal.

FELICIDADE — CAPITAL — Independência de caráter, idealismo excessivo, romantismo e sentimento de ritmo. Vontade regular, imaginação, impressionabilidade e inquietação. Boa inteligência, cultura intelectual bem iniciada, gostos poéticos. Variedade, orgulho e amor próprio. Traços de egoísmo.

LEILA NALU — PORTO ALEGRE — RIO GRANDE DO SUL — Caráter incisivo, nítido e independente. Vontade mais viva que forte, impaciência e capricho. Gosto estético, instintos parcimoniosos, inteligência normal, idealismo e pouco espírito prático. Amor da poesia e das letras, em geral. Sentimento da música.

DORA RIBEIRO — JEQUERI —

Vida nova, Vigor, Vitalidade e Beleza da Mulher

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher.

Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o PANSEXOL "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empre-

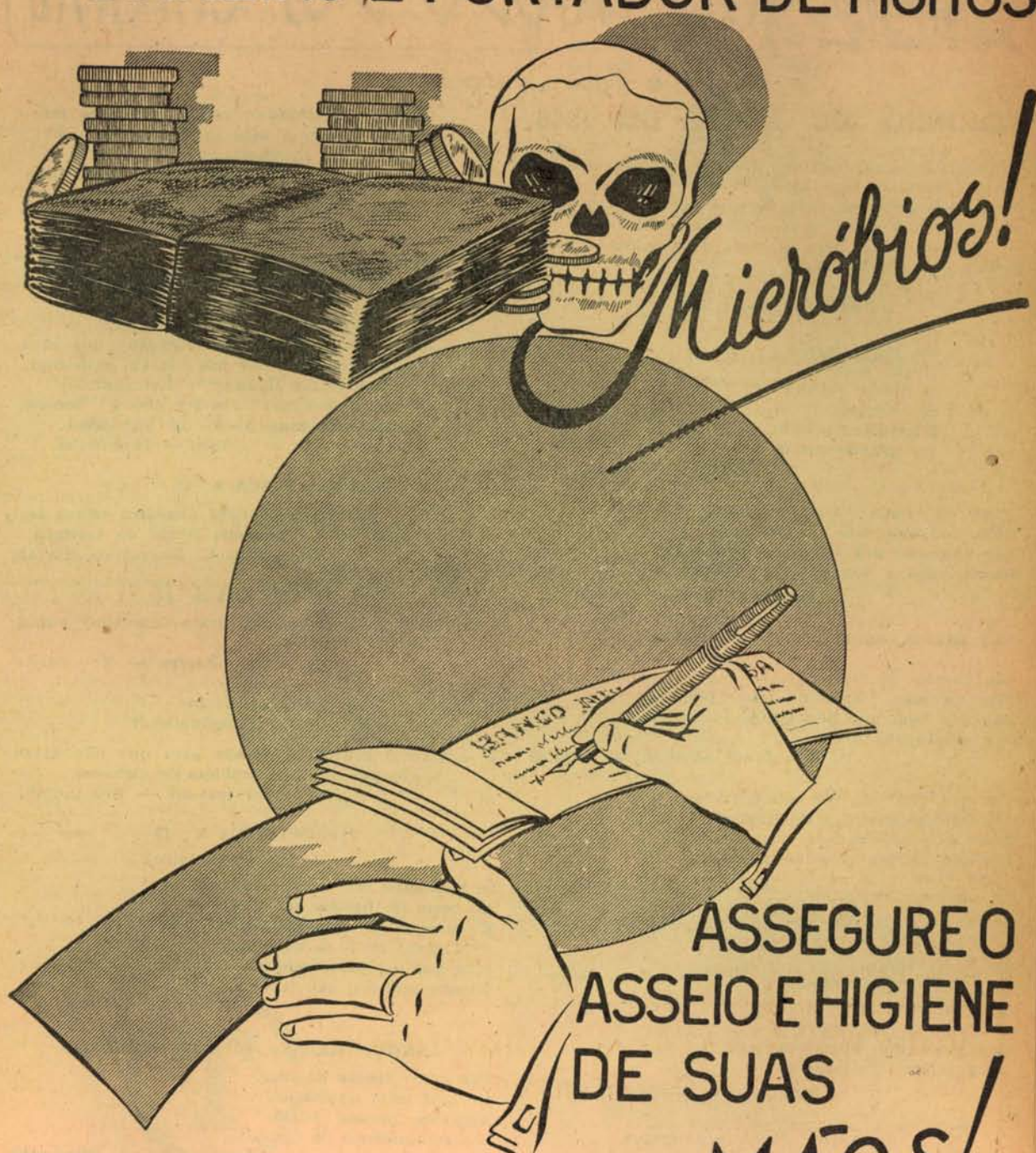
gado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras drágeas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral. PANSEXOL "FEMININO" encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. AUSTREGESILIO Remetemos pelo reembolso postal

Cr\$30,00 o vidro

Produtos Panvital - Rua da Estrela n.º 6 - RIO DE JANEIRO

O DINHEIRO É PORTADOR DE MUITOS



ASSEGURE O
ASSEIO E HIGIENE
DE SUAS
MÃOS!

PAGUE SEMPRE COM CHEQUE



NO MUNDO DOS ENIGMAS

● Direção de POLIDORO ●

TORNEIO DE ABRIL DE 1946

Léxicos: Silva Bastos; Simões da Fonseca, edição antiga; Seguíer; Brasileiro, 2.^a e 4.^a edições; Fonseca e Roquete, os dois; Breviário, todas as edições; Japiassú e Provérbios, de Lamenza.

Prêmio: Uma obra literária de atualidade, oferecida por ALTEROSA

ENIGMAS Ns. 1 a 6

Na velha igreja,
"lugar sagrado",
A "letra" afoita
Só rumoreja
Mostrando o lado
Da grande moita.

Vico — Inimutaba

Deus, do "nada", formou grande mundo;
Nele, poz tudo que era mister...
Fez "passar" por um sono profundo,
Nosso Adão e deu vida à "mulher".

Estrêla d'Alva — Capital

(Ao pança, agradecendo o "retrato").

Um homem de vista curta
Não vê, mas "também" tem "fé",
Sabendo bem que não furta
Seu empregado o José.

Jamil — B.S. — Capital

Eu tive "dó" de ver nos grilhões,
"Homem que muda de opiniões",
Dizer que não bancou o velhaco,
Quando vendeu o velho macaco.

Jamil — B.S. — Capital

(Ao simbolicista Zigomar)

Dos "oitenta" e dois cruzeiros,
Entre as "pratas" de mil réis,
Encontrei trinta dinheiros
Enrolados em papéis,
Por infames pegureiros,
Que sustentam dessas canjas
Preparadas com laranjas.

Junius — B. S. — Capital

(Ao amigo Anselmo Barreto)

Se entre o "bom" está o "ruim",
Como pode agir o ordeiro?
— Esta vida é mesmo assim
Um inferno verdadeiro.

Junius — B. S. — Capital

CHARADAS ns. 7 a 11

(Aos confrades que se divertiram no carnaval)

2 — 2 Também eu, quando "encontro" oportuni-
dade, caio com paixão no "fandango".

Polidoro

2 — 1 Quando o "soldado" ouve o golpe do tam-
bor dado com a mão esquerda, corre logo:
é o sinal do rancho!

Ninita — Carmo da Mata

(Para a inteligente Moema)

2 — 2 Toma "mulher", se te apraz, esta máqui-
na de calcular.

José Sólha Iglesias — Brumadinho

(Para Flora e Panaça)

4 — 1 Quem dispensa muita atenção aos seus
amigos, só pode ser um homem retíssimo.

José Sólha Iglesias — Brumadinho

2 — 2 O nosso confrade JUSTO não é homem
mulherengo, mas gosta de pagodeira.

Vico — Inimutaba.

ECLIPTICA n.º 12

2 — 2 (3). A garrafa de licor alcoolico estava es-
condida numa pequena fenda da tarimba.

Altamir da C. Barros — Maceió

SINCOPADA n.º 13

3 — 2 Sem falsa modéstia, posso dizer que nunca
tomei bebida.

Jupira — T. Otone

CASAL N. 14

(Para o Jeca, retribuindo)

4 — Fica o confrade avisado para que não deixe
de comparecer à assembléia de eleitores

José Sólha Iglesias — Brumadinho

MESOCLETICA N. 15

(Ao desaparecido Jairo)

Se a banana está bem madura
No cesto de bambú não dura;
E' mesmo que fogo de palha...
— Tivesse mais para vender,
P'ra que o homem que não trabalha,
Tivesse muito o que fazer 2 — 1.

Jamil — B.S. — Capital

ANGULARES Ns. 16 e 17 (Silábicas)

Por mero "peixe do mar"
De mui ruim qualidade,
Ninguém precisa pensar
Em rompimento de amizade.

Vico — Inimutaba

Se na "sela" monta o Riso
E éle agil solta a brida,
Nem de estímulo é preciso
Para ganhar a corrida.

Jamil — B.S. — Capital

Retificação: Na sincopada n.º 7, de Filistea, leia-se "dedo", no singular. A charada n. 17, por ter sido publicada com incorreções, fica anulada. Referimo-nos ao torneio de março último.

Jam, Jamil, Jeca, Jota e Junius — Recebida a lista de soluções de março.

Morena, Sólha, Vico e Redskin — Recebida a lista de fevereiro.

Junius, Jamil, Solha e Vico — Recebida a lista de janeiro.

Aitanir da Costa Barros — Alagoas. Não havia erro de concordância ou pleonasmo na charada, mas não concorda o distinto confrade que ficou mais bonita? Dai a razão da liberdade que tomei.

Aida Pereira da Silva — Instituto do Sal — Rio. — Responde à sua delicada carta. Espero tê-la em breve, no rol das colaboradoras de ALTEROSA.

Morena — Capital — Sêde bemvinda a esta seção.

Redskin — Rio. Inscrito, com muito prazer.

Panaça e Flora — Recebida a lista de soluções de janeiro e fevereiro.

DR. DURVAL MENDES DE PAIVA

Tivemos a grata satisfação de receber a visita do dr. Durval Mendes de Paiva, o decano dos diretores de seção charadística, pois ha quase trinta anos dirige o "Quebra-Cabeças" da Revista "Eu Sei Tudo".

O dr. Lavrud, como é mais conhecido, seguiu, em companhia de sua exma. senhora, para Poços de Caldas, afim de fazer uma estação de águas.

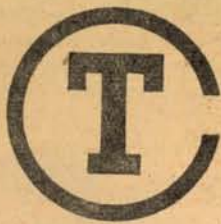
VALÉRIO VASCO — Pará de Minas — Remetemos, com prazer, ao prezado confrade o livro "solidão" de Fannie Hurst, sob registro postal n. 47.456, prêmio relativo ao torneio de maio de 1945.

RAUL SILVA — Pará de Minas — Remetemos, também, ao distinto colega, sob registro postal n. 47.455, o livro "A Exilada" de Pearl Buck, que lhe coube como prêmio relativo ao torneio de março de 1945.

JUNIUS — Capital — Ao prezado confrade remetemos, sob registro postal n. 47.457, aos cuidados do sr. João Almeida Melo, o livro "Memórias" de Leon Tolstoi, que lhe coube como prêmio no torneio relativo a julho de 1945.

*

SIMBO'LICO N. 18



Zigomar — Capital

SIMBO'LICO N. 19



*

LOGOGRIFO

Ao Panaça, agradecendo —
"Alicantina".

Um "demonio feminino", — 9. 2. 7. 2. 4. 8.
Seja lá ele o que fôr.

Faz dum homem um menino,

Dum PANACA um falador. — 1. 2. 11. 4. 5. 13

Perde toda a louçania — 12. 2. 9. 10. 5. 3

Quando perto da mulher,

Pois à mínima ousadia

Leva um susto de morrer! — 5. 11. 4. 6. 10. 3

Faz um grande espalhafato

Sobre amôres, beijo, abraços,

— E o faz só no anônimo,

Pra eximir-se de embaraços...

Mas... tudo isto é "falação",

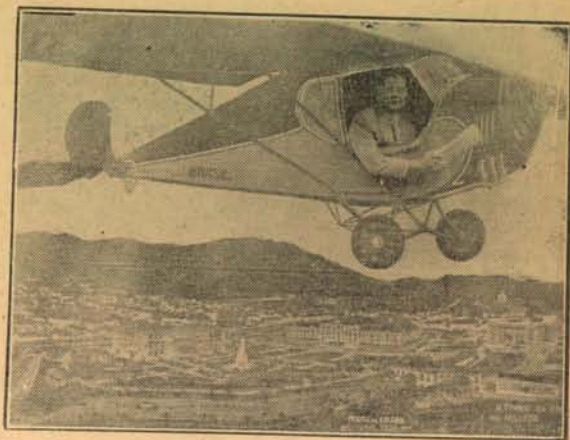
Não se vá zangar comigo,

E receba, em gratidão,

Meu abraço forte, amigo.

Jásbar (BB) — Capital

*



De Poços de Caldas, onde se encontra, mandou-nos o dr. Lavrud, diretor da seção "Quebra-cabeças", da revista "Eu sei tudo", do Rio, com gentil dedicatória, a fotografia que acima estampamos.

Pela fisionomia, vê-se que lhe tem sido salutar o clima da nossa grande estação de águas.

A SEMANA SANTA NO ARRAIAL DE BELO HORIZONTE, ANTIGO CURRAL DE' L REI

Abilio Barreto

SEMPRE foram muito belas e comovedoras as solenidades da Semana Santa, no extinto arraial de Belo Horizonte, antigo Curral Del-Rei.

Alfredo Camarate, fino e culto espírito de artista, depois de conquistar grande nomeada na imprensa, no livro, na arte musical e em seus trabalhos profissionais nos maiores centros do país, aportou a Belo Horizonte, com suas duas filhas moças, em março de 1894, trazendo do Rio de Janeiro uma carta do notável jornalista Ferreira de Araújo, apresentando-o ao Dr. Aarão Reis.

Estava a Comissão Construtora da Nova Capital encetando os seus trabalhos preliminares da maior e mais consagrada obra que Minas havia de realizar, como realizou, e Camarate foi logo integrado entre os técnicos da referida Comissão.

Jornalista consagrado, encontrando no velho arraial, que se iria transformar na nova Capital de Minas, campo vasto e opulento para as suas observações e estudos, desde logo, ao lado dos excelentes trabalhos que ia prestando à Comissão, iniciou uma série de encantadoras crônicas, que foram publicadas, ora no "Minas Gerais", ainda em Ouro Preto, ora na "Gazeta de Notícias", do Rio de Janeiro, às vezes com o pseudônimo de **Alfredo Riancho**, outras vezes com o de **Alberto Screw**, descrevendo com graça e ágil espírito de observação costumes, acontecimentos e coisas da localidade.

Entre as coisas que mais o impressionaram, destacavam-se os templos, as vozes dos seus cantores e as solenidades religiosas, que aí se realizavam periodicamente, com muito bom gosto, e notáveis arroubos de fé. Assim, a 27 de março de 1894, publicava no "Minas Gerais", sob o título "Por montes e vales", esta admirável crônica:

"Belo Horizonte tem duas igrejas; proporção modesta comparada com o grande número de templos que têm todas as cidades, vilas e povoações do Estado de Minas.

A que fica no centro da população e que é a Matriz, tem uma fachada de estilo barroco; mas representa um mau exemplar deste estilo de que Minas possuía edifícios notáveis, pela pureza desse gênero arquitetônico pesado e destituído desses donatários lineamentos que, nos outros estilos, parecem emergir do solo e, por meio de altos campanários, agulhas e cúpulas, levarem as preces dos fiéis ao etéreo seio de Deus.

Vista de lado, porém, a igreja tem boas linhas e o conjunto dos telhados denota que o seu arquiteto sabia bem o riscado.

Por dentro tem poucas pinturas, e essas, suponho, que sejam más, e digo "suponho" porque a sanha e vandalismo dos restauradores foi tão grande, nos princípios deste século, sobretudo no Estado de Minas, que é muito possível que por baixo daquelas pastadas infrenes dos restauradores, haja obras primas de pintura; fato que se dá particularmente em

Mariana, Ouro Preto e em muitas outras localidades deste Estado.

Em obras de talha, é a igreja de Belo Horizonte bastante notável.

As duas primeiras capelas laterais têm estilo, grande nitidez e originalidade na ornamentação, e uma certa liberdade no agrupamento das linhas; o que indica que o entalhador, se bem que respeitasse o estilo, tinha muito sofríveis tendências para pôr de parte os preceitos de academicismo e deixar-se levar, livre e serenamente, pelos impulsos da sua inspiração.

O altar-mór, conquanto notável também, é de estilo menos puro e muito menos elegante e fino na minuciosidade dos ornatos.

Em duas pequenas portas, que dão acesso ao trono, está a data 1788 que me parece corresponder à construção de todo edifício.

O templo está muito limpo e os seus paramentos e alfalás depõem muito em abono da piedade cristã do povo de Belo Horizonte. No cruzeiro da igreja e um pouco à direita, está o **harmonium**.

Colocaram-no talvez ali para guiar mais de perto as orações dos fiéis; porque a igreja possui um bom côro e mesmo com uns balaustrados admiráveis e atrevidamente torneados!

Dizer que este povo é muito religioso, é cair numa redundância, quando se conhece a nossa gente, e bem lhe haja por isso; porque eu, que ainda não fui tocado pelas pretensas conquistas do positivismo, sempre entendi que, da religião, quando não transviada em sendas alheias ao seu benéfico caminhar, têm provido mais bens do que males à sociedade.

Todas as senhoras, ao entrar no templo, põem em cima da cabeça um lenço branco. Só conhecia este costume, por vê-lo na Itália meridional; mas affiançam-me que em muitas outras localidades de Minas existe igualmente.

Parece que esta cerimônia provém de determinações cu, antes, conselhos do Papa Lino II, que dizia que, assim como os anjos até velavam as faces diante de Deus, assim, com mais sobejidão de razões, as deviam velar as pecadoras.

Do velar as faces a cobrir simplesmente o alto da cabeça com um lenço branco, vai uma grande diferença; mas todos sabem que o belo sexo apesar de seus sentimentos eminentemente religiosos, sempre acha melos de encontrar processos aceitáveis de, com a consciência isenta de remorsos por pecados de monta, operar todas as transformações possíveis, tais como a de substituir um longo véu por lenço exíguo, e acho que nisto têm razão as mulheres; porque tornam patentes e embelezadas as melhores criações do criador.

A todas as solenidades religiosas a que tenho assistido, sempre houve cantoria. Todos

os motéticos são executados a três vozes, por um grupo de fiéis, que fica junto ao sacerdote, e repetidos, quase sempre, também a três vozes, pelo povo.

Entre o primeiro grupo há uma voz de senhora, potente, vibrante, muito afinada; mas também com todos os vícios da emissão, aliás muito naturais em quem nunca cultivou a arte do canto e que, de mais a mais, nas repetidas festas desta igreja dá, em voz, tudo quanto tem e mesmo mais do que era lícito exigir-lhe.

As outras partes conjugam afinadas com a primeira e, como a música fôsse escrita por bom sábio mestre antiquíssimo, e de quem nem sequer a tradição fornece os menores dados, há intervalos difíceis mas que os cantores atacam com elogiável firmeza.

Entre os coros do primeiro grupo, há uma voz de baixo clara e que, em certos trechos, mantém um pedal de grande beleza. O povo responde sempre ao primeiro coro, com igual afinação e sobretudo com o imponente efeito das grandes massas corais.

Entre os fiéis há um meio soprano-contralto, com uma voz muito bem timbrada, arredondada nos centros e sempre muito igual em todos os registros. Está, talvez, perdida, naquela grande coletividade de cantores, uma "prima-dona" de primeira ordem.

Entre os homens que cantavam no corpo da igreja, ouvi também um barítono e dois baixos cantantes muito aproveitáveis.

O sacerdote ainda é novo e muito dado à arte da música, que cultivava regularmente e, por isso, as festas da sua igreja não de ter sempre o caráter religioso e artístico, que deriva de um bom sacerdote e de um bom amante de música.

Havia também em Belo Horizonte uma banda de música composta de cerca de 20 figuras. A ausência de mestre e, portanto, a falta de renovoamento de repertório e de disciplina artística, foi dispersando, pouco a pouco, todos os elementos e, atualmente, a Filarmônica de Belo Horizonte apresentava-se, na procissão do depósito, apenas com cinco figuras e, ainda assim, uma delas fora requisitada de outra localidade próxima.

A procissão que se realizou na noite de 17 do corrente (março de 1894), levava um préstito extraordinário. Com a banda de música não pudesse ir tocando continuamente e os fiéis, que acompanhavam a procissão fôsem no mais respeitoso silêncio ainda aumentado

pelo surdo pisar na terra das ruas, aconteceu passar-me a procissão por defronte das janelas da casa em que residio sem que a presencesse. Via-a já de escorço pela cauda do préstito. Uma grande massa de povo, em que avultavam mulheres quase todas vestidas de branco, que se tornava solenemente azulado, por um luar de uma ostentação tropical. O céu límpido, profundamente cerúleo, estava recamado de cintilantes estrêlas e aquela serpente humana, picada por centenaes de pontos luminosos, ondulava muda pela extensa rua. Nunca as harmonias da lacônica filarmônica local deveriam ter perturbado aquela majestosa harmonia da natureza".

Quando cheguei a Belo Horizonte, em companhia de minha família, a 20 de setembro de 1895, contando 12 anos incompletos, Camarate já era, portanto, veterano no arraial, que ainda se conservava quase intacto, pois apenas tinham sido efetuados os estudos e projetos da nova cidade; haviam sido realizadas as desapropriações; o Dr. Aarão Reis tinha-se exonerado da chefia da Comissão, sendo substituído pelo nosso co-estaduano dr. Francisco de Paula Bicalho, a 22 de maio desse ano; construira-se e inaugurara-se o Ramal Férreo daqui até General Carneiro e atacavam-se os trabalhos de terraplenagem para abertura das vias públicas e consequentes edificações.

Não obstante ser ainda muito criança, e não ter, portanto, bastantes desenvolvidas as faculdades de observação relativamente a pessoas, costumes e coisas que não interessavam ao meu espírito naquela encantadora fase da vida, tenho bem vívido na lembrança o panorama geral da povoação mais do que secular em que passei a viver e recordo-me perfeitamente das solenidades religiosas que se efetuavam nos seus velhos templos — a Matriz da Boa Viagem e a Capela do Rosário.

A Semana Santa, por exemplo, efetuada em abril de 1896, deixou-me viva impressão, principalmente as procissões do Encontro e do Enterro.

A primeira desfilou em bela tarde, com numeroso acompanhamento de fiéis, que se dividia





Saiba distinguir

Se o consumidor mais avisado se der ao trabalho de observar bem a embalagem de certos óleos que lhe são oferecidos como "excelentes produtos", notará, em caracteres bem minúsculos, as expressões "clo-rolado e aromatizado", o que equivale dizer: trata-se de um produto alimentício que levou em sua composição essências e corantes! E todos sabem o que isso significa, como seria ameaça à saúde do povo!

O óleo "Maria", obtido da combinação exclusiva do óleo de amendoim com o azeite português, não contém corantes nem essências, sendo um produto absolutamente puro, de fabricação da conceituada organização industrial brasileira Indústrias J. B. Duarte S. A., cuja tradição vale pela mais completa garantia para a saúde de seus consumidores.

O ÓLEO "MARIA" NÃO CONTÉM ÓLEO DE ALGODÃO, NÃO É CLO-ROFILADO NEM AROMATIZADO, O QUE EQUIVALE A DIZER:

Não contem essências nem corantes



UM PRODUTO ABSOLUTAMENTE PURO, DAS "INDÚSTRIAS J. B. DUARTE S. A.", DE S. PAULO.

REPRESENTANTE:

MARIO d'AGUIAR - Rua Tremedal 156
Fone 2-1898 - Belo Horizonte

em duas partes: a que partiu da Capela do Rosário, conduzindo a imagem de Nossa Senhora das Dores; e a outra que saiu da Matriz da Boa Viagem, levando o Senhor dos Passos em andor, vergado ao peso da sua cruz, enquanto os sinos de ambos os templos plangiam doridamente a um só tempo, e as matracas não cessavam de bater.

O encontro de Jesus Cristo com sua Mãe Santíssima se verificou na esquina da rua do Rosário com a General Deodoro (antiga rua do Saco), onde se erguia o púlpito do qual predicou o pároco local Padre Francisco Martins Dias.

Reunidas, afinal, em uma só, as duas partes da procissão, seguiu esta pela última das ruas referidas até a Boa Viagem, onde se seguiram os ofícios do ritual.

A procissão do Entêrrio, na noite de Sexta Feira da Paixão, esteve comovedoramente solene, com o acompanhamento de cerca de 3.000 pessoas, na maior ordem.

Partiu da Matriz da Boa Viagem, formada por duas extensas alas de fiéis, em que se viam desde o engenheiro mais ilustre até o operário mais humilde, quase todos empunhando velas acesas, uns precedendo, outros acompanhando o esquife com o Senhor Morto. Seguido pelo pálio abrigando os padres, a passos lentos, ao som lúgubre das matracas que o Honório Teófilo de S. Pedro, sacristão, e outros iam fazendo soar ou ao som da banda de música "Carlos Gomes" executando marchas fúnebres, pelas velhas ruas do arraial em vésperas de desaparecer, recolhendo-se à meia noite.

Durante o cortêjo, em dados pontos, parava a procissão, a Verônica subia em um tamborete e cantava com voz enternecedora: "O' vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte, si est dolor simul sicut dolor meus".

O desfilar das irmandades vestidas de opas, conduzindo as cruzes, os estandartes, os tocheiros e os ciriais; o som da música triste e das matracas lúgubres; as duas alas de fiéis iluminadas pelas luzes das velas e por um esplêndido luar de lua cheia fantásticamente belo, imprimia em tudo um cunho de profunda tristeza, na penúltima procissão do entêrrio que se realizou no arraial de Belo Horizonte.

Em púlpito armado no adro do velho templo o pároco pronunciou o sermão de lágrimas, que fez muita gente chorar. Em seguida o povo se dispersou abafado pelas emoções.

Nos dias precedentes e subsequentes da última semana da quaresma, tivemos a Missa cantada de domingo, a Procissão de Ramos em torno da Matriz; os ofícios de Trevas na noite de quarta-feira; as Aleluias, no sábado, ao meio dia, ao estourar de bombas, ao espoucar de foguetes e raios, ao deflagrar de armas de fogo, ao repicar dos sinos quando se queimava o Judas e se lia o seu testamento pitoresco...

Depois eram as solenidades do Domingo de Páscoa ou da Pessurreição, com Missa cantada e banda de música, o povo alegre, em seus melhores trajes, encerrando as solenidades da semana tradicional.

A última celebração da Semana Santa no arraial de Belo Horizonte foi em abril de 1897, oito meses antes da inauguração da Capital, e teve a maior concorrência de quantas haviam sido anteriormente ali realizadas.

Calculou-se em 4.000 o número de pessoas que
(CONCLUI NA PAGINA 153)

HOMENS, o que foi feito do meu sacrifício?

Para que tanto esforço, tanto sofrimento, quando, ao fim, sinto-me desolado, tendo comigo a sagrada cruz, única testemunha amiga do meu sacrifício supremo.

Sem uma palavra de alento, de conforto, tendo em torno a mim a noite sempre eterna e negra, cheia de incertezas e lágrimas.

O futuro não existe, só o presente, sem uma palavra de fé. O futuro é como a noite, coberto de um manto negro, que, como um sudário, me envolve a alma.

Que estará através deste manto? Não o ignoro. Desolado, procuro em vão um consolo para alento dos sofrimentos humanos...

Ouçoo ao longe, muito longe, lá no Mundo, negro panorama, sofrimentos intermináveis, lutas para a posse do poder, entre mentiras, calúnias, desonestidades, intrigas, cultuando a ignomínia, incentivando o crime, quebrando os sagrados laços da família na corrupção dos cassinos, dos salões, da jogatina proibida, diante dos olhos das autoridades. Maculando a lei de Deus e dos homens, doutrinas subversivas e credos estranhos, em desrespeito às tradições de honradez por mim pregadas para a redenção da humanidade...

Deverei reagir, voltando através desta tenebrosa noite, baixar ao mundo, novamente, para tentar a salvação? Não, não serei ouvido e, estou certo, pregar-me-outra vez na cruz da ingratidão!

Não haverá mais perdão, não haverá mais juizes e, portanto, justiça.

A corrupção, erva daninha, invade os lares; a impotência da palavra ordem é mal universal, a Igreja e seus ensinamentos são considerados folha morta; não cansam seus ministros de apregoar a concórdia entre os homens e estes não ouvem a voz do bom senso, e, assim, discordam entre si, esquecem velhas amizades, se degladiam como nas eras pre-históricas, defendem suas fortunas, calcando aos pés seus semelhantes, procurando egoisticamente ganhar proveito das situações em detrimento da coletividade.

A Fé, a Esperança deixaram de ser.

Existem a descrença e a incerteza nos destinos gloriosos da Humanidade.

Tomaram-me da mão o leme do destino e, como um barco sól-



Exortação

Edmundo Tassara

to ac vendaval da sorte inglória, a Humanidade segue à procura de um porto em ruínas.

Desolado, só, não clamo porque será de todo perdido.

A Humanidade segue pela senda da miséria, pelo atalho da corrupção moral, e o Juízo Final a espera com todos os seus horrores.

Os homens responsáveis pelos destinos de seus povos não mais se entendem e suas desavenças geram as desgraças, as inimizades, levando-os à tragédia, das guerras sucessivas, intermináveis...

Guerras, fome, desespero, multidões em massa pelas ruas das cidades, e pelos campos — sem pão para o corpo e para o espírito — vaguem errantes, esfarapadas e em promiscuidade, entre os escombros de uma civilização em declínio.

Os espíritos se conturbaram. A Civilização caminha, a passos cegos, para o abismo, para o caos.

As verdades evangélicas foram relegadas a um plano secundário. Triunfa a matéria sobre o espírito. Tudo o que foi feito jaz novamente por fazer.

Ao término desta derrocada a Humanidade transformar-se-á na confusão de todos os elementos que, desagregados, corroidos, se decomporão no tempo e no espaço, antecipando, vertiginosamente, o JUÍZO FINAL.

Titulo de Livros

Há dois anos publicou-se em Londres uma obra de John Drinkwater intitulada "K-O". Faz lembrar o conhecido título "4x7-28", do escritor francês Pierre Wolf.

Muito mais curioso ainda é o título duma novela publicada em 1913, por Miss Mary Finchard, e que se reduz a uma simples letra: "K".

Na Inglaterra, há mais duas obras cujo título não passa de uma letra: "E", de Julius Hunckley, e "Q" de Catarina Neplin Burt. Em Nova York publicou-se anonimamente um longo romance com o título "I", que em inglês corresponde ao pronome pessoal "Eu".

Na França conhece-se um livro intitulado simplesmente: "?". Há ainda dois sem título algum, um dos quais é de Jorge Anquell.

O polo oposto, isto é, o título muito comprido, é mais comum em obras de épocas passadas.

Na Europa existem obras com títulos quase quilométricos, mas o recorde no gênero pertence incontestavelmente a uma obra em dois volumes, do escritor belga Ch. de Grave. O título é formado por 193 palavras, o que significa, o maior de todos que se conhece.





Aspecto colhido por ocasião da reunião dos agricultores e pecuaristas mineiros, no salão nobre da Feira Permanente de Amostras, no momento em que o interventor João Beraldo pronunciava o seu discurso.

O GOVÊRNO INCENTIVO A PRODUÇÃO

Revestiu-se de completo êxito o importante conclave dos representantes das classes agro-pecuaristas mineiras, reunido na Capital pelo Governo do Estado — O sentido eminentemente prático da iniciativa governamental — Conclusões capazes de promover a baixa do custo da vida.

Ainda em nossa última edição, passando em revista os acontecimentos que marcaram a posse do Interventor João Beraldo, tivemos oportunidade de fixar os contornos da magnífica expectativa pública que se originou com o advento de seu governo, baseada no largo crédito aberto pela opinião mineira ao ilustre homem público a quem se confluía, em boa

hora, os destinos de Minas Gerais. E para tanto, acrescentamos então, muito contribuíram as palavras simples e sinceras, pronunciadas por S. Excia. ao ensejo das manifestações que lhe foram prestadas por todas as nossas classes sociais, e nas quais se podiam ler as intenções mais firmes e honestas, no sentido de enquadrar nos seus devidos

termos todos os nossos problemas, afim de dominá-los e resolvê-los acima de quaisquer preocupações partidárias, visando exclusivamente o benefício da coletividade.

Não foram esquecidas, naquela nossa reportagem, as palavras oportunas e sensatas com que S. Excia., dirigindo-se aos representantes das classes produtoras que estiveram em Palácio para saudá-lo, situou o grave problema do custo da vida, que tantas preocupações tem trazido nos últimos anos aos nossos governantes e tanta inquietude tem produzido nos lares brasileiros, revelando, na singeleza de sua exposição, o alto sentido que tem das nossas realidades econômicas: "Os aumentos de vencimentos não resolvem as dificuldades decorrentes da vida cara, levando-nos, ao contrário, a um círculo vicioso. As dificuldades de vida serão, antes, resolvidas com o aumento da produção. Produção e transportes, eis a solução para a crise".

MEDIDAS OBJETIVAS

Decorridos poucos dias depois de pronunciadas estas palavras, o Sr. João Beraldo, passando da palavra à ação, entra a enfrentar objetivamente um dos grandes problemas que atribulam as nossas populações na hora que passa, reunindo em nossa Capital o grande conclave de agricultores e pecuaristas de todo o Estado, para assentar medidas práticas que produzam o rápido aumento de nossa produção, visando obter a baixa do custo da vida.

EM AÇÃO A SECRETARIA DA AGRICULTURA

Convidados pelo Sr. Alvaro Cardoso, ilustre titular da pasta da Agricultura, reuniram-se em Belo Horizonte, afim de participarem dos



Flagrante feito quando o sr. Alvaro Cardoso, Secretário da Agricultura, expunha aos representantes da lavoura e da pecuária mineira, os objetivos que determinaram a sua reunião na Capital, a convite do Governo do Estado.

entendimentos necessários ao delineamento de um vasto plano de ação capaz de resolver, de modo objetivo, o problema do aumento de nossa produção agro-pecuária, os representantes de todas as associações rurais do Estado.

O conclave, que teve a duração de três dias, foi inaugurado solenemente, com a presença do Sr. Interventor João Beraldo, que pronunciou por essa ocasião magnífico discurso, no qual teve ensejo de fixar as diretrizes práticas de seu governo, no sentido de incrementar ao máximo a nossa produção agro-pecuária, enaltecendo a cooperação que esperava de todos os homens do campo, para levar a bom termo essa tarefa de imperativa urgência e prometendo-lhes todo o apoio da administração pública.

Falou ainda por essa ocasião, o Sr. Alvaro Cardoso, Secretário da Agricultura, Afeiçoado aos problemas de sua pasta, conhecedor profundo das realidades do nosso meio rural, o ilustre titular do Governo Mineiro definiu claramente os propósitos da administração pública ao convocar aquela magna reunião dos representantes da agro-pecuária mineira, fixando a necessidade de uma ampla colaboração do homem do campo com o Governo, para solução da crise de alimentos que afflige as nossas populações. Esclareceu todas as medidas de sentido eminentemente prático que o nosso Governo pretende executar, no sentido de fomentar a nossa produção, concluindo por conclamar a colaboração de todos os agricultores e pecuaristas mineiros para a solução desse grave imperativo do momento nacional.

Outras reuniões seguiram-se à instalação do conclave, nas quais se discutiram as diferentes teses apresentadas pelos agricultores e pecuaristas convidados pelo nosso Governo.



O sr. Waldemar de Oliveira Costa, em nome da Sociedade Mineira de Agricultura, saudando os representantes das Associações Rurais do interior do Estado presentes ao importante conclave reunido pelo Governo Mineiro.

MEDIDAS DE ALTO SENTIDO PRÁTICO

Findas as reuniões que marcaram o importante congresso agro-pecuário, chegaram-se a importantes deliberações, todas do mais alto sentido prático, objetivando o rápido aumento de nossa produção rural e o afastamento imediato de todos os obstáculos que se antepõem à consecução desse magno objetivo. Estudaram-se as providências necessárias à fixação do homem nos campos pelo melhoramento de suas condições de vida pelo serviço militar "in-loco", pela ampliação do ensino

rural e outras medidas importantes tendentes a obter a valorização do homem do campo.

Assestaram-se as medidas consideradas essenciais ao favorecimento da produção pelas facilidades de transportes, incluindo: reparação imediata dos caminhos rurais, supressão dos impostos sobre veículos rurais de tração animal, reorganização imediata da Rede Mineira de Viação, redução de fretes para mercadorias de uso na agricultura, cessão de parte do imposto territorial ou de outro

— Conclui na página 156 —



Aspecto parcial da numerosa assistência que lotou o salão nobre da Feira Permanente de Amostras, por ocasião da sessão inaugural da reunião de todas as associações rurais do Estado, promovida pelo Governo do Estado ao iniciar a sua campanha de recuperação econômica com o incentivo da produção agro-pecuária de Minas Gerais.

JESUS E OS FARSIEUS

CONCLUSÃO

pina e de intemperança. Fariseu cego! Limpa primeiro o interior do copo para que também o seu exterior se torne limpo." Jesus chamava-os também de sanguinários, pois era a raça que assassinara os profetas, crucificando a uns e agitando a outros, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias.

Em Jerusalém os fariseus assediavam o Nazareno com perguntas e sofismas. Procuravam sempre pretextos para levá-lo a declarar-se abertamente contra as leis da intolerância teocrática, que o domínio dos romanos, por habilidade política, ainda não havia revogado. Jesus discutia com os seus inimigos, e muita vez tais polémicas acabavam em desordem. Jesus não podia também gozar de muitas simpatias naquele meio onde os galileus não eram estimados. A Galiléia era habitada por várias raças. Da Galiléia não saíra profeta, diziam.

Jesus tinha o hábito de visitar Jerusalém por ocasião da Páscoa. Segundo se crê, no ano de 31 de nossa era, foi que se deu a mais importante estada de Jesus. Essas visitas eram indispensáveis também ao seu objetivo de acometer o judaísmo na sua praça inexpugnável. Jesus sentia os perigos a que se expunha naquela cidade de gente turbulenta e incrédula, e que desprezava os galileus como provincianos sem prestígio, cujo falar era até ridicularizado, em virtude do dialeto corrompido que usavam. Em religião eram ainda mais desprezados, porque os julgavam ignorantes. A expressão "tolo galileu" tornara-se comum. Também a terra natal de Jesus não gozava de qualquer consideração. "Não pode vir coisa boa de Nazaré", repetiam proverbialmente.

Tinha Jesus 33 anos de idade quando se resolveu a deixar pela última vez a Galiléia, para passar a Páscoa em Jerusalém. Desta vez os inimigos do Nazareno se prepararam com mais ânimo para prendê-lo. De outras ocasiões, Jesus soube evitar as astúcias, mas agora estava disposto a manter-se firme na sua missão. No domingo, desceu da Betânia, saindo da casa de Lázaro, onde estivera hospedado desde a véspera, e preparou-se para entrar em Jerusalém. Jesus já havia deixado transparecer os pressentimentos de sua morte próxima, o que encheu de tristeza os seus discípulos e amigos. Mas Jesus havia de beber até

a última gota o seu cálice de amargura.

Ao voltar o caminho, no alto do monte das Oliveiras, ao divisar a cidade, incrédula e egoísta, chorou sobre ela. Ao entrar em Jerusalém os amigos e os galileus que tinham vindo assistir à grande festa do povo judeu, entusiasmaram-se e prepararam-lhe um pequeno triunfo. Trouxeram uma jumenta acompanhada pela sua cria, segundo o costume, estenderam as suas vestes sobre o dorso do animal, e nele fizeram Jesus sentar-se. Outros lançavam as suas vestiduras sobre a estrada e cobriam-na de ramos. A multidão levantava ramos verde de palmeiras e gritava: "Hossana ao Filho de David! Bendito o que vem em nome do Senhor!" Outros davam-lhe o título de "Rei de Israel".

— Rabi, manda-os calar!... disseram-lhe os fariseus, não ocultando a cólera, que os dominava.

— Se eles se calarem, não de clamar as pedras, respondeu-lhes Jesus.

Ao entrar Jesus na cidade, perguntavam muitos quem era. "E' Jesus, o profeta de Nazaré, na Galiléia", respondiam os que o conheciam. Nos três dias que se seguiram, uma profunda tristeza dominou a sua grande alma. De ordinário alegre e sereno, parece que sua natureza se havia de repente mudado. Os narradores são acordes em afirmar que Jesus teve, antes de ser preso, uma espécie de "agonia antecipada". Afirmam também que ele exclamara: "A minha alma está, amargurada. Oh! Pai, salva-me desta hora." Outros dizem que viera um anjo consolá-lo neste instante de sua paixão. Jesus afastou-se dos seus discípulos que estavam dormindo, levando consigo Cefas e os dois filhos de Zebedeu, e então, curvando a cabeça sobre a terra, orou profundamente. Estava possuído de invencível amargura. Mas em breve sua natureza divina venceu a matéria. Ergue-se sublime dentro de sua alma o poder milagroso de uma força incoercível. Volta-lhe a serenidade e a meiguice. Ainda podia evitar a morte, mas o intenso amor de sua missão divina, a convicção da santidade de sua obra, a magnitude de todo o seu ensino, a certeza na redenção humana através do seu sacrifício para ser agradável a seu Pai que está no Céu, — tudo levou Jesus a repelir qualquer tentação

que o afastasse dessa hora imensa.

A audácia daqueles provincianos festejando a entrada de Jesus em Jerusalém acabou por levar os fariseus a um desespêro delirante. Reunido o conselho dos sacerdotes judeus em casa de José Caifás — o Sumo Pontífice — discutiu-se o caso e foi resolvida a imediata prisão de Jesus. Mas a covardia dos sacerdotes e escribas manifestou-se logo, e por isso trataram de tomar todas as medidas para evitar qualquer desenlace desastroso. Receavam uma perturbação da ordem, pois Jesus já alcançara o coração do povo, e Jerusalém, ademais, estava cheia de gente de todas as procedências. Transcorriam os grandes dias festivos da Páscoa, era pois necessário tomar todas as precauções de boa política. Resolveram também que a prisão não fosse no Templo, onde Jesus ia todos os dias, mas que fôssem espiados os seus passos a fim de ser apanhado em lugar secreto. Tudo foi feito à traição. Os agentes dos sacerdotes procuraram seduzir os discípulos de Jesus, para colher informações. E' de se acreditar, portanto, que Judas, caráter fraco, homem ambicioso, ou talvez um discípulo despeitado, deixou-se subornar, ou ludibriar pelos fariseus, prestando-se ao vil papel de informar aos oficiais de justiça, e até mesmo, segundo se diz, guiar a pequena escolta que se dirigiu para prender o Nazareno. Ou Judas teria sido coagido pela ameaça, ou mesmo violência? Coação, insanía, perversidade, irreflexão, ou qualquer que seja, a natureza moral desse pobre homem revoltou-se e levou-o a enfiar uma corda no pescoço, e, de pendurado como um trapo, acabar miseravelmente os seus dias.

O processo foi indecoroso. E' certo que Jesus foi processado na conformidade do direito estabelecido. Renan diz a respeito que o processo contra aquele que pretende macular a religião é explicado no Talmud "com minuciosidade cuja impudência faz rir". As testemunhas, porém, foram preparadas de antemão, com a mesma astúcia e sutileza comuns ao caráter dos judeus. Os fariseus eram mestres nessa espécie de comédia. Aquêles que eles desejavam condenar não escapavam à condenação, por mais inocentes que estivessem e os testemunhos que apresentassem a seu favor.

Diante dos seus julgadores, Jesus portou-se com firmeza e se-

renidade. O processo era inquisitorial. As formalidades jurídicas eram arbitrárias, dependendo do jogador, e assim sendo, Jesus absteve-se de representar um papel de segunda ordem numa pantomina de fariseus e aristocratas. Respondeu pouco aos seus inquisidores, deixando sempre transparecer o seu alto espiritualismo e a transcendência de sua doutrina. Ele percebia, porém, que se buscavam pretextos e especulações para emaranhá-lo, pois a condenação estava resolvida secretamente. E Jesus, o meigo filho de Maria, foi condenado por unanimidade naquele tribunal de impostura, constituído por juizes solertes, fanáticos e levianos. Nenhum deles possuía sentimento de justiça ou consciência jurídica, pois era justamente pelo estabelecimento de um mundo de amor, de verdade, de justiça superior, de liberdade de consciência que Jesus estava sendo vítima de seus algozes.

O homicídio jurídico ia consumir-se. Jesus foi insultado e maltratado covardemente pela turba enfurecida e açada pelos agentes provocadores, pelos escribas e agitadores de toda a espécie, multidão ignara e inconsequente que não cessava de gritar pela crucificação do Nazareno. Jesus foi, por fim, crucificado. Mas o sangue do Justo derramou-se sobre os judeus, que cometeram o maior crime da história humana, pelo qual não cessarão de sofrer até desaparecer a última descendência dos desgraçados filhos de Israel.

*

DIZE-ME QUEM TU AMAS...

Os homens devem às mulheres mais ainda do que aos outros homens o que eles têm de bom ou de mau nas altas regiões da alma e é, sob este aspecto, que poderíamos dizer-lhe: "Dize-me quem tu amas e eu te direi quem és".

O País do Beijo

EMPRESA árdua é a de verificar quem terá dado o primeiro beijo e qual terá sido a primeira mulher que o recebeu. Sem dúvida essa manifestação amorosa deve ter-se iniciado na *noite dos tempos*, circunstância essa da obscuridade altamente propícia para semelhantes expansões, como pode verificar qualquer observador atento, na exibição dos nossos muito apreciados cinemas contemporâneos.

As narrativas bíblicas não lançam muita luz sobre o fato de Adão e Eva terem ou não dado beijos. Em compensação, sabe-se, de maneira positiva, por meio da Bíblia, que Jacob deu um beijo na face de Raquel "ao pé da fonte..."

Diz também o Novo Testamento que São Paulo aconselhava seus discípulos a saudarem-se com um beijo.

Que gregos e gregas se beijavam lindamente, nos tempos clássicos, não resta dúvida alguma; as comédias de Aristófanes instruem bastante sobre este ponto da mesma forma que a ARTE DE AMAR, de Ovídio, esclarece suficientemente a questão com respeito a romanos e romanas.

Não está menos verificado que em épocas medievais o povo inglês, esse povo que nós temos por ante-emotivo e prosaico, exercia a osculação em grande escala. Erasmo, o literato e filósofo holandês, escrevia aí pelo ano de 1945 a um amigo, comunicando-lhe as suas impressões da Inglaterra: "As inglesas são muito apreciáveis e nada sorumbáticas. Têm o excelente costume de beijar os homens por qualquer motivo, e às vezes sem motivo de espécie alguma. Beijam quando chegam e quando se despedem, e não raro que intercalem um ou outro beijo no meio da conversação".

Outras numerosas alusões a este doce costume feita por escritores daquela época provam que Erasmo não podia ser acusado de exagero, porque a Inglaterra foi sempre considerada como a terra onde mais se cultua o beijo.

Lemas Femininos

TODO mundo conhece esses lemas e dizeres antigos que acompanham as armas das famílias fidalgas e que se vêem ainda hoje nos seus descendentes. Entre todos eles é interessante salientar um pequeno número de lemas femininos de grandes mulheres do passado.

Ei-los: "Meu valor está no meu coração", Ana d'Austria. "Lírios entre lírios", Branca de Castela. "Única sempre avís (A ave sempre única), Leonor d'Austria, esposa de Francisco I. "Candida candidis", Cláudia de Betânia. "Temo o ardor e o gelo me entristece", Margarida de Valois, uma das esposas de Henrique VIII.

Além das mulheres de sangue azul, algumas outras célebres figuras do sexo feminino usaram lemas sugestivos.

La Vallière usava: "Mandou-as, invejou-as". "O frio espiritual apavora-me", Madame de Sevigné. "Valem só as horas felizes", Pompadour. "Eu me consumo, iluminando", Madame Staël.

Agora resta lembrar o emblema da tradicional ordem da Jarreteira: "Honny soit qui mal y pense..."

Recordar é viver

CONCLUSÃO

acompanhavam a procissão do Entêrro e um jornal da época salientou "ser para se lastimar que o povo em vez de se estender em alas, seguisse aos grupos, destacados uns dos outros, desordenadamente".

Evidentemente, essa falta de ordem observada pelo jornal seria consequência inevitável do cosmopolitismo, que era acentuadís-

símo na localidade em vésperas de se metamorfosear em cidade e Capital do Estado, e tanto mais crescente quanto maior se tornara a sua população.

Por isso a última Semana Santa do arraial de Belo Horizonte não teve aquele tom austero e enteneecedor das que se tinham celebrado em anos anteriores.

Fique sedutora! REDUZA ESSA GORDURA QUE TANTO A ENFEIA TOMANDO
VINHO CHICO MINEIRO

NÃO EXIGE REGIME, NÃO FAZ MAL E É USADO HA MAIS DE MEIO SÉCULO
MULTIFARMA — Praça Patriarca, 26 — Sala 6 — São Paulo — Remessa pelo reembolso postal

S. S. Publicidade

Empréstimo Mineiro de Consolidação

Relação das apólices "Série C" premiados no sorteio de 28 de Fevereiro de 1946

CR\$ 200.000,00	2.334.815
CR\$ 100.000,00	2.767.772
CR\$ 50.000,00	2.559.457
CR\$ 20.000,00	2.138.101
CR\$ 20.000,00	2.661.626
CR\$ 20.000,00	2.696.295

PRÊMIOS DE CR\$ 10.000,00

2.014.527	2.217.444	2.500.322	2.539.502	2.975.382
-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

PRÊMIOS DE CR\$ 5.000,00

2.133.401	2.176.499	2.316.360	2.372.032	2.470.121
2.547.345	2.590.012	2.613.028	2.796.271	2.951.606

PRÊMIOS DE CR\$ 2.000,00

2.010.127	2.293.360	2.426.599	2.681.014	2.878.796
2.079.593	2.366.181	2.514.440	2.691.620	2.878.821
2.135.413	2.376.310	2.574.046	2.719.689	2.997.211
2.263.845	2.413.693	2.656.557	2.725.637	2.999.810

PRÊMIOS DE CR\$ 1.000,00

2.008.410	2.017.576	2.035.321	2.036.240	2.042.704	2.067.379
2.068.594	2.071.380	2.075.032	2.113.630	2.119.168	2.149.905
2.152.362	2.160.408	2.163.329	2.168.121	2.168.418	2.169.443
2.179.489	2.184.495	2.195.272	2.197.087	2.207.394	2.210.243
2.221.482	2.252.095	2.276.690	2.304.093	2.311.479	2.313.401
2.318.377	2.328.782	2.345.715	2.350.134	2.352.891	2.358.025
2.370.540	2.380.946	2.381.544	2.395.294	2.402.217	2.422.603
2.424.091	2.436.574	2.444.127	2.450.425	2.466.461	2.470.251
2.473.265	2.475.160	2.488.417	2.502.198	2.506.270	2.512.853
2.514.351	2.527.230	2.536.456	2.537.241	2.544.508	2.549.548
2.552.353	2.552.529	2.560.127	2.576.021	2.585.794	2.594.098
2.598.103	2.609.214	2.636.042	2.643.154	2.646.448	2.666.304
2.679.483	2.690.293	2.695.570	2.710.395	2.722.975	2.738.093
2.758.314	2.788.999	2.796.383	2.836.622	2.840.140	2.843.241
2.844.352	2.895.078	2.903.343	2.904.489	2.905.414	2.907.409
2.908.956	2.914.761	2.927.296	2.928.080	2.951.011	2.953.283
	2.963.542	2.967.774	2.969.214	2.992.099	

Secretaria das Finanças, 28 de Fevereiro de 1946. Benedito Tertuliano —
Chefe da 1.ª Secção. Visto, F. Martins, Superintendente do Departamento da
Despesa Variável.

SETE LAGOAS QUE EU VI

UMA CIDADE QUE VALE POR MAIS UM MOTIVO DE ORGULHO PARA OS MINEIROS — UM MUNICÍPIO DOS MAIS RICOS DO NOSSO ESTADO, COM UMA POPULAÇÃO QUE SABE PRODUIR

SETE LAGOAS — Março — (Correspondência de nossa enviada especial H. Pirani) — Cheguei a esta cidade depois de uma breve e confortável viagem de 84 quilômetros, distância exata que separa Sete Lagoas de Belo Horizonte por excelente estrada de rodagem.

O sol dardejava os seus últimos raios, descambando para o poente numa dessas tardes de rara beleza a que todo setelagoano já se habituou na contemplação dos reflexos luminosos de suas lindas lagoas. O espetáculo novo para mim, constituía desde logo um motivo de admiração pela cidade que os poetas começam a cantar como a princesa do centro mineiro.

Sinto que seria necessário muito espaço, para contar as minhas impressões de Sete Lagoas. Procurei, todavia, reduzi-las na síntese de uma rápida correspondência, para registrar apenas o que de mais importante me foi dado notar em uma cidade que vale por mais um justificado motivo de vaidade para os mineiros.

Sete Lagoas, nota-se logo, é verdadeiramente amada pelos seus filhos. Toda a população, na sede e nos distritos, colabora com o mais vivo empenho com a administração municipal, em boa hora confiada ao espírito moço e dinâmico do dr. Emílio Vasconcelos Costa, secundando os seus esforços no sentido de dotá-la de grandes melhoramentos que realcem os encantos que a natureza lhe prodigalizou. Como exemplo frizante basta citar que a sede do distrito de Inhaúma foi, no ano passado, reformada às expensas do povo local! E ainda recentemente, um grupo de denodados setelagoanos, tendo a frente as figuras mais representativas da sociedade local, subscreveu dois milhões de cruzeiros para construção do "Vitória Hotel", sob a orientação da Empresa de Melhoramentos Sete Lagoas, presidida pelo Dr. Márcio Paulino.

A administração do prefeito Emílio Vasconcelos Costa, ao mesmo tempo em que empreende serviços de mais alta significação para a cidade e o município, não esquece a satisfação dos diferentes anseios de seu povo. Ainda agora, está construindo uma bellissima Praça de Esportes, nos fundos



Vista da Praça Olegário Maciel em construção

da lagoa Paulino, cujas avenidas circulares estão otimamente calçadas com passeios de ardósia e bauquinhos de mármore, completando, assim, a beleza de uma das paisagens mais sugestivas desta encantadora cidade.

O clima do município é verdadeiramente salubérrimo e a sua configuração topográfica é sem dúvida uma das mais belas do interior mineiro, contando com maravilhosas pastagens onde campeiam os rebanhos de maior fama do centro de Minas Gerais, com magníficos exemplares das raças indianas premiados várias vezes em nossas mais disputadas exposições regionais e nacionais. Produz cristal

em abundância e da mais alta qualidade, especialmente na jazida do Pacu, de propriedade de Ottoni Alves Costa, a maior do mundo. Produz ainda mármore em larga escala, com que abastece todas as Capitais brasileiras, e ardósia em grande quantidade. E' ainda em Sete Lagoas, que se localiza a tradicional Fábrica de Tecidos Cachoeira de Macacos, um dos modelares estabelecimentos fabris de Minas Gerais. E, para que se possa formar uma idéia exata do potencial econômico deste município, um dos mais ricos de nosso grande Estado basta atentar nas cifras da arrecadação municipal que, em 1945, atingiu a um milhão e quinhentos mil cruzeiros.



Praça Francisco Sales

"ALTEROSA" NO RIO

Esta revista é encontrada à venda no Rio de Janeiro, a partir do dia 5 de cada mês, em todas as bancas e pontos do centro da cidade. Sua distribuição está confiada à Distribuidora Editorial Brasileira Ltda., com escritório à Av. Graça Aranha, 81 — 12.º andar.

EXPRESSIVA HOMENAGEM AO CHEFE DE POLICIA



Flagrante fixado quando o dr. J. Pimenta da Veiga pronunciava o seu discurso de agradecimento

TEVE lugar no dia 24 de março último, no Restaurante do Minas Tennis Clube, a grande manifestação de apreço com que os amigos e admiradores do dr. J. Pimenta da Veiga, em regozijo com a sua investidura no alto cargo de Chefe de Polícia do Estado, resolveram homenageá-lo.

O acontecimento, que se revestiu de alta significação social e política, contou com a presença de secretários de Estado, re-

presentante do Interventor Federal, deputados, altas autoridades civis e militares, magistrados, advogados, industriais, médicos, engenheiros, jornalistas, comerciantes e figuras de representação em nossos meios culturais e econômicos.

Saudando o Chefe de Polícia do Estado, falou o dr. Herbert de Magalhães Drumond, que traçou o perfil do homenageado, dizendo da satisfação com que a

sociedade mineira recebeu a notícia de sua nomeação. Discursando em agradecimento, o sr. Pimenta da Veiga pronunciou aplaudida oração. Faaram ainda o deputado Juscelino Kubitschek, levantando um brinde ao Interventor João Beraldo, o dr. Agenor de Sena, que brindou o Presidente Eurico Dutra. Fêz uso ainda da palavra, o sr. Francisco Ulihoa Cintra, saudando o homenageado.

O GOVERNO INCENTIVA A PRODUÇÃO

CONCLUSÃO

imposto pelo Estado às Prefeituras, para melhoramento das estradas nos municípios, aproveitamento imediato das terras vizinhas aos grandes centros de consumo, e numerosas outras providências que visam facilitar o escoamento rápido e barato da nossa produção agro-pecuária. Estabeleceram-se sugestões visando maiores facilidades de crédito agrícola e pecuário, pela remodelação e ampliação das atividades do Banco Mineiro da Produção e outras providências capazes de favorecer o financiamento da produção dos campos. Estudaram-se diversas iniciativas capazes de aperfeiçoar e ampliar a assistência técnica que é atualmente dispensada aos nossos agricultores e criadores. Estabeleceram-se normas para o fornecimento de material necessário à lavoura. Estudaram-se os meios de dar maior eficiência às atividades das Associações Rurais já existentes em todo o Estado e de facilitar a fundação dessas entidades nas localidades onde ainda não existem. Estabeleceram-se planos para a construção de xarqueadas e frigoríficos em diferentes zo-

nas do Estado. Estudaram-se os impostos que gravam a nossa produção, no sentido de racionalizá-los e torná-los mais justos. Fixaram-se, finalmente, os aspectos mais importantes da distribuição dos produtos agro-pecuários, aprovando-se medidas julgadas aconselháveis no sentido de aperfeiçoá-la.

E com estas conclusões, apresentadas ao Governo do Estado pelos representantes das classes produtoras por ele convocadas para colaborar em sua campanha visando o aumento de nossa produção e consequente baixa do custo da vida como solução lógica para as dificuldades que nos assoberbam, concluiu os seus trabalhos o importante conclave que Belo Horizonte assistiu nos últimos dias de março.

E tendo em vista o sentido objetivo da ação do Governo Mineiro, ao atacar de frente os grandes problemas que desafiam a administração pública, é de se esperar que essas conclusões sejam imediatamente estu-

dadas e resolvidas a fim de que, levadas ao terreno da prática, possam solucionar a magna questão que aflige a quase todas as classes sociais do Estado e do país, contribuindo, desse modo, para o engrandecimento econômico da Pátria e a estabilidade social de que tanto necessitamos na hora grave que a Nação atravessa.

VÁRIAS

Quando a lua está mais próxima da terra é que se produzem as grandes catástrofes climáticas.

Em Santo Domingo, há uma montanha de sal marinho, cujo peso é calculado em noventa milhões de toneladas.

Morrem cento e dezoito pessoas nas cidades para cada cento que morre nos campos.

MINAS GERAIS TERA' UMA GRANDE ★ FA'BRICA DE PNEUMÁTICOS ★

MINAS GERAIS vai ter sua primeira fábrica de pneumáticos: A Companhia Darlin, em organização.

À frente do grande empreendimento estão figuras de renome nos meios sociais e industriais do Estado, tais como o dr. Augusto Eckmann, advogado; o dr. Carlos de Oliveira Mendes, engenheiro; o advogado dr. Carlos Eduardo Soares de Moura, o sr. Cesar Augusto Pinto Correia, o advogado dr. Tomás Bernardino e outros.

A fábrica da Companhia Darlin de Artefatos de Borracha, cujos escritórios centrais estão instalados em Juiz de Fora, à avenida Barão do Rio Branco n.º 1.960, telefone n.º 2-4-2-5, será construída em Francisco Bernardino, próspero subúrbio daquela cidade, que é um dos grandes centros industriais de nosso Estado.

A subscrição de ações tem alcançado extraordinário vulto, não só em Minas Gerais, como no Rio de Janeiro, São Paulo e outros Estados.



Aspecto do local em que vai ser construída a fábrica, vendo-se directores em companhia de acionistas que foram visitá-la

Os escritórios da Darlin em Belo Horizonte estão instalados no edifício Bleriot, 2.º andar, sala 32, à rua Rio de Janeiro n.º 358, telefone 2-4355.

Constituindo a indústria de

artefatos de borracha excelente fonte de renda, justifica-se a grande aceitação que vêm tendo as ações da Companhia Darlin de Artefatos de Borracha.

★ NOMES EXOTICOS ★

ISTO de nomes curiosos e exóticos dados às pessoas é história antiga. Têm havido e sempre há de haver os mais absurdos e incríveis. Mas é mesmo da condição humana o gosto do pitoresco e ridículo. Rabelais achava que o único animal que sabia rir era o homem. E Montaigne opinava que, na espécie, era exclusivamente aquele que não sofria em ser objeto de motêjo.

Na Bala, certo comandante de vapor, da frota fluvial do Paraguaçu, chamava-se Salvador da Aleluia Braga. Um advogado da capital da República, por sinal que ilustre, era o dr. Quod Vult Deos Gomes Vinhais. Em Ilheus, um rapaz do comércio era Chevrolet Ford da Silveira e o seu nome, não há muito tempo, esteve em foco numa reportagem curiosa de um vespertino do Rio. Em Feira de Sant'Ana existia um

prático de farmácia que atendia por João Peganha Farol da Barra.

O caso, porém, de uma singularidade surpreendente é o de um sacerdote pernambucano. Chamava-se Padre Pedro da Purificação Pais e Paiva. Era professor público e pároco de Panelas. Morreu aos 91 anos. Em seus cartões de visita a abundância dos "pp" era extraordinária...

Para informar sobre tais nomes não há, porém, como as companhias de seguros de vida...

TROVA

Com erros não se edifica
tu bem sabes, tu bem vês:
— A vida acaba, mas fica
o que na vida se fez.

LINDOURO GOMES

A. PROCEDENCIA DAS RENDAS

AS primeiras rendas não foram feitas com o fim de adornar os vestidos das mulheres, mas para as vestes sacerdotais. Na Idade Antiga e em quase toda a Idade Média se fez pouco uso das rendas, uma vez que ainda permanecia pouco conhecida dos povos. Crê-se que essa graciosa indústria tenha procedido dos países orientais e introduzida na Europa com o regresso dos Cruzados; no entanto, não há nenhum dado concreto que permita uma afirmativa nesse sentido.

Há quem afirme que Barbara Utman foi quem primeiro teceu uma renda, na cidade de Flandes, em 1550; outros asseguram ter sido a Itália o país que primeiro fabricou. Em 1587, em Veneza, foram publicados desenhos que serviam para modelos de rendas.

Embora não se saiba o certo a sua verdadeira procedência, o fato é que, com o correr do tempo, as rendas se tornaram os mais belos adornos da vestimenta feminina.

COMPANHIA DE SEGUROS "MINAS-BRASIL"

UMA INSTITUIÇÃO QUE HONRA A CAPACIDADE REALIZADORA DOS MINEIROS
A SÓLIDA POSIÇÃO DE UMA SEGURADORA QUE SERVE HOJE A TODO O
PAÍS — ALGARISMOS QUE DISPENSAM ADJETIVOS. — O RELATÓRIO
APRESENTADO PELA DIRETORIA SOBRE AS ATIVIDADES SOCIAIS DE 1945

SE contamos com uma organização que possa ser apresentada como modelo da capacidade realizadora dos mineiros, esta organização pode ser, sem nenhum favor, encontrada na Cia. de Seguros Minas-Brasil.

Fundada há poucos anos, e disputando um mercado vastamente trabalhado por numerosas outras organizações antigas e solidamente situadas, a "Minas-Brasil" nem por isso deixou de firmar-se, com impressionante rapidez, como uma das mais pujantes e mais conceituadas seguradoras que operam hoje em todo o território nacional. E não satisfeita de sua esplêndida vitória alcançada em operações nos ramos elementares, inicia agora mais um grande passo na sua vitoriosa carreira, preparando-se para operar no ramo "vida", como consequência natural e lógica do alto conceito que soube conquistar nos mercados nacionais, merecedor de uma atuação firme, criteriosa e altamente eficiente.

O relatório que sua diretoria vem de publicar agora, apresentando os resultados de suas operações no ano que findou, vale por uma definitiva consagração dessa importante seguradora mineira, como expressão legítima de verdadeira liderança nas atividades do seguro no Brasil. E para melhor informar aos nossos leitores, transcrevemos aqui, na íntegra, o importante documento, que bem diz do vertiginoso progresso que assinala a atividade da "Minas-Brasil" e a situa, sem favor, entre as grandes seguradoras nacionais.

O RELATÓRIO

Senhores acionistas:

Vimos submeter a vosso exame o balanço e a demonstração da conta de lucros e perdas de nosso VII exercício social, encerrado a 31 de dezembro de 1945, assim como o relatório das operações realizadas e dos fatos culminantes que se registraram naquele período.

PRODUÇÃO

Prosseguindo no seu trabalho de organização e fortalecimento, a "Minas-Brasil" venceu no ano findo mais uma etapa, e venceu-a de modo lisonjeiro, porque conseguiu melhorar cada vez mais os seus serviços internos e, ao mesmo tempo, alcançar a produção bruta de prêmios no valor de Cr\$ 28.113.996,30. Este resultado significa um aumento de 32,30 % sobre a produção do exercício anterior. E é ele bem expressivo, se se lembrar que tivemos que limitar os esforços de produção às carteiras de Incêndio, Acidentes Pessoais e Acidentes do Trabalho, já que as circunstâncias, conhecidas de todos, criaram para o Ramo de Transporte Marítimo, principalmente de cabotagem, situação anômala.

BALANÇO E CONTAS

Como acentuamos anteriormente, a receita bruta de prêmios subiu a Cr\$ 28.113.996,30, ao mesmo passo que atingiam a Cr\$ 8.018.281,20 as reservas técnicas, ao encerrar-se o balanço. Comparado este número com o do exercício de 1944, verifica-se que houve considerável acréscimo nas reservas: nada menos de Cr\$ 3.738.354,50.

Eis aí uma das expressões auspiciosas do balanço, permitida graças aos resultados industriais colhidos no período em estudo. Ela é, de fato, a mais ponderável até hoje alcançada pela Companhia.

Por outro lado, as reservas legais e estatutárias figuram aumentadas de Cr\$ 153.441,50.

Queremos chamar a vossa atenção para o fato de, na forma regulamentar, ter sido apurado o excedente líquido, depois de constituídas todas as reservas técnicas, e feitas as depreciações de 20% em Móveis e Utensílios, no valor de Cr\$ 181.194,80, além de outras em certas rubricas.

IMÓVEIS

No tocante a Imóveis, continuam eles figurando nas contas pelo seu preço de custo, no valor de Cr\$ 1.965.910,10, assim distribuído: Terreno e prédios da praça Rio Branco, em Belo Horizonte, Cr\$ 898.876,10; terreno e prédio em Itajubá, Cr\$ 50.000,00; prestação e pequenas despesas pagas pela compra do 23.º andar do "Edifício Darke", no Rio de Janeiro, Cr\$ 1.017.034,00. Como se vê, já se retirou do título o preço de custo do "Imóvel Poni", vendido no ano passado por Cr\$ 1.200.000,00. Dessa operação foram contabilizados apenas os pagamentos recebidos, na importância de Cr\$ 643.662,60, que, com a dedução do preço de custo do imóvel, Cr\$ 253.500,00, ficou reduzida a Cr\$ 390.162,60.

DIVIDENDO

Folgamos em assinalar que os resultados do exercício permitiram distribuição de dividendo de 10% ao ano sobre o capital realizado ao término do exercício, capital que era de Cr\$ 7.032.100,00, nele compreendida a parte chamada, para o Ramo Vida, por determinação do Departamento Nacional de Seguros Privados e Capitalização.

CAPITAL E RESERVAS

Aprovadas as contas, tais como se apresentam, a Companhia entrará no exercício de 1946, com as reservas técnicas de Cr\$ 8.875.646,00 mais as reservas legais estatutárias e outras no valor Cr\$ 806.898,20, somando Cr\$ 9.682.544,20. Com o capital realizado até 31-12-1945, de Cr\$ 7.032.100,00, temos um total de Cr\$ 16.714.644,20.

REFORMA ESTATUTÁRIA E SEGUROS DE VIDA

Não obstante o empenho com que diligentemente vimos acompanhando, no Departamento Nacional de Seguros Privados e Capitalização, o andamento do processo de aprovação dos Estatutos, reformados para a criação da carteira Vida, — não tivemos ainda a satisfação de ver desembaraçado aquele processo, apesar de imediata e cabalmente satisfeitas todas as exigências apresentadas. Continuamos, porém, na esperança de ver a Companhia, em breve, habilitada a trabalhar em mais esse ramo de seguros.

Como estivesse a terminar no dia 13 de março próximo, o prazo concedido às empresas seguradoras, pelo Regulamento em vigor, para integralização do seu capital, vêm-se a diretoria na obrigação de proceder à chamada dos 30% restantes do capital subscrito. Ao fazê-lo, deixou de considerar a importância, relativamente pequena, de Cr\$ 128.733,30, existente na rubrica — Fundo para Integralização de capital, levando-a ao Fundo de Reserva Legal.

Cabe à diretoria submeter este seu ato ao julgamento da Assembléia Geral Ordinária e, fazendo-o, está certa de merecer ele a aprovação dos srs Acionistas. Estes compreenderão que, se a distribuição da importância pouco representaria para cada acionista, assume significação sensível no Fundo de Reserva Legal que, de acordo com a lei, é destinado a amparar o capital da sociedade.

TRANSFERENCIA DE AÇÕES

De 1.º de janeiro a 31 de dezembro de 1945 foram lavrados 65 termos de transferência, sendo 59 por venda, compreendendo 3.222 ações; 6 averbações de transferência "causa-mortis", de 500 ações.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE SEGUROS PRIVADOS E CAPITALIZAÇÃO — INSTITUTO DE RESSEGUROS DO BRASIL

Expressamos aqui a nossa homenagem ao Departamento Nacional de Seguros Privados e Capitalização, bem como ao Instituto de Resseguros do Brasil, pela assistência que continua a prestar às Seguradoras Nacionais. Ao fazê-lo, dois nomes merecem referência destacada: o dr. Edmundo Perry, que há cinco lustros serve com dedicação à administração pública; o dr. João Carlos Vital, pela obra excelente que executou.

Não podemos silenciar o nosso louvor ao trabalho inteligente dos colaboradores e funcionários dessas duas importantes entidades oficiais.

ADMINISTRAÇÃO DA COMPANHIA

Continuou em licença do cargo de presidente, que vinha exercendo com prestígio e eficiência para a Companhia desde a sua fundação, o eminente dr. Cristiano Guimarães, a quem esta casa muito deve da situação a que atingiu no País. Durante o período de seu afastamento temporário, continua ele a assistir os seus colegas de administração com as luzes de sua experiência e de seus conselhos no encaminhamento de todos os problemas da Companhia.

Somos, por isto, agradecidos ao dr. Cristiano Guimarães, como também o somos aos membros do Conselho Consultivo pela dedicação com que vêm estudando as questões submetidas ao seu exame e pelas sugestões e apoio com que nos distinguiram sempre.

CONSELHO FISCAL

Cumpra à assembléia eleger os membros efetivos do Conselho Fiscal e seus suplentes, que deverão servir no corrente exercício.

Aos atuais conselheiros agradecemos a sua colaboração esclarecida e elevada.

FUNCIONÁRIOS E COLABORADORES

Desnecessário seria dizer que muito do que conseguiu a Companhia em 1945, deve-se ao zelo, ao entusiasmo, à

Ginásio e Escola Técnica de Comercio "MONSENHOR MESSIAS"

Escola Normal "DARCY VARGAS"

INTERNATO, SEMI-INTERNATO E EXTERNATO

Fundador e Diretor: GUILHERME HALLAIS FRANÇA

Caixa Postal, 36 — Fone, 60 — ITABIRITO
E. F. C. B. — Estado de Minas

O Ginásio "Monsenhor Messias", a Escola Técnica de Comércio "Monsenhor Messias" e a Escola Normal "Darcy Vargas" constituem o excelente Educandário de Itabirito, fundado e dirigido pelo professor Guilherme Hallais França.

O Estabelecimento funciona desde 1939, com a mais perfeita organização, possuindo internatos para moços e para moças, com absoluta separação, e com o mais conveniente regime disciplinar e tratamento alimentar ótimo.

Com a inauguração de um novo pavilhão, o Estabelecimento aceitará, neste mês, mais alguns alunos ou alunas para os seus internatos, mediante transferências regulamentares.

Quem procurar conhecer o Educandário Monsenhor Messias torna-se logo um grande entusiasta dessa gigante realização de Itabirito.

lealdade do seu corpo de funcionários e colaboradores. O que, porém, julgamos de nossa obrigação deixar aqui registrado é o reconhecimento da administração a auxiliares tão precisos, dos quais destacamos, para uma palavra especial de gratidão, os nossos superintendentes dr. Francisco de Assis da Silva Brandão da Matriz e o Sr. Eduardo Andrade, que se acha à frente da Superintendência de Ramos Elementares e Acidentes do Trabalho (S. E. A. T.), no Rio. Este, que é um grande técnico e um apaixonado pelo ramo especializado de serviços a que se consagrou desde os primeiros anos da mocidade, — trouxe à Minas-Brasil, com a sua competência, tirocinio, dedicação, um contingente de eficiência que já se manifesta de modo impressivo em algarismos e em rumos de trabalho no futuro.

Com o Sr. Eduardo Andrade veio uma equipe de funcionários e colaboradores que tem dado a esta empresa o melhor do seu esforço e todos os recursos de sua inteligência e atividade.

CONCLUSÃO

Estas, em síntese, senhores acionistas, as informações que pensamos ser mais interessantes para o julgamento dos atos da administração e conhecimento da situação presente da Companhia. Se de outros dados tiverdes necessidade para melhor esclarecimento, estaremos à vossa inteira disposição para fornecê-los, a qualquer momento.

Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 1946.

A DIRETORIA:

José Osvaldo de Araujo
Sandoval Soares de Azevedo
Carlos Coimbra da Luz

Alterosa

Para a família do Brasil

Publicação mensal de sociedade, arte, literatura, moda e beleza, da

SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Diretor-gerente:
MIRANDA E CASTRO

Diretor-redator-chefe:
MÁRIO MATOS

Secretário da redação:
JORGE AZEVEDO

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Tupinambás, 643, sobreloja n.º 5
Caixa Postal, 279 — Endereço Telegráfico "ALTEROSA" — Belo Horizonte — Estado de Minas Gerais

SUCURSAL NO RIO:

Diretor: Ulisses de Castro Filho
Rua da Matriz, 108 - Apartamento 15
Fone 26-1881

ASSINATURAS

(Sob registro postal)

1 semestre (6 números) . . Cr\$ 20,00
1 ano (12 números) . . . Cr\$ 40,00
2 anos (24 números) . . . Cr\$ 70,00
(A única revista brasileira que só faz expedição sob registro postal, sem onus para o assinante).

VENDA AVULSA

(Preço em todo o Brasil)

Número comum Cr\$ 3,00
Números especiais Cr\$ 5,00
Número atrasado, mais . . . Cr\$ 1,00
(Os números especiais circulam em agosto e dezembro, comemorando respectivamente o aniversário da revista e o Natal).

SECRETARIO FUNDADOR — Teódulo Pereira.

COLABORAÇÃO — Alberto Renart, Alphonsus de Guimarães Filho, Ademar Tavares, Alvarus de Oliveira, Austen Amaro, Aguiar Brandão, Anita Carvalho, Almir Neves, Antonietta Torres Assumpção, Bahia de Vasconcelos, Bastos Portela, Cláudio de Souza, Djalma Andrade, Dionísio Garcia, Edson Pinheiro, Evágrio Rodrigues, Francisco Armond, Huberto Rohden, Ilza Montenegro, Joaquim Laranjeira, José Lara, Luis Otávio, Lourdes G. Silva, Lúcia Machado de Almeida, Malba Tahan, Maria Emilia de Castro Goulart, Murilo Araujo, Moscir Andrade, Murilo Rubião, Ney de Joppert, Nóbrega de Siqueira, Olga Obry, Oscar Mendes, Pedro Ribeiro da Franca, Vanderlei Vilela e Yara Nathan.

FOTOGRAFIAS — Francisco Martins da Silva e Stúdio Constantino.

GRAVURAS — Fotogravura Minas Gerais Ltda. e Gravador Araujo.

DESENHOS — Fábio Borges, Érico de Paula, J. C. Moura, Rodolfo e Rocha.

IMPRESSÃO — Gráfica Queros Brelner Ltda.

A redação não devolve, em hipótese alguma, originais ou fotografias, ainda que não sejam aproveitados. E não mantém correspondência com autores de trabalhos que não tenham sido solicitados.

Os conceitos emitidos em artigos assinados, não são de responsabilidade da direção da revista.

Grande Artista e Perfeita Dona de Casa

CONCLUSÃO

filme com o qual reiniciou sua brilhante carreira, no cinema.

Adrian, o famoso criador de modas, referiu-se elogiosamente à grande atriz: "Nenhuma outra 'estrela' coopera com tanto interesse para o êxito da película. Durante as longas e fatigantes horas que trabalhamos juntos nos trinta e quatro vestidos que usa no filme 'Maria Antonieta', Miss Shearer era sempre a mais disposta a permanecer pacientemente de pé por horas, enquanto lhe provavam os vestidos para assegurar a perfeição de todos os detalhes. Miss Shearer oferece sua mais ampla cooperação a todos quantos colaboram com ela no filme. A mim, depois de retirar-se a maior parte de seus colegas, ela fica no cenário porque o diretor quase sempre precisa obter melhor 'close up'.

Norma Shearer é assim. Fêz da arte sua vida. Sua casa espelha, na beleza de sua simplicidade, a personalidade dessa grande artista que, sendo também grande dama, se orgulha de ser uma simples boa dona de casa...

AOS NOSSOS ASSINANTES E ANUNCIANTES DO INTERIOR

Percorre atualmente os municípios mineiros, a serviço desta revista, a srta. Zuleica Campos Couto, que está autorizada a contratar e receber publicações e assinaturas para ALTEROSA.

A. Gerência

GRAFOLOGIA

CONCLUSÃO

MINAS — Espírito sutil e penetrante, amor dos detalhes, minúcia, ordem, calma, ponderação, assimilação pronta e idéias práticas. Capacidade afetiva, equilíbrio nervoso, facilidade em fazer amizades. Bondade natural, religiosidade e amabilidade. Gostos finos.

SPERANZA - CAÇADOR — STA. CATARINA — Temperamento nervoso, impressionável, apaixonado e de humor variável. Cultura intelectual em grau apreciável, inteligência superior, pressa, impaciência, impulsividade, e notada simplicidade. Imaginação entusiasta, ambição construtiva, instintos pródigos. Coração generoso, emotividade, nervosismo e super-excitação. Espírito crítico. Caráter colérico, violento e, por vezes, vingativo. Atenção e lógica.

MINAS — CAPITAL — Escrita muito caligráfica reveladora de ordem, calma, método e disciplina. Gostos artísticos, religiosidade, observação, ponderação, prudência e reflexão. Inteligência normal, saúde equilibrada, minúcia e amor dos detalhes.

ESTRELA DO SUL — SÃO PAULO — CAPITAL — Orgulho do nome, independência de caráter, pensamento livre, idéias originais, fantasia desregulada, graça, vivacidade, amabilidade, gosto artístico e pendor literário. Sentimento de ritmo, sentimentalidade normal, cultura intelectual apreciável. Cérebro lúcido. Ironia.

INSATISFEITA — UBA — MINAS — Teimosia, fantasia, capricho e imaginação. Graça de espírito, independência de caráter, vivacidade e cultura desordenada. Vaidade pessoal intensa, superficialidade e alguma

presunção. Traços de egoísmo, amor próprio e dissimulação. É pessoa voluntariosa e um pouco teimosa, não admitindo opiniões diferentes da sua.

RÚBIA — POUSO ALEGRE — MINAS — Vivacidade, teimosia, curiosidade, parcimônia nos gastos, graça e alguma ingenuidade. Fantasia, capricho, valdade, impulsividade, sensibilidade e delicadeza. Necessidade e movimento, gosto das viagens, nervosismo e impressionabilidade. Temperamento sentimental normal, hesitação e alguma irreflexão.

NAZARÉ — CAPITAL — Desencorajamento, preguiça, desânimo e tristeza. Imaginação, fantasia, intuição. Espírito em formação, sujeito a modificações. Distração, independência de caráter, egoísmo e ambição. Frieza de ânimo, indiferentismo e cálculo. Dissimulação e desconfiança.

EDUAMUR — CAPITAL — Vaidade, capricho, vivacidade, graça, fantasia desregulada. Espírito de observação, minúcia e crítica. Ordem, método de disciplina. Inteligência clara, teimosia e dissimulação. Tendência a encolerizar-se, sentimento do dever e capacidade de raciocínio. Pensamento nítido.

M.T.F.N. — S. PAULO — S. PAULO — Imaginação, poética, inteligência e cultura. Sentimentalidade normal, domínio conciente de si própria, atitude deliberada, educação da vontade, controle emocional. Alguma desconfiança, gostos artísticos, reserva, discreção e, às vezes, impenetrabilidade. Positivismo, sentimento do dever, espírito de ordem, disciplina e método. Simplicidade, modéstia e lealdade.

**Falamos todos
por experiencia propria:**



**limpa
mais**

Kolynos restitue ao sorriso o seu encanto natural. Com a ajuda da escova seca, a sua borbulhante espuma atinge todos os recantos da boca. Kolynos limpa os dentes sem arranhar o esmalte.



**agrada
mais**

Kolynos encanta, refresca a boca, perfuma o hálito... É que Kolynos não é um simples dentífrico: é um creme dental antisséptico, agradável a adultos e crianças.

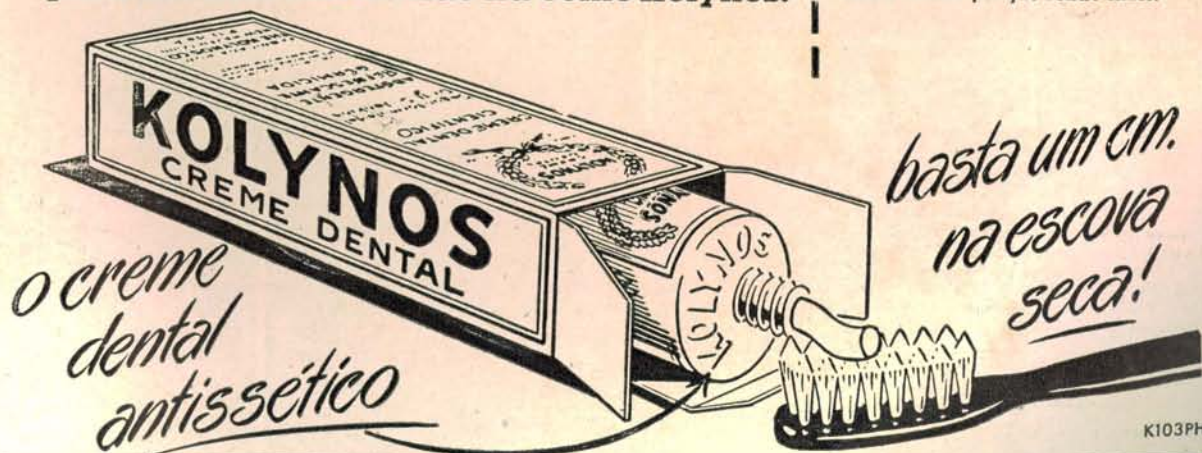
*este creme
dental
antisséptico...*



**rende
mais**

Claro que rende mais! Kolynos é concentrado: com uma quantidade menor de creme se consegue maior limpeza. Kolynos custa menos porque rende mais.

**Todos estão de acordo:
para um belo sorriso não há como Kolynos.**



*o creme
dental
antisséptico*

*basta um cm.
na escova
seca!*



DURMA FELIZ E
COM SAÚDE NUM

COLCHÃO DE MOLAS DA

Loja Hollywood

RUA DA BAHIA, 1052

TEL.: 2-4548



...EM VEZ DE TORTURAR O SEU CORPO
VENDAS A DINHEIRO E A PRESTAÇÕES

Cipri